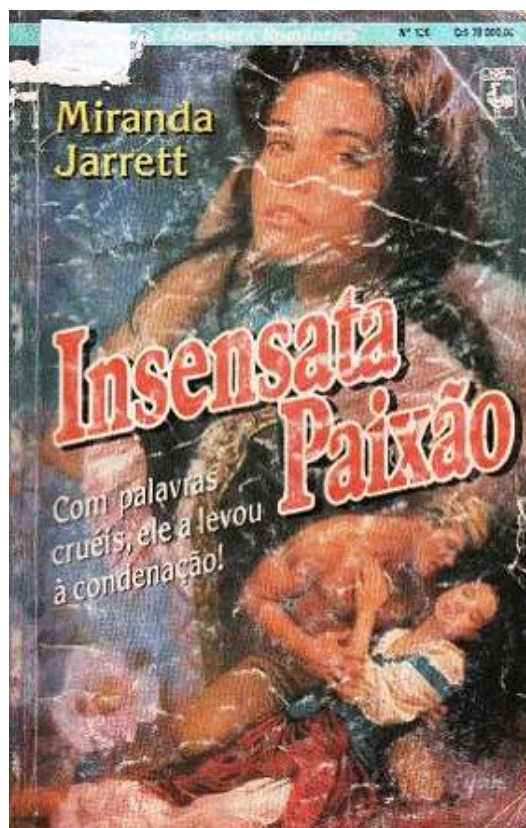


Insensata paixão

Miranda Jarrett



Com palavras cruéis, ele a levou à condenação !

O mundo dourado de privilégios havia se esfacelado.

Revoltada, Dianna Grey olhava para suas companheiras de cela, presas por embriaguez, prostituição ou roubo.

Ela, a nobre dama inglesa, era a única acusada por tentativa de assassinato. Com tristeza, lembrou-se da farsa do julgamento, da implacável condenação. Para escapar da forca, restava-lhe apenas a alternativa de embarcar num navio de degredados criminosos, rumo às colônias americanas, para trabalhar para algum fazendeiro que a comprasse.

Kit Sparhawk viu Dianna desembarcar sem lágrimas no Novo Mundo. Admirou sua coragem e sentiu-se terrivelmente atraído pela jovem encantadora. Mas não iria suavizar a realidade de Dianna ... Para Kit Sparhawk, ela merecia mesmo ser castigada.

Disponibilização do livro Rosângela

Digitalização: Joyce

Revisão: Cynthia M.

Projeto Revisoras



CAPÍTULO I

Londres, 1704

— Vinte passos até a margem do tapete vermelho turco, doze mais para percorrer a largura, então, outros vinte de volta à lareira...

Sem parar, Kit Sparhawk contava os passos a fim de conter a impaciência. Eram quase nove horas da noite e uma lua pálida de inverno iluminava o alto das janelas da biblioteca na mansão de sir Henry Ashe. Somente a promessa feita a Jonathan o mantinha ali. Ao pensar no irmão, delirando de lebre e dor, Kit contraiu os músculos da face. Em lugar de Jonathan, ele tinha viajado durante oito semanas e através de dez mil quilômetros. Quatro horas a mais na casa do barão não fariam a mínima diferença, ponderou. Além do mais, era um dever para com o irmão. Mesmo assim, não deixava de ser exasperante esperar por sir Henry. Nobre ou não, tratava-se de um homem malandro, gordo, espalhafatoso e dissimulado demais para ser sócio em negócios. Um grande velhaco, na verdade.

Dezoito, dezenove, vinte passos, virar...

Mais uma vez, Kit reprimiu a irritação contando as marcas feitas pelas botas no tapete macio. As ordens para saques bancários estavam na escrivaninha à espera da assinatura que sir Henry não achava tempo para dar. Pois nessa noite, não sairia dali sem que o homem o fizesse. Estava cansado das desculpas do barão. Com a mão direita cerrada, esmurrou a palma da esquerda ao lembrar-se de como sir Henry havia tentado, de todas as maneiras possíveis, evadir-se do pagamento das dívidas. As colônias não estavam livres de salafrários, Deus era testemunha, porém nos três meses passados em Londres, Kit não tinha conhecido um único homem em quem confiasse além de um aperto de mão.

Atirou-se numa das poltronas de brocado e deixou o olhar prender-se nas chamas da lareira. Graças a Deus, estaria velejando novamente dentro de duas semanas. Londres ficaria para trás. Saudoso, pensou nas irmãs, em Jonathan e em Plumstead.

Um grito de mulher, alto, estridente e apavorado, quebrou o silêncio da casa. Sem refletir, Kit pôs-se em pé e, num segundo, saía pela porta da biblioteca. O vestíbulo de entrada, onde não se via viva alma, estava imerso no maior silêncio. A chama azulada de uma lanterna lançava sombras lúgubres nos retratos a óleo nas paredes. Com os ouvidos atentos, Kit hesitou junto à escada. Não fazendo idéia de onde viera o grito e nem como agir, maldisse a imensidão da casa.

De repente, uma porta do lado oposto abriu-se e uma silhueta delicada, envolta em branco, atravessou-a correndo, indo em direção a Kit. Num gesto automático, ele amparou a moça entre os braços. Nessa fração de segundo, seus sentidos registraram o escorregadio da seda sobre a pele macia, o arredondado dos seios apertados de encontro a seu peito e o aroma de lavanda emanado da cabeleira escura e esvoaçante.

— Acalme-se, moça, e deixe-me ajudá-la — disse Kit com suavidade.

No rosto pálido, os olhos arregalavam-se de pavor e gemidos aflitos entrecortavam-lhe a respiração ofegante. Descalça, vestindo apenas uma camisola, ela mal chegava aos ombros de Kit.

— Eu o matei — murmurou ela numa voz rouca. — Eu o larguei lá imóvel como a própria morte. Ai, Mãe Santíssima, o que será de mim agora?

— Vamos, doçura, você não teria força para matar uma borboleta, quanto mais um homem — afirmou Kit enquanto lhe afastava os cabelos da testa.

Apesar do medo estampado nas feições, tratava-se de uma moça muito bonita e jovem, talvez de uns vinte anos. Quem poderia ser, conjecturou. Sir Henry não tinha filhas e esta, positivamente, não era lady Frances.

— Mas ele está morto e foi por minhas mãos, juro por tudo que é sagrado! — balbuciou ela e, com um suspiro, escondeu o rosto no peito de Kit.

Num gesto protetor, ele passou os braços por seus ombros. Sabia que deveria procurar o homem a quem a moça alegava ter matado, porém hesitava em deixá-la só. Ela parecia vulnerável e frágil.

Num movimento brusco, a moça soltou-se e, dando um passo para trás, fitou-o com olhos arregalados.

— Quem é o senhor? — indagou desconfiada.

— Christopher Sparhawk, menina, mas a maioria das pessoas me chama de Kit.

Apesar da parca iluminação, ele notou a camisola rasgada. A renda finíssima à volta do decote, completamente dilacerada, já não escondia mais a curva dos seios. Percebendo seu olhar, a moça ficou embaraçada e tentou juntar as pontas da roupa para se cobrir. Sinais vermelhos marcavam-lhe o pescoço e o queixo. Com toda a certeza, eles se transformariam em hematomas arroxeados no dia seguinte.

Kit foi tomado por uma onda de raiva pelo homem que havia machucado a moça. Possivelmente, tratava-se de um assaltante de mansões a quem ela havia surpreendido num dos aposentos dali.

Quem mais trataria uma dama dessa maneira?, indagou-se. Num gesto instintivo, ele apalpou a faca longa, escondida sob o paletó e que sempre portava, especialmente na cidade de Londres.

Devagar para não assustá-la mais, estendeu-lhe a mão. O desespero em seu olhar era óbvio, assim como a necessidade de confiar em alguém.

— Por favor, deixe-me ajudá-la. Conte o que aconteceu e eu irei procurar sir Henry.

— O senhor é um dos amigos dele, não é? — perguntou ela ao afastar-se mais um passo para trás. Mantinha o rosto meio abaixado, a expressão desalentada. — Não, fique onde está! Eu deveria saber que ele não me atacaria sozinho. Já ouvi contar suas histórias, de como ele gosta de observar os outros antes de satisfazer o próprio apetite. No mês passado, comprou o silêncio de um laçao para que lady Francês não ficasse a par do

ocorrido à mesa de jantar. Como se um guinéu fosse suficiente para manter o serviçal calado. Talvez ele também tenha pago ao senhor para fazer parte da libertinagem desta noite.

Observou-o e não lhe passou despercebida a roupa elegante e cara. O casaco finíssimo tinha corte impecável e a camisa de cambraia de linho exibia babados de renda no colarinho e nos punhos.

— Não, o senhor é um cavalheiro, veio apenas para o ato em si.

— Vim exclusivamente a negócios — afirmou Kit constrangido.

Por Deus, a moça referia-se a sir Henry! Não podia ser ninguém mais!

Com os olhos rasos d'água, ela riu amargurada.

— Negócios?! Onde ele prometeu que me teria? Na biblioteca? Sobre a escrivaninha? Ou no escritório onde os contadores poderiam se divertir e rir de minha humilhação?

As lágrimas começaram a correr pelas faces vermelhas de desespero.

— Ah, seria bem melhor se fosse eu quem estivesse morta!

— Não, menina, jamais deseje isso! — protestou Kit ao tentar se aproximar da moça novamente.

Mas antes de alcançá-la, notou um movimento nas sombras. Virou-se depressa, sendo imitado por ela.

— Sparhawk! Por todos os santos! Estou muito contente com sua aparição aqui! — exclamou sir Henry apoiando-se no batente da porta. — Marque tudo que está vendo e prepare-se para jurar pela veracidade dos fatos.

A moça levou a mão à boca e balbuciou estarrecida:

— O senhor não... o senhor não morreu!

— Estou bem vivo e não graças a você, sua vagabunda assassina! — resmungou o barão. — Imagine me dar uma pancada com o candelabro e me largar lá caído para morrer feito um cachorro!

A peruca havia escorregado para o lado revelando a cabeça raspada, onde um corte sangrava profusamente. Escorrendo pelo rosto, o sangue empapava-se na camisa e no paletó.

— O senhor me assustou. Não quis dar ouvidos...

— Depois de toda a bondade com que a tratei, você não passa de uma ingrata audaciosa.

— Ah, grandes coisas fez por mim, sir Henry! — protestou a moça em tom ressentido. — Explorou minha confiança, meu respeito e minha inocência como se não passassem de um punhado de poeira sem valor.

— Chega de suas mentiras, menina atrevida! — gritou o barão enraivecido, ao mesmo tempo em que levantava a mão suja de sangue para estapeá-la.

A moça fechou os olhos e encolheu-se à espera do golpe.

Todavia, este não aconteceu. Num movimento brusco, Kit segurou o pulso do barão, erguendo-lhe o braço acima da cabeça. A força foi tal que o homem gemeu de dor e frustração.

— Vá para o diabo, Sparhawk, e me solte! Como se atreve a se imiscuir em meus assuntos pessoais?

Enojado, Kit largou sir Henry e o viu recuar enquanto massageava o pulso dolorido. As suas costas, sentia a moça segurar-lhe o paletó. Ela precisava de sua proteção e ele não a desapontaria.

— Se chama de assunto pessoal espancar esta dama...

— Dama! — esbravejou o barão. — Ela não passa de uma criatura perversa e esperta. Não a deixe convencê-lo do contrário.

— Controle a língua, Ashe — advertiu Kit, lutando para dominar a raiva. Ao oposto de sir Henry, era um homem alto, musculoso e forte. Caso cedesse ao impulso de esmurrar o rosto colérico e vermelho do barão, terminaria, com um simples golpe, o trabalho iniciado pela moça. — Pelo que vejo, você não tem o mínimo direito de se classificar como cavalheiro.

— Cuidado com o que diz, Sparhawk, ou eu lhe tomarei satisfação.

— Não me tente, Ashe. Pistola ou espada tanto faz para mim — rebateu Kit.

Furioso, sir Henry colocou o lenço dobrado sobre o corte na cabeça. Com olhar meio enviesado, fitou Kit.

— Você a defenderia, Sparhawk? Gostaria de agradá-la? Por Deus, também é um de seus amantes?

— Não, com todos os diabos! Nem sei seu nome!

— Pois então, permita que eu lhe apresente a pequena rameira por quem você empenhou a honra. — Devagar, ele o rodeou até ficar em frente à moça. Para a surpresa de Kit, ela não se opôs quando sir Henry a tomou pela mão, forçando-a a se aproximar. — Lady Dianna Grey, este é Christopher Sparhawk. Vem das colônias americanas e está mais acostumado a lidar com índios selvagens do que com damas londrinas como você, minha querida. Ele não pode ver, através desse seu palmo bonito de rosto, o coração negro e empedernido que lhe bate no peito.

A moça virou-se um pouco e, por cima do ombro, fitou Kit.

— Vá embora, Sr. Sparhawk — disse depressa. — O senhor não precisa ouvir nada disto. Sir Henry tem razão, o assunto não lhe diz respeito. Foi muito bondoso, mas aqui não há lugar para benevolências. Vá, por favor, eu lhe imploro!

Antes de Kit poder responder, sir Henry a sacudiu pelo braço com violência.

— Ah, ele ainda não vai embora, Dianna. Aposto como não quer deixá-la. O que você lhe

contou para ele tomar sua defesa? Disse que eu a seduzi? Representou o papel de pobre órfã piedosa, o pássaro ferido?

Atônito, Kit viu os sinais de emoção abandonarem o semblante da moça até ele adquirir a rigidez de uma boneca de porcelana. Disse a si mesmo que deveria ampará-la entre os braços e a levar para longe da mansão imediatamente. Porém a reação dela o deixou hesitante enquanto sir Henry prosseguia.

— O pássaro, com toda a certeza. Uma história linda e muito mais fácil de ser contada do que a verdade. — Sir Henry afagou-lhe as marcas vermelhas no queixo e ela estremeceu sob o toque dos dedos. — Mas não consegue se controlar, não é, Dianna? Como eu, você gosta de mesclar o sofrimento com o prazer, certo?

Mais enojado ainda, Kit não queria permanecer ali. Já tinha ouvido falar sobre homens que se estimulavam agredindo as parceiras, porém jamais imaginara a possibilidade inversa, ou seja, mulheres adeptas da mesma prática. Também, nunca tinha visto o resultado no corpo de uma delas. Ansioso por ajudá-la, havia interpretado mal a situação, vendo apenas o que desejava. Ela o tinha deixado aconchegá-la entre os braços, tão frágil e delicada, pele acetinada, cabelos revoltos, como se acabasse de deixar a cama.

Deus amantíssimo, ele tinha sido confiante e ingênuo, um perfeito idiota saído das florestas de Massachusetts e acostumado a selvagens, como sir Henry dissera. Por que se sentia tão desapontado?

— Você é o legado de seu pai para mim — continuou o barão. — O melhor que ele tinha para deixar, considerando-se como era perseguido pelos agiotas. Pobre Jack Grey! Quem sabe se não foi bem melhor para ele ter quebrado o pescoço?

A moça estremeceu como se tivesse sido agredida outra vez.

— Não calunie meu pai. Ele era um homem bom e me amava muito.

— Claro, assim como também eu a amo, minha sobrinha. Mas hoje, você foi longe demais. — Os dedos do barão apertaram-lhe o queixo e ele prosseguiu em voz áspera: — Você leria me matado, sua atrevida, e isso jamais eu perdoarei.

O ruído de passos ecoou no patamar acima deles, enquanto sombras alongavam-se pela escada abaixo. Lady Francês, com um penhoar lilás esvoaçante, descia os degraus depressa. Atrás dela, vinham dois lacaios segurando candelabros. Deviam ter acabado de se vestir, pois um deles ainda enfiava a camisa para dentro da calça. Lady Francês lançou um olhar desconfiado a Kit e, só então, notou o ferimento na cabeça do marido. Grilou e correu para ele com os braços estendidos.

— Henry, o que aconteceu a você?

— É uma história muito comprida, Fanny, que não a interessa no momento.

— Mas você está machucado, Henry, e sangrando muito! — protestou ela ao gesticular para um dos criados. — Wilson, vá buscar um médico para sir Henry!

O marido desvencilhou-se de seus braços e, numa voz calma e fria, disse:

— Minha cara, primeiro providencie a vinda de uma autoridade policial à mansão. Nossa sobrinha tentou me assassinar.

CAPÍTULO II

Encolhida, Dianna sentava-se na ponta de um banco rústico de madeira..Tinha os pés sob as anáguas e a capa, forrada de pele, bem enrolada ao corpo. Era uma dama, não se cansava de repetir mentalmente, uma dama de educação esmerada que podia traçar a árvore genealógica a reis e rainhas de épocas passadas. Nada que alguém dissesse poderia mudar esse fato. E ali, na cela gelada da prisão Bridewell, era a única coisa que lhe restava.

No centro da cela, havia um fogareiro a carvão, espalhando mais fumaça do que calor. Incerta de como seria recebida pelas outras mulheres que sentavam-se à volta dele, Dianna mantinha-se afastada. Elas estavam presas por embriaguez, prostituição, roubo ou por falta de pagamento de dívidas. Não passavam de mulheres vulgares. Ela era a única da nobreza. Também a única acusada por tentativa de assassinato.

Dianna suspirou baixinho. Estava ali há apenas uma semana e a desolação do lugar, como o frio, já penetrava até a medula. Mas o que podia vislumbrar do futuro era muito pior. Ao ouvir a conversa das outras mulheres, tinha aprendido o significado da palavra "transporte". Na chegada da primavera, todas elas, ligadas por correntes, percorreriam as ruas de Londres a caminho do cais, onde embarcariam em um navio de degredados criminosos, rumo às colônias do hemisfério sul. Seriam leiloadas, como outras escravas pagãs da África, e vendidas a algum fazendeiro para quem trabalhariam em plantações até morrer de exaustão. E o juiz que a havia julgado, exaltara a própria clemência por não tê-la mandado para a forca!

O desenlace não deveria ter sido esse. O seu advogado lhe afiançara que a queixa de sir Henry não era bem fundamentada, o ferimento não fora muito severo e a questão, com toda a probabilidade, seria encerrada como uma briga familiar. Mas isso tinha sido antes de o Sr. Christopher Sparhawk prestar seu depoimento. Sob juramento, o homem havia declarado que ela tentara matar o tio, e o juiz tinha acreditado.

Dianna estremeceu ao lembrar-se de como, naquela noite pavorosa, tinha confiado no homem. Ele havia lhe parecido um herói de conto de fadas surgido para salvá-la. Mais alto do que qualquer homem de seu conhecimento, ele mostrara-se atencioso, um gigante dourado cujos olhos e toque de mãos expressavam bondade. Todavia, ao saber seu nome, a benevolência tinha evaporado de sua expressão e o semblante tornara-se inflexível. Ela havia reconhecido a inutilidade de desmentir as palavras do tio, pois ninguém lhe daria crédito. Já tinha visto outras pessoas passarem pela mesma experiência. Embora a rejeição do estranho a magoasse, não se surpreendera com ela. Havia sido tola e ingênua ao considerá-lo diferente dos outros. Com que facilidade ele se

postara diante do juiz para levá-la à condenação através de palavras levianas!

Apertou a face de encontro à parede fria de pedra e fechou os olhos. Como tudo mais, a situação a forçava a pensar no pai simpático e encantador. O centro da vida inteira de Dianna havia sido o fidalgo John Grey e ela o amara sem sombra de dúvida. Quinto filho do marquês de Haddonfield, o pai tinha sempre vivido como se contasse com os privilégios de um primogênito, jamais levando em conta o fato de ser o caçula da família. Era um homem de grande vivacidade, inteligente, interessante e com um dom especial para música, que havia transmitido à filha.

Tratando-se de companhia tão agradável, ele e Dianna tinham sido sempre muito bem recebidos na corte e nas mansões da nobreza. Mas então, naquela fatídica manhã de setembro, o garanhão cinzento tinha empinado recusando-se a cruzar o riacho. O pai de Dianna morrera no momento em que a cabeça tocara o solo. A falência do fidalgo John Grey deixara a filha apenas com dívidas de jogo, propriedades hipotecadas e a condolência de amigos que desapareceram tão logo a leitura do testamento tinha terminado.

De todos os parentes bem situados, apenas o tio, sir Henry Ashe, havia lhe oferecido moradia. Contudo, ele tinha esperado mais do que gratidão por parte da sobrinha. Quando Dianna se deu conta da realidade, todos já a haviam adivinhado. Ninguém acreditou que ela tivesse se mudado para a casa do tio de maneira inocente como afirmava. Afinal, ela estava com vinte e dois anos, murmuravam as más línguas, velha e pobre demais para conquistar um bom partido. O que, além da proteção de um cavalheiro rico como sir Henry Ashe, poderia ela desejar?

Contra a vontade de Dianna, voltou-lhe à lembrança a sensação horrível das mãos do tio em seus seios, da boca úmida em seu pescoço e os próprios gritos de pavor quando ele, raivoso e frustrado com sua recusa, a esbofeteava. E então, o instante em que seus dedos agarraram o pesado candelabro de prata, às suas costas, e o ergueram no ar.

Com um ranger estrepitoso, a porta gradeada da cela abriu-se e o carcereiro olhou para dentro. As outras presas mexeram-se irrequietas e o fitaram com expressão beligerante.

— Ah, chefe Além, veio buscar a sua queridinha Jens outra vez? — provocou uma das mulheres ao requebrar os quadris e levantar as saias sujas a fim de exibir as pernas. — Já experimentou o que eu posso lhe oferecer, querido, e tenho muito mais para lhe dar à hora que quiser!

Com gritos e assobios, as outras vaiaram a proposta da companheira, mas o homem a ignorou.

— Mandaram chamar Dianna Grey lá embaixo. Ela está aqui, não está?

Todos os olhares voltaram-se para o banco. Dianna levantou-se e deu um passo à frente enquanto as outras lhe abriam caminho. O carcereiro observou-a, coçou a cabeça e curvou-se como se ela ainda gozasse dos privilégios da corte e não fosse uma das condenadas sob sua guarda.

— Precisa me acompanhar, madame. O Sr. Potter, encarregado de Bridewell, quer lhe falar.

— Ora, ora, então o velho Potter quer trocar uma palavrinha com a nossa grande dama?

— caçooou Jens ao segurar Dianna pela capa. — Aposto como ele vai usar a língua com outros propósitos. Prepare-se, lady Grey, ele quer c espera os seus favores. Sempre exige isso de suas hóspedes daqui e você, apesar de seus pretensiosos ares de nobreza, não é diferente de nós!

Com as faces pegando fogo, Dianna tentou ignorar as palavras grosseiras enquanto, seguida pelas vaías das presas, acompanhava o carcereiro.

A sala do encarregado da prisão diferenciava-se muito pouco da cela, mas pelo menos, tinha uma lareira onde o fogo crepitava. Potter equilibrava-se numa cadeira velha, apoiada nas duas pernas de trás e encostada na parede. Com os pé sobre a mesa que lhe servia de escrivaninha, ele empunhava um canecão de cerveja em uma das mãos, enquanto a outra segurava um documento que tentava decifrar. Os lábios mexiam-se silenciosamente na formação de cada palavra lida. Durante vários minutos, Dianna e o carcereiro esperaram até que este, cansado, limpou a garganta forçando Potter a erguer o olhar.

— Então esta é a senhorita Grey, Além?

Dianna empertigou-se e reuniu o resto de dignidade que ainda lhe restava.

— Não sou a senhorita Grey c sim lady Dianna... Potter bateu o canecão na mesa respingando cerveja pelos papéis à volta.

— Cale essa boca, rameira, ou eu a ponho na cela dos homens. Vai ser um serviço rápido com uma ratinha feito você. Ou então, Além e eu podemos nos divertir num revezamento aqui, no chão. Você é meio esquelética para meu gosto, mas não tem importância, pois nunca me servi de uma lady. — Fez um gesto de impaciência. — Vamos andar depressa, moça, não tenho tempo a perder. Levante as saias.

De repente, Dianna sentiu a boca seca e não conseguiu emitir um único som de protesto. Apavorada, sacudiu a cabeça num gesto negativo.

— Se não quer obedecer, paciência. Além vai gostar de ajudar aí com suas saias — declarou Potter, indiferente, ao pegar de um cesto ao lado da cadeira, um par de argolas de ferro ligadas por uma corrente pesada que atirou ao carcereiro.

No instante seguinte, o homem agarrava um dos tornozelos de Dianna, porém ela conseguiu se soltar e dar-lhe um pontapé. O carcereiro praguejou e fez nova tentativa lendo o cuidado, primeiro, de forçá-la a se deitar de costas no chão. Depois, prendeu-lhe as pernas entre os próprios joelhos e, finalmente, Enfiou as argolas de ferro por seus pés até ajelitá-los acima dos calcanhares. Largou-a, mas afastou-se depressa para longe de seu alcance.

Ofegante por causa não só do esforço físico como também do medo, Dianna sentou-se e olhou para os tornozelos. A volta de cada um havia um aro escuro de metal. Tentou se

levantar, mas tropeçou na corrente curta que mantinha suas pernas ligadas, caindo para a frente sobre os joelhos e as mãos. Enquanto Potter e Além riam às gargalhadas, ela fez um grande esforço e, através de movimentos desajeitados, conseguiu ficar em pé.

Furiosa por ser tão humilhada, gritou exaltada:

— Como se atrevem a me tratar dessa forma? Não passam de uns patifes insolentes, os dois! Meu pai jamais prendeu numa corrente nem mesmo seu cachorro!

— Com certeza, o animal era de boa raça, não acha, Além? — perguntou Potter ainda rindo. — Pouco importa, pois a moça aí não é mais responsabilidade nossa. — Inclinou-se para Dianna e sacudiu o documento que tentava decifrar quando ela chegara. — Vai nos deixar esta noite, lady. Aquele cavalheiro fino, que você tentou assassinar, quer que vá embora de Londres o mais depressa possível. Vai partir com a maré vazante ainda hoje.

— Por que sir Henry deseja que eu embarque logo? — indagou Dianna em pânico. — Que mal eu poderia lhe fazer aqui desta prisão?

— Vai ver a senhora sua esposa brigou e exige que você parta imediatamente. Ou então, ele pode ouvir sua gritaria lá da casa de campo. Como vou saber por que ele está agindo assim? Deveria estar agradecida pelo fato de o cavalheiro não ter conseguido mandar degolá-la. Pelo dinheiro que ofereceu, não entendo como não o atenderam.

— Mas esta noite?! Não estou pronta para partir. Não tão cedo!

— Ah, a sua vontade de continuar aqui conosco me comove! Está desapontada porque não vai me servir? Mas como lhe disse, magricelas como você não me apeteçam. Guardas?

Incapaz de acreditar no que estava acontecendo, Dianna o fitou estarelecida. Enquanto permanecesse na Inglaterra, embora encarcerada, ainda existia uma ponta de esperança. Talvez acabassem reconhecendo o erro cometido e lhe devolvessem a liberdade.

— Você está mentindo, eu sei! Não há navios para as colônias até abril, na primavera!

Vindos por trás, dois soldados seguraram-lhe os braços forçando-a a andar. Dianna retorceu-se e lutou para não dar um único passo, porém logo percebeu a inutilidade do esforço. Aos empurrões e tropeçando a cada movimento, ela transpôs o corredor de pedras e saiu para o pátio.

Depois de uma semana em Bridewell, o céu mostrava-se de um azul inacreditável e o brilho do sol era de cegar. Piscando atônita, Dianna semicerrou os olhos para protegê-los.

— Vamos, mexa-se, continue andando — ordenou um dos soldados cutucando-a com o cabo da pistola.

Dianna virou-se depressa, pronta para esbofeteá-lo, porém ele, com grande habilidade, desviou-se do golpe e a agarrou pelos joelhos. Erguendo-a como se fosse uma saca de cereais, a colocou num dos ombros e, depois de caminhar alguns passos, a jogou no interior de uma carroça fechada. Com um baque surdo, que lhe tirou o ar dos pulmões,

Dianna caiu sobre umas tábuas, o rosto enfiado num monte de palha cheirado a bolor.

— Nem sonhe em fugir, menina atrevida — advertiu o soldado. — O cocheiro tem pistolas maiores do que você e não hesita em usá-las. Até hoje, não perdeu uma única prisioneira e não há de começar com você.

Em seguida, ele baixou a tábua que fechava a carroça e a trancou com dois cadeados. Um segundo depois, ela se punha em movimento pelas pedras irregulares do pátio.

Com dificuldade, Dianna sentou-se e conseguiu se apoiar no lado da carroça sacolejante. Pelas frestas estreitas, viu que seguiam por ruas desconhecidas e pelas quais ela jamais passara. Eram estreitas, cheias de gente estranha e ladeadas por tavernas dilapidadas.

Um arrepio, não apenas de frio, percorreu o corpo de Dianna. Até mesmo nas colônias estaria melhor do que naquela parte de Londres, reconheceu amedrontada. Não que alimentasse a mínima esperança de escapar. Mesmo se conseguisse enganar o policial na boleia da carroça e se livrasse das argolas nos tornozelos, não saberia para onde ir ou a quem procurar em busca de amparo. Não contava mais com amigos e parentes, não tinha dinheiro algum e as roupas estavam reduzidas às que lhe cobriam o corpo.

Inclinou-se suspirando e massageou os tornozelos. Os aros pesados tinham rasgado as meias de seda e feito bolhas em sua pele. A renda das anáguas, estraçalhada pela corrente e suja de barro, pendurava-se em vários pontos abaixo da bainha da saia. Ela estava com o mesmo vestido desde o dia do julgamento. Como o tinha usado no funeral do pai, era preto e, felizmente, não mostrava muito a sujeira. Mas a gola e os punhos de cetim e renda estavam amassados e encardidos.

Após um longo tempo e de sacolejar por um trajeto esburacado, a carroça finalmente parou. Sentindo o odor típico do Tamisa, Dianna espiou pela fresta e viu a infinidade de mastros de embarcações ancoradas no cais do rio. Então, Potter estava certo. Logo ela seria levada para longe da Inglaterra. Com o coração disparado, lutou para conter o pânico.

O cocheiro abriu os cadeados e levantou a tábua que fazia as vezes de portinhola. Com um gesto decidido, ordenou a Dianna que descesse. Não foi fácil. Só depois de várias tentativas e através de movimentos desajeitados, ela conseguiu alcançar o chão. A dor nos tornozelos, que já começavam a sangrar, piorou muito com o esforço. Sempre calado, o homem tomou-lhe um dos braços a fim de conduzi-la. As pistolas, de cano comprido e presas a uma correia atravessada em diagonal no peito dele, inspiravam medo.

A pequena multidão ao longo do cais, embora curiosa, abriu passagem para os dois. De certa forma, Dianna sentia-se aliviada com a firmeza da mão do guarda em seu braço, pois não tinha certeza se conseguiria andar sem esse apoio. A cada passo, as argolas de ferro feriam-lhe mais os tornozelos e ela precisava apertar os lábios a fim de não gritar de dor. Devagar, o homem a levou pela rampa de um navio, cujo tombadilho fervilhava com a movimentação habitual da partida. A descida pela escadinha estreita, lá de cima até a cabine do comandante, foi mais difícil e demorada.

O capitão Welles Abraham, em pé à frente da escrivania, revisava as últimas instruções

com o primeiro piloto. Ao ser interrompido, franziu a testa e a expressão tornou-se mais aborrecida ainda quando o policial explicou-lhe a missão.

— Com todos os diabos, homem! Eles disseram que vocês só vinham à noite e não com o sol alto no céu! — reclamou impaciente. — Não tenho tempo para receber a moça agora.

— Estou cumprindo ordens, senhor. Não posso levar a prisioneira de volta — respondeu o guarda.

— Eu não lhe pedi isso, certo? Ela já está aqui e não se pode ignorar o fato. — Welles fungou e fez um gesto irritado para o primeiro piloto. — Harper, leve a moça lá para baixo com os outros. E arranhe-lhe um balde de água. Ela está cheirando horivelmente mal.

— Sim, sim, capitão Welles — respondeu o jovem marinheiro ao aproximar-se de Dianna.

Num gesto de respeito, curvou um pouco a cabeça, mas o guarda não soltou o braço de Dianna.

— Ela é muito perigosa, capitão. Foi julgada por assassinato — advertiu o homem por precaução. — É melhor que eu a leve lá para baixo.

Dianna percebeu o olhar surpreso de Harper para Welles e como este franziu mais as sobrancelhas densas.

— Eu nunca assassinei ninguém — começou ela. — Não era minha intenção...

— Silêncio, mulher! — trovejou o capitão Welles ao rodear a escrivãzinha, aproximar-se dela e, para constrangimento de Dianna, erguer-lhe as saias até quase os joelhos. — Deus misericordioso! Eles a acorrentaram! Pelo que me tomam? Traficante de escravos? Tire já esses grilhões, cachorro pestilento! Li depois, suma do meu navio antes que eu o jogue no Tamisa com o resto do lixo de bordo!

Resmungando, o policial abriu os cadeados das argolas e deixou a cabine batendo os pés. A um gesto imperativo do capitão, Harper também saiu a fim de verificar se o homem obedecia a segunda ordem. Antes de se afastar, o primeiro piloto fechou a porta.

Com os braços cruzados sobre o peito, Welles encostou-se na escrivãzinha e, mantendo a expressão severa, pôs-se a estudar Dianna com olhar perscrutador.

Desanimada, ela ficou à espera, observando-o também. Em Bridewell, tinha ouvido muitas histórias a respeito da maneira como os capitães de navios tratavam as condenadas sob seus cuidados. De um modo geral, eles as consideravam como parte integrante de seu harém. Na verdade, o capitão Welles havia obrigado o guarda a remover as argolas de seus tornozelos, mas continuava sendo homem. Graças ao tio, sabia como era insensato confiar em qualquer um deles.

— Você não tem a aparência de alguém que mereça a força — afirmou ele depois de algum tempo. — Também não parece mulher de vida fácil. Deus é testemunha de como homens do mar sabem reconhecê-las quando vêem uma.

A reação de Dianna foi imediata. De cabeça erguida, declarou:

— Não sou mulher de vida fácil, senhor, e sim lady Dianna Grey.

O riso áspero do capitão repercutiu na cabina como o som de uma chicotada no ar.

— Nada disso, menina. Você perdeu o direito a esses privilégios. Segundo a lei inglesa, você tentou assassinar um homem e foi apenas através da misericórdia da Coroa que não passaram a corda por esse pescoço bonito. No meu navio, não na lugar para Lordes e lordes, ou para membros da nobreza presunçosa

Sou tão nobre presunçosa quanto o senhor c um miserável marinheiro ianque. Minha família c mais antiga c aristocrata do que a da rainha Anne.

— Morda a língua! Devia ter pensado nessa tal nobreza de família antes de começar a se comportar como uma plebéia vagabunda. Enquanto estiver neste navio, sou seu senhor e não quero ouvir essa conversa sobre sua condição de lady. Caso me desobedeça, eu mesmo a pendurarei no cais de verga. Entendeu, mulher?

Ele a encarou com olhar inflexível até Dianna, contra a vontade, assentir com um gesto de cabeça.

— Muito bem. — Welles limpou a garganta e começou a tamborilar os dedos nos braços cruzados. Um sorriso que espelhava más intenções iluminou seu rosto. — E agora, moça bonita, vamos ao que eu quero.

CAPÍTULO III

Dianna preparou-se para a exigência que, certamente, seria feita.

— Você não merece, nem por um momento, receber algum benefício — continuou Welles —, porém, no meu navio, terá a última oportunidade de endireitar a sua vida. Vou acomodá-la entre gente honesta, que nada sabe a seu respeito. Será como qualquer outra moça pobre emigrando para ganhar a vida através de um contrato de serviços. Para ter certeza de que não perderei dinheiro, sua passagem será paga quando eu vender sua documentação de trabalho em Saybrook.

— E o que o senhor espera em troca? — perguntou Dianna desconfiada.

— Apenas que se comporte como uma mulher decente em meu navio c fique fora do caminho dos homens.

Para Dianna, a proposta soava um tanto estranha. Fitou o capitão, com cuidado, na esperança de detectar o indício de alguma armadilha. As vantagens eram todas suas c nenhuma dele, mas mesmo assim, linha a sensação nítida, de que ele tentava induzi-la a concordar.

Welles riu novamente c, dessa vez, com uma nota de falso entusiasmo. Num gesto nervoso, passou a mão pelos lábios.

— Asseguro-lhe que sou um homem de coração mole e, por isso, detesto testemunhar o

sofrimento de outras pessoas. Especialmente em se tratando de uma criatura delicada como você. Saiba que não resistiria à travessia em um dos veleiros rumo às fazendas das colônias, na próxima primavera. As doenças e maltratos matam mais depressa do que o trabalho escravo. Mas o Prosperity faz jus ao nome.

Havia gotinhas de transpiração acima do lábio superior do

capitão e ele, mais uma vez, passou a mão pelo lugar. O homem está mentindo e com medo de ser apanhado, percebeu Dianna surpresa. Welles relanceou o olhar pela poria e insistiu:

— Olhe aqui, mocinha, não tenho o resto do dia para resolver j esta questão. O proprietário do Prosperity é um homem temente a Deus e não seria prudente levar uma condenada a bordo.! Jure se comportar decentemente e eu prometo que será bem tratada.

Essa era apenas parte da verdade, adivinhou Dianna.

— Foi meu tio, sir Henry Ashe, não foi? — perguntou5 baixinho. — Ele lhe pagou uma boa soma para me levar para longe da Inglaterra, certo?

Sob a pele empedernida pela vida no mar, o capitão Welles corou até a raiz dos cabelos, dando a resposta afirmativa e esperada por Dianna. Não tinha importância. Sua vida na Inglaterra não oferecia mais perspectiva alguma. Aliás, ela terminara com a morte do pai, admitiu. Com toda a honestidade, reconhecia que a oportunidade oferecida pelo capitão Welles não era de todo má. Ao mesmo tempo, livrava-se da prisão de Bridewell e ficava fora do alcance de sir Henry. Acima de tudo, ninguém, exceto o capitão, saberia que fora condenada por tentativa de assassinato.

Dianna ergueu a cabeça c, corajosamente, fitou os olhos do capitão. Ele tinha aceitado dinheiro do tio, mas não havia abusado dela como Potter previra. O homem havia, apenas, embolsado o pagamento para recebê-la a bordo.

— Por favor, capitão Welles, me explique o seguinte: o plantio e a colheita de tabaco são trabalhos muito penosos?

— Tabaco?! Ora, mocinha, já lhe disse antes. O Prosperity não é um navio para o transporte de condenados e nem para o tráfico de escravos com destino às colônias do Sul. Trata-se de uma embarcação ianque, desde o alto do mastro até o casco sob as águas, da proa à popa. Você deveria agradecer ao Criador por esse fato. Não vai arrebentar as costas arrancando folhas de tabaco lá para onde vamos. Rumamos para a Nova Inglaterra, o melhor lugar e o mais bonito sob o céu.

— Para a Nova Inglaterra, então — disse Dianna em tom de desafio. — E que Deus me ajude a jamais voltar a ver a velha!

— Com os seus respeitos, senhor, o capitão manda avisá-lo que estamos deixando para trás o último sinal de terra, caso queira vê-lo — anunciou o rapaz.

— Muito bem, Isaac, diga ao capitão que vou subir logo. Cuidadosamente, Kit apertou o mata-borrão no livro-caixa antes de fechá-lo. Vinha trabalhando nele desde a madrugada,

num esforço para registrar até o último detalhe dos negócios feitos em Londres, enquanto eles se mantinham claros na mente. O sol já ia alto e a caminhada pelo tombadilho lhe faria bem. Talvez algum tolo se visse na obrigação de lhe dizer: "A última visão da Inglaterra!". Embora a idéia não lhe proporcionasse a mínima emoção, Kit achava aconselhável observar a linha escura no horizonte, pois quem sabe, essa não seria a última terra a ser avistada durante semanas, até mesmo meses.

Apanhou o chapéu e, com um suspiro, relanceou o olhar pela cabine pequena. Um beliche estreito, uma mesa triangular dobrável, uma cadeira e o seu malão compunham o mobiliário reduzido, apesar de ocupar todo o espaço disponível. Ali dentro, com sua estatura avantajada, Kit sentia-se como se estivesse espremido numa casa de brinquedo. Mais uma vez, e com uma ponta de inveja, pensou no beliche imenso na cabine do capitão, mandado fazer especialmente para Jonathan, seu irmão. Por uma questão de direito, Kit deveria estar instalado lá, pois afinal, era o proprietário do navio, embora não fosse seu capitão. Todavia, num momento de generosidade precipitada, tinha escolhido a cabine do primeiro piloto c, agora, era tarde demais para mudar a decisão. Além disso, por haver armado boas confusões nessa viagem à Inglaterra, ele não merecia recompensa alguma.

Não tinha falhado em obter lucros. O livro-caixa mostrava que ele havia dirigido os negócios com o mesmo tino comercial do irmão. Mas durante as transações, conseguira destruir o relacionamento, cuidadosamente estabelecido, com um dos mais poderosos e proeminentes mercadores de Londres. Com isso, havia cerrado, de maneira abrupta, as portas do melhor escoadouro para a produção madeireira Sparhawk.

Nem mesmo agora, Kit compreendia como ficara tão envolvido com os assuntos pessoais de sir Henry Ashe. Já tinha sido muito ruim haver presenciado a briga do homem com a amante e, pior ainda, testemunhar contra a moça naquela pantomima chamada de julgamento. Embora tivesse dito apenas a verdade, sem acrescentar ou subtrair uma vírgula sequer, os advogados haviam distorcido suas palavras para a conveniência de sir Henry. Não era de se estranhar, portanto, que a moça de cabelos escuros, tivesse ouvido seu depoimento em silêncio, sem negar nada, apenas fitando-o com expressão de ódio e censura nos olhos azul-acinzentados.

Não, não se tratava de uma simples moça, mas de uma dama muito elegante. Lady Dianna Nerissa de Vere Grey. Com a alvura do rosto e do pescoço ressaltada pelo vestido de seda preta italiana, ela mantinha o porte de uma rainha no banco dos réus. Quando os advogados a tinham acusado de todo o tipo de libertinagem, Kit achara quase impossível identificar essa mulher da nobreza e segura de si, com a moça amedrontada que havia chorado em seus braços. Com toda a certeza, tudo não passara de uma representação bem ensaiada naquela noite. Kit sentia-se aborrecido com ela e consigo mesmo por lhe ter dado crédito.

O aborrecimento não havia diminuído quando sir Henry o tinha elogiado pelo testemunho útil no julgamento c expressado a vontade de ver a sobrinha subir ao patíbulo. Mas no momento em que o homem propusera completar a carga na viagem de retorno do

Prosperity, sem pagar frete, como se estivesse lhe fazendo um favor em retribuição ao depoimento, Kit havia perdido o controle. Primeiro, tinha mandado sir Henry para o inferno, e depois, enquanto o homem esbravejava indignado, acertara-lhe o queixo gorducho com tanta força que, talvez, o barão ainda estivesse caído, de olhos esbugalhados, na rua enlameada. Não, admitiu Kit mal-humorado, não haveria mais negócios entre os irmãos Sparhawk e sir Henry Ashe.

No tombadilho, soprava um vento gelado vindo do canal da Mancha. Com as mãos nos bolsos do casaco, Kit observou satisfeito a velocidade de sua embarcação sobre as águas verde-escuras e através de ondas de crista espumante. Puxou o chapéu para baixo, curvou os ombros e rumou para o lado de Abraham Welles à roda do leme.

— Bom tempo esta manhã e brisa forte em nossas velas - comentou o capitão em tom animado. — O que mais se

poderia desejar? Antes de você se dar conta, eu o levarei de volta para suas árvores queridas.

Kit sorriu. Depois de tantas horas na cabine minúscula e mal ventilada, o vento provocava-lhe uma sensação agradável no rosto e nos pulmões.

— Aposto como meu irmão, a essa altura, também já está ansioso para se encontrar de volta sobre o seu mar querido. Ele jamais ficou tanto tempo em terra firme, como agora, desde que deixou o colo de nossa mãe e engatinhou até a praia.

— É verdade. Aquele rapaz é meio peixe. Mas nós também poderíamos ter feito de você, Kit, um bom navegador, caso se interessasse. — Welles mudou o cachimbo de barro de um lado para o outro da boca e assumiu ar sério. — Teve alguma notícia de Jonathan nesse tempo passado em Londres?

— Não, só aquela carta do Dr. Manning, escrita duas semanas depois de nossa partida da Nova Inglaterra. Era muito cedo para se ter certeza de alguma coisa. Mas já se passaram meses.

Ao pensar no irmão, os olhos verdes e límpidos de Kit tornaram-se sombrios. Dois dias antes de o Prosperity levantar âncora, um cabo linha arrebitado e atirado Jonathan numa queda de seis metros de altura. A perna esquerda sofrera uma fratura exposta, o osso dilacerando os músculos. Era o tipo de ferimento sujeito a uma infecção perigosa e capaz de cobrar, primeiro, a perna de um homem e, depois, sua vida. Esse temor vinha atormentado Kit durante a longa separação. Como fazia constantemente, rezou mais uma vez: "Por misericórdia, meu Deus, não leve Jonathan também".

Welles tocou-lhe o ombro enquanto dizia:

— Seu irmão é um homem forte e cheio de vida para se deixar vencer por uma queda qualquer. Você vai encontrá-lo bem, embora manquitolando. Kit forçou-se a sorrir.

— Obrigado, Abraham, por mim e por Jonathan. Ele não teria capitaneado o Prosperity melhor do que você.

— Não foi nada além do que eu teria feito por vocês dois e em respeito a seu pai. Sabe

disso muito bem.

Um tanto constrangido, Welles limpou a garganta e desviou o olhar para as velas enfunadas. Kit também dirigiu a atenção a outros pontos do veleiro. Na proa, notou um grupo de pessoas debruçadas no gradil. Havia três homens, várias mulheres e crianças. Notando sua curiosidade, o capitão explicou:

— Ah, Kit, aqueles, são os passageiros de quem lhe falei. Pelo jeito, estão reavaliando a decisão de deixar a terra natal.

O pequeno agrupamento se mantinha bem junto para se proteger do vento frio enquanto via a Pátria sumir na linha do horizonte. Kit foi tomado por uma onda de comiseração.

— São imigrantes? — perguntou.

— Isso mesmo, e tão desesperados para irem embora que me ofereceram o dobro da passagem para levá-los a bordo. Uma das mulheres está grávida e quer muito já ter um canto seguro, na nova terra, na hora de dar à luz. Quando sir Henry se recusou a embarcar a carga...

— O fato não pôde ser evitado, Abraham — interrompeu Kit num tom tão frio quanto o vento.

— Não estou insinuando isso, Kit, pelo amor de Deus! Só quero explicar que achei aconselhável aceitar uns poucos passageiros para ocupar a parte vazia entre os passadiços.

— Eu já lhe disse tratar-se de uma boa decisão, Abraham. Não precisa se justificar mais uma vez.

— Eles não vão lhe provocar o mínimo aborrecimento, Kit, eu garanto. Estão agora no tombadilho para uma última despedida e logo voltam lá para baixo de onde não sairão com freqüência. Você vai até se esquecer de que se encontram a bordo.

Kit sentiu uma ponta de curiosidade. Essa era, no mínimo, a quarta vez que Welles justificava a presença dos passageiros no Prosperity. Teria o velho amigo do pai aceitado o dobro pelas passagens e guardado a diferença no bolso?, indagou-se. Tal detalhe não o preocupava muito, pois afinal, Welles tinha lhe feito um imenso favor ao substituir Jonathan, como capitão, avisado com tão pouca antecedência. Contudo, esperava não ler de ouvir a mesma história sobre esses imigrantes miseráveis durante a viagem inteira.

— Pelo que vejo, há mais mulheres do que homens — comentou numa tentativa de abordar um aspecto mais interessante do assunto. — Alguma filha já adulta e bonita para me alegrar um pouco?

— Duas mocinhas em idade interessante, mas desista dessa idéia, Christopher Sparhawk! Jurei aos pais que este era um navio honesto e cristão onde a virtude das filhas seria respeitada. Portanto, deixe as moças em paz, e as mulheres também!

Kit riu divertido.

— Por Deus, Abraham, você me trata como se eu fosse uma grande ameaça para as

mulheres do mundo inteiro!

Welles o encarou com expressão severa enquanto prendia o cachimbo entre os dentes.

— Sabe muito bem o que quero dizer. É bonito e atraente o bastante para chamar a atenção. Você e Jonathan. Ambos mantêm as mães de prontidão, desde Fallmouth até New Haven, todas esperançosas de acertar um dos dois.

— Não estou interessado nas mães, Abraham.

— Velhas ou moças, você provoca suspiros e desmaios em todas elas. — Welles sacudiu a cabeça. — Ouvi dizer que a filha mais nova de Sam Lindsey está firmemente decidida a levar você ao altar.

— Constance? Pode ser, como as irmãs antes dela. — Kit tentou se lembrar das feições da moça. Os cabelos seriam loiro-claros ou avermelhados? Não tinha feito nada além de dançar com ela, duas vezes, numa festa do último verão e, agora, as más línguas previam um casamento. — Ela é bem bonitinha e estou trazendo, de Londres, as fitas que me pediu. Mas se Constance está me querendo para marido, acho conveniente que procure um outro.

— Reze para o pai dela pensar da mesma forma.

— Não desperdice seus cuidados, Abraham. Sou sempre muito cauteloso em meus relacionamentos com as mocinhas, não importa o quanto me tentem. Na primavera, vou fazer, trinta e três anos e ainda me conservo solteiro. Sei bem como livrar meu pescoço dessa força.

— Na verdade, Kit, você já está casado com Plumstead, as serrarias, os postos comerciais, os armazéns de estocagem e o que mais tenha construído. Só não sei como uma serraria pode aquecê-lo na cama, nas noites frias de janeiro, como só uma mulher consegue fazer.

Kit deu de ombros.

— A fazenda e os outros empreendimentos me devolvem, em dobro, o esforço e o trabalho gastos neles, o que não se pode dizer da maioria das esposas. Hester cuida da casa para mim e prepara as melhores refeições da colônia inteira. Os sobrinhos e sobrinhas, que minhas irmãs se mostram tão capazes de produzir, já satisfazem minha necessidade quanto a crianças. — Não resistiu e piscou maliciosamente para Welles. — Aquecer minha cama no inverno também não é-problema. O mundo está cheio de viúvas adoráveis e solitárias.

O capitão riu alto.

— Você é tão despreocupado e irresponsável quanto seu pai, antes de sua mãe o apanhar. Parece um gato malandro rondando portas de cozinha!

Mas Kit mal lhe deu ouvidos. Agora que a Inglaterra acabava de desaparecer atrás do horizonte, o grupo de imigrantes deixava o gradil e enfrentava o balanço do tombadilho rumo ao passadiço abaixo. Faziam o trajeto devagar e com cuidado. Finalmente, só

restou uma das mulheres ali em cima. Embora o rosto estivesse escondido pelo capuz da capa preta, ele percebeu tratar-se de uma pessoa diferente das outras do grupo. Sozinha, ela cravava o olhar em direção oeste, para a terra que estaria à frente e não para a deixada atrás. A silhueta delicada resistia ao vento enquanto a capa e as saias flutuavam em volta de suas pernas. Havia algo comovente em sua atitude corajosa de enfrentar o desconhecido. Uma das filhas, imaginou

Kit. Não importava a promessa feita por Abraham, a moça merecia ser procurada. Ele apreciava mulheres animadas e fogosas. Essa dava a impressão de ter entusiasmo suficiente para oferecer.

Ela levantou o rosto em direção ao céu e o vento empurrou-lhe o capuz para trás. Agora, Kit podia vê-la muito bem. As faces estavam rosadas, os lábios entreabertos e os cabelos, castanho-escuros com reflexos avermelhados, esvoaçavam soltos pelos ombros. Ele a fitou e praguejou violentamente. Então, ali estava a razão pela qual Abraham, tão cuidadosamente, se empenhava em mantê-lo afastado dos imigrantes.

Com todos os diabos, imigrantes coisa nenhuma! A mulher era uma criminosa condenada!

CAPÍTULO IV

Dianna voltou a se recostar no gradil onde continuou por algum tempo. Durante os três primeiros dias de viagem, tinha lutado contra um forte enjôo. Passara grande parte do tempo encolhida num colchão velho de lã encaroçada. Mas nesse dia, já amanhecera mais acostumada ao balanço da embarcação. O vento e os respingos de água do mar no rosto tinham ajudado para que recuperasse a disposição. Tornava a se sentir ela mesma e não mais uma estranha.

Essa era a sua primeira viagem por mar e a vastidão do oceano e do céu a deixavam estimulada, com a sensação de liberdade. Jamais se sentira tão livre na vida. Não se perturbava mais com o peso do passado, ou do presente, e nem mesmo com a responsabilidade de ser lady Dianna Grey. Tão absorvida estava com os pensamentos que não se dava conta da atividade, dos marinheiros e, muito menos, da discussão acalorada entre o proprietário do Prosperity e o capitão junto à roda do leme. Só quando os dedos e a ponta do nariz ficaram enregelados, ela resolveu, a contragosto, abandonar o tombadilho.

O lugar ocupado por Dianna e os outros passageiros não passava de um espaço destinado à carga. Com lençóis e acolchoados pendurados, mais os males em cantos estratégicos, as mulheres tinham conseguido dividir a área entre as três famílias que viajavam juntas.

— Ah, você está de volta! Eu não disse que o ar frio lhe devolveria a cor do rosto? — perguntou Mary Penhallow enquanto Dianna, devagar, caminhava em sua direção por

entre colchões e bagagens.

Desde o primeiro dia, Mary tinha acolhido Dianna em sua família numerosa. Ela a havia amparado nas piores crises de náusea e lhe ministrado óleo de hortelã para aliviar os espasmos do estômago. Gorducha, corada e sempre meio sem fôlego, Mary lembrava sua babá da infância distante. Fora impossível a Dianna "não se afeiçoar a ela imediatamente.

Mas embora o seu colchão pertencesse ao círculo dos Penhallow, Dianna se sentia acanhada entre eles. Não tinha experiência com o convívio turbulento de uma família grande e, até agora, não conseguia identificar as seis crianças mais novas pelos nomes. Felizmente, a filha primogênita não oferecia esse problema. Eunice Penhallow tinha se ligado a Dianna com a devoção típica de uma adolescente tímida de quatorze anos. Considerava-a velha o suficiente para ser fascinante, mas nem tanto para pertencer ao círculo de amigas da mãe.

Ao vê-la chegar, a menina foi-lhe ao encontro.

— Ah, Dianna, eu quis ficar lá em cima com você, mas mamãe disse que não era bonito passar tanto tempo na frente dos marinheiros.

— Nada disso, menina, você deturpou o sentido de minhas palavras — repreendeu a mãe. — Eu disse que você, por uma questão de recato, não deveria dirigir olhares interessados aos marujos e não o contrário.

Eunice inclinou a cabeça para trás, graciosamente.

— Ora mamãe, não foram os marinheiros que me chamaram a atenção e sim o Sr. Sparhawk, o dono deste veleiro. Isaac contou que, para onde vamos, ele tem não sei quantas fazendas, uma casa de campo enorme e linda, terras e terras a perder de vista.

Já sentada no colchão, Dianna virou-se depressa.

— Qual é o nome do homem? — perguntou nervosa.

— Christopher Sparhawk — respondeu Eunice com olhar sonhador. — O cavalheiro mais bonito na face da Terra! Só com o sorriso, Dianna, você já ficaria encantada! E a largura dos ombros, meu Pai do Céu?

— Christopher Sparhawk! — gemeu Dianna. — Por tudo que é mais sagrado, como vim parar no mesmo navio maldito que esse salafrário?

— Você conhece o cavalheiro? — indagou Mary um curiosa. — Pode haver dois com o mesmo nome.

— Um grandalhão loiro, de olhos verdes, capaz de instigar sua confiança mesmo quando mente da maneira mais deslavada? O pior tipo de imbecil das colônias, há tanto tempo entre os selvagens, que não consegue mais se expressar no inglês puro da rainha?

— Bem, o Sr. Sparhawk é um cavalheiro de grande estatura e loiro — respondeu Mary com uma certa cautela. — Quanto a mentir e ao resto, não sei dizer. O capitão Welles falou muito bem do Sr. Sparhawk e garantiu tratar-se de um homem cristão.

— O que mais poderia dizer se deve seu meio de subsistência ao infeliz? Um patife dos maiores, esse seu refinado Sr. Sparhawk!

A tempo, Dianna calou-se. Frustrada, lembrou que os outros passageiros não sabiam nada a seu respeito. Não poderia explicar-lhes o julgamento c o testemunho desastroso de Sparhawk. Furiosa, bateu os punhos cerrados nos joelhos. Mais uma vez, tinha sido tola e crédula. Como sir Henry, Christopher Sparhawk e o capitão Welles deviam ter rido de sua ingenuidade!

O rapazola Isaac desceu, depressa e fazendo barulho, a escadinha até o passadiço.

— Dianna Grey! Querem falar com você lá em cima. Ela se levantou c pôs as mãos nos quadris.

— É mesmo? Quem, se posso perguntar?

— O Sr. Sparhawk em pessoa — respondeu Isaac em tom desdenhoso. — Acho bom você ir depressa, o homem está tendo um ataque de raiva.

Mary colocou a mão no braço de Dianna.

— Acompanhe o rapaz, minha filha. Não importa a briga entre vocês dois. O seu orgulho não vale o sofrimento que poderá trazer a todos nós, caso contrarie o Sr. Sparhawk.

— Não se aflija, vou sim falar com o mestre c senhor deste navio — disse Dianna ao arrebanhar as saias a fim de subir a escadinha. — Mas quando eu tiver terminado, ele vai se arrepender por haver me ouvido.

Resmungando, Dianna seguiu Isaac até onde se situavam as poucas cabines do Prosperity. Sem pensar, passou as mãos pelos cabelos, porém, ao se dar conta do gesto, irritou-se. Por que haveria de se importar com a opinião de um homem como Christopher Sparhawk sobre sua aparência? Com os dedos, emaranhou bem a cabeleira que atirou para as cosias. Pronto, já não daria a impressão de ter se arrumado para o sujeito.

Pararam diante de uma porta estreita, com venezianas para ventilação, na qual Isaac bateu duas vezes antes de abri-la. Em seguida, ele foi embora deixando Dianna sozinha.

Um tanto hesitante, ela relanceou o olhar pela cabine. Surpreendeu-se com o tamanho exíguo e a falta de espaço livre. Quando Christopher Sparhawk levantou-se da única cadeira disponível, o aposento diminuiu mais ainda.

Por Deus, ela havia se esquecido de como o homem era grande, especialmente de sua altura e largura dos ombros. Todavia, existia algo mais nele que dava a impressão de influir nas dimensões apertadas da cabine. Ele irradiava vigor e autoconfiança suficientes para encher um salão de baile.

Embora estivesse vestido como um cavalheiro da aristocracia, a pele bronzeada de sol e as mãos calejadas eram as de um trabalhador braçal. Em vez de peruca, ele exibia os próprios cabelos, um pouco mais escuros junto à raiz c dourados nas pontas. À volta dos olhos c da boca, havia linhas finas que, Diana imaginava, formariam pequenas rugas quando ele risse.

Contudo, Christopher Sparhawk não demonstrava disposição para rir naquele momento.

— Então, é você mesma — disse ele sem cumprimentá-la. — Entre e feche a porta. Não quero que nossa conversa sirva de assunto para os marinheiros na hora das refeições.

Dianna endireitou os ombros, recusando-se a se intimidar com o tratamento rude.

— Por que o senhor quis me ver? Para rir e se divertir às custas de meu infortúnio? Isso faz parte da barganha com meu tio? O senhor é comerciante, segundo me informaram, e tais transações, talvez, lhe sejam habituais. — Ela não resistiu e percorreu o olhar à volta. — Sim, um comerciante, mas não de muito sucesso a julgar por suas acomodações. Não tem dinheiro para conseguir outras melhores?

Por um bom momento, Kit a observou em silêncio. Ela mantinha a mesma postura ereta, a expressão de orgulho e desafio exibidas no banco dos réus. Porém havia mudanças marcantes. O vestido de seda preta italiana estava amarrotado e salpicado de manchas produzidas pela água salgada do mar. A gola e punhos de cetim, enfeitados de renda, tinham desaparecido. Nas orelhas não se viam mais os pendants de pérolas e ônix, e os anéis, que lhe enfeitavam a metade dos dedos, também haviam sumido. O vento soprado do canal da Mancha tinha lhe colorido as faces e emaranhado seus cabelos que caíam pelos ombros e seios como se ela ainda não os houvesse penteado depois de se levantar. Tornava-se mais fácil para Kit recordar-se de como a tinha visto naquela noite na mansão de sir Henry. Mas com essa lembrança, veio também a da maneira como Dianna havia representado, tomando-o por um idiota inexperiente.

— Suas palavras continuam impertinentes, pois você não tem nada a ganhar com as delicadas, não é? — comentou Kit em voz controlada. — O fato de se encontrar neste navio não passa de uma transação apenas entre você e seu querido tio.

— Por que eu deveria acreditar no senhor? Sei que sir Henry pagou ao capitão Welles para me receber a bordo. Por que com o senhor seria diferente?

— Porque eu sou diferente. — Kit refletiu sobre a maneira como Welles tinha gaguejado e se atrapalhado quando o questionara a respeito dessa passageira em particular. — Bem mais diferente do que qualquer outro homem a quem você já conheceu.

A arrogância dele a enfureceu, mais ainda por ele estar certo. Nunca tinha conhecido um homem como Christopher Sparhawk. As feições eram firmes e bem delineadas, as faces e o nariz proeminentes. Na expressão, não se via a indolência tão comum na dos amigos do pai e da qual Dianna se lembrava muito bem.

— Pensa que eu teria embarcado de boa vontade caso soubesse que o senhor também viajaria neste veleiro?

— Talvez os grilhões e os guardas de Bridewell influenciassem sua decisão. — Welles tinha lhe contado como Dianna entrara cambaleando na cabine, os tornozelos sangrando sob as argolas. Imaginou se os ferimentos já tinham cicatrizado e como seria o torneado de seus tornozelos. — Um de nós está mentindo, ou sir Henry Ashe enganou a ambos.

— O senhor mentiu com grande facilidade, mesmo sob juramento.

— Eu não minto, minha menina, nem sob juramento, nem em defesa de um tipo como você. — Kit queria sacudi-la pelos ombros a fim de instigar um pouco de bom senso em sua mentalidade exagerada de aristocrata. Lembrou-se, porém, de como seu corpo delicado havia lhe transtornado o raciocínio. Isso não voltaria a acontecer, decidiu ao cruzar as mãos às costas, por uma questão de segurança. — Repeti no tribunal exatamente o que você me tinha contado, ou seja, que havia malado seu tio.

— Golpeei sir Henry em defesa própria e não para matá-lo. Não sou sua menina. — Esquecendo-se da promessa feita ao capitão Welles, ela acrescentou: — Sou lady Dianna Grey e...

Mas Kit não a deixou continuar.

— Você é Dianna Grey, solteirona, nada mais. Segundo entendi, o capitão Welles deixou esse ponto bem claro. Ou você prefere Dianna Grey, libertina, ou Dianna Grey, assassina, ou Dianna Grey, atriz? Este último fica-lhe muito bem e é o meu preferido.

Dianna estremeceu. Ele a magoava com facilidade extraordinária. Solteirona, libertina, assassina, atriz. Pensou nos Penhallow, em Mary, Eunice e nas crianças. Ela perderia a amizade da família inteira no momento em que descobrissem a história sobre sir Henry e o julgamento.

— O capitão Welles prometeu que ninguém ficaria sabendo. Kit deu de ombros.

— Em minha opinião, você não se importa. Afinal, infringia seu lado do acordo ao insistir no título.

— Não fiz isso exatamente, pelo menos a ninguém mais além do senhor. — Seu sonho de uma vida tranqüila esfacelava-se antes de começar a se realizar, tudo por causa de um homem egoísta. Percebia que ele a observava com aqueles olhos verdes de felino, à espreita de sua reação. Que importância tinha para ele? Por que o homem se dava a esse trabalho?, indagou-se levada pelo desespero. — Juro que os outros passageiros não sabem nada a meu respeito e eu prefiro que continuem na ignorância.

Dianna ergueu mais um pouco o queixo e, pela primeira vez, Kit notou a pequena separação no meio dele, um pouco maior do que uma covinha. Seu rosto não tinha a beleza clássica. O nariz aristocrático era um tanto longo e os lábios carnudos não lembravam a delicadeza de um botão de rosa. Contudo, havia uma profunda sensualidade em suas feições e esta o atraía mais do que estava disposto a admitir. Apesar das intenções, a irritação ao descobri-la a bordo transformava-se depressa em algo bem mais agradável.

— Não importa o quanto fuja, minha menina, não vai escapar de seu passado — declarou ele em tom suave.

— O que pretende fazer comigo? Vai me atirar ao mar? — perguntou ela amargurada. — Não tem medo que eu profane o oceano inteiro, bem como o seu sacrossanto navio?

Ao ouvir seu tom sombrio, Kit arqueou as sobrancelhas, surpreso.

— Não. Deve existir um uso melhor para você do que esse, não concorda?

A intenção de Kit era gracejar a fim de aliviá-la da melancólica. Porém, Dianna percebeu apenas o sentido nu das palavras. O tio tinha dito a mesma coisa e ela conhecia bem o propósito de ambos. Só agora compreendia a razão pela qual a tinham trazido para o veleiro de Christopher Sparhawk. O homem queria, não, esperava que ela fosse a sua rameira durante a viagem. Sentiu as faces queimarem de vergonha e, automaticamente, desviou o olhar para o beliche atrás dele seus misericordioso, um homem desse tamanho poderia matá-la! A boca secou de repente e ela teve de morder o lábio para lutar contra as lágrimas. Incapaz de fitá-lo, baixou os olhos. Kit, por sua vez, não conseguia deixar de admirá-la. A maneira com que ela olhara para o beliche, os dentes alvos mordiscando o lábio rosado, o jeito disfarçado de fitá-lo por entre os cílios sedosos, por Deus, não poderiam encerrar um convite mais claro.

— Dianna, minha menina — murmurou ele numa voz baixa e quase emocionada, ao estender a mão para afagar-lhe os cabelos.

Ao ser tocada, ela soltou uma exclamação de surpresa e ergueu o rosto para encará-lo abertamente. Não foram as lágrimas em seus olhos, mas a expressão de medo neles que o levaram a puxar a mão de volta como se a tivesse queimado. Sem jeito, enfiou-a, bem como a outra, nos bolsos do paletó, imaginando o que dera errado.

Vendo-o recuar, Dianna foi tomada por uma grande onda de alívio. Entretanto, misturada a esse sentimento, havia também uma boa dose de humilhação. Tinha se salvado porque chorava, embora não fosse essa a intenção das lágrimas. Era como se não passasse de uma criada de estábulo, acuada pelo patrão. Tinha agido fraco e covardemente. Onde fora parar seu orgulho?

Endireitou os ombros e esforçou-se para reter as lágrimas enquanto procurava um lenço.

— Não costumo fazer isso, acredite. Com expressão de suspeita, Kit a fitou.

— Fazer o quê?

— Chorar, é claro — explicou Dianna ainda procurando o lenço na manga do vestido. Em silêncio, Kit deu-lhe um, tirado do bolso, um imenso quadrado de linho tecido e alvejado em casa. — Obrigada. Não sei bem que fim levou o meu. Na verdade, não estou com roupa branca suficiente para este tipo de viagem. Conto apenas com uma pequena trouxa trazida a bordo um pouco antes de o veleiro levantar âncora.

— Não diga! — exclamou Kit. — Bagagem pequena à que está acostumada, imagino.

— Sem dúvida! Quando meu pai e eu fomos a Paris, na primavera passada, levamos quatro malões. Isso sem falar no que trouxemos de volta. O senhor nem calcula a expressão desanimada dos carregadores ao verem a bagagem atrás e no topo da carruagem!

Dianna começou a rir com a lembrança, mas parou ao perceber que Sparhawk mantinha-se sério.

Ele nem ao menos sorria. Por um instante, ela atreveu-se a encarar os olhos verdes, cuja expressão firme a deixava confusa. Não via nela a hostilidade demonstrada pelo tio

quando* lhe recusara as investidas amorosas, nem ameaças, mas apenas uma interrogação para a qual ela não tinha resposta. Baixou' depressa o olhar e fixou-o na camisa de Kit. Ela estava desabotoada em cima e o laço da gravata, desfeito. Podia-se ver parte do peito através do "V" formado pela peça.

Jamais estivera tão perto de um homem, exceto do pai, ou do tio naquela noite fatídica. Sem perceber, a curiosidade tornou-a audaciosa. Intrigada, observou o triângulo de pele bronzeada sob o encaracolado de pêlos escuros. Seus olhos atreveram-se mais para baixo, seguindo as bordas do colete, também desabotoado, até a barriga plana e magra. Notou ainda os quadris estreitos, especialmente se comparados aos ombros largos. A calça, de corte impecável, amoldavam-se às coxas e estavam enfiadas no cano alto das botas de couro, cujo uso já o amaciara, deixando-as bem confortáveis. Os pés, como as outras partes do corpo, eram imensos. Dianna voltou a subir o olhar, fixando-o um pouco abaixo do queixo. Podia ver a pulsação regular da veia no pescoço e imaginou se seu compasso se harmonizava com as batidas aceleradas de seu coração. Estava menos amedrontada, embora soubesse, em sua ingenuidade, ter muita razão para estar mais agora do que antes. Continuou a observá-lo, dessa vez pelos ombros largos, ao longo dos braços e sentiu um arrepio ao lembrar-se de como eles a tinham amparado naquela noite, na casa do tio. Foral

com toda a delicadeza, como se ela fosse uma peça frágil de porcelana, mas mesmo assim, pudera sentir o seu vigor.

Para Kit, os olhos dela vagavam por seu corpo com a persistência e a intimidade de uma carícia. Imaginava a reação de Dianna, caso o observasse novamente abaixo da cintura e notasse o efeito que lhe provocava. Por Deus, o que aconteceria se ela o tocasse realmente? Queria agarrá-la e a possuir com toda a impetuosidade de que era capaz, enquanto o desejo escaldava-lhe o sangue. Uma mulher tão impudente não precisava ser estimulada, aliás, nem merecia.

— O que vamos fazer com você, hein Dianna? — perguntou Kit numa voz alterada pelo desejo.

Dianna respirou fundo.

— Isso, Sr. Sparhawk, é...

— Kit. Quero que me chame de Kit.

— Trata-se de uma decisão sua e não minha — disse ela num tom estranho, grave, impossível de ser reconhecido como seu. O que estaria lhe acontecendo? Sentia-se atordoada, com a cabeça leve. — Querendo ou não,- este navio lhe pertence e eu não passo de uma passageira embarcada contra a sua vontade. Não é verdade, Kit?

Ele ouviu a promessa em sua voz e teve de reprimir um gemido ao ver os lábios entreabertos, tentando-o. O som de seu nome, pronunciado por ela, produzia um efeito de inebriante magia. Não se lembrava da última vez em que tinha desejado uma mulher com tanta ansiedade.

Mas as lágrimas, que ainda brilhavam nos olhos profundos, o contiveram. Dianna continuava mudando como o mercúrio. Ora mostrava-se tímida, acanhada, ora sedutora. Ela o provocava. Pois ele não se prestaria ao seu jogo. Se conseguisse desviar a atenção da necessidade do corpo e concentrá-la na cabeça, perceberia várias coisas nessa moça que só poderiam resultar em problemas sérios. Tratava-se de uma criminosa condenada, em primeiro lugar. Também era sobrinha do nobre mais depravado da Inglaterra e já começara a construir, para

si mesma, reputação semelhante. Talvez o próprio sir Henry a tivesse encarregado de seduzi-lo. Na melhor das hipóteses, ele corria o risco de terminar a aventura amorosa com um caso de doença pernicioso.

Kit franziu a testa e sacudiu a cabeça. Pela primeira vez, desde a entrada de Dianna na cabine, desviou o olhar dela. Devagar, ela sentiu as batidas do coração retomarem o ritmo normal e o ar encher-lhe os pulmões. Curiosamente, foi também tomada por uma tristeza estranha e impossível de ser definida.

— Como Welles e o comandante do Prosperity, vou respeitar seu acordo com ele — informou Kit com o máximo cuidado e olhando para um ponto vago da cabine. — Comporte-se bem e será tratada como qualquer outra mulher a bordo. Só Deus sabe como não merece isso e eu não estou nem um pouco satisfeito. Mesmo assim, respeitarei o acordo.

Com um suspiro, Kit sentou-se na única cadeira da cabine, firmando os cotovelos nos braços dela. Depois de esticar as pernas para a frente, juntou as pontas dos dedos e os levou aos lábios. Após algum tempo, disse:

— Você poderia, ao menos, me agradecer.

— Pelo quê? Por respeitar o acordo? — indagou Dianna, embora soubesse que ele não se referia a isso e sim ao fato de não molestá-la fisicamente, mas apostando como não a corrigiria. — Não lenho a intenção de agradecer-lhe por isso. Posso voltar lá para baixo, Sr. Sparhawk?

Então ele era, outra vez, Sr. Sparhawk? Kit fez uma careta e curvou mais a cabeça de encontro à ponta dos dedos.

— Pode, sim — resmungou.

A maldita delicadeza aristocrática de Dianna podia ir para o inferno! Ela o fazia se sentir como se fosse ele o dispensado de um interrogatório e não o contrário.

— Não, espere — ordenou.

Dianna, que já se encontrava diante da porta, recuou. Aguar-

dou em silêncio e ele, sem motivo algum para chamá-la de volta, fez a primeira pergunta que lhe veio à cabeça.

— Na corte, comentaram que você vestiu luto para o julgamento a fim de comover o juiz. Por que continua de prelo?

Dianna não tinha ouvido isso e irritou-se com a insinuação.

— Meu pai faleceu, quatro meses atrás, num acidente a cavalo. Continuo de luto em memória dele.

— E sua mãe?

— Morreu ao me dar à luz. Posso ir agora?

Kit deveria dizer alguma coisa, pois conhecia muito bem a tristeza de se perder os pais. Mas apenas assentiu com um gesto de cabeça e a viu abrir a porta.

Todavia, Dianna parou e crispou as mãos caídas ao longo do corpo.

— Qualquer coisa que meu tio tenha lhe falado a meu respeito, sobre o fato de eu ser sua amante, saiba que ele mentiu. Ele mentiu!

Ela viu a expressão de incredulidade nos olhos de Kit e afastou-se depressa, antes de revelar o próprio desapontamento. Ele a desprezava, estava claro, e tinha aceitado todas as afirmações maldosas feitas por sir Henry contra ela. Que importância tinha o fato? Sparhawk também era mentiroso, um salafrário, colono grosseiro e responsável por sua condenação. Ora, havia quase desmaiado por ficar na cabine minúscula, ao lado do grandalhão! Por que, então, aborrecia-se tanto por ele não lhe dar crédito?

Kit ouviu-a bater a porta e o ruído de seus passos apressados, rumo ao passadiço abaixo. Com todos os diabos, por que Dianna tinha feito a tal afirmação sobre sir Henry? Quanto mais a mocinha negava o passado, mais ele o achava plausível. Praguejou irritado e deu um pontapé no anteparo do beliche. Não lhe sobrava escolha a não ser evitar encontrar-se com Dianna durante a viagem. Levariam dois, no máximo três meses para chegar à Nova Inglaterra. Um bom período, durante o qual teria de se manter firme.

Kit lembrou-se de como os olhos cinza-claros de Dianna tinham lhe percorrido o corpo com tanta liberdade. Praguejou novamente. Tornava-se imperioso deixá-la em paz, mas sabia que, com toda a certeza, não o faria.

CAPÍTULO V

Bem devagar, Dianna abriu a mão e olhou para o meio biscoito duro e seco que também lhe serviria de jantar. Durante as últimas quatro semanas, depois de haver terminado a provisão de alimentos frescos do veleiro, os passageiros tinham passado a receber biscoitos no horário das refeições. No início, eram três por dia, mas ali essa suposta fartura terminara. Ganhavam, agora, apenas um. A desnutrição vagarosa minava-lhes, impiedosamente, não só a força física como a de espírito também.

Sentada ao lado de Dianna no colchão, Mary Penhallow aconchegava o filho mais novo no colo. A respiração ofegante e ruidosa do menino sacudia-lhe o corpo esquelético. Ele já estava fraco demais para resistir à febre que lhe dava às faces um rosado anormal. O

arco de luz da lanterna oscilante acima realçava o desalento de Mary. Impotente, Dianna desviou o olhar.

O marinheiro que lhes trazia os biscoitos e água todas as manhãs advertia-os a não esperar tratamento melhor numa travessia durante o inverno. Bravo, o homem resmungava contra as reclamações que ouvia, alegando a falta de provisões. Ao observar-lhe o aspecto saudável, Dianna não acreditava em nessas desculpas. Mas os Penhallow e os outros passageiros discordavam de seu modo de pensar. O Prosperity era um navio cristão, o capitão um homem bom, um cavalheiro que havia prometido tratá-los bem. Questioná-lo só poderia causar problemas.

O menino pôs-se a chorar, alto. Enquanto Mary tentava acalmá-lo, Dianna foi tomada por uma revolta incontrolável. Num gesto brusco, enfiou o biscoito no bolso e levantou-se.

Lutando para manter o equilíbrio no balanço do veleiro, subiu a escadinha em direção ao passadiço superior. Não conseguia mais ficar sentada sem fazer nada. Em algum lugar do navio, devia haver alimentos e era sua intenção encontrá-los.

Sentado à mesa do capitão, Kit empurrou a cadeira para trás e inclinou a cabeça sobre os ombros. Já tinha passado do ponto de exaustão. Nem o quente ensopado de galinha ou o excelente rum servido por Abraham tinham-lhe aliviado a tensão. Para vencer o tédio e a inquietação, ele havia resolvido trabalhar por períodos diários idênticos aos da tripulação. O esforço exigido era muito grande, ainda mais levando-se em conta as tempestades típicas dessa estação no Atlântico Norte. Tão cedo não esqueceria a última nevasca que cobrira o tombadilho como uma mortalha branca e enregelara as cordas até o alto dos mastros. Durante quatorze horas, todos tinham lutado para impedir que o Prosperity fosse destruído pela ventania e pelo acúmulo de neve por todas as partes.

Apesar de inexperiente, Kit era forte e ágil, duas qualidades imprescindíveis naquela situação. Um outro homem, no mastro de proa, não havia tido sorte. Num momento, Caleb Tucker havia estado ao lado de Kit, encurtando as velas, no seguinte, havia desaparecido. Kit desejava esquecer a surpresa no olhar de Caleb quando ele pisara em falso. O pobre tinha se casado uns poucos meses antes da partida de New London. Prudence, a mulher bonita, viúva agora, havia engravidado logo. Embora Kit jurasse jamais deixá-la passar necessidade, o antigo temor o dominou novamente. Por que Caleb tinha morrido enquanto sua vida fora poupada?

— Pelos meus cálculos, Kit, vamos chegar a New London em menos de uma semana — disse Welles satisfeito ao apanhar uma vela a fim de acender o cachimbo. — O seu Prosperity é um veleiro muito dócil e obediente, sem dúvida.

— Ele pertence a Jonathan e não a mim. Sou o proprietário apenas no papel, porque o Prosperity, desde o casco até o mastro mais alto, é inteirinho de meu irmão.

Exasperava-o a maneira de Abraham tirar certas conclusões a respeito de Jonathan. Com toda a certeza, o irmão estava vivo e voltaria a capitanear o veleiro. Também não o agradava a indiferença de Abraham em relação à morte de Caleb Tucker. Nessa viagem, Kit tinha aprendido mais sobre o velho amigo do pai do que gostaria. O homem era um

marinheiro competente, porém deixava muito a desejar como companhia.

Depois de fumar o cachimbo por algum tempo em silêncio, Welles disse:

— Olhe, Kit, não desejo mal algum a Jonathan, mas se ele ainda não estiver completamente recuperado, estou à disposição para fazer também a próxima viagem do Prosperity.

— Obrigado, porém não será preciso — respondeu Kit depressa. — Tenho certeza de que Jonathan já está bem.

Se continuasse repetindo essas palavras, talvez acabasse acreditando nelas.

— Ora, Kit, você me interpretou mal. Eu não... — Welles fez uma careta e pôs o cachimbo na mesa, pois acabava de ser interrompido por batidas insistentes na porta. — Com todos os diabos, se está com pressa, entre logo! — gritou.

A primeira coisa a chamar a atenção de Dianna foi o odor apetitoso de ensopado. Ah, o cheiro delicioso de cebola e de outros temperos! De galinha, seria possível?, indagou-se ao respirar sofregamente como se o próprio ar pudesse lhe matar a fome.

— Não fique aí parada de boca aberta! — repreendeu Welles irritado. — Se tem alguma coisa para dizer, fale logo e vá embora. Seu lugar não é aqui.

Dianna estremeceu e desviou a atenção da mesa a fim de encarar o capitão.

— O senhor não dá aos passageiros a alimentação de acordo com o preço pago pelas passagens.

— Ah, não diga! Nada de gulodices e confeitaria francesa, você quer reclamar. O que uma mulher mimada entende do preço de passagens marítimas?

— Só sei que o senhor está deixando todos morrerem de fome com o propósito de encher os bolsos com a diferença!

A metade deles já está doente, quase à morte, as crianças, coitadinhas, ... — Dianna vacilou ao lembrar-se de Benjamin Penhallow.

Welles bateu a palma da mão na mesa com estrondo.

— Se a situação está tão ruim assim, por que não veio um homem reclamar em vez de mandarem uma tonta irresponsável como você para implorar?

— Ninguém sabe que eu vim. Eles não acreditam que o senhor os esteja tapeando ou que não exista neste navio mais do que um mísero biscoito para cada um por dia.

— Um biscoito por pessoa?! — perguntou Kit incrédulo. Deveria haver muito mais armazenado a bordo. — Só um biscoito por dia?!

Como não havia reparado nele sentado à cabeceira da mesa?, Dianna indagou-se ao tentar responder em tom calmo.

— Exato. Um biscoito por dia para cada um e, muitas vezes, bichado.

— Ela está louca, Kit, e não passa de uma encenqueira — Welles apressou-se a dizer. —

Você mesmo afirmou isso.

Mas Kit não estava prestando atenção.

— Saia, Abraham, e nos deixe a sós. Já. Resmungando, o capitão vestiu o casaco e saiu. Caso se preocupasse com a reputação, considerou Kit, o homem iria verificar a alimentação dos passageiros imediatamente.

Com um suspiro, ele virou-se para Dianna com a intenção de indagar mais detalhes sobre a situação no passadiço abaixo. Mas ao observá-la com atenção, achou desnecessária qualquer pergunta. Ela não havia exagerado. A fome tinha lhe encovado as faces e o vestido preto pendia-lhe solto dos ombros. Estava magérrima. Ele fizera tamanho esforço para não cruzar seu caminho que tinha acabado esquecendo os outros dezenove passageiros de seu próprio navio. Só Deus sabia o que mais o avarento do Abraham tinha feito para eles. E a culpa era toda sua. Dianna havia mencionado crianças. Crianças doentes! Deus do céu, já não carregava peso demais na consciência? Furioso, praguejou baixinho.

Dianna o observava com expressão desanimada. Apesar de parecer bem alimentado, Kit tinha os olhos avermelhados e as linhas à volta deles e da boca estavam mais acentuadas. A barba por fazer também lhe dava um ar de cansaço. Já não sentia medo dele. Se o homem a tinha deixado em paz durante as últimas oito semanas, não deveria se interessar por ela agora. Estranhamente, sentiu uma ponta de tristeza. Nessa travessia interminável e sofrida, havia se agarrado a uma imagem pouco verossímil de Christopher Sparhawk. Em vez do desdém e da traição, lembrava-se apenas da bondade com que ele tinha tomado sua defesa na mansão de sir Henry. Também não podia esquecer-se da delicadeza ao ampará-la entre os braços, naquela noite. E mais. Recordava-se da sensação reconfortante, embora inexplicável, quando ele lhe tinha dito, ou a desafiado, a chamá-lo pelo apelido. Havia estremecido ao ouvir a própria voz ao atendê-lo. Tudo não passava de tolice, repreendeu-se com severidade. Todavia, continuava a se sentir insegura e agitada na presença de Sparhawk, apesar da falta de medo. Preferia que o capitão Welles houvesse permanecido na cabine.

— Espero que tenha apreciado a sua refeição — disse ela com olhar significativo para os pratos vazios. — E também que o capitão dispense sua magnanimidade aos passageiros.

— Acho bom o infeliz cumprir minha vontade! — vociferou Kit com veemência surpreendente.

Dianna não esperava por tal reação e, furiosa, não se conteve. Com as mãos nos quadris, aproximou-se até ficar diante da cadeira de Kit.

— Então a decisão de quem passa fome é sua? Nesse caso, não é o capitão Welles quem lucra com o sofrimento dos passageiros, mas o senhor.

Kit não se deu ao trabalho de corrigi-la. Embora ela estivesse muito errada em relação a Abraham, o responsável pela situação lamentável, duvidava que acreditasse na verdade, se ele a esclarecesse. Por isso, apenas perguntou:

— Por que não veio me procurar antes?

Confusa, Dianna pensou na última vez em que haviam se encontrado e quando ele a rejeitara.

— Não me pareceu ter despertado seu interesse, Sr. Sparhawk.

— Por Deus! Eu quis dizer vir me procurar a fim de reclamar do tratamento dispensado a todos os passageiros!

Constrangida e envergonhada, Dianna corou até a raiz dos cabelos. Naturalmente Sparhawk não tinha se referido a ela. Não havia uma maneira diplomática de se corrigir. Nervosa, explicou depressa:

— Vim procurar o capitão Welles pensando que ele poderia tomar as providências necessárias. Ignorava que o senhor estivesse aqui. Se soubesse, teria vindo em uma outra oportunidade. Não estou acostumada a lidar com homens cujo comportamento não é o de um cavalheiro.

Os olhos verdes faiscaram e Kit não economizou sarcasmo ao rebater as palavras injustas.

— Conte uma coisa, milady. Como um cavalheiro enfrentaria uma situação desta natureza? Digamos, um homem refinado, de estirpe como seu tio.

Surpresa, Dianna franziu as sobrancelhas.

— Não vejo...

— Ah, acho que vê, sim — interrompeu Kit em voz mansa ao observar uma veia pulsando rápido em seu pescoço.

Ele a apossava, perseguia, desafiava de propósito e sem saber por que exatamente. Dentro de uma semana, ancorariam em New London onde um sem-número de mulheres lindas e sem complexo algum o receberiam de braços abertos. Mas por mais estranho que fosse, a perspectiva não o estimulava. Dianna Grey era arrogante e corrupta, além de estar bem suja nesse fim de viagem. Mesmo assim, Kit não podia negar a excitação que o acometera ao vê-la surgir à porta da cabine. Desde o início da travessia, ela havia atormentado os pensamentos, quer estivesse acordado, quer dormindo. Isso não o agradava nem um pouco.

Dianna mantinha-se impassível sob o olhar perscrutador de Kit, o que também o exasperava. Era orgulhosa demais essa criatura! Eslava a ponto de desmaiar de fome, entretanto, não pedira comida para si nem uma vez. Apesar de o vestido já não passar de um trapo, ela não abandonava a pose aristocrática de grande dama, tratando-o como se ele não merecesse sua atenção. Talvez essa fosse a razão para provocá-la, deixá-la tão brava com ele quanto estava com ela. Devagar, levantou-se da cadeira, satisfeito com a altura exagerada que a obrigava a erguer a cabeça a fim de fitá-lo.

— Vamos lá, milady, confesse a verdade — continuou ele com calma enganadora. — Um cavalheiro como sir Henry não daria um vintém furado por aquele bando de pobres imi-

grantes lá embaixo. O que me surpreende é o fato de uma dama, tão mentirosa como você, ler-se tornado a defensora dos oprimidos. Por acaso encontrou um favorito entre os camponeses? Lembro-me, agora, de que seu tio também não era muito refinado na satisfação dos desejos, certo?

Dianna não conteve uma exclamação indignada.

— O senhor não tem o direito de falar comigo desta maneira! Direito algum! Os Penhallow e as outras famílias me acolheram cheios de bondade e sem pré-julgar meu comportamento. Não como o senhor! Além de não esquecer as maldades e calúnias ditas a meu respeito, o senhor ainda se atreve a julgar os pecados que eu não cometi! Por que o senhor e as outras pessoas não conseguem entender? Não sou igual a meu tio!

Uma sombra de sorriso curvou os lábios de Kit.

— Só existe uma maneira de se provar sua afirmação, não é, milady?

Antes de Dianna se dar conta do que acontecia, ele a segurava pelos braços, baixando o rosto em direção ao seu. Surpresa, ela o empurrou pelo peito, num esforço inútil para se soltar, porém os lábios de Kit já prendiam os seus. Quanto mais Dianna lutava, mais o beijo tornava-se insistente, devassando-lhe a boca. Sentia na pele a aspereza da barba por fazer e, nos lábios, a maciez dos lábios dele. Tentou virar o rosto e protestar contra o ataque inesperado, mas não conseguiu. Nenhum outro homem, exceto o tio, a tinha beijado, porém esta nova experiência não se comparava à anterior, pavorosa.

Era diferente, muito diferente. Dianna não estava preparada para a virilidade de Kit, para o contato sinuoso da língua na sua exigindo uma reciprocidade que ela ignorava ser capaz de oferecer. Um langor estranho dominou-lhe o corpo. Num gesto tímido, suas mãos procuraram apoio no pescoço de Kit, os dedos entrelaçando-lhe os cabelos fartos. Ele estreitou o abraço e a levantou para mais junto de si até os pés dela ficarem bem acima do chão. Dianna, como se não tivesse peso algum, flutuava num mar de sensações novas.

A experiência de beijar Dianna ultrapassava toda e qualquer outra imaginada por Kit. Ela era menor do que se lembrava, uma criaturinha cuja pouca reserva física tinha desaparecido com a fome suportada na viagem e, agora, parecia tragada pelo seu abraço. Contudo, não havia nada frágil no ardor que demonstrava. No primeiro instante em que as bocas haviam se tocado, percebera que Dianna era diferente. As chamas da paixão queimavam nos lábios dela numa promessa estimulante. Havia ainda uma certa melancolia inesperada, um quase pudor em mostrar-se receptiva, que o cativava. Ele tentou convencer-se de que tal demonstração de inocência não passava de fingimento, mas mesmo assim, o beijo iniciado com raiva transformava-se em algo diferente.

Talvez não fosse raiva, mas o fato de Caleb Tucker estar morto e Dianna Grey encontrar-se viva. Gloriosa e maravilhosamente viva, fazendo-o sentir-se vivo também. Os lábios de Kit deslizaram da boca ao queixo, procurando depois o ponto sensível atrás da orelha. Ela gemeu de surpresa e prazer. Mas, nesse exato momento de arrebatamento, a consciência atordoada de Dianna despertou. Por que o escravo deixava agir dessa forma? Percebeu a

própria respiração ofegante e sentiu uma euforia injustificável ao ouvi-lo murmurar seu nome. Apertou bem os olhos como se pudesse, dessa forma, negar a verdade vergonhosa. Kit a tinha tomado nos braços, beijado, e ela mal oferecera resistência. Pior ainda, havia apreciado a carícia e retribuído com abandono. Kit tinha razão. Ela era tão libertina quando sir Henry alegava. Com esforço, lembrou-se do motivo de sua vinda ali. Pense em Mary Penhallow, em Benjamin e nos míseros biscoitos bichados.

Retorceu-se nos braços de Kit a fim de se soltar. Nova tentativa inútil.

— O senhor vai dar comida aos passageiros de agora em diante, não vai? — perguntou em voz incerta.

— Quietinha, doçura, este não é o momento para se conversar — disse Kit para, em seguida, cobrir-lhe o pescoço de beijos.

Dianna estremeceu em reação às carícias. Mas não permitiu que o desejo insensato vencesse. Numa atitude resoluta, firmou as mãos nos ombros dele e o empurrou enquanto tentava se expressar em tom severo:

— Por favor, preste atenção. Quero que jure, Sr. Sparhawk, dar aos passageiros a alimentação adequada que, aliás, já foi paga.

— Outra vez Sr. Sparhawk?! Você retribuiu meus beijos como se tivesse fogo nas veias e, depois, me trata por "senhor"?!

Sem a mínima consideração, soltou-a e Dianna escorregou ao longo de seu corpo de maneira desajeitada. Recuou devagar enquanto massageava os braços por onde ele a prendera. O gesto feriu o orgulho de Kit quase tanto quanto suas palavras. Sentia-se perversamente desapontado ao perceber que ela, mais uma vez, o tinha sobrepujado. O próprio desejo tinha sido genuíno demais. Crispou as mãos às costas e fitou-a com frieza.

— Por favor, Dianna, diga se está me propondo uma barganha.

Nervosa, ela engoliu em seco. Não havia indício de afetividade alguma no semblante inflexível. Por um lado, lamentava que ele a tivesse libertado com tanta facilidade, mas a atitude grosseira trazia-lhe de volta o bom senso.

— O senhor é mercador, comerciante — declarou com desdém e conseguindo dar de ombros. — Se essa é a linguagem que entende, então sim, vamos barganhar.

Kit imaginou se ela se entregaria a Welles, caso o tivesse encontrado sozinho ali. Talvez já houvesse feito isso em outra ocasião.

— Uma simples transação entre nós dois apenas? Dianna assentiu com um gesto de cabeça. Seus pensamentos estavam confusos. Não possuía nada para oferecer, exceto as roupas, e ele não ignorava isso. Seu pedido era simples e fácil de ser atendido. Por quê, então, Sparhawk tentava complicar a situação?

Os músculos do rosto de Kit estavam enrijecidos de tensão e os olhos apresentavam a mesma frieza do mar esverdeado à volta do veleiro.

— De onde venho, milady — começou ele em tom beligerante —, existe uma palavra para

mulheres que se vendem em troca de favores. E não c "comerciante".

Dianna não conteve uma exclamação de revolta.

— O senhor não passa de um trapaceiro vil, odiento, uma serpente desprezível, um... um... Ah, vá para o inferno! — exclamou ao estapeá-lo com tanta força que a palma da mão ardeu dolorida. — Eu o odeio e queria jamais tê-lo conhecido.

— O sentimento é recíproco, madame! — respondeu Kit. As marcas dos dedos de Dianna queimavam-lhe a face. Só com grande esforço conseguiu se controlar. Caminhou até a porta, que escancarou num gesto impetuoso.

— Vá embora! Suma da minha frente! Resta menos de uma semana para a viagem terminar. Se não deseja que eu a estrangule nesse meio tempo, fique lá embaixo e fora do meu caminho!

Dianna eslava brava demais para responder. Batendo o pé, soltou um grito de frustração. Havia falhado completamente e odiava-se por voltar de mãos vazias para junto dos companheiros. Foi então que seus olhos recaíram na tigela onde ainda havia uma boa porção do ensopado de galinha. Apanhou-a com duas mãos c, firmando-a de encontro ao peito, passou depressa por Kit, rumando em direção ao passadiço abaixo.

Atônito, ele a viu desaparecer abraçada ao troféu conquistado. Bateu a porta c voltou a sentar-se à mesa. Com o olhar fixo na mancha de umidade deixada pela tigela na madeira, refletiu sobre as contradições irritantes de Dianna Grey.

A manhã em que o Prosperity finalmente chegou a Saybrook estava fria e clara. O vento de março tinha varrido as nuvens do céu, que se mostrava de um azul profundo. Quando correu a notícia de que a viagem eslava prestes a terminar, os passageiros subiram depressa ao tombadilho. Iam ter a primeira visão de sua nova terra. Mas enquanto todos tagarelavam excitados à volta, o entusiasmo de Dianna evaporou-se. O veleiro acabava de rodear Lynde Point, trazendo a cidade para o campo de visão.

Não, admitiu desapontada. "Cidade" era uma palavra muito pomposa para designar a fileira de construções miseráveis ao longo do ancoradouro. Moradias e casas comerciais apresentavam o mesmo aspecto rústico, precário. Todas eram baixas, de madeira sem pintura e já acinzentada pela exposição às intempéries. Não havia árvores por perto para amenizar a aparência desoladora e apenas viam-se barro, neve suja e chumaços de fumaça arrancados das chaminés pelo vento.

Dianna torceu as mãos nas dobras da capa gasta, tentando imaginar-se naquele cenário. Recebera educação esmerada. Sabia ler e escrever, fazer contas, tocar espineta, cantar, falar francês fluentemente e um pouco de italiano. Mas nenhum desses predicados teria valor algum ali, exceto se a pessoa que quisesse seus serviços, em pagamento da passagem no Prosperity, tivesse um certo nível de refinamento. Mas Saybrook não era, definitivamente, um centro cultural.

Desviou o olhar para o capitão à roda do leme e logo sentiu-se segura. Ele era um homem bom, apesar da maneira rude de se expressar. Podia confiar nele. Desde o

momento do embarque, o capitão demonstrara civilidade ao mandar soltar os grilhões que a prendiam. A maioria dos nobres da corte não teria a mesma atitude, ponderou com uma ponta de ironia. Além disso, ele tinha arriscado provocar o desagrado do patrão quando passara a levar alimentação suficiente aos passageiros. O capitão Welles havia prometido arranjar-lhe uma boa família que comprasse seu contrato de trabalho e Dianna estava certa de que não falharia.

Mais uma vez, agradeceu a Deus por seu futuro não depender de um homem tão imprevisível como Christopher Sparhawk.

A notícia do retorno seguro do Prosperity espalhou-se por Saybrook e logo uma pequena multidão começou a se formar diante do cais. Mães, esposas, algumas carregando bebezinhos, crianças excitadas com o evento, amigos vizinhos... grande parte da população local conversava animada, o hálito condensando-se no ar frio.

Assim que o navio encostou, aos trancos, no cais irregular de pedras arredondadas, as pessoas subiram a bordo e um encontro alegre teve início. A felicidade reinante era contagiante; e Dianna, sem perceber, sorriu. Havia percorrido uma distância imensa, numa viagem penosa, mas chegava em segurança. Certamente, nada muito pior a aguardava na nova terra.

Acima do grande número de cabeças, ela localizou Kit. Ele estava sem chapéu, os cabelos compridos esvoaçando ao vento. Contra sua vontade, uma sensação estranha a dominou. Kit! estava rindo numa demonstração de prazer com a chegada. Porém seus olhos, ao percorrer os rostos à volta, não revelavam alegria. Dianna imaginou a quem ele estaria procurando.

De repente, a expressão de Kit transformou-se de risonha para solene. Em poucos passos, ele desceu a rampa de desembarque e foi ao encontro de uma jovem de cabelos castanho-claros. Ela corou encabulada quando Kit tomou-lhe as mãos. Era bonita, notou Dianna desconsolada. Muito bonita. E apesar da pesada capa que a envolvia, seu estado adiantado de gravidez era óbvio. O Prosperity tinha ficado fora durante sete meses, mas houvera tempo suficiente antes da partida.

— Ah, ele já encontrou Prudence Tucker — comentou um marinheiro para a mulher ao lado. — Pobre moça! Ainda bem que conta com o Sr. Sparhawk para cuidar dela daqui em diante.

— Olhe as crianças — murmurou a mulher com um aceno de cabeça em direção a dois meninos agarrados ao paletó do pai. — Eles ainda são muito novos para ouvir e aprender certas coisas.

Um calafrio, que nada tinha a ver com o vento gelado, percorreu o corpo de Dianna. Lembrava-se muito bem do escândalo na corte quando uma de suas amigas havia se deixado seduzir por um cortesão atraente, um dos favoritos da rainha. Tratava-se de um conde. Ele tinha engravidado a moça, matado! seu irmão em um duelo e a pobrezinha, desesperada, cometera suicídio afogando-se. O conde e todo o resto da sociedade londrina tinham apenas considerado o incidente desagradável e, dando de ombros,

voltado às festas da corte na semana seguinte, como se nada houvesse acontecido.

Então, Kit Sparhawk não era tão cruel como o conde, concluiu Dianna, embora duvidasse que ele se casasse com a moça a fim de salvar-lhe a honra e dar nome ao filho. Talvez Kit já fosse casado, conjecturou enquanto observava o casal se afastar devagar, a moça apoiando-se no braço dele.

Dianna estremeceu. A alegria da manhã tinha desaparecido. Em que situação se encontraria agora, caso houvesse se entregado a Kit e ficado grávida? Ela havia chegado perigosamente perto do ponto de perder o bom senso e se deitar com ele. Que Deus a protegesse! Tinha sido fraca e Kit, forte. O beijo e o contato com ele haviam-lhe incendiado o corpo de uma forma de que não se julgava capaz, deixando-a disposta ao abandono total. Fora Kit quem tinha parado a tempo. Mais uma vez, ela ouviu a voz atormentadora do tio e as acusações maldosas. Na Nova Inglaterra ou na velha, certos fatos não mudavam jamais.

Durante a semana seguinte, Dianna continuou a bordo do Prosperity enquanto o capitão Welles procurava um comprador para seu contrato de trabalho. Pela maneira com que ele a evitava, ficava claro que não estava sendo fácil como havia esperado. Ela se sentia deprimida por não saber que rumo tomaria sua vida daí em diante. Com firmeza, determinava-se a não se preocupar e a lutar contra a insegurança. Ainda contava com a companhia dos Penhallow, que ficariam a bordo por mais alguns dias. Logo, eles iniciariam a viagem de carroção para as suas novas terras no oeste.

Num entardecer, Dianna e Eunice distraíam-se no tombadilho jogando pedacinhos de biscoitos na água para ver as gaivotas apanhá-los. Dianna havia tido o cuidado de escolher bombordo, longe do cais e de Kit, que supervisionava o descarregamento do porão. Com frequência, ouvia-lhe o riso acima da tagarelice de Eunice e ficava tensa. Que razões teria ele para se mostrar tão alegre? Se tivesse a finura de um cavalheiro como alegava, não estaria fazendo algazarra ao lado de marinheiros subalternos. Poderia muito bem sumir dali a fim de deixá-la esquecer que jamais o tinha conhecido. Brava, atirou um pedaço de biscoito na cabeça de uma gaivota, aborrecida por não ter atingido a de Kit.

De repente, um estardalhaço no cais assustou os pássaros, fazendo-os levantar vôo em várias direções. Todos os marinheiros, aclamando e gesticulando, correram para estibordo. Curiosa, Eunice apressou-se à se juntar a eles e Dianna a acompanhou, mal contendo a impaciência.

— Ai, Deus do céu! Sabe quem é, Dianna? — perguntou a menina com os olhos arregalados. — Só pode ser o capitão Jonathan Sparhawk em pessoa! Imagine, todos pensavam que tivesse morrido!

Dianna olhou para o homem montado num garanhão preto que, com o chapéu de três pontas na mão, acenava para a tripulação enquanto se aproximava a galope. Ele usava um paletó vermelho com galões e botões dourados. A gravata esvoaçou por sobre o ombro quando ele, com grande agilidade, fez a montaria parar bem junto ao cais. A dificuldade com que o homem desmontou, surpreendeu a Dianna. Mas então, notou como

ele se firmava mais na perna direita e, depois, desamarrava da cela uma bengala de topo de cobre.

Mesmo se Kit não houvesse pulado sobre ele, quase derrubando-o de lado com a impetuosidade da recepção, Dianna teria adivinhado tratar-se de dois irmãos. Eram muito parecidos um com o outro. Abraçavam-se, riam e gritavam como se estivessem loucos. Jonathan era uns poucos centímetros mais baixo do que Kit e tinha os cabelos tão negros quanto o pêlo do garanhão. Porém, possuía a estatura avantajada e os olhos verdes como os de Kit. Também o mesmo encanto perigoso, concluiu Dianna.

— Que dupla fantástica! — comentou Eunice com um suspiro. — Um mais bonito que o outro! Dois!

— Problemas dobrados para atormentar as mulheres — comentou Dianna mal-humorada. Todavia, não desviou o olhar dos dois irmãos.

Após a primeira onda de efusividade, Jonathan virou-se para o Prosperity e viu as duas moças debruçadas no gradil, observando-o.

— Por tudo que é mais sagrado, Kit, você trouxe mulheres no meu querido veleiro! — exclamou entusiasmado. — Lindas, por sinal. E eu morrendo de pena de você por só contar com a companhia de Abraham!

Kit fez uma careta e praguejou baixinho.

— A mais nova é uma coitadinha acompanhada da família inteira, e a outra significa problemas sem-fim.

Em poucas palavras, ele contou o passado de Dianna, mas tendo o cuidado de não mencionar seus encontros com ela.

— Uma dama dada à malandragem! — comentou Jonathan com olhar sugestivo. — Mas continua sendo uma graça de menina com aquela cabeleira loira.

— Não, Jonathan — Kit corrigiu depressa. — É a linda com cabelos escuros.

Pensativo, Jonathan coçou o queixo. Tinha passado noites incontáveis na companhia do irmão, em conquistas amorosas. Por isso mesmo, sabia que a mocinha loira não era do tipo muito apreciado por Kit. Quanto a outra, a explicação dada não lhe pareceu muito convincente.

— Abraham espera ganhar dez guinéus. Não acho que ela valha metade disso, mas se quiser, posso comprá-la para você. — Malicioso, sorriu. — Para aquelas noites frias em Plumstead.

— Você lucrará mais se jogar seu dinheiro no rio em vez de gastar nela! — advertiu Kit assustado. — Não quero saber dessa criatura nem a cinquenta quilômetros de Plumstead.

Kit viu o brilho nos olhos do irmão e percebeu ter mostrado as cartas. Praga de moça! Não precisava ter se exibido para Jonathan! Nessa noite, em alguma taverna, com toda a certeza a história inteira lhe escaparia. E Jonathan, assumindo expressão dogmática, o

acusaria de ser um velho estúpido.

Porém lembrou-se de como, por pouco, não tinha perdido a camaradagem e as provocações do irmão para sempre. Pela primeira vez, notou como Jonathan firmava-se na bengala. Apesar do sorriso, percebia-se o esforço refletido em seu semblante. A cavalgada devia ter lhe provocado muita dor. Passou o braço por suas costas, oferecendo-lhe apoio, e preocupou-se com a rapidez do irmão em encostar-se nele.

— Vamos embora, Jon. Nós dois temos muito para conversar e há lugares bem menos frios para se fazer isso.

Mas antes Jonathan olhou para o veleiro e acenou com o chapéu para as duas moças. Baixinho, disse a Kit:

— Dez guinéus c ela será toda sua. Pode classificá-la como um presente meu para você.

Eunice riu alegre com a atenção recebida, porém Dianna preferia que Kit, e não o irmão, tivesse feito o gesto. Com o capitão Jonathan Sparhawk supervisionando o Prosperity daí em diante, não haveria mais necessidade da presença de Kit ali. Talvez essa fosse a última vez em que o visse.

— Dianna Grey! — soou a voz irritada do capitão Welles e Dianna imaginou quantas vezes ele a tinha chamado antes. de ser ouvido. — Venha cá, menina! Não tenho tempo a perder.

Havia um estranho ao lado do capitão. O olhar perscrutador! com que a examinava fez Dianna corar constrangida. Ele usava um chapéu de aba larga e com uma fita enfeitada de contas, um casaco preto e comprido como o de um sacerdote c perneiras de couro cru ensebado. Não era alto, mas bem atarracado, e tinha as pernas arqueadas para fora. As pontas de cabelo vistas abaixo do chapéu eram brancas e ralas, sem, contudo, dar uma idéia de sua idade. Os ossos do rosto pareciam amontoados sob a pele empedernida. Dianna temia que o homem fosse tão grosseiro quanto a aparência, sem sensibilidade, gentileza e bom humor.

— Pare de ficar olhando embasbacada feito uma tola, menina! — esbravejou o capitão. — Não vai ganhar nada se continuar fazendo seu novo patrão esperar!

CAPÍTULO VI

Protegida contra o vento, Dianna sentava-se no tombadilho da chalupa Tiger, com as costas apoiadas na escotilha de popa. Estava ali desde a partida de Saybrook, de manhã. Preferia ficar nesse lugar e não no ar abafado da cabine lá embaixo, onde o novo patrão e dois outros passageiros entretinham-se num jogo interminável de dados. Frequentemente, ouvia a voz de Asa Wing acima das demais e imaginava se ele tinha ganhado ou perdido.

Além do nome, a única coisa que sabia do homem era que gostava de jogar. Ele não a tinha informado nada sobre si mesmo ou para onde iam. Ignorava até por que havia

comprado seu contrato de trabalho. Era evidente que ele não estava acostumado a ter serviçais e também, até o momento, não se mostrara interessado nela de maneira licenciosa como o tio. Na verdade, o homem não tinha revelado interesse de espécie alguma sobre sua pessoa.

Dianna apoiou a cabeça nos braços. Detestava a sensação de desamparo e a idéia de que um completo estranho controlaria sua vida durante os sete anos futuros. Sete anos! Estaria com trinta quando terminasse o período de prestação de serviços em pagamento da passagem no Prosperity. Velha demais para arrumar um marido. Enquanto o pai era vivo, ela jamais se importara com o tamanho reduzido da família, mas depois de dois meses de convivência com os Penhallow, suas aspirações cresceram. Imaginava-se no próprio lar, cuidando de crianças e do marido que, para desalento seu, parecia-se sempre com Kit Sparhawk.

Dianna suspirou e afastou os cabelos do rosto. Embora jamais tivesse se apaixonado, percebia como estivera prestes a envolver-se com Kit. Tentava esquecer o sorriso encantador e o poder estimulante de seus beijos. Esforçava-se por lembrar-se da teimosia em considerá-la indigna e má, e da maneira desumana de negar alimentação suficiente aos passageiros do veleiro. Também era preciso manter, bem vívida na mente, a imagem da moça grávida que o recebera em Saybrook.

Era melhor mesmo que fosse para bem longe. Se Deus ajudasse, jamais voltaria a ver Kit. Havia outros homens tão atraentes quanto ele e um, quem sabe, poderia amá-la com dedicação e como Kit Sparhawk jamais o faria.

Dianna desviou o olhar para a água. O rio tinha ficado mais estreito e raso. A superfície encrespada mudara de verde para prateado e quase não se percebia mais o odor acre do oceano, sinal de que a água salgada cedia lugar à doce. O panorama também já não era o mesmo. Primeiro, a cidade fora substituída por fazendas bem divididas, com casas e currais no centro de campos salpicados de neve. Depois vieram as campinas agrestes, onde as grandes árvores tinham sido cortadas há muito tempo a fim de suprirem madeira e lenha para os colonos. Mas outras haviam brotado e lutavam para crescer entre os tocos das antigas. Todavia, agora que o sol se aproximava do poente, a quantidade de árvores era imensa. Os galhos escuros, ainda sem folhas, debruçavam-se sobre o rio, muitas vezes roçando o mastro da chalupa. Viam-se ainda rochas e amontoados de neve congelada.

— Olhe, moça, é melhor comer um pouco.

Sobressaltada, Dianna virou-se depressa e viu Asa abaixar-se a seu lado para lhe dar um pedaço do pão que comia. Ele usava sapatos de sola macia, costurados a mão, e que abafavam o ruído dos passos.

Enquanto mastigava, ele virou uma ponta de sua capa e passou a mão no forro de pele.

— Quanto vocês londrinas pagam por uma peça como esta? — perguntou curioso.

— Não me lembro muito bem — respondeu Dianna. — Sete, talvez oito guinéus. Meu pai comprou esta para mim.

Asa soltou uma exclamação de incredulidade.

— Muito dinheiro para pele de lebre.

— Não, é de castor. Madame du Paigne não venderia lebre em sua loja.

— Nada disso, menina, c lebre mesmo — contradisse ele em tom amistoso e nem um pouco impressionado com madame du Paigne e sua loja. — Foi tingido e o pêlo aparado, mas os bichinhos cresceram pulando, não nadando.

Ele tirou a rolha de um pequeno frasco de barro e levou-o à boca. Após beber uns goles, suspirou satisfeito, limpou o gargalo com o polegar e ofereceu-o a Dianna. Ela sacudiu a cabeça em negativa, porém resolveu aproveitar o bom humor do patrão. Ele devia ler ganhado no jogo de dados.

— Para onde vamos indo? — indagou.

— Wickhamton.

Se houvesse dito Lua teria sido a mesma coisa para Dianna.

— É onde o senhor mora?

— Mais ou menos perto. A casa é de Mercy agora.

— Mercy é sua mulher?

— Não. Aquela criatura de língua afiada foi embora há tanto tempo que eu nem me lembro mais de sua cara. Mas sinto muita falta do nosso rapaz — acrescentou com tristeza. — Tenho tantas saudades de Tom.

Asa recolocou a rolha no frasco e apontou para a curva do rio um pouco adiante. Na margem havia uma construção quadrada de madeira.

— Esta noite, vamos dormir na pousada de Brockton. Não havia ancoradouro e Dianna imaginou se esperavam que ela desembarcasse passando pela água gelada, ou pior, carregada por alguém. Mas quando a chalupa chegou bem perto da margem, um dos tripulantes estendeu uma tábua longa e fina, do barco à terra, para servir de prancha aos passageiros. Asa foi o primeiro a descer c Dianna, depressa, o seguiu. Foi um tanto precipitada. Para surpresa sua, a tábua ainda balançava com os passos pesados do patrão c a impulsionou para cima. Num gesto instintivo, estendeu os braços para os lados, como um equilibrista numa corda, e manteve o olhar firme para a frente. Quando pisou em terra, ouviu as gargalhadas dos marinheiros a suas costas. Eles esperavam que ela tomasse um bom banho para se divertir às suas custas. Pois tinham se enganado, pensou mal-humorada ao acompanhar Asa.

Dianna não se deu conta do quanto estava com frio até entrar na pousada e sentir o calor reconfortante da lareira. Havia só um aposento, sendo as paredes de toras de madeira descascada c o chão de terra batida. Cinco homens, todos vestidos no estilo de Asa Wing e com o chapéu na cabeça, sentavam-se em bancos à volta da mesa comendo e bebendo. Em frente à lareira, uma mulher negra de porte altivo e brincos enormes nas orelhas furadas, mexia em caldeirões. Um sexto homem encostava-se à parede enquanto

fumava um cachimbo holandês de barro. Todos, entre estarecidos e curiosos, encararam Dianna.

— Você já não passou um tanto da idade para arranjar uma rameira, Wing? — perguntou o homem em pé, expressando o pensamento geral. — Como conseguiu convencer a moça a acompanhar essa sua velha carcaça?

Asa pôs a mão no ombro de Dianna.

— Guarde seus pensamentos sujos para você mesmo, Brockton. Esta aqui é uma dama e não uma rameira. Está indo comigo para me ajudar a cuidar de Mercy. — Virou-se para ela e recomendou em tom firme: — Fique perto de mim, Annie, e esses patifes não se atreverão a incomodá-la.

Esta era a primeira vez não só que alguém lhe abreviava o nome Dianna para Annie, como também que Asa não a tratava por "moça". Fitou-o comovida. Ele lhe defendia a honra. Não havia outra interpretação para sua atitude. O patrão a considerava uma dama c, mesmo ali naquela pousada rústica, perdida no agreste, ele insistia para que a tratassem como tal. As indagações quanto a suas tarefas c sobre quem era Mercy, pareceram-lhe irrelevantes de repente. Finalmente, ia ter um novo início de vida. O gesto de Asa transmitiu-lhe mais calor do que o fogo da lareira e, com um sorriso acanhado, sentou-se no banco, ao lado dele, a fim de jantar.

Comeram feijão temperado com melado c carne de porco e beberam um tipo de sidra densa e adocicada. Quando terminaram a refeição, os utensílios de madeira foram tirados da mesa e esta, bem como os bancos, encostados na parede. Cada homem enrolou-se num cobertor, ou casaco, e deitou-se no chão para dormir. Com grande relutância, Dianna os imitou. Duvidava que conseguisse pegar no sono com esse bando roncando c ressonando tão perto.

Não poderia estar mais enganada. Quando voltou a ter consciência do lugar, a mulher que vira preparando as refeições a sacudia para acordá-la. Mal teve tempo para tomar o café da manhã, pois Asa já estava pronto para partir. Encontrou-o à beira do rio, ao lado de uma canoa longa, colocando as trouxas de bagagem nela. Com ele, estava um rapaz magro, de pele muito branca, cujos cabelos desbotados alcançavam-lhe a cintura. Os olhos, de um azul pálido, tinham uma expressão vaga e estranha.

— Daqui para a frente, vamos por conta própria — explicou Asa. — Tenho de fazer algumas paradas pelo caminho, mas chegaremos a Wickhamton no fim de três dias, espero. Este aqui é Jeremiah. Ele vai remar a canoa.

O rapaz claro encarou Dianna, porém não lhe retribuiu o sorriso. Ela recuou diante de sua atitude desconcertante.

— Você não deve se importar com Jeremiah. Ele não é bom da cabeça :— disse Asa. — Quando era pequeno, foi capturado pelos índios Abenaki. Morou seis anos com eles, até a família encontrá-lo e pagar seu resgate. Mas então, o coitado já era mais pele vermelha do que branco c meio amalucado. É um ótimo remador e fala muito pouco, uma boa qualidade.

— Que história, mais triste — murmurou Dianna, embora continuasse a achar a expressão dos olhos de Jeremiah muito perturbadora. — Graças a Deus, não há mais índios por aqui.

Asa limpou a garganta.

— Isso é o que vocês londrinos acreditam, mas nós destas paragens sabemos que a história é bem diferente. Na verdade, os índios não aparecem com frequência, só mesmo quando têm uma razão especial. Quase sempre, se mantêm afastados, exceto em casos como o de Deerfield, em que causaram problemas. Essa foi uma história triste e lamentável. Mas há índios bons e índios maus, como acontece com os brancos. Se eu soubesse o que os irrita, estaria sentado em Boston, ao lado dos lordes com suas perucas imponentes.

— Há índios em Wickhamton? — Dianna quis saber. Asa deu de ombros.

— Não, quer dizer, não a ponto de amedrontá-la. Se eu fosse você, me preocuparia com outras coisas como ursos, cobras, gatos selvagens, e não com índios. — Ele amarrou a última trouxa com tiras de couro cru e, em seguida, disse: — Agora suba, Annie, senão, vamos ficar aqui conversando até o verão.

Nem um pouco tranqüilizada, Dianna acomodou-se no centro da canoa. Naturalmente, ela havia lido sobre os índios, porém Asa estava certo quanto à opinião a respeito dos londrinos. Todos adoravam as histórias assustadoras sobre selvagens perigosos, em especial aquelas em que eram derrotados pelos valorosos ingleses. Entretanto, ela não esperava que estivessem na vizinhança de sua nova moradia, como também não tinha considerado a possibilidade de enfrentar os animais mencionados por Asa. Agora, atrás de árvores e rochas, imaginava ver índios escondidos, ursos e cobras. Foi um alívio quando Jeremiah empurrou a canoa que começou a flutuar devagar pela superfície do rio.

Como Asa esperava, alcançaram o destino no prazo esperado. Ao anoitecer do terceiro dia, puxaram a canoa para a margem do rio como tinham feito nos dois anteriores. Mais dessa vez, Asa e Dianna se separaram de Jeremiah e rumaram para a mala. Após meses de inatividade, ela não se encontrava em condições físicas para acompanhar os passos rápidos do patrão. Embora ele parasse com frequência a fim de deixá-la descansar, Dianna continuava com a respiração ofegante e sentindo uma pontada no lado direito, abaixo da cintura. Estavam no mês de abril, mas mesmo assim, a neve ainda cobria boa parte do solo e logo grudava-se nos sapatos de Dianna, enregelando-lhe os pés a ponto de deixá-los amortecidos. Ela não fazia idéia há quanto tempo andavam e que distância tinham percorrido. Tinha a impressão de que caminhavam em círculos, cruzando sempre a mesma área da mata iluminada pelo luar. Quando já estava prestes a romper num choro de exaustão e frio, Asa parou e apontou para uma clareira um pouco mais adiante.

— Chegamos afinal, Annie — disse satisfeito. — Vai gostar de Mercy, tenho certeza. Vocês duas têm muito em comum.

A casa, no centro da clareira e bem visível sob o luar, estava longe de ser o que Dianna esperava. Era muito pequena, com telhado pontiagudo no centro e atingindo um nível

bem baixo na parte de trás. Construída de tábuas escuras e sem pintura, não tinha decoração alguma exceto fileiras de cabeças de pregos batidos nas bordas da porta maciça. As janelas não passavam de aberturas estreitas, fechadas com oleado e não com vidro ou folhas de madeira.

Afoito, Asa percorreu os últimos melros mais depressa ainda e soltou a corda que mantinha a porta fechada.

— Mercy, minha menina, venha dar um beijo no seu avô! — grilou ao olhar para dentro. — Que bom você ainda não estar deitada, pois vai conhecer uma pessoa que eu trouxe para ajudá-la a cuidar da casa — acrescentou entrando acompanhado por Dianna.

— Não preciso da ajuda de ninguém, vovô — protestou uma voz infantil, em tom angustiado.

A única luminosidade no aposento vinha de umas parcas brasas na lareira e foi com certa dificuldade que Dianna conseguiu localizar a figura de Mercy. A menina tinha faces rechonchudas, nariz arrebitado e cabelos prelos, a julgar pelas pontas que escapavam da touca de linho. Estava enrolada num xale de lã e usava luvas com divisão só para o polegar. Num gesto nervoso, retorcia a ponta do aventalzinho. Devia contar uns seis ou sete anos e Dianna ficou chocada com o fato de uma criança dessa idade ser deixada sozinha naquele fim de mundo. Não era de se estranhar que se mostrasse amedrontada.

— Se ao menos o senhor tivesse deixado eu ficar em Plumstead, não precisaria...

— Não é não, Mercy. Não vamos mais falar sobre isso — declarou Asa severo.

A menina curvou os ombros num gesto de desânimo. Naquela meia-luz e encolhida, ela parecia tão solitária e infeliz como tantas vezes ela mesma se sentira, reconheceu Dianna num misto de piedade e ternura pela criança desamparada.

— Mercy, meu nome é Dianna, Dianna Grey — disse com suavidade ao estender-lhe a mão. — Espero que você e eu sejamos amigas c...

Mercy a interrompeu e sacudiu a cabeça com energia. . — Nada disso. Não quero saber de você, entendeu? — declarou a menina com a voz embargada. — Não quero saber de você! — repeliu e, de cabeça baixa, passou por eles correndo para desaparecer porta afora.

Dianna chamou-a pelo nome e começou a segui-la, mas Asa a reteve e fechou a porta sem fazer barulho.

— Ela vai voltar quando sentir vontade. Foi chorar no curral, entre os animais. Não se preocupe, Mercy não corre perigo algum.

Com um suspiro de desânimo, ele reavivou as brasas da lareira e colocou mais lenha. Em seguida, sentou-se no banquinho tripé abandonado pela neta.

— Mas onde estão os pais dela? Naturalmente, uma menina dessa idade...

— Morreram, os dois, de uma doença terrível. Meu filho Tom e sua mulher Lucy. Pobre Mercy! Ela não aceita o fato como a vontade de Deus. Não entende por que foi poupada e

os pais, levados para sempre. Chora e sofre demais para uma criança tão novinha. Agora pode entender por que ela precisa tanto de você.

Não era de admirar a atração e simpatia que sentira por Mercy, refletiu Dianna dominada pela tristeza.

— E esse lugar que ela mencionou, Plumstead?

— Ah, essa é a casa grande e confortável do coronel — respondeu Asa com rispidez. — Esse homem comporta-se por aqui como se fosse um lorde. O meu filho o chamava de amigo e, por isso, ele quer tirar Mercy de mim. Alega poder cuidar melhor da menina. Pode ser, porém ela é a única pessoa do meu sangue que me resta neste mundo. Na minha opinião, os membros de uma família devem ficar juntos.

Dianna friccionou os braços para aquecê-los e olhou para a porta.

— Tem certeza de que não deveríamos ir buscá-la? Está uma noite tão fria!

Asa sacudiu a cabeça.

— Não. É melhor para Mercy pensar na situação sozinha. Quando tiver se acalmado, ela volta. — Levantou-se com certa dificuldade e informou: — Vou lhe mostrar onde pode dormir. É ali, em cima no jirau.

Apesar de exausta, Dianna não adormeceu até ouvir Mercy entrar. Quase sem fazer barulho, a menina trancou a porta, passou pelo avô, já ressonando ali embaixo, e subiu ao jirau. Pela sua respiração, Dianna percebeu que ela também não dormia, porém respeitou-lhe o direito de sofrer em silêncio. Definitivamente, elas tinham muito em comum.

CAPÍTULO VII

Dianna pretendia levantar-se cedo na manhã seguinte e preparar logo o café da manhã para Asa e Mercy. Mas quando acordou, percebeu que os dois já haviam saído de casa. Depois de passar três meses dormindo no chão, uma noite acomodada em cama, apesar de o estrado ser de corda trançada e o colchão de palha de milho, a tinha reduzido a uma preguiçosa irresponsável.

Lavou-se depressa com a água de um balde encontrado junto à escadinha do jirau, esperançosa de que Asa não a tivesse ido buscar no poço, especialmente para ela. Em seguida, trançou os cabelos como Eunice a havia ensinado no Prosperity e, então, enfrentou o problema sobre o que vestir. Como Asa houvesse reparado na condição de seu vestido preto, reduzido a um verdadeiro trapo, tinha lhe dito para procurar roupas no baú. Ao remexê-lo, Dianna separou uma camisa e calções de linho alvejado, muito macio. Quando os vestiu, deliciou-se com a textura na pele. Depois, pôs uma saia de lã grossa, vermelha escura, e uma blusa de tecido misto de lã e linho. Esta era fechada atrás com

um cadarço trespassado que lhe custou um grande esforço c várias tentativas para amarrar. Maldisse a vida mimada por criadas que a tinha deixado tão desajeitada para se vestir. Finalmente, colocou um avental e desceu a escada do jirau para o cômodo espaçoso, usado como cozinha, depósito e sala.

Com as mãos nos quadris, percorreu os olhos ao redor, tentando se familiarizar com o ambiente antes de começar a preparar o café. O fato de não ter a mínima experiência em cozinhar não a perturbava. A tarefa não podia ser muito difícil, pois algumas das cozinheiras na casa do pai, apesar de pouco instruídas, preparavam pratos deliciosos. Resolveu fritar ovos. Além de os homens em geral apreciá-los de manhã, havia uma cesta grande, cheia deles, em cima da mesa. Mas primeiro, precisava reavivar o fogo c, para tanto, foi lá fora em busca de lenha.

A pilha não ficava longe da porta e, por precaução, Dianna escolheu a acha mais grossa do topo. Era bem pesada, percebeu satisfeita ao retornar. Porém antes de entrar, avistou Mercy vindo do curral com um balde de leite.

— Bom dia! — gritou alegre. — O tempo amanheceu muito bom, não acha?

Já mais perto, Mercy parou estupefata e empalideceu ao observar Dianna da cabeça aos pés.

— Você não é minha mãe! — declarou começando a recuar, o leite respingando em seus tamanquinhos. — Você pode ocupar o lugar dela nesta casa, usar suas roupas, mas nunca vai ser minha mãe!

— Mercy, espere, por favor! — pediu Dianna, porém a menina voltava para o curral deixando uma trilha de leite pelo caminho.

Naturalmente a criança tinha de ficar ressentida ao vê-la com as roupas da mãe, censurou-se Dianna por não ter mais consideração por seus sentimentos. Depois do café, tentaria ter uma boa conversa com Mercy. Com um suspiro, pôs a lenha sobre as brasas da lareira, espalhou as cinzas com um espeto de ferro c foi cuidar dos ovos.

Com as duas mãos, apanhou uma frigideira de ferro, enorme c pesada, que colocou na mesa. O primeiro ovo a quebrar, esmigalhou a casca deixando clara c gema escorregarem pelo avental até o chão. O segundo caiu na frigideira, mas acompanhado de pedacinhos da casca. Com os três seguintes, aconteceu a mesma coisa. Munida de paciência e cuidado, ela tentou remover as cascas indesejáveis. Mas quanto mais se esforçava, mais eles afundavam na clara escorregadia. De testa franzida, redobrou a concentração na tarefa c só quando os olhos começaram a arder c um acesso de tosse a dominou, Dianna percebeu que a casa estava tomada pela fumaça.

A lareira, pensou aflita, alguma coisa estava errada com o logo. Virou-se depressa e viu colunas grossas e densas de fumaça que a cegava e lhe tirava o ar. Em pânico, tropeçou, caindo com os joelhos e mãos no chão.

Mas de repente, sentiu um braço à volta da cintura. Sem dúvida pertencia a um homem, mas era forte demais para ser de Asa, reconheceu apesar dos olhos fechados c da tosse

convulsiva. Ele a carregou para fora, dizendo umas bobagens a fim de animá-la. Sentou-a no chão, com as costas apoiadas no poço, enquanto Dianna tentava dominar a tosse e recobrar o fôlego.

Então Kit Sparhawk abaixou-se à frente da mulher, que imaginara jamais rever. Praguejou furiosamente por uns bons momentos. Ela vestia-se agora com simplicidade, como uma boa dona de casa ianque, embora estivesse coberta de fuligem e tivesse os olhos vermelhos e lacrimejantes. Ele a tinha identificado antes de ver seu rosto, pois lembrava-se de como o corpo delicado cabia-lhe tão bem entre os braços. A consternação que sentia mesclava-se com uma alegria enorme por encontrar Dianna novamente. Furioso, classificou a reação como irracional e sem um pinga de bom senso.

Tão desalentada quanto Kit c ainda tossindo muito, Dianna o fitava sem conseguir dizer uma palavra. Havia imaginado tê-lo deixado no Prosperity, em Saybrook, e ali eslava ele tão atraente como se lembrava e também tão bravo como costumava ficar quando a via. Estava vestido bem a moda da terra. A roupa de cavalheiro inglês tinha dado lugar a uma camisa de linho grosso, com franjas na pala que lhe ressaltavam a largura dos ombros. Na cintura, ele usava um cinturão de lã trançada, onde enfiava-se uma longa faca com cabo de chifre. A calça de couro de veado, muito macio, torneava-lhe as coxas e, em vez de bolas, estava com mocassins. Pendurados no pescoço, havia um chifre curvo, com acabamento de estanho nas duas extremidades, usado para carregar pólvora, e uma bolsinha de couro onde levava as balas do mosquete. Com certeza, tinha ido caçar. As roupas, todavia, assentavam-lhe bem e, com os cabelos longos e clareados pelo sol, os olhos verdes de felino, lembrava mais o jeito primitivo dos nativos do que o refinamento dos nobres da corte.

— Dianna Grey! — exclamou Kit finalmente. — Em nome de Deus, o que está fazendo aqui?!

Dianna ainda estava muito sem fôlego para falar, mas Mercy, que havia se aproximado de Kit, respondeu em seu lugar:

— Vovô disse que ela veio para tomar conta de mim. Mas eu só quero saber quem vai tomar conta dela. Imagine, nem sabe a diferença entre lenha seca, rachada, e uma tora ainda verde. Puxa vida, ela quase defumou a gente feito presunto, dentro de nossa própria casa!

Humilhada, Dianna viu a tora, fumegando ainda, trazida por Kit para o terreiro. Rezava para que ele não tivesse notado a desordem feita com os ovos.

Kit levantou-se e limpou a fuligem das mãos com um enorme lenço vermelho.

— Acho melhor, Mercy, vocês irem embora comigo. Não posso deixá-las aqui nesta casa. Ela precisa ser arejada antes de alguém entrar. Asa vai saber onde estão quando voltar. — Alisou os cabelos e colocou um chapéu de pele de castor, apanhado da mureta do poço. — Está se sentindo bem para cavalgar? — indagou virando-se para Dianna.

Ela assentiu com um gesto. Deveria agradecer-lhe por tê-la salvado, mas as palavras negavam-se a ser pronunciadas. Se Kit soubesse quem estava lá dentro da casa, com

certeza, não teria se dado ao trabalho de tirá-la de lá.

— Como eu deveria saber se a acha de lenha ia enfumaçar, ou não? — perguntou ela.

— Porque qualquer criança destas paragens sabe fazer tal distinção, ou corre o risco de se matar estupidamente como você quase fez — explicou Kit para, em seguida, balançar a cabeça. Um garanhão preto, muito parecido com o cavalgado por Jonathan Sparhawk até o cais de Saybrook, aproximou-se e encostou o focinho no ombro dele. Presos à sela, estavam o mosquete e três perdizes mortas, provas de que tinha ido caçar, como Dianna havia suposto. — Por outro lado, imagino, ladies não sujam as mãos nestas tarefas — acrescentou com ar de zombaria.

— Lady! — exclamou Mercy em tom de desdém e com o nariz arrebitado erguido. — Ela não se parece com nenhuma das que eu conheci!

— Ah, sei, Mercy Wing. Quantas você já encontrou para poder julgar? — ironizou Kit. — Não se deixe levar pela aparência da moça. Ela é muitas outras coisas além das que você imagina.

Por um instante, Mercy franziu as sobrancelhas e mordeu o lábio. Depois, perguntou:

— Como você sabe, Kit?

— Conheci o Sr. Sparhawk em Londres — explicou Dianna, irritada por ouvi-los comentar a seu respeito como se não estivesse presente. — E não seja indelicada, Mercy. O Sr. Sparhawk é adulto e você deve tratá-lo por senhor, com mais respeito.

A menina ficou carrancuda.

— Ele é meu amigo e por isso o chamo de Kit — teimou brava.

— Dianna está certa, Mercy — disse Kit rindo ao apanhá-la por sob os braços e a erguer no ar. A cada palavra, fingia soltá-la fazendo-a gritar animada com a brincadeira. — Você é a criança mais mal-educada da colônia e nunca será uma dama se não aprender um pouco de boas maneiras.

Com cuidado, colocou a menina sobre o cavalo, à frente da sela, e virou-se com ar de interrogação para Dianna.

— Onde o senhor vai cavalgar? — perguntou ela mal-humorada ao levantar-se do chão.

A brincadeira divertida dos dois a tinha feito se sentir unia intrusa.

— Ora, em Thunder, naturalmente. Ele nem vai notar o peso de uma pessoa tão leve como você. — Sorriu provocador. — A menos que esteja com medo.

Com as mãos nos quadris, Dianna chegou bem perto dele.

— A esta altura, Sr. Sparhawk, já deveria saber que não tenho medo do senhor, nem de nada relacionado com a sua pessoa. Mas não vejo com bons olhos sair por aí em sua companhia, só Deus sabe para onde, a fim de satisfazer-lhe a vontade.

Brincando com as rédeas, Kit alargou um pouco o sorriso.

— Mercy quer ir comigo. Ela não comeu nada ainda esta manhã e sabe que será bem alimentada em minha casa. Você é, pelo menos aparentemente, a encarregada da menina. Pode ir conosco ou ficar aqui e dar satisfação a Asa por ter abandonado sua responsabilidade.

Dianna odiava dar razão a Kit, porém admitia que ele estava certo. Já tinha deixado a casa num estado desastroso de fumaça e sujeira. O que Asa diria caso descobrisse que, além de dona de casa incompetente, havia também deixado a neta ir embora sem ela? Frustrada, bateu o pé no chão.

— Muito bem, vamos logo, então. Eu não... Ai!

Com as mãos em sua cintura, Kit a ergueu como se fosse uma boneca leve e a colocou sentada atrás de Mercy. No instante seguinte e com um movimento ágil, acomodava-se na sela. Passou o braço por ambas e instigou o garanhão a partir.

Dianna viu-se atirada de encontro ao peito de Kit. Não havia como evitar o contato e, apesar das camadas de roupa entre os dois, sentia o calor de seu corpo e a pressão das coxas nas pernas quando ele direcionava o animal. Apreensiva e brava, resolveu concentrar a atenção em Mercy, sua responsabilidade, como dissera Kit. Segurou-a com firmeza, achando melhor pensar na segurança da menina e não na maneira como o próprio corpo teimava em reclinar-se para trás. Que Deus a ajudasse se tivessem de cavalgar por uma distância muito longa.

Kit não se sentia menos perturbado. Embora soubesse que o trajeto era curto, parecia-lhe interminável. Percebia as curvas suaves do corpo de Dianna e seu esforço inútil para manter-se afastada dele só piorava a situação. Lembrou-se de como fora delicioso beijá-la e da receptividade apaixonada de Dianna. Quase gemeu alto com a recordação. Podia sentir o cheiro de fumaça emanado de seus cabelos presos numa trança grossa e firme. Como gostaria de desmanchá-la e enterrar o rosto na maciez sedosa, enquanto lhe beijaria os lábios, o pescoço, os seios...

— Olhem, lá está Plumstead! — gritou Mercy animada. Construída no topo de uma colina, a casa apresentava um estilo de arquitetura já ultrapassado na Inglaterra. De um modo geral, as linhas eram um tanto grosseiras, especialmente as da cumeeira pontiaguda em excesso. Os vidros das janelas, em forma de losangos, também não eram bonitos. O segundo andar projetava-se para fora do primeiro e, em cada canto havia um pingente de madeira entalhada que lembrava uma enorme gota de água. Do centro do telhado erguia-se uma chaminé maciça, construída imitando a torre de um castelo. Os tijolos cor-de-rosa contrastavam com a madeira do revestimento abaixo, escurecida pelo tempo. Entretanto, nesta terra onde havia tão pouco tempo a floresta dominava, a casa integrava-se perfeitamente na paisagem. Dianna podia imaginá-la no verão quando a colina, que descia até o riacho, estivesse verde e as duas faias frondosas fizessem sombra sobre os bancos de ambos os lados da porta da frente. Plumstead. A casa de Kit Sparhawk, o homem que desejava tirar Mercy do avô.

— Siga a menina — recomendou Kit a Dianna tão logo Mercy escorregou para o chão e

correu em direção à porta da cozinha. — Ela sabe que hoje é dia de assar pão, tortas e várias guloseimas, por isso, vai direto ao encontro de Hester.

Constrangida, Dianna separou-se de Kit e desceu antes que ele pudesse ajudá-la. Já tinha dado uns passos rumo à casa, mas parou e virou-se para trás.

— Por que o senhor quer tomar Mercy de Asa? — perguntou dominada pela curiosidade. — É óbvio que gosta muito da menina, porém ele é o avô e a quer muito bem.

Dianna espantou-se como Kit, depressa, assumiu expressão inflexível e severa.

— Você está entre nós há apenas um dia — começou exasperado. — Não se atreva a julgar assuntos que não pode entender — acrescentou.

Virou a cabeça do cavalo para o lado do estábulo, deixando-a sozinha e estupefata.

--- Seja bem-vinda a Plumstead, senhorita! — gritou uma voz feminina, em tom animado, vinda de uma mulher alta e corpulenta, acenando-lhe da porta da cozinha. — Sou Hester Holcomb e você deve ser Dianna, a nova criada de Asa Wing. Mercy já me contou que você teve um problema ao acender o fogo. Não se aflija, cada pessoa é diferente, eu sempre digo. Venha para dentro arrumar-se um pouco para tomar chá com bolachas.

Acanhada, Dianna acompanhou Hester ao interior da casa. A cozinha de Plumstead era imensa, ocupando quase o comprimento total da casa, e o reboco sobre os lambris, pintado de um amarelo dourado, dava-lhe um aspecto maior ainda. Frigideiras, chaleiras e panelas de ferro, cestas de salgueiro do brejo e maços de ervas secas pendiam de ganchos nas paredes. Três dúzias de pão, acabadas de sair do forno e colocadas na mesa longa para esfriar, enchiam o ar com seu odor delicioso. Não havia sinal de Mercy e, de certa forma, Dianna sentiu-se aliviada.

Responsabilidade sua ou não, já tinha suportado as implicações da menina mais do que o suficiente nesta manhã.

Observando a destreza de Hester ao colocar, com uma pá comprida, um tabuleiro de bolachas no forno atrás da lareira, perguntou:

— Você é a cozinheira do Sr. Sparhawk?

— Cozinheira, governanta, lavadeira, criada e o que mais ele precisar. — Hester fechou a portinhola de ferro do forno e encostou a pá na parede. — Com apenas Kit morando aqui, Plumstead não precisa de ninguém mais além de mim. Não é como nos velhos tempos quando havia seis crianças correndo pela casa.

— É por isso que ele gosta de trazer Mercy para cá?

— Ah, é sim.

Hester desviou o olhar e a animação forçada na resposta levou Dianna a imaginar se a mulher não estaria escondendo alguma coisa.

— Kit vai, quer dizer, o Sr. Sparhawk vai comer todo esse pão?

Hester riu divertida.

— Não, claro. Essa fornada é para o almoço dos trabalhadores no campo. Kit acha que um homem se esforça mais quando está com a barriga cheia. Ele é um bom patrão, melhor do que a maioria. Mas me conte as novidades de Londres. Faz quarenta anos que vim para cá e nunca fico sabendo de nada do que acontece por lá. Jonathan e Kit não conseguem me explicar a moda, como as mulheres se vestem e se penteiam hoje em dia.

Sentada numa banquetta alta, Dianna limpava o rosto com uma toalha.

— Claro, se você quiser, Hester, posso lhe explicar essas coisas. Mas hoje eu preferia falar sobre um ponto mais urgente, ou seja, a respeito de minha incompetência nos trabalhos de casa.

Havendo vencido a inibição e começado a falar, Dianna não conteve a explosão de palavras.

— Não sei acender fogo, quebrar ovos, cozinhar, fazer pão ou qualquer outra coisa. Nem sei tirar água do poço! Sou uma inútil! Mercy tem razão. Como vou cuidar dela se preciso de alguém para tomar conta de mim? — perguntou enquanto, com gestos nervosos, enrolava a toalha entre as mãos.

— Ora, isso é porque você nunca teve de enfrentar o serviço doméstico. Não se trata de uma situação irremediável — consolou-a Hester tocando-lhe o ombro com a mão enfarinhada e deixando a marca branca dos dedos na blusa preta de fuligem. — Você é inteligente, tenho certeza. Só precisa de alguém que a ensine.

— Então, por favor Hester, eu lhe suplico, me ensine. Comece hoje, agora. Quero aprender a cozinhar, cuidar da casa e...

Hester a interrompeu com um riso alegre.

— Ah, minha menina, vou precisar de muitas manhãs para lhe ensinar tudo isso. Quando voltar para casa, vai levar o suficiente para Asa e Mercy não reclamarem por falta de comida. Amanhã é domingo e não se trabalha. Na segunda-feira, você volta a Plumstead e eu começarei a orientá-la. Vai acabar sendo uma boa dona de casa, não duvide. O entusiasmo de Dianna evaporou-se.

— Sinto muito, Hester, mas não vai ser possível. Seu patrão não vai querer que eu volte aqui. Ele não gosta de mim.

Hester revirou os olhos.

— Ainda estou para ver o dia em que Kit Sparhawk expulse uma jovem bonita como você de Plumstead.

— Acredite, Hester, ele me odeia! Vim de Londres a bordo do Prosperity e...

— Do Prosperity? Não dê importância a uma única palavra dita por Kit nessa viagem desastrosa! — aconselhou Hester. — Ora, você teve muita sorte por não morrer de fome por causa daquele sovina, o capitão Welles. Que o diabo se aposses de sua alma avarenta! O pior, foi tentar pôr a culpa em Kit, como se os Sparhawk não fossem famosos pela generosidade dispensada a todos os necessitados! Imagine, sonegar alimento a

crianças! Foi um grande desgosto para Kit, pois ele sempre adorou crianças.

Confusa, Dianna a ouviu em silêncio. Fora o capitão Welles, e não Kit, quem tinha levado comida aos passageiros esfomeados. Contudo, Hester devia conhecer os dois homens melhor do que ela.

Um vozerio vindo de fora interrompeu-lhe os pensamentos. Seguindo o exemplo de Hester, foi até a janela para ver do que se tratava.

— Eu cuido de minha própria neto, Sparhawk! — vociferou Asa no auge da fúria. Havia tirado o chapéu e o sacudia para dar mais ênfase às palavras. — Aqui não é a casa dela, entendeu? Você não pode forçar Mercy a tomar o lugar de quem já se foi!

Vindo do estábulo quando se deparara com Asa Wing, Kit segurava o mosquete em uma das mãos e a cordinha com as perdizes na outra. Mesmo da janela, Dianna podia ver-lhe a raiva faiscando nos olhos verdes.

— Você é um caçador e negociante de peles, Wing. Não existe lugar para uma criança em sua casa com o tipo de vida que você leva. Não pode ir embora com Jeremiah e largar Mercy sozinha naquela casa!

— Mas eu já lhe disse. Ela não vai mais ficar sozinha — insistiu Asa. — Foi por essa razão que eu trouxe Annie de Saybrook.

— Pois isso deixa a menina numa situação pior do que a anterior. Welles não lhe contou por que a moça imigrou para cá? Que tipo de mulher ó?

Dianna sentiu as faces queimarem ruborizadas. Teria sido melhor se Kit a houvesse deixado morrer asfixiada na fumaça para não ter de sofrer tal humilhação.

— Não admito que fale mal de Annie. Se ela cometeu erros, fez muito bem em deixá-los para trás a fim de começar uma vida de retidão.

Exasperado, Kit bateu a coronha do mosquete no chão.

— Mas deixar uma criança tão boa como Mercy nas mãos de uma rameira ignorante como Dianna Grey...

O insulto era demais para Dianna apenas ouvir impassível. Passou correndo por Hester e saiu porta afora. Com as duas mãos, pôs-se a esmurrar o peito de Kit.

— Não sou nem ignorante e nem rameira, seu mentiroso provocador, bruto! Eu não...

Antes de poder terminar, a mão espalmada de Asa atingiu-lhe o queixo, fazendo-a perder o equilíbrio e cair de costas no chão. Virou-se depressa, pronta para se levantar e voar sobre Asa também, porém a expressão de choque dele a deteve.

— Jamais volte a me envergonhar dessa forma, Annie — disse ele numa voz trêmula, quase suplicante. — O Sr. Sparhawk é membro do conselho municipal, coronel da milícia e magistrado também. Na sua raiva, você o agrediu. Por uma ofensa muito menor, Annie, ele pode mandar chicoteá-la em Wickhamton!

Asa relanceou o olhar por Kit, mas baixou-o depressa.

— A menina não teve má intenção, Sr. Sparhawk, e eu garanto que ela não fará isso outra vez — afirmou ele em voz pesarosa. — Agora, Annie, vá buscar Mercy. Já vamos para casa.

Kit teve de fazer um grande esforço para não ajudar Dianna a se levantar. Apesar do que aquele velho tolo tinha dito, jamais havia mandado chicotear uma mulher, aliás ninguém, nem batido numa ele mesmo. Vendo-a tão frágil e delicada, lamentava as palavras ditas a seu respeito. Não, não as palavras, pois elas encerravam a verdade, porém sentia que Dianna as tivesse ouvido. Se pudesse, permitiria que ela deixasse os erros para trás e começasse tudo novamente com ele, como aconteceria com qualquer outra mulher a quem conhecesse. Mas isso significava apagar o passado e nem os Sparhawk possuíam tal poder.

Atraída pelo barulho, Mercy apareceu e ficou atrás de Kit, enrolando a ponta da blusa no dedo. Por um momento, Kit permitiu-se imaginar que se tratava de Tamsin, a irmãzinha, rindo travessa e contando com ele para salvá-la das conseqüências de uma reinação qualquer. Mas ele não a tinha salvado quando ela mais precisara de seu socorro. E a pobrezinha contava apenas sete anos, a idade de Mercy, quando morreu.

Com cuidado calculado, Dianna endireitou algumas mechas dos cabelos soltas da trança e passou a mão pelo avental enegrecido para limpá-lo da terra úmida que grudara nele na queda ao chão. Só então, atreveu-se a fitar Kit. Nos olhos verdes, não vislumbrou a satisfação presunçosa que temia encontrar. Viu neles apenas um grande vazio. Por alguma razão, seus pensamentos vagavam longe dali e ela sentiu um desinteresse muito maior do que o desprezo para o qual estava preparada. Essa atitude ofendia seus sentimentos, acima de todos, o orgulho.

Ela se adaptaria à nova terra e aprenderia seus costumes, jurou. Sobreviveria. Haveria de provar a todos que lady Dianna Grey era tão inteligente e capaz quanto qualquer mulher ianque.

E, sem dúvida, lutaria para que Kit Sparhawk jamais voltasse a chamá-la de rameira ignorante.

CAPÍTULO VIII

— Você vai pagar caro por isso, irmãozinho — reclamou Kit ao desmontar Thunder. — E há de ser com sangue, faço questão.

Jonathan não se assustou com a ameaça e riu divertido.

— Depois do desaparecimento desastroso de lady Grey, pensei que você ficasse satisfeito com esta oportunidade de restaurar a confiança no relacionamento com o sexo fraco. Considere este o meu último presente antes de enfunar as velas do Prosperity, embora você não mereça e se mostre mal-agradecido.

— Estou me sentindo ameaçado, não percebe? — disse Kit em tom desanimado e lamentando não ter contado ao irmão, na véspera à noite, que Dianna não havia desaparecido.

Amarrou as montarias de ambos nas argolas no tronco do carvalho, na extremidade do gramado, e recolocou o chapéu na cabeça, a pluma vermelha balançando ao vento. Como Jonathan permanecesse em silêncio, continuou a se queixar.

— Pelo amor de Deus, onde você estava com a cabeça ao trazer Constance aqui para Wickhamton, à casa de oração e no domingo?!

Jonathan deu de ombros e tirou um grão de poeira do paletó.

— Eu apenas servi de acompanhante à senhorita em questão, na viagem de New London para cá, a fim de que ela pudesse visitar a tia.

— Para que ela pudesse se impingir a mim como uma praga, essa é a verdade — resmungou Kit. — Bem, vamos indo, senão ela vai deixar o Dr. Manning ensandecido com sua conversa boba.

Devagar e com Kit acompanhando os passos incertos do irmão, dirigiram-se à igreja, uma construção simples de madeira, mais semelhante a uma casa do que a um templo. Não estavam com pressa de encontrar a jovem que lhes acenava freneticamente da varanda.

Ela havia se preparado mais para uma festa do que para o culto dominical. A capa roxa, entreaberta, deixava ver o vestido de cetim amarelo, cujo decote exagerado chegava a ser indecoroso para a ocasião. A maneira excitada com que lhe gritava o nome, deixava Kit com os nervos à flor da pele. Era bem bonita com aqueles caracóis dourados e o nariz bem-feito, admitiu ele, mas tê-la ali em sua cidade, onde não poderia evitar suas conversas e táticas para caçar marido, quase o levava a se juntar a Jonathan na nova viagem do Prosperity.

No interior da igreja, Dianna sentava-se num dos últimos bancos reservados a serviçais. Tanto ela como o pai não tinham sido freqüentadores assíduos de cerimônias religiosas, porém Asa mostrara-se inflexível quanto a sua obrigação de trazer Mercy ao culto, embora ele mesmo não viesse. Aliás, Asa não tinha revelado o mínimo interesse pela função dominical.

O dia amanhecera ensolarado e com uma temperatura menos fria, prenunciadora da primavera. Dianna também estava ansiosa por conhecer Wickhamton, a cidade mais próxima e a cinco quilômetros de distância. Até Mercy se comportava com menos hostilidade, embora não hesitasse em deixar Dianna sozinha no banco reservado aos criados e ir se juntar a uma família nas fileiras da frente.

Dianna observava as pessoas que, devagar, enchiam o recinto, na esperança de ver Hester. Asa descrevera a cerimônia como algo sombrio e sério, mas antes do início, todos conversavam baixinho e sorriam. Se Hester estivesse ali poderia lhe informar o nome de cada um e o que faziam. Talvez até a apresentasse a algumas pessoas. Até agora, só tinha recebido acenos e olhares curiosos em resposta a seus sorrisos tímidos. Quando,

finalmente, uma outra jovem se aproximou do banco, afastou-se depressa da ponta para que ela se acomodasse melhor.

A recém-chegada apresentou-se como sendo Ruth e arrumou as saias com gestos exagerados de exibição.

— Não sei como minha patroa acha que pode se dar bem num lugar perdido como este. Ah, ela não vai se acostumar, tenho certeza. A nossa casa de oração, em New London, é dez vezes melhor do que esta. Os candelabros são de prata e o púlpito, de madeira entalhada.

De fato, a igreja de Wickhamton era de grande simplicidade com suas paredes caiadas de branco e bancos rústicos de pinho.

Ela não exibia estátuas, vitrais coloridos e almofadas macias, para se ajoelhar, como nos templos de Londres, freqüentados por Dianna. Todavia, ela duvidava um pouco da superioridade da igreja de New London como Ruth alegava. Além do mais, apreciava o aspecto modesto dessa casa de oração tanto quanto havia gostado de Plumstead e com a mesma espontaneidade com que começava a sentir antipatia por Ruth.

— Veio a Wickhamton a passeio? — perguntou Dianna.

— Minha patroa recebeu um convite muito especial de um certo cavalheiro. Mas por uma questão de decoro, está hospedada em casa da tia, Sra. Bass.

Antes de Dianna poder perguntar o nome do cavalheiro, Ruth inclinou-se para a frente e exclamou entusiasmada: — Olhe, lá estão eles! Você já viu casal mais bonito? Dianna olhou e sentiu um grande peso no coração. Caminhando com seu porte garboso, o paletó de veludo verde ressaltando-lhe a cor dos olhos e a camisa branca acentuando o bronzeado do rosto, Kit dirigia-se ao primeiro banco da igreja. Nenhum outro homem se comparava a ele, exceto Jonathan, talvez, embora ela gostasse menos de seus cabelos escuros do que dos loiros de Kit.

Sob um dos braços, ele levava o chapéu de castor, com abas largas e uma pluma vermelha. Apoiada no outro, estava a mão de uma jovem tão clara quanto ele. Alta e esguia, ela movimentava-se com uma certa languidez. Os cabelos loiros, muito bem penteados numa profusão de caracóis, rodeavam um chapeuzinho de renda. A pele alva e acetinada era perfeita. Quando Kit deu um passo para trás a fim de dar-lhe passagem à frente do banco, ela sorriu e, num requebrar audacioso, roçou as saias em suas pernas.

— Aquela é a minha patroa, Constance Lindsey — murmurou Ruth com ar de importância. — Não está elegante com esse vestido? Ele é a última moda na corte.

— Não, não é mais — contradisse Dianna consciente da atitude mesquinha, mas incapaz de se conter. — Faz bem um ano e meio que ninguém usa anáguas mais compridas do que a saia. Sei porque acabo de chegar de Londres — acrescentou ao ver a expressão de desconfiança em Ruth.

— Bem, esse detalhe não tem importância, pois o vestido lhe assenta muito bem — argumentou a outra com firmeza. — Quando ela se casar com o Sr. Sparhawk, irá a

Londres e verá as mudanças da moda. Ele é muito rico e pode satisfazer todas as suas vontades.

Dianna tentou falar em voz baixa e em tom de indiferença.

— Eles estão noivos?

Ruth inclinou a cabeça para o lado.

— Não, ainda não, mas vão ficar antes que ela volte para New London.

No banco de trás, uma mulher idosa reclamou do barulho e Dianna deu-se conta de que o culto havia começado enquanto conversavam. Seguindo o exemplo das outras, pessoas, baixou a cabeça, aliviada por ninguém poder notar sua expressão de desapontamento e amargura.

Triste, avaliou a própria aparência com o vestido de tecido grosseiro de Lucy Wing e a trança dos cabelos enrolada num coque sob o barrete branco. As mãos estavam vermelhas, ásperas por causa do frio, e as faces, pálidas e encovadas. De manhãzinha, tinha visto o reflexo da imagem numa jarra de estanho polido e levado um susto. Havia mudado muito. Nunca fora um tipo de beleza como Constance Lindsey, mas como desejava que Kit a tivesse visto, pelo menos uma vez, antes da morte do pai. Nessa época, era uma pessoa alegre, vestia-se com elegância e tinha um aspecto saudável.

Ameaçado. Kit sentia-se ameaçado com Constance, sentada ao lado, encostando-se nele enquanto fingia ler as orações.

Felizmente, o livro não estava de ponta-cabeça. Tratava-se de mera casualidade, pois Kit duvidava que ela pudesse notar a diferença. Pelo canto dos olhos, observou-lhe os seios seminus. Percebendo, ela sorriu-lhe de maneira afetada. Como qualquer homem, Kit apreciava a exibição das formas femininas, mas a de Constance, no culto dominical, tinha um cunho de vulgaridade insuportável em vez de ser sedutora. Mais uma vez, imaginou se ela via a diferença. Se pudesse externar a vontade, Constance voltaria para New London no dia seguinte bem cedo. — Naturalmente, a minha patroa não vai tolerar a presença da menina na casa depois do casamento — comentou Ruth em voz baixa, mas irritada. — Veja só o jeito como ela se senta, sem a mínima cerimônia, entre o Sr. Christopher e o capitão Jonathan.

Dianna viu a cabecinha de Mercy um pouco acima do encosto do banco e entre as silhuetas avantajadas dos irmãos Sparhawk. Enquanto a observava, a menina puxou a manga de Kit e ele curvou-se para lhe dar atenção. Dianna sorriu. Não sabia como Mercy conseguia, mas era gratificante vê-la demandar um pouco da consideração de Kit.

— Coitada de minha patroa! — resmungou Ruth indignada. — Imagine ter de suportar essa humilhação! Onde já se viu trazer a própria bastarda à igreja? Ele pode não se importar com as más línguas, mas e a pobre srta. Constance?

Com os pensamentos num verdadeiro torvelinho, Dianna curvou novamente a cabeça. Não havia nada, além das palavras dessa moça, que indicasse a paternidade de Kit em relação a Mercy. Nem existia a mínima semelhança de traços entre ambos. Todavia, o

comentário de Ruth a levava a refletir sobre certos pontos. Asa tinha afirmado que a menina não podia tomar o lugar de alguém cuja separação afetava Kit. Estaria se referindo a Lucy Wing, a mulher do homem a quem chamava de amigo? Primeiro, tinha sido a jovem grávida no cais de Saybrook e, agora, essa questão perturbadora. Confusa e atormentada, Dianna apanhou-se suplicando a Deus que lhe desse forças para se manter afastada de Kit Sparhawk.

Kit sabia que Dianna estava na igreja. Ele a tinha visto no momento em que passara pela porta e sua presença ali tornava a companhia de Constance mais insuportável ainda. Sentia-se muito mal a respeito do incidente na véspera. Asa não deveria lê-la estapeado e a responsabilidade era sua por não haver impedido a reação desastrosa. O sermão de Hester em defesa de Dianna, enquanto brandia uma colher de pau no ar, não tinha aliviado sua sensação de culpa. Estava surpreso com a vontade de Dianna em aprender trabalhos domésticos com Hester. Não esperava essa atitude como também não contava com sua indignação por ser chamada de rameira. Continuava a considerá-la como tal, embora Jonathan houvesse caçoado dele e o classificado de moralista. Segundo o irmão, Dianna não merecia ser julgada de acordo com a maledicência das pessoas.

Sem se dar conta, Kit virou um pouco a cabeça para o banco dos criados, onde a luminosidade da manhã envolvia a silhueta delicada de Dianna. Gostava de vê-la nas roupas simples, um contraste marcante com o seu porte de aristocrata. Admirava-lhe a tonalidade escura dos cabelos e o cinza prateado dos olhos. A luz do sol ressaltava suas feições, o nariz reto, o lábio inferior farto e o queixo com a covinha alongada. Ele não podia acreditar que Jonathan a tivesse comparado a uma correria desajeitada. Ora, havia mais graça apenas na linha do pescoço de Dianna Grey do que no corpo inteiro de Constance Lindsey. Se no campo das aves uma lembrava a corruíra, então a outra assemelhava-se a um papagaio barulhento e de cores espalhafatosas.

De boa vontade, cederia esta última a Jonathan.

Instintivamente, Dianna sentiu-se observada por Kit. Ergueu o rosto e, numa reação de surpresa, entreabriu os lábios. Por um momento e por sobre as fileiras de cabeças curvadas, o olhar de ambos se encontrou. Um rubor suave coloriu-lhe as faces e, depressa, ela baixou os olhos.

Relutante, Kit voltou a prestar atenção no sermão do Dr. Manning. Este era o seu primeiro domingo em Wickhamton depois da viagem à Inglaterra. Tinha muitos motivos para ser grato a Deus: o restabelecimento de Jonathan, os lucros obtidos em Londres, a tranqüila travessia marítima, com apenas a perda de uma vida, e a colheita farta nas terras de Plumstead durante sua ausência. Todavia, a obrigação de rezar ficou só na intenção, pois o pensamento concentrava-se em Dianna sentada às suas costas.

Quando no início da tarde houve um intervalo no serviço religioso, Kit foi o primeiro a ficar em pé. Impaciente, queria procurar Dianna. Desejava conversar com ela, não para pedir desculpas exatamente, mas disposto a censurar e lamentar o gesto de Asa. Infelizmente, com Constance pendurada em seu braço e um grupo de amigos e vizinhos dando-lhe as boas-vindas, ele foi um dos últimos a deixar o recinto.

Lá fora, a congregação espalhava-se pelo pátio, apreciando o calor ameno do sol de primavera. Aos poucos e enquanto conversavam, as pessoas iam tirando, das carroças e montarias, cestas com o almoço frio.

Kit localizou Dianna imediatamente. Seria difícil não vê-la com Jonathan. Em seu paletó vermelho, o irmão pavoneava à volta dela. Pelo jeito, dispensava a ela todo o encanto e simpatia de que era capaz. Kit quase praguejou, porém a tempo lembrou-se de que era domingo. Atitude bem típica de Jonathan essa de atrelá-lo a Constance para ter liberdade de conquistar Dianna.

— Juro como você não ouviu uma única palavra minha, Christopher — reclamou Constance com expressão petulante. — Sem dúvida, você prefere me ver passar fome a ter o trabalho de providenciar meu almoço!

Antes de Kit poder se desculpar, um cavaleiro invadiu o pátio a galope, levando crianças e galinhas a correr para a segurança. O homem riu e, num gesto cruel, puxou as rédeas com força, forçando o animal a virar a cabeça e expelir perdigotos sangrentos da boca. Era um tipo corpulento e forte, que controlava com facilidade a montaria com apenas uma das mãos enluvadas. O rosto redondo e vermelho tinha uma barba preta, crespa e com fios brancos. Os cabelos mal penteados estavam amarrados à nuca com um pedaço pequeno de fila. De uma das orelhas, pendia uma argola de ouro com uma pérola engastada. As roupas caras eram de veludo e brocado, porém manchadas revelando desleixo. As botas de cano alto também estavam sujas de barro seco, mas as esporas de prata reluziam ao sol.

— Sparhawk! — gritou o homem em tom de desafio para Kit. — Sacré sang, pelo menos desta vez, os selvagens não mentiram. Sua alma suja de inglês está de volta entre nós!

— Tire essa sua carcaça negra da frente de gente honesta, Robillard — respondeu Kit de maneira tranqüila, embora a ameaça estivesse clara na voz.

As pessoas à volta tinham se afastado deixando espaço entre ele e o cavaleiro. Constance desaparecera.

Numa atitude de desafio, o homem desmontou e deu alguns passos em direção a Kit.

— Você não tem autoridade nenhuma sobre mim, Sparhawk! Suas leis inglesas não significam nada aqui, assim como lambem os tratados e as fronteiras estabelecidos pelos ingleses não têm valor algum! Vocês são os intrusos, os intrometidos e estão aqui apenas pela condescendência da Nouvelle France! Quando ela desejar, serão expulsos desta terra, não duvide.

Kit retesou cada músculo do corpo. Dedicava a Robillard um ódio incontrolável herdado do pai.

— Esta terra pertence a nós e à Inglaterra, Robillard. Não há mais o que discutir.

Robillard gargalhou sacudindo o ventre coberto de veludo.

— Você se expressa com grande atrevimento, apesar de saber a verdade. Algum dia, Sparhawk, esta terra será minha. Já lhe ofereci um preço justo, mas você, como seu pai,

foi muito estúpido para aceitar minha proposta. Pois então, tentarei de outra maneira, está bem? Vou tomá-la à força para la belle France e ver até o último inglês arrastar-se choramingando de minhas malas.

O francês havia se aproximado o suficiente para Kit perceber que ele tinha bebido, porém não era tolo a ponto de imaginá-lo embriagado.

— Não converso sobre negócios no domingo, Robillard, com você ou com qualquer outro homem. Se tem algo a me dizer, contanto que não sejam suas ameaças habituais, vá me procurar em Plumstead amanhã. Agora, suma de Wickhamton. — Kit semicerrou os olhos. — Já, Robillard. Quero que se vá já.

Enquanto falava, Jonathan tinha vindo para seu lado e Dianna imaginava como o francês se atreveria a enfrentar os dois irmãos Sparhawk. A tensão no ar era palpável e as pessoas, paralisadas, observavam a cena cheias de apreensão. Ela sabia que tanto Kit como Jonathan não estavam armados, pois os tinha visto colocar os mosquetes do lado da porta, no interior da igreja. Robillard também deixara o seu na sela. Mas mesmo assim, foi tomada pelo pressentimento de que algo ruim estava para acontecer.

Não se enganava.

— Vá para o inferno, Sparhawk! Você está me insultando! — gritou Robillard para, em seguida, cuspir aos pés de Kit.

— Do que devo ter mais medo, de suas ameaças idiotas ou de seu irmão aleijado?

Ele começou a coçar a barriga, ou foi isso que Dianna pensou. Porém no mesmo instante, Kit pulava sobre o francês, atirando-o no chão e prendendo-lhe o corpo com o dele. A lâmina da faca de Robillard reluziu ao sol ao escapar-lhe da mão e pular longe. Exclamações de surpresa ecoaram no ar enquanto Jonathan apanhava a arma.

Mas foi uma outra faca que chamou a atenção de Dianna, a que Kit mantinha rente ao pescoço do francês. A lâmina era longa e o cabo feito de chifre. A rapidez e facilidade com que ele a empunhara a assustaram. A expressão fria dos olhos verdes e os lábios apertados revelavam inflexibilidade. Dianna conscientizou-se do quanto um homem tinha de tornar-se impiedoso para sobreviver nessa terra. Se fosse preciso, Kit cortaria o pescoço de Robillard num piscar de olhos. Mas o pior era saber que o francês faria a mesmo, caso pudesse.

Devagar, Dianna relaxou as mãos crispadas e soltou a ponta do avental enrolada nos dedos. Enquanto Jonathan e Kit empurravam Robillard até o cavalo, ela acompanhou as outras pessoas ao interior da igreja. Na Inglaterra, os cavalheiros não rolavam pela terra e as disputas não eram resolvidas a faca.

Mas ali, tudo era diferente. Civilidade não passava de um luxo, e hesitação, uma fraqueza que acolhia a morte.

Ah, Deus misericordioso, como iria ela sobreviver nesse lugar?

— Ora, mas que pena! Se eu soubesse que ia haver uma briga, teria ido à igreja — lamentou-se Asa enquanto Dianna tirava a mesa do jantar.

Cansada da agitação do dia, Mercy já estava dormindo. Por uns instantes, Asa fumou o cachimbo em silêncio. Depois, acrescentou:

— Kit é um prodígio com a faca e Robillard, com sua esperteza manhosa, torna qualquer luta interessante. Sinto muito ter perdido a de hoje.

— Mesmo se estivesse lá, você correria o risco de não ver nada, caso piscasse os olhos. Tudo começou e terminou muito depressa. Até agora não entendi por que tiveram de brigar.

Asa sacudiu a cabeça.

— Não se desperdiçam palavras com um patife do tipo de Robillard. Franceses como ele não as entendem, Annie. O sujeito e a pedra no sapato dos Sparhawk há bem uns vinte anos, sempre matracando que as terras dos ingleses pertencem aos padres e ao rei da França. Se Kit o tratou mal, ele mais do que merecia.

— Pode ser. Mas ele podia ler escolhido um lugar e hora melhores para brigar — comentou Dianna.

Ela ainda se sentia perturbada com a cena assustadora e não desejava falar mais sobre o assunto. Passou um pano na mesa e sentou-se do lado oposto ao de Asa, com as mãos cruzadas à frente.

— Asa, não sei o que o capitão Welles lhe contou a meu respeito. Você precisava de alguém para cuidar de Mercy e comprou o meu contrato. Fiquei muito agradecida. Entretanto, não sou exatamente o que você queria. Não sei fazer nada, nem mesmo cozinhar.

Continuando a fumar e com a cabeça meio inclinada para trás, ele a observou com os olhos semicerrados.

— O jantar estava bom. Aliás, ótimo.

— Não fui eu quem o preparou e sim Hester Holcomb — contou Dianna com um sorriso triste. — Ela se ofereceu a me ensinar a cozinhar e a fazer outros serviços para que eu possa ser de alguma utilidade a vocês dois. Mas para tanto, preciso ir a Plumstead e levar Mercy comigo.

Em silêncio, ele a ouvia fitando-a através da fumaça azulada do cachimbo.

— Sei que você não gosta de Kit Sparhawk, mas eu tomarei bem conta de Mercy — prometeu Dianna, certa de que ouviria uma resposta negativa. — Será apenas por uns dias, até eu ter idéia de como se cuida de uma casa.

Com expressão pensativa, Asa sacudiu a cabeça devagar.

— Hester é uma mulher muito boa e capaz de lhe ensinar bastante. Vocês duas juntas podem manter a menina em segurança. — Ele empurrou a cadeira para trás e esticou os braços acima da cabeça, estalando as juntas. — Na verdade, Jeremiah e eu vamos viajar rio acima por uns quinze dias. Partimos amanhã cedo. Sabendo que Mercy está com você e as duas passando o dia com Hester, vou embora mais sossegado. Mas você tem de

trazer a menina para casa antes do anoitecer, entendeu? Ela mora aqui e não em Plumstead. Não quero saber de Kit pondo idéias em sua cabecinha.

— Certo, Asa. Há uma outra coisa.

— Não estou com medo que você ponha fogo na casa, caso isso a preocupe — garantiu ele com suavidade.

Dianna corou e baixou o olhar para as mãos.

— Não, trata-se de um ponto diferente. Quero saber a respeito de Kit e Mercy. Ouvi o que você disse a ele sobre a substituição de alguém perdido. Mercy sente desconfiança por mim e não acredita que eu deseje ser sua amiga. Se você puder contar algo para me ajudar a...

Asa levantou-se num movimento brusco.

— Não há nada que você precise saber, moça — interrompeu ele, áspero. — Não faça perguntas sobre pessoas mortas, pois isso só pode prejudicar as vivas, entendeu? Certos fatos do passado devem ser esquecidos.

Um golpe do ar frio da noite soprou pela chaminé abaixo provocando fagulhas nas brasas. Devagar, Dianna baixou a cabeça e firmou o queixo nas mãos, enquanto o olhar se fixava nas chamas avivadas. Gostasse ou não, obtivera a resposta.

Durante a primeira semana trabalhando ao lado de Hester em Plumstead, Dianna não teve de enfrentar o problema de manter Mercy afastada de Kit, pois ele não apareceu uma única vez. Quando as duas chegavam de manhã, ele já havia saído para cuidar de suas tarefas. Precisava ir ao moinho verificar a moagem do trigo de inverno; à serraria controlar o despacho do pinho para Barbados; inspecionar os enxertos nas árvores do pomar e verificar se os campos mais afastados estavam sendo bem arados. Às vezes, tinha de se reunir com as autoridades de Wickhamton para tratar da proteção aos fazendeiros de terras distantes.

Após sete meses de ausência, Hester tinha explicado a Dianna, haviam muitos assuntos exigindo a atenção de Kit. E também, acrescentara ela com um sorriso malicioso, para mantê-lo afastado do caminho de Constance Lindsey.

Mas na sexta-feira, Constance conseguiu, finalmente, descobri-lo no armazém à margem do rio. De má vontade, Kit desistiu de continuar trabalhando para ir cavalgar em sua companhia. A tarde já ia avançada quando os dois retornaram a Plumstead. O riso excitado de Constance chegou aos ouvidos de Dianna, que descascava nabos na cozinha. Interrompeu a tarefa por um instante a fim de observar, pela janela, o casal atravessar o pátio. Numa atitude de familiaridade, o braço de Constance passava pelo de Kit enquanto ambos, com a mão livre, puxavam as montarias pelas rédeas.

Hester seguiu o olhar de Dianna e soltou uma exclamação de desdém.

— Ela pode pensar que o apanhou, -mas não existe a mínima possibilidade de Kit se deixar conduzir como o cavalo.

— Ela é muito bonita — comentou Dianna.

Constance usava um costume de montaria lilás que lhe realçava o corpo bem-feito. Combinando, exibia um chapeuzinho de três pontas, ajeitado de lado.

— E muito tonta também, para se dar ao trabalho de vir perseguir Kit aqui — acrescentou Hester. — Não sei por que ele não a mandou embora, rio abaixo com Jonathan, na terça-feira.

— Jonathan já foi? — perguntou Dianna surpresa. Imaginava que ele continuasse em Plumstead e se mantivesse ocupado como o irmão. i

— Ah, ele só veio até aqui para trazer a moça e, com isso, atormentar o irmão. Por causa da fratura na perna, Jonathan ficou preso em terra tempo demais. Agora não quer saber de se separar do Prosperity mais do que o necessário. Então dos dois irmãos, ele e o seu preferido? Não precisa se acanhar — disse Hester rindo ao notar Dianna enrubescer. — Todas as moças do vale se encantam por um ou por outro. Mas aposto como aquela lá fora está mais interessada na fortuna do que no homem.

— Os Sparhawk são ricos? — perguntou Dianna aliviada em encontrar um assunto que desviasse a atenção de Hester de seus sentimentos e do quanto estava enganada sobre eles.

— Eles têm terra bastante por estes lados para formar um país se quiserem. E com o comércio de Jonathan, as serrarias, moinhos, postos de abastecimento e arrendatários controlados por Kit, eles deixariam o avô, o que veio para cá com o governador Winthrop, muitíssimo orgulhoso, caso estivesse vivo para ver o progresso dos netos.

Tornava-se difícil para Dianna entender como os Sparhawk, apesar de tão prósperos, persistiam em trabalhar tanto. Na Inglaterra, cavalheiro algum jamais se empenharia dessa forma se pudesse evitar. Até o tio, com a companhia de comércio marítimo, passava mais tempo à mesa de jogo do que no escritório. Isso sem falar em seu pobre pai para quem ganhar dinheiro constituía uma alquimia misteriosa. Mas então, olhou para o nabo entre as mãos e sorriu. Na Inglaterra, dama que se prezasse também não se sujeitaria a executar tarefa semelhante.

— Mas se um deles não se casar logo — continuou Hester — e arranjar um par de filhos, a fortuna inteira acabará sendo repartida entre as irmãs. Não que Bess, Grace e Amy não sejam boas moças, porém as terras passariam para o nome dos mandos e o de Sparhawk cairia no esquecimento. Prefiro morrer a ver esse dia!

Dianna pensou em Mercy e imaginou se, caso fosse um menino, Kit o reconheceria. Hester, que tratava a família Sparhawk como sendo sua, devia saber a verdade. Todavia, achava estranho que ela falasse tão abertamente sobre Kit e filhos.

Hester pôs um resto de água sobre os legumes no caldeirão e entregou o balde a Dianna:

— Por favor, vá buscar mais lá no poço.

Embora vazio, o balde de carvalho era pesado e Dianna o carregava, à frente do corpo. O poço ficava do lado da frente da casa e, quando já ia virar para alcançá-lo, parou ao ouvir

a voz de Constance. Ela e Kit estavam sentados num dos bancos junto à porta. Como Dianna não desejasse ser vista, procurou uma desculpa a fim de voltar à cozinha sem a água. Antes de achá-la, Constance começou a cantar.

Pelo menos, Dianna imaginou que esse era o propósito da voz esganiçada e alta da outra. Ela mal reconheceu a canção, uma balada antiga que, num arranjo novo, tornara-se muito popular na corte dois anos atrás. Enquanto a interpretação musical de Constance desafinava e se afastava mais e mais da melodia, Dianna começou a sorrir. Podia não ler caracóis loiros ou um costume de cavalgar lilás e elegante, porém possuía uma voz pura e cristalina. Esperou a moça terminar e, então, pôs-se a entoar a balada enquanto dobrava a esquina e ia até o poço num andar vagaroso, sem olhar para o banco.

Distraída com a letra da canção, que falava do amor perdido de uru pastor de ovelhas, Dianna empolgou-se e expandiu a voz. Por uns momentos, esqueceu-se de tudo, da água e da audiência, consciente apenas do prazer proporcionado pela música. Só quando terminou e ouviu os aplausos de Kit, lembrou-se do que fazia. Virou-se depressa e deparou com o olhar furioso de Constance.

— Onde uma criada como você pode ter aprendido essa canção? — perguntou a outra no auge da irritação. — A partilha musical foi trazida especialmente para mim no Prosperity!

Pelo canto dos olhos, Dianna viu Kit levar a mão à boca para abafar o riso. Com medo de rir também, não ousou fitá-lo diretamente.

— Ah, madame, o Sr. Sparhawk pode ter lhe trazido a partitura no Prosperity, mas eu também vim no veleiro.

— Mesmo assim, não entendo. A canção é a última moda na corte! — esbravejou Constance.

Dianna deu de ombros.

— Isso foi, pelo menos, dois anos atrás. Eu estava presente quando a apresentaram no Twelfth Night, o baile de máscaras em casa de lorde Rathburn.

— Que audácia! Christopher, você precisa mandar chicotear essa atrevida para ela aprender a não mentir! Como uma serviçal plebéia de Wickhamton poderia tomar parte numa festa em casa de lorde Rathburn?

— São as voltas do destino — respondeu Kit. — Umas boas, outras más, nada mais. Você explicaria de maneira diferente, Dianna?

Por sobre o ombro de Constance, ele a fitou e piscou com expressão maliciosa. Sorria com espontaneidade, com prazer de compartilhar esse momento com ela. O sorriso alargava-se atingindo seus olhos e, pela primeira vez, Dianna sentiu o efeito do encanto viril em sua plenitude. E mais ainda. Pela primeira vez, via admiração e respeito por ela em seu semblante. Poderia apenas uma canção ter conseguido tanto?, indagou-se atônita.

— Então é Dianna, Christopher?! — demandou Constance olhando-o com desconfiança.

— Não vou ficar aqui nem mais um segundo! Não posso ser tratada com tanta insolência por essa criatura a quem você se recusa a disciplinar!

A moça arrebanhou as saias para ir embora, porém hesitou por um instante como se esperasse que ele lhe pedisse para ficar.

Kit, entretanto, continuou a sorrir para Dianna enquanto dizia:

— Não pode negar, Constance, que ela canta muito melhor do que você.

Havia um convite mudo no sorriso, algo que fazia o coração de Dianna disparar. Ela o retribuiu alheia a tudo, exceto à atração dos olhos verdes.

Kit a salvara do estupro e do fogo, porém ela havia mantido o coração em segurança. Ele a tinha classificado com palavras pesadas e concluído o pior sobre seu passado enquanto ela descobria segredos dele que a chocavam. Tentara não se importar. Kit a tinha beijado, acariciado e ela controlara as emoções. Mas agora, graças a um sorriso trocado por causa de uma brincadeira boba e exibicionista, Kit poderia se apossar de seu coração, pois ele estava perdido para sempre.

CAPÍTULO IX

— Como você sabia o jeito certo de livrar a gente de Constance Lindsey? — perguntou Mercy na manhã seguinte quando caminhavam para Plumstead. — Eu tentei e tentei que ela largasse Kit, mas Constance só ficava brava comigo e não arredava pé.

Dianna esforçou-se para esconder a surpresa. A menina nunca tinha lhe dirigido tantas palavras. Teve até medo de responder, pois de acordo com o que dissesse, Mercy poderia se retrair outra vez.

— Não imaginei que ela fosse ficar aborrecida. Não agüentei ouvir uma canção linda tão mal cantada. A moça é muito desafinada e estragou a melodia.

Mercy riu entusiasmada.

— Você cobriu Constance de vergonha. E na frente de Kit. Ele disse que você canta bem e ela, mal.

— Não me lembro de ouvir Kit dizer exatamente isso — comentou Dianna rindo também.

— Ah, disse sim, e ele está certo. Sua voz é tão bonita. Ale parece a de um anjo — elogiou a menina fitando-a meio encabulada.

— Muito obrigada — murmurou Dianna comovida e, dessa vez, ao segurar-lhe a mãozinha, Mercy não a puxou. — Meu pai gostava muito de música e fez questão que eu tivesse os melhores professores. Nós sempre cantávamos juntos.

Com os tamanquinhos, Mercy levantava, de propósito, folhas secas no ar.

— Seu pai morreu, eu sei. Kit disse que preciso ser boa e obediente porque você é órfã como eu.

Outra surpresa para Dianna.

— Às vezes, não acredito que meu pai esteja morto. Sinto muitas saudades dele. Você também não sente do seu e de sua mãe?

— Claro — respondeu Mercy suspirando. — Quando estou perto de Kit não fico muito triste. Ele e meu pai eram amigos. Eu podia morar em Plumstead, mas vovô não deixa. Sabe, Kit chorou no enterro de papai. Ele não percebeu que eu vi.

— Kit gosto muito de você, Mercy — afirmou Dianna em tom cauteloso, desejosa que as confidências da menina lhe revelassem algo. — Mas seu avô também a quer bem e...

Calou-se de repente e ficou à escuta. Estavam no sopé de uma pequena colina, cujo topo era de pedra. As folhas novas das árvores e as touceiras de mato à volta não ajudavam muito para servir de esconderijo. Dianna estava certa de ter ouvido algo vindo do outro lado da colina. Mercy também havia escutado, mas não deu importância ao fato. Continuou espalhando folhas secas no ar a cada passo.

— Não fique com medo, Dianna. Deve ser uma lebre ou um esquilo.

Dianna, entretanto, puxou-a para trás ao mesmo tempo em que tapava-lhe a boca com a mão. Ouviu o barulho novamente e, dessa vez, com mais clareza: dois passos de alguém fora de seu campo de visão. Embora pudesse ser uma pessoa amiga, ela só visualizava um homem como Robillard, ou do tipo rude de comerciantes de pele que havia encontrado durante a viagem com Asa e Jeremiah. Apenas sabia que era fraco, vulnerável, estava sem arma e com uma criança. Depressa, levou Mercy pela mão ao alto rochoso da colina, maldizendo o ruído dos próprios pés. Grudada à pedra e com o coração disparado, foi se movendo bem devagar mais para cima até poder espiar por sobre o topo. Abafando uma exclamação de pavor, ficou paralisada no lugar.

O homem abaixo a observou calmamente. Alto, magro, embora musculoso, ele tinha os ossos malares proeminentes e a pele de um moreno acobreado, toda marcada por cicatrizes de varíola. Usava um cobertor sobre os ombros como se fosse uma capa, calções, pernas de pedaços emendado de couro de alce e uma coleção de colares de contas. Havia mais destas contas entremeadas nos cabelos negros e um inúmeros pacotinhos pendiam-lhe dos ombros e da cintura. Na mão erguida, pronta para ser atirada, estava a machadinha, arma usada com destreza pelos nativos.

Dianna agarrou-se à rocha. Deus misericordioso, é um índio, um pele vermelha selvagem.

Mercy subiu pela pedra e, de seu lado, olhou para baixo. Tarde demais, Dianna tentou puxá-la para trás. A menina, perdendo o equilíbrio, começou a rolar o outro lado da colina em direção ao índio. Horrorizada e prevendo o momento em que a machadinha acertasse em Mercy, Dianna a seguiu.

Mas para surpresa sua, um largo sorriso espalhou-se pelo semblante do índio. Baixou a machadinha e a enfiou na corda que lhe servia de cinto.

— A filha de Tom Wing, não é? — perguntou ele em inglês e em tom amistoso. — Você está crescendo, pequenina.

Sem se conter, Mercy pôs-se a pular excitada à frente do índio.

— Kit voltou, Allawan!

— Mercy! — exclamou Dianna puxando a menina para junto de si, num gesto de proteção.

Embora o homem tivesse guardado a arma, ela ainda estava muito assustada com sua seminudez. Lembrava-se de cada história ouvida sobre as crueldades feitas pelos índios aos colonos desprotegidos.

— Este é Atwan, Dianna. Ele é Pocumluck e amigo de Kit — explicou Mercy.

Sem saber como se dirigir a um índio, Dianna baixou a cabeça e começou a recuar enquanto, numa reação nervosa, falava depressa e em tom bem alto:

— Pelo jeito, todos na colônia são amigos de Kit. Aliás, Mercy, ele está esperando por nós e, com certeza, preocupado com nossa demora. Talvez até já tenha vindo nos encontrar. Passe bem... Sr. Allawan.

Com ar solene, Allawan sacudiu a cabeça.

— Ele é um bom amigo, dona. Muito bom mesmo! — afirmou o índio às suas costas.

Enquanto o moleiro desfiava uma lista interminável de reclamações, Kit esforçava-se para manter expressão de interesse, mas só registrava uma de cada dez palavras da litania do homem. Mesmo isso custava-lhe mais concentração do que desejava dedicar ao assunto.

Desde o primeiro momento de sua chegada, não tinha parado de ouvir queixas sobre uma coisa ou outra. Indagava-se como Plumstead e os outros empreendimentos tinham prosseguido normalmente durante os meses de sua ausência. Entendia como os negócios haviam andado mais devagar sob a direção de Jonathan, pois o irmão, mesmo em bom estado de saúde, não compartilhava de seu empenho pelos assuntos da terra. Porém o que mais surpreendia Kit era o fato de ele mesmo, desde o retorno, irritar-se com as responsabilidades. Já não tinha a mesma paciência com os arrendatários e seus problemas, grande interesse pelos lucros e, menos ainda, pelas questões de Wickhamton.

Havia lhe custado apenas uma semana para descobrir o motivo: Dianna Grey. Sem saber como, deixara-se enfeitiçar pela moça e de uma forma estranha à sua experiência. Desejava muito seguir o conselho de Jonathan e levá-la para a cama a fim de se livrar, de uma vez por todas, dessa tentação. Mas não podia. Ela era a criada de um de seus arrendatários e, por extensão, dele mesmo, até o término de seu contrato de trabalho. Dianna não era uma mulher de taverna a quem ele pudesse largar para trás com um punhado de moedas. E, naturalmente, persistiam os motivos pelos quais não a tinha possuído durante a viagem.

Entretanto, todas objeções apagavam-se cada vez que a encontrava. Dianna jamais tentava ser sedutora diante dele e, ao contrário de todas as mulheres que conhecia, não

mostrava interesse por sua alta posição. Ele poderia ter comprado e vendido seu desafortunado pai de sangue azul umas dez vezes. No entanto agora, Dianna trabalhava para um miserável traficante de peles e continuava a não notá-lo. O pior era a sua vontade de que Dianna não o ignorasse. Gostava de estar perto dela porque Dianna sempre o surpreendia. Sorriu ao lembrar-se de sua facilidade em despachar Constance de volta para New London. Deus do céu, e a voz de Dianna? Ele nunca tinha ouvido uma tão linda. Como conseguiria fazê-la cantar novamente, e só para ele?, indagou-se. A idéia o fez sorrir.

— Ora, Sr. Sparhawk, não acho graça nenhuma nas mós gastas do moinho. Se não trouxer o preparador de pedras de Saybrook, não me responsabilizo pela moagem do trigo da primavera.

— Não se preocupe, Morgan, vou trazer o homem. Dentro de quinze dias, ele estará aqui — garantiu Kit depressa. Caso não tomasse cuidado, logo as más línguas estariam dizendo que ele perdera o juízo em Londres. — Você estava certo em chamar minha atenção sobre o assunto. Mas fique sossegado. Tudo estará em ordem para o trigo da primavera.

Tendo apaziguado o moleiro, Kit logo cavalgava rumo a Plumstead. A tarde mal começara e, nesse dia, haveria de chegar em casa antes de Dianna e Mercy terem ido embora.

— Não sei se nós deveríamos entrar aqui — disse Dianna um tanto constrangida por Mercy insistir em lhe mostrar a sala de visitas de Plumstead.

Como o aposento fosse usado raramente e a porta estivesse sempre fechada, ela nunca o tinha visto, aliás não conhecia grande parte da casa. A riqueza da decoração a surpreendeu, embora os móveis, de nogueira escura, fossem no antigo estilo do rei George. Com os torneados pesados, os entalhes minuciosos e os assentos das cadeiras de palhinha, tornava-se evidente que haviam sido feitos pelos melhores artesãos de Londres. As cortinas e as almofadas eram de veludo verde e um enorme tapete turco, de cores alegres, forrava grande parte do assoalho de tábuas de pinho enceradas. Uma arca alta, em chinoiserie vermelho e preto, dominava grande parte de uma das paredes e, sobre o consolo da lareira, havia uma fileira de enfeites de prata.

Mas foi para junto de uma mesinha sob a janela que Mercy fez questão de levar Dianna. A menina apontou para uma caixa longa e achatada, cuja tampa tinha um desenho delicado em madrepérola.

— Jonathan disse que é para fazer música — informou ela. — Será que você não sabe fazer a caixa cantar?

Mercy puxou a banquetta de sob a mesinha e, depois de se sentar, abriu a caixa com muito cuidado.

— É um virginal, Mercy — explicou Dianna enquanto a menina, debruçada sobre seu braço, olhava para as teclas brancas e pretas.

Bem de leve, Dianna tocou uma delas e Mercy, ao ouvir o som extraído da corda, soltou

uma exclamação de surpresa. Infelizmente, o pequeno instrumento estava muito desafinado, mas após tantos meses sem música, Dianna sentiu-se encantada com ele. Com desembaraço, deixou os dedos correrem pelo teclado e, em instantes, começava a cantar. Dessa vez, o fazia por puro prazer e não para dar uma lição a alguém. A canção escolhida foi Greensleeves, uma balada adequada para o som melancólico do virginal. Fascinada, Mercy sentou-se no chão ao lado.

Tão entretidas ficaram as duas com a música que não ouviram o ruído dos passos de Kit no corredor e nem o viram parado à porta.

A música reavivou uma infinidade de imagens na memória de Kit. Eram lembranças da infância, quando ele, o irmão e as irmãs rolavam ali pelo chão diante da lareira, o vento de inverno uivando lá fora, enquanto a mãe tocava o virginal. Revia a expressão feliz do pai ao virar as páginas da partitura musical para a mulher e ao beijá-la na testa quando ela terminava.

— Ninguém tocou esse instrumento depois que minha mãe morreu — disse ele quando Dianna terminou.

Ainda meio perdido com as lembranças, tinha falado em voz tremula e emocionada.

Assustada, Dianna fechou depressa o instrumento e empurrou a banquette para trás a fim de se levantar.

— Por favor, me perdoe, eu não sabia.

— Não, não pare, eu lhe peço. Não foi por sentimentalismo que ele ficou fechado esse tempo todo, mas porque não havia ninguém que soubesse tocá-lo. — Sorriu com expressão triste, despertando a tristeza de Dianna pela perda do pai. — Minhas irmãs não tinham paciência, nem o dom para música. Por isso, o instrumento ficou aí esquecido, à espera de você, se me permite dizer.

O semblante de Dianna iluminou-se com o elogio inesperado. Ela não passava de uma criada e ele era um homem rico, de posição social. Não estava certo Kit falar-lhe tolices prazerosas. Mas vendo-o ali perto, sorrindo, achava-se incapaz de não o perdoar por qualquer coisa. Mais uma vez, sentiu a atração inegável que exercia sobre ela.

Kit vestia-se com simplicidade. O colete de lã estava desabotoado, deixando à vista a camisa de linho grosso, também aberta até um pouco abaixo do colarinho e com as mangas arregaçadas.

Dianna apanhou-se observando, fascinada, os pêlos crespos nos braços e no peito de Kit. Sem se importar com as marcas de pó deixadas pelas bolas no tapete, ele se aproximou e Dianna, temendo que as pernas trêmulas não a sustentassem mais, voltou a se sentar na banquette.

— Vai tocar mais um pouco? — perguntou ele com uma ponta de ansiedade, porém Dianna sacudiu a cabeça num gesto negativo.

Duvidava de sua capacidade para executar a peça mais simples nesse momento.

— Então, me força a conversar, lady Dianna — disse ele ao sentar-se no braço de uma poltrona e a indagar-se por que a tinha chamado pelo título, sem sarcasmo pela primeira vez. — Pelo menos, Constance queria que eu falasse com você.

O sentimento de culpa levou Dianna a se desculpar depressa.

— Oh, Kit, não sei o que deu em mim para agir daquela maneira. A moça só tinha a intenção de agradá-lo e eu não devia tê-la humilhado, especialmente sendo ela sua noiva.

Kit riu e Dianna viu nos olhos verdes a mesma expressão divertida exibida quando o seu canto sobrepujara o de Constance.

— Ela tem tanto direito a esse título quanto à novilha malhada lá no curral. Pensando bem, a voz dela soaria melhor lá no meio do gado.

— Dianna fez a boba virar as costas e fugir, não foi, Kit? — perguntou Mercy rindo.

A maneira de Kit erguer as sobrancelhas mostrou a Dianna que ambos tinham esquecido a presença da menina. Esperou para ele resolver se Mercy continuava na sala, ou se saía. Mas as sobrancelhas ergueram-se um pouco mais, indicando que a decisão cabia a ela. Irritou-se, pois a atitude insinuava que ela podia ter medo de ficar ali sem a proteção da companhia da criança. Já mais controlada, ia provar-lhe o quanto estava enganado.

— Mercy, por favor, vá lá para a cozinha com Hester. Kit e eu precisamos conversar em particular. Daqui a pouco nós vamos para casa.

A menina começou a protestar, porém um olhar severo de Kit a fez obedecer a ordem.

Com rapidez surpreendente, Kit mudou-se do braço da poltrona para o lado de Dianna na banqueta. Constrangida, ela puxou a saia, sobre a qual Kit se sentara, provocando-lhe um riso divertido. Ambos não cabiam muito bem na banqueta e era impossível as coxas não se encostarem. Mas Dianna recusava-se a lhe dar mais motivos para riso, por isso, não se mexeu.

— Eu também quero falar com você, Kit — começou ela com a intenção de contar o encontro com Attawan —, e é melhor que seja longe de Mercy.

— Depois. O seu assunto não pode ser mais importante do que o meu. — Numa voz bem baixa e com os olhos verdes observando-a de perto, perguntou: — Por que você me atormenta tanto, Dianna? Em North Boston, eles a condenariam por bruxaria, usando como prova o que fez para mim.

Com os ombros bem erguidos, Dianna fitou as mãos no colo.

— Não sei o que você quer dizer.

— Ah, doçura, duvido. — Tomou-lhe a mão delicada, que desapareceu entre as suas, grandes e ásperas. Queria apenas conversar, não seduzi-la. Não via perigo nisso. — Sua mão estaria tremula e com a palma úmida se você não soubesse?

Mas a proximidade de Dianna já começava a pôr em perigo suas boas intenções.

No calor da cozinha, ela havia soltado o lenço que, por modéstia, usava à volta do decote.

Percebendo como o topo dos seios ficava à vista, ela apressou-se a ajeitá-lo. O gesto simples de revirar as pontas do linho foi mais sedutor para Kit do que ele imaginava ser possível.

O que havia nessa mulher para afetá-lo tanto?, indagou-se ele. Abriu-lhe a mão e percorreu a ponta dos dedos pela palma e ao longo das veias do pulso. Extasiou-se com o arrepio que lhe provocou na pele. Devagar, levou a mão aos lábios e, com beijos, retrocedeu o caminho seguido pelos dedos.

Dianna poderia se manter firme, caso Kit se comportasse com a exigência demonstrada no Prosperity. Para tanto estava preparada. Mas a sua delicadeza agora a apanhava de surpresa. Uma a uma, sentiu as defesas se esvaírem sob as carícias tentadoras. Sentia seu calor, mesmo através das roupas, e o seu cheiro másculo embriagava seus sentidos. De maneira clara, lembrava-se como ele a linha beijado e, embora um resto de bom senso se rebelasse, o coração disparava numa expectativa deliciosa, enquanto entreabria os lábios.

Com a mão sob seu queixo, Kit virou-lhe o rosto. Os olhos dele prendiam os seus e, pela primeira vez, Dianna notou o verde salpicado de minúsculos pontos dourados. Ele passou o indicador pela covinha alongada e murmurou:

— Gosto dela.

Dianna fechou os olhos para quebrar o encanto, mas a voz e as carícias continuavam. Num último esforço, a consciência lutou para encontrar algo, qualquer coisa, que a salvasse da rendição total.

— Hoje um índio tentou matar Mercy e a mim — disse de repente e ainda com os olhos fechados. — Lá adiante do campo oeste, a uns quatro quilômetros daqui.

Kit ficou petrificado, sem mais o mínimo desejo.

— O que você está falando?

— Havia um índio no mato. Ele empunhou a machadinha e nos ameaçou. Eslava bem decidido.

— Dianna, por tudo que é mais sagrado, se você está fazendo graça comigo...

Mais uma vez, ele viu o lugar onde a trilha fazia uma curva para seguir a do rio, a terrível e inesperada quietude do entardecer, o corpo retorcido do cachorro amarelo do pai, caído parte na água, a cauda comprida flutuando e balançando com a correnteza...

— Não há mais índios hostis em Wickhamton — assegurou com voz rouca. — Há mais de dez anos que nenhum inglês morre nas mãos de selvagens. A milícia e as patrulhas de controle garantem a segurança. Não há mais índios hostis — repetiu.

— Ele disse que o conhecia — contou Dianna. Por que não acreditava nela? — Disse que se chama Attawan e o chamou de amigo.

— Ah, sim, Attawan. Ele tem o direito de me considerar como tal.

Kit sabia que deveria se sentir aliviado, mas a pressão no peito, provocada pela tristeza,

recusava-se a relaxar. Não era apenas voltar a ouvir o virginal da mãe, e só Deus sabia como isso seria suficiente. Mas tratava-se de algo mais. Era Dianna e o perigo de querer envolver-se com ela.

Deixou a mão escorregar da sua e Dianna sentiu o coração constranger-se ao ver-lhe a expressão fria e distante. Significaria tão pouco para ele a ponto de sua apreensão não passar de uma interrupção desagradável?

— Não importa se Altawan o conhece, Kit, pois a mim, não — insistiu ela. Havia imaginado um laço de simpatia unindo-os, porém agora não via sinal dele nos olhos verdes. — Se vou viver nesta região erma, não quero me sentir desamparada outra vez. Preciso aprender a me defender.

Kit levantou-se e se virou de costas para que Dianna não visse a angústia em seu semblante. Como poderia lhe explicar que as ameaças jamais terminariam, que ele próprio as enfrentava todos os dias? Após um instante de silêncio, disse:

— Você é mulher, Dianna, e foi criada com todo o cuidado.

— Isso deve ser desculpa, Kit? — indagou incrédula. — Quero que me ensine a atirar com mosquete.

— Não sabe o que está pedindo, doçura — respondeu ele com um riso áspero e pronunciando a palavra carinhosa com um toque de sarcasmo. — De jeito algum vai pôr as mãos numa arma de fogo. Se por um acaso da sorte conseguisse levantar a coronha até o ombro, duvido que pudesse firmá-la para fazer pontaria e atirar. E se o coice provocado pela explosão a atirasse para trás? Um homem experiente leva meio minuto para recarregar o mosquete. Para você, imagino, seria necessário o dobro do tempo. Nesse intervalo, seu inimigo daria cabo de você com a maior facilidade e eu ficaria com a culpa. Não, Dianna, não posso fazer isso.

— Você prefere me ver enfrentar o perigo desprotegida, com Mercy me ensinando a me defender? — Também estava em pé agora, enfrentando-o com as mãos nos quadris. Odiava aquela atitude de superioridade. — Pois então, me perdoe por haver insultado o seu estranho senso de honra. Vou pedir a Hester para me ensinar a atirar.

— Pode contar comigo, já que o famoso coronel Sparhawk se nega a ajudá-la — disse a governanta da porta.

Dianna viu a tensão nos músculos de Kit e percebeu que a ironia de Hester acertara o alvo. Esta prosseguiu com sua franqueza habitual:

— Mercy está querendo ir embora e você já terminou por hoje. Acho bom se porem a caminho logo.

Na esperança vã de Kit a fitar mais uma vez, Dianna hesitou por um instante. Voltavam a ficar num impasse onde imperavam a desconfiança e as palavras ásperas que vontade alguma podia mudar. Brava, sentiu as lágrimas encherem-lhe os olhos. Deixou a sala de cabeça baixa.

Ainda de costas, Kit a ouviu sair. Irritado, virou-se para a governanta. — Acho bom morder

a língua, Hester. Você esquece quem é e o seu lugar.

— Vá para o inferno, Kit Sparhawk — respondeu Hester em tom severo. — Quando era pequeno, muitas vezes levou umas boas palmadas minhas no traseiro. Se for preciso, dou mais. Na minha opinião, você vem usando essa parte macia do corpo para pensar e não para sentar, pelo menos no que diz respeito a mulheres. Lá da cozinha, ouvi sua voz alterada. Dianna Grey não sabe sobre os demônios que o atormentam. A menos que permita alguém informá-la, ou você mesmo conte tudo...

— Não! — interrompeu Kit enquanto via, pela janela, Dianna se afastar de mãos dadas com Mercy em direção do campo a oeste. — Não — repeliu desanimado. — Isso pertence ao passado e eu prefiro que ela não saiba.

Nessa noite, Asa voltou para casa com Jeremiah e, depois de Mercy ir para a cama, Dianna lhe contou o encontro com Attawan em maio. Ao contrário de Kit, Asa não menosprezou sua história.

— Não estou preocupado com índios, mas com aquele bandido Robillard criando confusão novamente — comentou ele, pensativo. — Não acho seguro vocês duas continuarem indo sozinhas a Plumstead. Vou mandar Jeremiah avisá-los que, de amanhã em diante, não vão mais.

Não desejava isso, admitiu Dianna consternada.

— Você tem dois mosquetes, Asa. Se separar um para meu uso...

— Não, não — interrompeu ele com firmeza. — É obrigação minha cuidar de sua segurança. O melhor é ficar aqui comigo. Assim, posso ver o que aprendeu com Hester durante minha ausência.

Nas semanas seguintes, até o início de junho, Dianna e Mercy não se afastaram das vizinhanças da casa de Wing. Com as lições de Hester ainda frescas na memória, Dianna descobriu o quanto havia para fazer. Cozinhar era o que tomava mais tempo, mas graças à instrutora, tinha se tornado adepta de pratos simples. Sentiu-se recompensada quando até Jeremiah começou a aparecer na hora das refeições.

Tom Wing tinha sido moleiro e não agricultor, por isso costumava comprar ou barganhar os mantimentos para a família. A mulher, entretanto, cultivava uma horta que agora estava tomada pelo mato. Foi à sua recuperação que Dianna se dedicou primeiro. Em seguida, veio a casa. Depois de muito varrer, esfregar e lavar a sujeira de quase um ano, ela passou a considerar o lugar adequado para se viver. Mas a melhor mudança operava-se em Mercy. A cada dia, ela se tornava mais risonha e corada, enquanto os olhos adquiriam novo brilho. Suas crises de tristeza e solidão passaram a ser menos frequentes e duradouras e, quase o dia inteiro, ela seguia Dianna como uma sombra.

Nos primeiros dias do verão, Dianna passou a trabalhar mais ainda. Entretanto, reconhecia ser o período mais tranquilo de sua vida, após a morte do pai. Seria até possível se sentir feliz se não fosse o vazio deixado por Kit Sparhawk.

Dianna havia levado bem umas duas semanas para conseguir pensar nele sem

hostilidade. Quando a raiva tinha finalmente se dissipado, ficara uma tristeza muito mais difícil de ser suportada. Sentia grande amor por ele e sonhava com a retribuição do afeto. Seu corpo o desejava com uma intensidade assustadora, mas a mente a alertava contra a tolice de alimentar esperanças. Naturalmente, o via todos os domingos na igreja, sentado na primeira fileira, fazendo jus à sua posição social de destaque. Porém, ao perceber o cuidado de Kit para evitar filá-la, Dianna mantinha-se distante e de olhar baixo. Também tinha seu orgulho para proteger.

— Eu queria tanto que vovô nos deixasse voltar a Plumstead. Aposto como Kit sente falta da gente lá naquela casa enorme — queixou-se Mercy com tristeza.

Foi Hester quem, afinal, lhes proporcionou a oportunidade de ir a Plumstead.

— Já faz muito tempo que não passamos um dia juntas — reclamou ela, afável, no domingo após o culto. — Nasceram gatinhos no estábulo e eu estou precisando de alguém para me ajudar a colher morangos.

Percebendo a hesitação de Dianna, Hester afagou-lhe a mão e baixou a voz.

— Kit não vai estar lá amanhã, se é isso que a preocupa. Sei que vocês dois não se dão muito bem. Ele vai, de madrugada, à serraria perto da cabeceira do rio.

Com a permissão relutante de Asa e a promessa de voltarem antes do anoitecer, Dianna e Mercy seguiram para Plumstead no início da tarde seguinte.

Era o primeiro dia em que se fez sentir o calor forte de verão e as copas das árvores, na floresta, ofereciam uma sombra refrescante e acolhedora depois de parte da caminhada feita sob o sol escaldante. A trilha percorrida no início da primavera estava, agora, atapetada pela vegetação rasteira e o zumbido dos insetos mesclava-se com o trinado das aves. A aparição de índios e franceses parecia uma possibilidade remota num dia tão lindo como aquele. Flores silvestres desabrochavam junto aos troncos das árvores e Dianna teceu guirlandas, com as colhidas por Mercy, para ambas colocarem na cabeça. Depois de uma infinidade de verões apertada por espartilhos sob anáguas e saias, ela se sentia deliciosamente livre com a única saia sobre a camisa. Isso sem falar nos pés descalços.

Num gesto impulsivo, desmanchou a trança e deixou os cabelos soltos sobre os ombros.

— Ainda bem que o Dr. Manning não está aqui para ver vocês — repreendeu Hester em tom seco quando as duas entraram na cozinha de Plumstead. — Parecem duas pagãs pecadoras.

— Ah, Hester, não falta muito para a noite de vinte e quatro de junho — provocou Dianna ao apanhar um morango da cesta na mesa e levá-lo à boca. — Logo a rainha das fadas vai sair da floresta para dançar.

Hester franziu a testa com severidade.

— Não quero ouvir falar nessas bobagens. Fadas! Só espero que não lenha pedido para Asa enfeitar um mastro a fim de comemorar o dia primeiro de maio! As pessoas de Wickhamton podem não ser tão intransigentes com a religião como as do leste, mas são

todas cristãs fervorosas e não gostam desses disparates.

Com os olhos arregalados, Mercy encarou Hester.

— Dianna me contou essa histórias das fadas, mas não falou nada do tal mastro enfeitado. Como é ele?

— Está vendo, Dianna? Espero que esteja contente! — ralhou Hester com um olhar cortante. Com as mãos nos ombros da menina, levou-a até a porta da cozinha. — Mastros enfeitados são brincadeiras pecaminosas da velha Inglaterra e que não têm lugar na nova, Mercy. Agora seja uma boa menina e venha me ajudar a colher mais morangos.

Desapontada, Dianna apanhou uma cesta, disposta a acompanhá-las, mas Hester abanou a mão.

— Não, não, Dianna. Primeiro quero que você me faça o favor de ir guardar as camisas passadas de Kit lá no quarto dele. Meus joelhos estão doendo de tanto subir e descer escada.

— Qual é o quarto dele?

— Ora, menina, o único que está aberto! — gritou Hester já do lado de fora.

Havia três camisas limpas e passadas penduradas no encosto de uma cadeira. Dianna apanhou uma e, com cuidado, esticou-a junto aos ombros. Deus do céu, ele era um gigante, considerou com mais entusiasmo do que pretendia. Teria perdido o bom senso?, indagou-se ao apanhar as outras duas e dirigir-se à escada.

O quarto de Kit, quadrado e espaçoso, ocupava o canto sudoeste da casa. Os móveis, ao oposto dos da sala, eram simples e feitos de carvalho e bordo da região. Havia um guarda-roupa, uma mesa, uma poltrona de couro, a arca vista no camarote do Prosperity e uma cama com colunas e dossel. Dianna podia visualizar Kit ali, com as longas pernas esticadas sob a mesa que lhe servia de escrivaninha, interrompendo o trabalho para olhar o rio pela janela. Havia pilhas de papéis, na maioria cartas e contas, sobre a mesa, mas alguns com esboços de Thunder foram os que lhe chamaram a atenção. Com penadas firmes, Kit havia capturado a vivacidade do garanhão e a segurança dos desenhos surpreendeu Dianna. Outro achado inesperado foi um livro, bem manuseado, sobre Aristóteles. Como um homem que brigava armado de uma faca e trabalhava na terra podia se dedicar ao desenho e ler grego?

Guardadas as camisas, Dianna não tinha mais razão para permanecer no quarto. Todavia, continuou parada, percorrendo o ambiente à sua volta com olhar sonhador. O paletó do uniforme pendurado num cabida da parede, a gravura da Jamaica, a coleção pueril de pinhas arrumadas pelo tamanho no consolo da lareira, tudo revelava algo da personalidade de Kit.

Devagar, ela abriu as cortinas da cama. A colcha estava bem esticada e os travesseiros, afofados. Mesmo assim, imaginou as marcas do corpo agigantado de Kit no colchão de penas. Levemente e com os olhos fechados, passou a mão pela superfície como se ele estivesse deitado ali.

— Dianna?!

A princípio, ela pensou ter imaginado também a voz de Kit, mas quando ele repetiu seu nome, abriu os olhos depressa e ficou apavorada. Era apanhada como uma invasora da privacidade de Kit. A explicação morreu em seus lábios ao se deparar com o homem à frente.

Morto de calor e empoeirado pela cavalgada de quase um dia inteiro, antes de entrar em casa, Kit tinha tirado a camisa e se refrescado com baldes e baldes da água gelada do poço jogada sobre a cabeça e o torso. Os cabelos, respingando ainda, estavam afastados para trás da testa e o peito úmido reluzia sob o sol que entrava pela janela. A água havia também lhe molhado a calça que se colava ao corpo. Quanto tempo permaneceu paralisada fitando-o, Dianna não foi capaz de calcular.

Deus amantíssimo, o que ele estará pensando de mim.

CAPÍTULO X

Kit pensava que Dianna era a mulher mais linda do mundo. Ele havia encontrado com Hester no quintal e a ouvido reclamar sobre Dianna e uma história a respeito de fadas. Porém não sonhara encontrá-la, sedutora como uma rainha da floresta, ali no quarto. Os cabelos, soltos e enfeitados com flores silvestres, caíam em seus ombros como uma capa. A palidez adquirida durante a viagem tinha desaparecido. A pele estava de um rosa dourado e o corpo readquirira as formas arredondadas e graciosas.

Quando ela se curvou sobre a cama, a blusa escorregou do ombro oferecendo-lhe uma visão tentadora dos seios. Os lábios entreabriam-se numa expressão de surpresa e os olhos cinzentos o fitavam... Com o quê? Um convite? Já havia se enganado a seu respeito outras vezes, mas encontrá-la ali, nessa atitude, sem ninguém mais na casa, só podia significar que Dianna o desejava com a mesma intensidade com que ele ansiava possuí-la.

E Kit jamais quisera tanto uma mulher. Ele tinha passado essas últimas semanas bendizendo e amaldiçoando Asa por manter Dianna longe de Plumstead. Mas em geral, maldizia a si mesmo por tê-la afastado. Tentava ser um homem bom, um patrão paciente, um vizinho generoso, mas com Dianna, comportava-se sempre de maneira grosseira. Ela, por seu lado, mostrava-se estranha, mudando sempre de atitude. Seria essa sua última oportunidade de provar-lhe como era diferente?, refletiu ele.

— Então, você acabou voltando? Fico contente — afirmou Kit com suavidade, pois temia assustá-la outra vez.

— Por causa dos gatinhos — explicou Dianna depressa, mas percebeu logo como a desculpa a tornava ridícula.

Mas era-lhe impossível pensar com clareza se Kit, feito um grande leão dourado, observava-a com olhar penetrante. Deu uns passos para longe da cama e cruzou os braços sobre o peito. Onde estava a desculpa que precisava oferecer antes de escapar dali?

— E Mercy queria muito vê-lo.

— Senti falta dela também — afirmou Kit com um início de sorriso nos cantos da boca. — Mas tive mais saudades de você.

— De mim?! — protestou Dianna em tom irônico, instigada pelo peso da frustração das últimas semanas. — Como pode sentir saudades de mim se me conhece tão pouco?

— Não sei explicar, mas sinto como se sempre tivéssemos nos conhecido. Naquela noite em casa de sir Henry...

— Naquela noite, você me traiu! — queixou-se Dianna com amargura.

— Eu a julguei mal e você, agora, está fazendo o mesmo comigo — disse ele com tristeza.

Vendo-a com os cabelos soltos, era muito fácil lembrar-se da aparência de Dianna quando a encontrara na mansão do tio. Desde então, tudo ocorrera de maneira desastrosa entre os dois. Já não se importava mais se ela havia sido amante de sir Henry, nem acreditava que houvesse tentado matar o homem, porém não sabia como admitir isso sem enfurecê-la. Aliás, com razão.

— Eu daria muito para recomeçar tudo com você, Dianna.

— O Sr. Christopher Sparhawk se importa com o destino de uma condenada, de uma serviçal presa a um contrato de trabalho?

Dianna tivera a intenção de se expressar com sarcasmo, mas as palavras saíram quase como uma súplica melancólica. Desejava tanto acreditar em Kit!

O Sr. Sparhawk se importa muito — garantiu ele numa voz profunda e sedutora. Deu a volta pela cama e parou à frente dela. ;— Você não precisa que eu descreva seu valor, Dianna.

Sorrindo, ele tirou uma das flores de seus cabelos e roçou-lhe as faces com as pétalas.

— Aquilégia, não é?

— Isso mesmo — murmurou Dianna baixinho. — As raízes, quando fervidas, são um bom remédio para queimaduras.

Kit riu.

— Além de dar uma flor bonita, a planta é muito útil. Hester foi uma boa professora.

Largou a flor e, com uma das mãos, acariciou-lhe a face enquanto a outra, sob o queixo, erguia o rosto. Maravilhou-se com a delicadeza de feições.

Dianna fechou os olhos quando Kit começou a beijá-la. Todos os seus sentidos

concentravam-se nos lábios dele que, numa ternura inesperada, estimulavam os seus. Sem perceber, descruzou os braços e apoiou as mãos no peito de Kit, os dedos acariciando os pêlos ainda molhados. Em resposta, ele pôs as mãos em sua cintura e a puxou para bem junto de si. Os seios prensavam-se no peito, a água que restava nele umedecendo-lhe a blusa. Dianna sentiu uma reação desconhecida começar a se definir em seu íntimo.

Devagar, entreabriu os lábios e deliciou-se com o aprofundamento do beijo. Kit estreitou-a entre os braços, levando-a a se amoldar a ele. Ela se sentia macia e maleável de encontro ao corpo rijo. Acariciou-o no peito, nos ombros e entrelaçou as mãos à volta do pescoço enquanto a língua de Kit explorava sua boca.

Lembrava-se de como ele a tinha beijado antes, mas desta vez, não sentiu medo. Embora fosse virgem, não ignorava o que se passava entre homens e mulheres. Quatro anos na corte tinham sido muito instrutivos. Essa tarde, não fugiria de Kit. Certo ou errado, desejava-o e muito para continuar lutando contra ele e contra si mesma.

Kit percebeu o desejo que a dominava mais e mais. Quando Dianna mexeu-se de encontro a ele, gemeu de prazer. Há muito tempo não apreciava uma mulher e, por Deus, Dianna valia a espera. Sua boca possuía uma doçura incrível e uma maciez tentadora. Afastou-se o suficiente para afundar o rosto em seus cabelos cuja fragrância o embriagava.

Beijou-a ao longo do pescoço enquanto, com gestos apressados, despiu-lhe a saia e a blusa. Ela ficou apenas com a camisa, o linho fino e tímido delineando-lhe as formas onde se encostara no corpo molhado de Kit. Ele gemeu diante da visão e recomeçou a beijá-la, não mais com a ternura anterior, mas com a impetuosidade ditada pela paixão crescente. Com as mãos, percorria-lhe o corpo num reconhecimento prazeroso. Com a cabeça leve e a respiração ofegante, Dianna mal percebeu quando Kit, erguendo-a nos braços, a deitou na cama. Num instante, ele livrava-se das roupas e se acomodava a seu lado. Numa ansiedade incontrolável, desejava senti-la, acariciá-la por inteiro, mas Dianna ainda vestia a camisa. Tentou tirar a peça. Como não conseguisse, rasgou-a de alto a baixo, desvendando seu corpo. Dianna era muito mais perfeita e linda do que ele havia imaginado.

Instigadas pela carência, as carícias tornaram-se mais audaciosas e possessivas. Ele a faria esquecer todos os outros amantes e a querer ser só sua. Ajoelhado entre suas pernas, beijou-a ao longo das coxas até senti-la estremecer. Então, passou os braços sob seus joelhos e ergueu-lhe o corpo de encontro a boca.

Atônita, Dianna gemeu, primeiro, de surpresa e, depois, de prazer. Arqueou o corpo e elevou mais os joelhos numa tentativa de encontrar o alívio recompensador.

Murmurou-lhe o nome e ele a atendeu, deitando-se sobre ela. Instintivamente, levantou os quadris para recebê-lo.

De olhos arregalados com a dor provocada pela penetração, ficou-o confusa. A expressão de Kit estava rígida sob o esforço do autocontrole. Ele gostaria de prolongar o prazer

enquanto pudesse, mas por Deus, Dianna era tão quente e estreita! Devagar, começou a se mexer e, a cada impulso, Dianna sentia a dor diminuir e o prazer retornar.

Tentou acompanhar-lhe o ritmo. A cada impulso, elevava os quadris até que, imaginou, não suportaria mais. Enlaçou as coxas de Kit com as pernas, na esperança de que a ajudasse a vencer junto com ele aquele doce tormento. Não foi em vão. Atingiram um gozo tão intenso que surpreendeu até mesmo Kit.

Com o coração descompassado, a mente e o corpo ainda atordoados pelo efeito da experiência, Dianna encontrava-se exausta. Naturalmente ele a amava, concluiu exultante. Caso contrário, como poderia ter lhe feito amor de maneira tão apaixonada e maravilhosa? Sorriu e roçou os lábios, num beijo leve, no ombro dele.

Devagar, ele se levantou um pouco, firmando-se no cotovelo para admirá-la. Com os cabelos entremeados de flores, os lábios mais vermelhos por causa de seus beijos e os olhos revelando a satisfação alcançada, Dianna estava incrivelmente linda. Nunca tinha feito amor nessa cama, pois preferia manter os relacionamentos amorosos longe de Plumstead, mas Dianna merecia um lugar especial. Animado, já planejava como trazê-la de volta ali. As más línguas de Wickhamton teriam um prato cheio, caso descobrissem essa ligação. Porém Dianna era uma mulher experiente e se manteria discreta. Não duvidava que a recompensaria com momentos de grande prazer. Jamais havia visto uma mulher tão completamente saciada. Tanto quanto ele, refletiu.

Num gesto carinhoso, afastou um caracol de sua testa. — Ah, Dianna, minha doçura, minha deusa da lua e das estrelas — sussurrou ele em voz morosa. — Mas será sempre sob a luz do sol de verão que a verei em minha mente. Você é uma mulher adorável, minha lady Grey. Adorável e tentadora. Ao ouvir aquele "sempre", o coração de Dianna vibrou de alegria. Não sonhara ser amada por um homem tão atraente e perfeito como Kit Sparhawk.

Num movimento provocativo, ele mexeu os quadris de encontro aos dela e Dianna, receptiva, arqueou o corpo imediatamente. Kit gemeu com o prazer que ela lhe proporcionava. Por Deus, desejava-a outra vez, já, com uma intensidade difícil de se acreditar.

— Feiticeira — sussurrou ele beijando-a no pescoço. — Mulher alguma jamais me fez isso!

— Eu nunca conheci outro homem — respondeu Dianna meio ofegante.

— Igual a mim, quer dizer, doçura. Eu lhe disse antes que era diferente e só agora você me dá crédito.

Uma sombra empanou a felicidade de Dianna. Por que ele não entendia? Kit era o primeiro, o único homem com quem se deitara. Como não havia sentido que lhe oferecera sua inocência? Com os lábios, ele capturou um dos mamilos e suas dúvidas evaporaram-se sob a pressão do desejo que Kit provocava novamente.

Como num sonho nebuloso, ela ouviu o tropel de cavalos e, depois, homens chamando

por Kit. Certo de que esses ruídos não tinham a nada a ver com eles, Dianna aconchegou-se mais nos braços dele.

Kit, todavia, ergueu a cabeça e prestou atenção, apesar de o semblante revelar aborrecimento. Por que não lhe davam um momento de sossego? Com um último beijo, afastou-se de Dianna e foi até a janela.

Dois arrendatários, das terras mais distantes da fazenda, com o máximo cuidado tiravam um outro homem, enrolado num cobertor, do lombo de um cavalo. Devia estar inconsciente, com certeza ferido, pois as pernas e os braços pendiam soltos.

Os trabalhadores de Plumstead agrupavam-se à volta dele e lá estava Hester também. Se tinham vindo procurá-la em busca de seus conhecimentos medicinais, não via motivo para o chamarem. As pessoas viviam caindo do alto dos celeiros e se cortando com foices. Importava-se com o bem-estar das pessoas, claro, mas por que vinham perturbá-lo justamente nessa tarde?

As pessoas afastaram-se um pouco e Kit pôde ver o homem melhor. De uma palidez absoluto, talvez já morto, tinha uma atadura improvisada ao redor da cabeça, empapada de sangue. Kit impou as mãos no parapeito da janela. Sabia o que uma faca rudimentar para tirar escalpos era capaz de fazer. Antes de a vítima se dar conta, os índios a dominavam. E se fosse uma mulher, ou criança, pior ainda.

Apanhou a calça depressa, mas ao vesti-la, viu sangue em si mesmo. Sem entender e com expressão mais preocupada ainda, lançou um olhar para Dianna na cama. Deitada de lado e apoiada no cotovelo, ela o observava. Nas coxas alvas, as manchas rubras não deixavam margem para engano. Não era possível ter-lhe feito isso, pensou. Virgens lutavam e choravam, não enlaçavam as pernas num homem e estremeciam de prazer. E quanto ao tio e os outros homens que alegavam tê-la possuído?

Eu nunca conheci outro homem. Dianna mostrara-se desejosa, porém ele a tinha induzido. Só agora compreendia por que a havia sentido deliciosamente estreita ao penetrá-la. Os olhos acinzentados o fitavam cheios de incerteza e vulnerabilidade, esperando que ele se explicasse. Deus, o que tinha feito?

Ouviu vozes na cozinha e seu nome sendo chamado novamente. Em instantes, alguém subiria ao quarto à sua procura. Apressado, acabou de se vestir. Queria tanto beijá-la uma última vez, porém não havia tempo.

— Dianna, prometo que vamos conversar — falou numa voz meio atropelada. — Juro, doçura, mas agora, preciso ir.

Atônita, Dianna viu a porta bater. Havia dado a Kit o coração e a inocência e ele jurara conversar. Conversar! Fechou os olhos e apertou bem as pálpebras para reter as lágrimas. Que loucura havia cometido?

Atormentado por recordações angustiantes, Kit observou o homem deitado na mesa larga de cavaletes e imaginou se ele resistiria. Ser escalpado não significava morte certa. Geralmente era o ferimento exposto e a febre quase inevitável que matavam. Esse

homem tinha sido achado pouco depois do ataque, era jovem e forte, por isso talvez sobrevivesse. Kit rezava para que isso acontecesse, não só por ele como também pela tranquilidade de todos os habitantes de Wickhamton e das fazendas vizinhas.

Se o ataque significava o fim da paz que reinava no vale há nove anos, então Kit, como capitão da milícia, precisava saber de que tribo e quantos eram os guerreiros envolvidos. Existia a possibilidade de tratar-se de uma ação pessoal, uma represália por algo desonroso ou crime praticado pelo homem.

Kit suspirou sabendo que não poderia correr o risco de ficar do braços cruzados. Já tinha mandado cavaleiros às terras mais afastadas a fim de trazer as famílias para a segurança de Plumstead. Ele mesmo partiria, dentro de uma hora, no comando da primeira patrulha de inspeção da área.

Kit observou Hester limpar e fazer um curativo no ferimento do homem. Era um desconhecido, com jeito de francês e, pelo modo de vestir, caçador de peles. Estranho os índios não terem lhe tirado as roupas. Os mocassins eram quase novos e o medalhão reluzente, com a efígie de um santo, pendurado numa corrente ao pescoço, constituía um troféu valioso. Talvez os irmãos Davis tivessem, sem querer, assustado os atacantes quando encontraram a vítima perto de seu milharal.

— Isso é tudo que posso fazer por ele, Kit — disse Hester com expressão sombria ao apanhar o balde com água avermelhada de sangue. — Mande levar o moço para o quatinho pegado à cozinha e eu tomarei conta dele.

Kit fez um sinal para Samuel e John Davis. Os dois começaram a levantar o homem da mesa. Mas pararam quando ele gemeu e abriu os olhos.

Mon Dieu, qui êtes vous? Je n'ai pas d'argeant Francês — resmungou Samuel com desdém. — Quem diria que salvamos um maldito papista? Kit o silenciou com um gesto.

Você está entre ingleses, meu amigo — disse com cuidado no ferido. — Nós queremos ajudá-lo. Pode nos informar quem o atacou?

Mas o homem apenas o fitou com expressão confusa.

Je ne comprend pas. Anglais? Anglais! Mere de Dieu, je servez moi!

Não vamos lhe fazer mal algum — recomeçou Kit, porém os olhos do homem revelavam pânico crescente. — Por favor, acalme-se — pediu temendo que ele piorasse.

— Non, non, voiiis êtes anglais...

— Se taire — disse Dianna ao entrar no aposento, aproximar-se da mesa e tomar a mão do homem. Curvou-se para que ele pudesse vê-la bem. — Vous êtes entre cies amis.

— Ouí? — o homem murmurou em tom de desespero. — Des amis, mademoiselle!

Dianna assentiu com um gesto de cabeça.

— Oiti, nois sommes amis. Maintenant, reposez vous. Sentiu-se aliviada quando ele fechou os olhos e a respiração

se tornou mais calma com o sono. Imaginava o que havia acontecido a ele e por que demonstrava tanto medo das pessoas. Quando o rosto relaxou, percebeu o quanto era jovem. Devia ter uns dezenove ou vinte anos. O corpo ainda mantinha a conformação da adolescência e a barba e o bigode eram, comovedoramente, ralos.

— Pergunte quem ele é — exigiu Samuel. — Indague se...

— Não, Samuel, deixe o moço sossegado — disse Hester com severidade. — É melhor levá-lo logo para a cama, senão, ele jamais vai responder suas perguntas nesta vida.

Enquanto o francês era levantado da mesa bem devagar, Kit pôde se dirigir a Dianna. Os cabelos estavam novamente trançados e as flores tinham desaparecido.

— Obrigado. Eu não sabia que você falava francês. Dianna empertigou-se, com o queixo levantado e os olhos faiscando.

— Há muitas coisas que ignora a meu respeito, Sr. Sparhawk. Se me der licença, vou andando. Prometi a Asa que Mercy e eu estaríamos em casa antes do anoitecer.

— Vocês não vão a lugar algum. — O temor por sua segurança o levava a falar em tom áspero. — As duas vão ficar aqui.

— O senhor não é o meu patrão!

Como se atrevia ele a tratá-la com tanta frieza depois do que havia se passado entre eles?, questionou-se brava.

— Você vai ficar, Dianna — determinou Kit enquanto vestia o paletó de caça que Hester lhe entregara e apanhar o mosquete de um gancho na parede. — Você é a única que fala a língua deste homem e precisa estar aqui quando ele acordar.

— Mas eu...

— Não discuta — resmungou ele.

Os homens já se reuniam à frente do estábulo e, nervosos, comentavam o acontecimento enquanto verificavam as armas. A primeira carroça trazendo mulheres assustadas e crianças chorando acabava de chegar. Kit pendurou no ombro o cordel com um chifre cheio de pólvora em cada ponta e saiu para se juntar aos outros.

A atitude dele deixou Dianna profundamente magoada. Você é uma tola ingênua e confiante demais, Dianna Grey, por sonhar com o amor de um homem insensível, disse a si mesma com amargura profunda.

— Seria melhor se você se despedisse de Kit com um sorriso, mocinha — advertiu Hester de maneira tão incisiva que Dianna corou, imaginando o quanto a governanta tinha adivinhado.

— Se não, nós todos podemos acabar como aquele pobre rapaz no quartinho.

A expressão confusa de Dianna fez Hester arregalar os olhos e estalar a língua.

— Ficou boba de repente, menina? Pensa que o francês se cortou fazendo a barba? Foram os índios, Dianna, os índios que lhe tiraram o escalpo. E vão cortar o seu se a

apanharem andando por aí. Uma cabeleira como a sua seria um grande troféu pendurada na cintura de um guerreiro.

O olhar assustado de Dianna desviou-se de Hester para procurar, em vão, a silhueta de Kit entre os homens de partida. Se o que a governante lhe dissera fosse verdade, talvez nunca mais voltasse a vê-lo.

— Ora, eu me esqueci que você veio há pouco de Londres - disse Hester num tom mais ameno ao interpretar mal a preocupação de Dianna. — Aqui em Plumstead, estamos em segurança!. Esta casa é mais resistente do que qualquer forte. Kit e a patrulha também não correm perigo. Os índios são muitos espertos para atacarem um grupo de homens bem armados. Eles [i]çam à espreita das famílias nas regiões mais afastadas e desprotegidas. Por isso mesmo, vamos ficar com a casa repleta de gente até Kit resolver a situação.

Nesse momento, uma mulher, que Dianna reconheceu ter visto na igreja, apareceu à porta com uma criança nos braços e outras quatro seguindo-a. A menina mais nova soluçava assustada e Dianna, imediatamente, foi consolá-la.

Desde então e até bem depois do anoitecer, manteve-se muito ocupada. Havia uma infinidade de tarefas a serem executadas, tais como descascar batatas para Hester e derreter chumbo nas brasas da lareira a fim de fazer balas para os mosquetes. As crianças também lhe demandavam atenção e teve até de salvar um gatinho do abraço apertado de uma delas. Havia trinta e quatro pessoas para jantar. Pouco depois, as mulheres e crianças foram acomodadas em cinco quartos, as mais afortunadas em camas, mas boa parte enrolada em cobertores no chão. Os homens continuaram se revezando na guarda da casa pelas janelas do segundo andar.

Ao esfregar o último caldeirão com um punhado de areia, Dianna sentia os nervos à flor da pele e o corpo todo tenso pelo esforço de se manter atenta e mostrar uma ponta de animação durante a espera angustiante. Quando Hester foi buscar mais um balde de água no poço, viu um dos homens proteger-lhe a retaguarda com o mosquete acestado.

— Temos mais uma tarefa importante para enfrentar esta noite, mocinha — disse a governanta ao pôr o balde pesado no chão e gemer de cansaço. — Você precisa me observar e aprender a fazer o curativo no francês, pois vai se encarregar dele daí em diante.

O quartinho onde o ferido fora colocado estava quente e abafado. Uma das paredes dava para a chaminé da cozinha e as duas janelas estreitas tinham sido fechadas para evitar a entrada do ar frio da noite.

Quando Hester, depois de acender o lampião pendurado acima da cama, desenrolou as ataduras da cabeça do homem, Dianna soltou uma exclamação de horror. O couro cabeludo no topo da cabeça tinha desaparecido, deixando à vista o crânio branco. Diante do quadro, Dianna sentiu o quarto começar a rodar à volta e o sangue latejar-lhe nos ouvidos.

— Não vá desmaiar agora, Dianna — advertiu Hester ao segurá-la pelo braço. — Não

posso cuidar de duas pessoas ao mesmo tempo.

Ao som de sua voz, o francês mexeu-se.

— Solange, c'est tu?

Hester fez um gesto de cabeça para Dianna.

— Fale com o rapaz — aconselhou. — Ele precisa ouvir a própria língua.

Dianna hesitou, sem saber como responder e o francês, debilitado, lutou para soerguer o corpo.

— Solange? Ou est tu?

— Soyez calme, s'il vouplaît — murmurou ela ao fazê-lo reclinar-se outra vez. Para surpresa sua, ele segurou-lhe o pulso com firmeza. — Estou aqui — acrescentou ainda em francês.

— Muito bem, mocinha. Mantenha o rapaz quieto enquanto faço o curativo — disse Hester para, em seguida, lavar o ferimento e enrolar uma atadura limpa de linho. — Prestou atenção? De manhã cedo, faça a mesma coisa. Se o ferimento criar pus, ou ele tiver febre, vá me chamar. — Apanhou o balde, mas antes de sair, olhou com curiosidade para Dianna.

— O que ele disse?

— O pobre pensa que sou uma mulher chamada Solange

— respondeu Dianna baixinho. — Achei melhor concordar.

— Fez bem. Não vamos conseguir arrancar nada sensato do rapaz por um dia, ou dois. Talvez nunca, se o juízo dele se foi com o couro cabeludo. Você vai passar a noite aqui para acudi-lo caso ele acorde. Essa cadeira aí é mais confortável do que um canto apertado nos quartos cheios lá de cima. Se precisar de mim, estou na cozinha.

Dianna assentiu com um gesto de cabeça e olhou para o movimento vagaroso da respiração no peito do rapaz, sob a camisa de tecido grosseiro. Como dormisse novamente, ela soltou o pulso de sua mão. Imaginava se, um dia, viria a saber quem era Solange.

Com um suspiro, Dianna acomodou-se na cadeira com as pernas encolhidas e a cabeça apoiada nos braços cruzados sobre os joelhos. Da cozinha chegava a voz de Hester conversando baixinho com o homem encarregado da vigia ali embaixo. De fora, vinha o canto monótono dos grilos na vegetação. Sentia-se exausta para permanecer acordada por muito tempo. Embora não desejasse, seu último pensamento antes de adormecer foi sobre Kit e como tinha sido bom aninhar-se em seus braços numa tarde de junho.

CAPÍTULO XI

Faltavam umas duas horas para o amanhecer e Kit não queria acordar Dianna. A luz da vela a envolvia numa luminosidade dourada enquanto ela dormia com a face apoiada nos braços. Por um instante, Kit sentiu a tranquilidade reinar em seu mundo conturbado. Ansiava por encontrar conforto em seus braços, esquecer as tragédias, as antigas e as novas, as cenas que ele e os companheiros tinham encontrado nas terras além de Plumstead.

Porém ele não tinha direito a seu consolo, não depois do que lhe havia feito nessa tarde. Não, tinha sido na véspera, lembrou-se desanimado. Da maneira como se sentia, era como se séculos houvessem passado.

John e Samuel Davis haviam tido muita sorte. A casa e o curral deles tinham sido queimados, mas o gado e os cavalos no pasto haviam escapado. Se os irmãos não houvessem vindo a Plumstead a fim de trazer o francês, provavelmente teriam encontrado o mesmo destino dos Barnard, seus vizinhos.

John Barnard e os três filhos tinham sido mortos a tiro no milharal. Audaciosos, os atacantes só contavam com os pés de milho para encobri-los a aproximação. Pelas pegadas dos mocassins entre as fileiras, Kit duvidava que os Barnard tivessem visto os índios, a não ser quando já fosse tarde demais. A casa deles também fora queimada e não havia vestígio de Dorothy Barnard e das duas filhas. Mulheres eram prisioneiras lucrativas, pois podiam render dinheiro de resgate ou serem vendidos como serviçais aos franceses. Pessimista, Kit sabia da pouca probabilidade de voltar a ver Dorothy e as meninas.

Ele e os outros tinham ido a muitas das propriedades distantes, continuando a cavalgar até bem depois do escurecer.

Não haviam encontrado novas destruições, mas avisaram os moradores sobre o perigo e os instaram para que fossem para a segurança de Plumstead.

Kit não se surpreendera com a teimosia de grande parte deles em aceitar o conselho. Exceto pelo ataque a Deerfield, ao norte, em fevereiro, a tranquilidade reinava nos campos ao redor de Wickhamton há anos. Os que haviam chegado à região nesse período subestimavam o perigo e apenas os moradores mais antigos guardavam na memória o que atormentava Kit, sem cessar, desde o ano em que completara vinte e dois anos.

Fora no início do outono, quando as tardes ainda eram quentes, embora as folhas das árvores já comesçassem a mudar de cor e uma leve geada cobrisse os campos de manhã. A mãe de Kit, Amity, passara a noite em Wickhamton, com uma amiga em trabalho de parto. Como seus seis filhos tivessem sobrevivido à infância, a competência experiente de Amity era muito requisitada. Kit ficara incumbido de ir buscá-la, mas no último momento e por uma razão que ele não podia se lembrar, o pai tinha ido e levado a filha mais nova, Tamsin, com ele. Como na hora do jantar ainda não tivessem voltado, Kit fora ao encontro deles, certo de que a mãe havia se atrasado visitando alguma outra amiga. O pai,

certamente, apreciaria a companhia do filho mais velho.

Kit havia encontrado os corpos dos pais e da irmãzinha espalhados pela trilha de Wickhamton como bonecos destorcidos.

Se ao menos tivesse ido em lugar do pai...

Se tivesse saído um quarto de hora mais cedo para encontrá-los.

Exceto ele mesmo, ninguém o culpava. Caso estivesse lá, argumentavam os amigos, teria perecido também. Até o pastor da igreja lhe garantia que havia sido poupado pela misericórdia infinita de Deus. Mas Kit não acreditara neles na ocasião, como continuava não acreditando agora. Uma parte dele tinha morrido naquela tarde com os pais e a irmã.

Com paciência e obstinação, havia seguido os quatro índios Mohegans, responsáveis pela matança e ao assistir à sua execução na forca, percebera como era vazia a satisfação da vingança. Tinha se atirado na administração de Plumstead e das terras ao redor como o pai teria feito. Construíra moinhos e serrarias a fim de atrair mais colonos à área e, com Jonathan e outros capitães, expandira os negócios ao comércio marítimo. Contudo, nada lhe servira de alento. Nada tinha diminuído sua angústia, nem devolvido os entes queridos.

Como poderia explicar isso a Dianna? Mesmo se encontrasse as palavras, ela o entenderia? Por mais uns instantes, continuou a admirá-la em seu sono, sabendo que desperdiçava o pouco tempo de que dispunha para estar a sós com ela.

Antes de despertar completamente, Dianna pressentiu a presença de Kit. Abriu os olhos e, desanimada, fitou os dele incerta do que esperar. Ele estava em pé, do outro lado da cama do francês, com a barba por fazer, o rosto marcado pela poeira e transpiração, os cabelos cheios de pedaços de folhas e gravetos. Tinha os olhos vermelhos pela falta de sono. Os lábios apertados, sem dúvida, não ofereceriam palavras de carinho e Dianna preparou-se para ser tão fria e inflexível quanto ele.

— Precisamos conversar, Dianna. Ela sacudiu a cabeça com firmeza.

— Não temos nada para dizer um ao outro.

Então, essa era a situação, refletiu Kit desconfiado. Uma afirmação como essa vinda de Dianna significava que ele poderia passar o resto da vida falando sem que ela ouvisse uma única palavra. Mas tinha de tentar.

— Dianna, querida, eu lamento...

Não quero saber de suas lamentações e nem de você! — ela interrompeu brava. — Sinto muito mais do que você jamais sentirá o que aconteceu entre nós ontem e lhe ficaria muito grata se não mencionasse mais o fato.

-Dianna...

-Não quero ouvir mais nada! — Dianna levantou-se depressa e apanhou uma pilha de ataduras limpas que ela e Hester tinham cortado na véspera. — Este homem precisa de atendimento Sr. Sparhawk, e eu lhe peço para me deixar fazer o trabalho em paz.

Kit suspirou e passou a mão pela testa. Como poderia explicar a situação com um francês moribundo entre eles? Se não estivesse exausto e tão desencorajado, talvez risse.

— O homem disse algo importante?

— Não.

Dianna esforçou-se não só para fazer o curativo como Hester lhe havia ensinado como também para não desmaiar diante de Kit.

Ele não a tinha imaginado executando a tarefa de enfermeira e surpreendeu-se com sua delicadeza no trato do ferimento. Inquieto, o homem gemia ao ser tocado e Dianna murmurava-lhe algo em francês. As palavras desconhecidas, pronunciadas por sua voz meiga, soavam sedutoras aos ouvidos de Kit e quando viu o sujeito relaxar, foi tomado por uma pontada inesperada de ciúme.

— O que está dizendo a ele? — indagou sem conter a impaciência.

Imaginado a suspeita de Kit, ela o fitou com os olhos faiscando.

— Você não consegue confiar, não é? Eu não disse nada a ele que não pudesse repelir a Mercy.

— Tenha a santa paciência, Dianna! Com quatro homens mortos, uma mulher e duas meninas desaparecidas, você espera que eu...

— Coronel Sparhawk! — chamou um homem batendo na porta. — O mensageiro está pronto para cavalgar ao forte de Northfield.

Com o semblante carregado, Kit escancarou a porta e passou para a cozinha repleta de membros da milícia. Todos imaginavam que estivera interrogando o francês e ele sentiu-se um perfeito idiota por usar essa desculpa para encobrir o fato de estar apenas conversando com uma mulher que se negava a ouvi-lo.

— Onde está Eleazer? Preciso de outra cópia desta carta para mandar a lorde Bellomar e mais duas para Albany e New Haven. Se foram novamente os Sagomutucks, os outros ingleses precisam ser informados.

— Eleazer foi avisar o povo em Deerfield, coronel — disse John Davis um tanto embaraçado. — O senhor mesmo o mandou para lá.

Kit praguejou e atirou-se numa cadeira na ponta da mesa.

— Com todos os diabos, porque fui fazer isso? — perguntou não se dirigindo a ninguém em especial. Pelo canto dos olhos, viu a silhueta delicada de Dianna passando entre os homens segurando um balde com as duas mãos. — Eleazer é o único homem em quem confio para escrever uma carta com letra decente. Ah, paciência, não há outro jeito senão eu mesmo fazer o serviço — declarou ao estender a mão para pegar a pena e uma folha de papel.

— Posso copiá-la para o senhor — disse Dianna baixinho. Todos os homens viraram-se espantados para encará-la, porém ela manteve-se firme, com a cabeça erguida. — Manejar uma pena não exige a força de um homem, como todos sabem.

Com o cenho carregado, Kit a fitou avaliando sua oferta por apenas um segundo antes de entregar-lhe a pena e o papel.

— Preciso de três cópias prontas para eu assinar à noite, quando voltar. Uma é para lorde Bellomar, em Boston, e as outras duas para os governadores de Connecticut e de Nova York. Tome cuidado para não fazer erros e borrões, pois quero que suas senhorias entendam cada palavra.

Enquanto os homens ao redor resmungavam frases de apoio, Kit bebeu um canecão alto de sidra servido por Hester. Deveria comer alguma coisa também, pois tencionava inspecionar os pontos mais distantes de suas terras, o que demandaria um longo dia na sela de Thunder. Mas estava preocupado demais com o que pudesse encontrar para continuar por mais tempo em Plumstead.

Inquieto, levantou-se para sair. À porta, parou e, olhou para Dianna que, curvada, lia a carta a ser copiada. Talvez ao se inteirar do conteúdo, ela viesse a entender a situação, refletiu ele recomeçando a andar.

De cabeça baixa, Dianna mantinha a atenção presa na carta, mas as palavras embaralhavam-se à sua frente. Desejava tanto ir embora com Mercy e nunca mais voltar a ver Kit Sparhawk.

Precisava ficar sozinha a fim de pensar. Nessa casa, sentia-se como se houvesse ficado presa numa armadilha, acuada não só pela presença dominadora de Kit como também pelo perigo à espreita na floresta. Ele não tinha se dado ao trabalho de agradecer-lhe por copiar as cartas e, muito menos, de se despedir. Como havia rejeitado suas atenções, sabia que não poderia esperar um tratamento melhor. Mas isso a magoava profundamente.

Forçou-se a ler a carta erguida diante dos olhos. A letra de Kit era, irritantemente, parecida com ele: firme, nítida e masculina. Mas os acontecimentos descritos por suas palavras a levaram a esquecer-se logo das próprias preocupações. Em sentenças curtas e precisas, Kit descrevia o massacre dos Bernard, o rapto das mulheres, o ataque ao francês e a destruição das casas e dos currais. E isso, concluía ele, poderia ser o início de um conflito longo e sangrento no vale.

— O que ele conta aqui é verdade, Hester? — perguntou Dianna com uma expressão de horror.

— Se Kit escreveu, é — respondeu a outra. — Pobre Dorothy Barnard! Ela é uma pessoa tímida. Imagine perder o marido, os filhos, a casa e a si mesma no mesmo dia! Demais para a pobrezinha suportar. Que Deus a proteja e a traga de volta com as meninas para nós!

— Mas quando o governador mandar os soldados requisitados por Kit, com certeza elas serão resgatadas.

Com expressão triste, Hester sacudiu a cabeça.

— Por estes lados daqui, menina, não se tem certeza de nada. Esta terra é muito grande

e o governador recebe muitos pedidos de tropas. Uma pobre família de Wickhamton não causa grande preocupação às pessoas requintadas de New Haven. E mesmo se os soldados viessem, até então, as trilhas já estariam tão congeladas que Dorothy Barnard jamais voltaria a ser vista por olhos ingleses.

— Nesse caso, Kit e a milícia não podem ir procurá-la?

— Não pense que ele já não considerou essa possibilidade — respondeu Hester em tom amargurado. — Mas os selvagens malandros poderiam atraí-los com pistas falsas até Montreal e quem ficaria aqui? Todos têm terras e famílias para cuidar e Kit, por Deus, e o esteio com que cada morador conta para sobreviver.

— O que os índios vão fazer com as mulheres? — perguntou Dianna ao lembrar-se do dia em que ela e Mercy haviam encontrado Atacam no mato. O que teria lhes acontecido se ele não fosse amigo?

— Se já não as mataram, vão tentar vendê-las em Montreal onde os padres as forçarão a se tornarem papistas — explicou Hester com o desprezo característico de uma protestante pelo catolicismo. — Ou então, ficam com elas e as transformam em verdadeiras pagãs. Eu nunca cheguei à conclusão do que é pior.

Dianna tinha ouvido o suficiente. Com um suspiro, começou a copiar a carta de Kit com o máximo cuidado enquanto Hester, com uma enorme colher de pau na mão, a observava por sobre o ombro.

— Então é verdade?! Você sabe ler e escrever como um cavalheiro? — perguntou maravilhada. — Eu só aprendi a assinar meu nome. Falando francês e sabendo tantas coisas, você pode ser mais útil a Kit do que todas outras mulheres juntas.

Mas ao lembrar-se da expressão de frieza no semblante de Kit, Dianna concluiu que só tinha uma utilidade para ele e essa não seria benéfica para nenhum dos dois.

Durante as duas semanas seguintes, Kit não afastou Dianna da mente por um segundo sequer. Enquanto cavalgava por campos abertos, ou florestas densas, pensava em muito pouca coisa a não ser a seu respeito. Lembrava-se do sorriso, da voz, da pele, mas acima de tudo, do corpo nu, corado pelos cabelos soltos, enfeitados com flores silvestres. Maldizia-se por estar tão enfeitado. Antes de mais nada, sonhando acordado com Dianna, corria o perigo de não ver o brilho de uma faca ou o cano de um mosquete. Não podia se comportar como um adolescente apaixonado, pois arriscava não só a própria vida como também a das pessoas que dependiam dele.

A culpa toda cabia a Dianna, naturalmente. Ele havia tentado se retratar, e Deus era testemunha de que jamais precisara fazer isso a uma mulher, porém ela, com o nariz aristocrático bem empenado, o tinha ignorado em sua própria casa. Em frente de Hester e num tom beirando o grosseiro, ela havia desdenhado seus agradecimentos pelas cópias da carta. E nem lhe tinha dado a oportunidade de admitir os erros de grafia corrigidos por ela. Se houvesse podido mostrar tal atitude de humildade, ele não duvidava, teria minado a resistência de Dianna. Plumstead estava cheia de mulheres, porém ela era a única que não o procurava em busca de apoio, nem sorria de seus gracejos feitos quando ele

esforçava-se para aliviar a tensão do ambiente. Dianna mantinha-se distante dele, mas sua silhueta delicada aparecia sempre em algum lugar da casa, provocando-o com a proximidade até levá-lo ao ponto de quase enlouquecer com a vontade de tocá-la. Como pudera ela ter se entregado tão livremente naquela tarde perfeita e, agora, negar-se até a fitá-lo?

Talvez se ele tivesse obtido sucesso nas buscas pela floresta, suportaria melhor sua rejeição. Dia após dia, ele e os companheiros saíam de manhãzinha em patrulhas sempre diferentes, procurando sinais dos índios que tinham matado os Barnard e verificando as casas fechadas e fazendas abandonadas às pressas. Mas ao anoitecer, voltavam a Plumstead sem novidade alguma. O fato de ignorar qual das tribos era responsável pelos crimes o corroía impiedosamente. Eles haviam atacado e desaparecido deixando uma incógnita sobre seus motivos e identidade. Kit tinha muito pouca paciência com mistérios que ameaçavam a vida de mulheres e crianças inglesas.

Sua última esperança de conseguir alguma informação estava com o francês, mas esta esvaia-se tão depressa quanto a vida do homem. Ele nunca tinha recobrado a consciência para ser interrogado sobre os assaltantes e quando a febre se alojara em seu corpo, Kit e Hester sabiam, embora não trocassem palavra a respeito, que o homem não sobreviveria. Dianna, entretanto, continuava acreditando em sua recuperação. Passava horas a fio falando-lhe em francês e refrescando seu corpo com toalhas frias e úmidas. Como a considerasse um desperdício, essa atenção irritava Kit profundamente. Antes do ataque, com toda a certeza o rapaz não passava de um malandro grosseiro como qualquer caçador de peles francês, tipo de companhia que Dianna faria um grande esforço para evitar. Mas a razão mais forte para sua irritação era o fato de ter sido ele quem incumbira Dianna, através de Hester, de cuidar do doente. Sentir ciúmes de um moribundo era ridículo, porém Kit sentia e a admissão do absurdo só piorava seu estado de ânimo. O sentimento destruía seu empenho em negar a maneira com que ele a queria.

Já bem tarde certa noite, Kit sentava-se à mesa da cozinha e, mal-humorado, revolvía a cerveja na caneca enquanto, pela porta entreaberta do quarto, observava Dianna ao lado da cama do francês. A luz da vela refletia-se nos cabelos castanhos formando uma auréola suave à volta de seu rosto. Ela trocava as ataduras do ferimento e, ao mesmo tempo, cantava baixinho. A voz suave tinha uma tonalidade sedutora na pronúncia das palavras em francês.

Era demais para Kit. Em poucas passadas largas, entrava no quarto. Ao senti-lo segurar seu braço, Dianna ergueu o semblante atônito para ele.

— O que quer? Você não tem o direito de me prender assim — protestou com os olhos faiscando de raiva.

— Você queria aprender a atirar com o mosquete e, por Deus, estou disposto a ensiná-la.

— Mas você se recusou quando eu pedi.

— A situação está diferente agora.

Sem soltá-la, levou-a consigo, parando na cozinha apenas para apanhar o mosqueie, as

balas e a pólvora. Em seguida, saiu porta afora para se afastar da casa. Dianna lutava, contorcendo-se e vergando o corpo para trás a fim de escapulir, porém Kit a segurava com força, arrastando-a aos tropeções.

— Você disse que todos tinham de se manter perto da casa — gritou ela. — Essa é a sua ordem, coronel Sparhawk!

Ele não lhe deu atenção e continuou rumo ao bosque de faias. Era lua cheia e o campo que atravessavam estavam quase tão claros como se fosse dia. Ele parou à frente das árvores e a soltou tão bruscamente que Dianna cambaleou para o lado.

— Você enlouqueceu! — disse ela ao jogar os cabelos soltos para trás.

Estava sem fôlego não só por causa do esforço físico como também por estar a sós com Kit. Durante quinze dias, tinha conseguido esconder os sentimentos por ele sob uma máscara de indiferença, mas não confiava em si mesma sem a segurança dada pela presença de outras pessoas. Como ele não lhe respondesse, acrescentou:

— Dar tiros depois do escurecer e com todos tão amedrontados, vai atrair atenção. Se não nos reconhecerem, acabaremos sendo alvejados. Vou voltar para casa.

— Não! Vai ficar e aprender — contradisse ele ao tirar o mosquete pendurado no ombro.

Sem lhe dar tempo para protestar, segurou-a novamente, prensando-lhe as costas contra o peito. Passou os braços à sua volta e começou a carregar a arma. Primeiro, pôs um pouco de pólvora na caçoleta e fechou-a com dois dedos.

— Esta é a espoleta. Antes de começar, verifique se está a meio gatilho e só coloque uma pitada de pólvora.

Em seguida, ele inclinou o mosquete para baixo, mantendo-o firme com uma das mãos enquanto com a outra punha pólvora no cano. Depois foi a vez da bucha e da bala. Então, após tirar a vareta das alças do cano, Kit deu três impulsos fortes para empurrar a bala ao lugar certo.

Mesmo sem querer, Dianna o observava fascinada com sua destreza em armar o mosquete. A facilidade com que os dedos longos se movimentavam chegava a ser graciosa e ela se lembrou como aquelas mesmas mãos tinham percorrido seu corpo.

Provavelmente, Kit poderia carregar o mosquete mesmo se estivesse embriagado ou dormindo. Por sorte possuía essa destreza, considerando-se o efeito de Dianna sobre ele nesse momento. Pequena como era, ajeitava-se perfeitamente de encontro a ele, suas curvas parecendo desenhadas com perfeição para amoldar-se a ele. Podia sentir-lhe a fragrância dos cabelos que lembravam a vegetação renovada dos campos na primavera. Desejava tanto enterrar o rosto neles! Mas entregou-lhe a arma e ajudou-a a mantê-la firme enquanto ela fazia mira. Notou como sua pele, alva e sedosa, contrastava com a coroa de bordo escuro do mosquete.

Dianna tentou se concentrar no galho de uma árvore escolhido por Kit como seu alvo. Uma vez, o pai a havia deixado atirar com uma de suas pequenas armas de caça. Para grande divertimento dele, a explosão a tinha atirado de costas no chão. O mosquete era

muito maior e mais pesado e ela temia dar novos motivos para Kit rir às suas custas. Sentindo-lhe a respiração morna no pescoço e a mão em seu pulso para orientá-la nos movimentos, achava difícil prestar atenção no que fazia. Apartou as pernas a fim de manter o equilíbrio, respirou fundo e apertou o gatilho.

Ouviu o estampido ensurdecedor ao mesmo tempo em que o impacto a atirava para mais junto de Kit. Ele manteve-se firme e não se mexeu quando Dianna afastou-se depressa a fim de verificar o resultado do tiro. A casca do galho, junto ao tronco, tinha rachado e soltado lascas, e as folhas, na extremidade, balançavam como se agitadas pelo vento.

Segurando o mosquete como se fosse um troféu, ela virou-se exultante e pronta para sorrir.

— Por que você não me contou que era virgem? — perguntou ele baixinho e sem preâmbulo algum.

Dianna ficou tensa e sua animação com o êxito do tiro evaporou-se.

— Teria feito alguma diferença para você? — demandou de cabeça erguida. — Virgem, ou não, o que jamais eu poderia esperar exceto vir a ser mais uma de suas rameiras? Outra moça caída em desgraça, vencida pelo encanto do irresistível Kit Sparhawk?

— Santo Deus misericordioso! — murmurou Kit incrédulo. Esperava qualquer resposta, menos essa. Dianna continuava completamente imprevisível.

— Você não se defende porque sou mulher, um ser de categoria inferior? — Quase engasgou com as últimas palavras e, sarcástica, riu. — E quanto a Prudence Tucker e o filho que ela já deve ter lhe dado? Você a defenderia?

— Se você fosse homem — começou Kit em tom inflexível —, eu exigiria uma retratação por falar tamanho disparate.

Por que ele não desmente o falo!, indagou-se Dianna tomada pelo desespero. Por favor, diga que estou enganada! Sentiu os olhos encherem-se de lágrimas e tentou retê-las.

— E Mercy? Ela também e sua filha, não é? Soluçando, imersa na mais profunda tristeza e desilusão,

Dianna virou-se a fim de voltar para casa, porém Kit a reteve, forçando-a a continuar diante dele. Criado na companhia de quatro irmãs, geralmente ele não se impressionava com as lágrimas femininas, mas o choro desolado de Dianna o chocava. Teria mesmo lhe causado tanta mágoa?

— Por favor, Dianna, ouça — pediu ansioso. — Por favor. Ela sacudiu a cabeça e baixou o olhar para o chão onde largava o mosquete. Kit deslizou as mãos por seus ombros, subindo-as pelo pescoço a fim de levantar-lhe o rosto e fitá-lo.

— O marido de Prudence Tucker era o segundo piloto do Prosperity. Como ele caiu ao mar durante aquela nevasca, coube a mim, o proprietário do veleiro, dar a notícia à pobre moça. Eu jamais lhe tinha dirigido um olhar e, muito menos, atenções desonrosas, antes e desde então. Em relação a Lucy Wing, por Deus, Dianna, eu e o marido dela éramos

muito amigos! Sei que você vem de um mundo diferente, onde esses falos não têm importância, mas eu não ofenderia a honra de Tom ainda que Lucy se atirasse em mim como Eva no Paraíso!

— Mas Asa disse...

— Pois Asa mentiu — interrompeu ele com firmeza. — Asa jamais gostou de Lucy e de mim porque achava que nós lhe roubávamos a companhia do filho. Agora, reage da mesma forma em relação a Mercy. Eu adoro a menina, admito, mas que mal há nisso?

Num gesto delicado, afagou-lhe as faces com os polegares, tentando tranquilizá-la com o contato, além das palavras.

— Eu nunca disse ser santo, doçura, e há um sem-fim de mulheres que poderiam tecer boas histórias sobre mim e Jonathan. Mas não Lucy e Prudence. E também não há bastardos. Não sou tão liberal como você imagina.

Dianna corou diante de tanta franqueza, mas sabia não merecer menos do que isso. Através das lágrimas, perscrutou-lhe o semblante esperançosa, querendo acreditar nele.

Kit percebeu a dúvida e suspirou.

— Se não quiser, não acredite, Dianna, mas eu juro por tudo que é sagrado e querido por mim, que essa é a pura verdade — afirmou ele em voz baixa e profunda. — E agora, repito minha pergunta. Por que não me contou que era virgem?

— Não pensei que fosse preciso — murmurou ela. — Eu o considerava um homem diferente e achava que você acreditaria em mim e não em meu tio. Mas eu estava errada, não é?

Embora não falasse em tom de queixa, suas palavras atingiram em cheio a consciência e o coração de Kit.

— Errada não, minha querida, e sim sendo injustiçada — confessou ele com extrema tristeza. — Não lenho o direito de esperar, jamais, o seu perdão.

Incrédula, ela o ouviu e, num gesto tímido, locou-lhe a face enquanto tentava sorrir.

— Ah, Kit, nós não somos nem tão maus nem tão bons quanto imaginamos.

Ele apanhou-lhe a mão e a beijou na palma.

— Eu te amo, Dianna Grey — disse ele com simplicidade e ao dar-se conta de que nunca fora mais sincero na vida. — Eu te amo muito!

— Não mais do que eu te amo, Kit Sparhawk, meu amor precioso e perfeito!

Finalmente, acreditava nele, ou melhor, tinha sempre acreditado no fundo do coração, embora não admitisse.

Desta vez, quando os lábios se uniram, o beijo já se iniciou sôfrego, exigente e possessivo.

Dianna aceitou arqueou o corpo de encontro ao dele e abriu os lábios para corresponder

ao beijo. Esquecida de tudo o mais, enlaçou-o pelo pescoço enquanto ele a erguia nos braços e a levava até as sombras das faias onde se deitaram, sem se separar.

Acomodada sobre Kit, Dianna cobria-lhe o pescoço e o rosto com beijos úmidos, acariciantes e sentia, apesar das roupas, o seu corpo quente e pronto para possuí-la.

Impacientes, despiram-se entre carícias cada vez mais íntimas e provocadoras. Kit corria as mãos ao longo do corpo de Dianna e aprofundava o beijo. Encantado com a textura macia da pele, afagou-lhe os seios e deixou os dedos brincarem com os mamilos rijos para, depois, torná-los, um a um, entre os lábios.

Kit chegava a tremer com a força do desejo. Ao tocá-la entre as coxas, encontrou-a úmida e pronta para recebê-lo. Com as mãos em seus quadris, levantou-a e invadiu-lhe o corpo. Cada vez mais ofegante, Dianna o envolveu pela cintura com as pernas enquanto ele, com as mãos espalmadas sob suas nádegas a movimentava no ritmo dos impulsos. Maravilhada, ela não conteve um grito. Tornavam-se parte um do outro, unidos não só pelo espírito e o coração como também pela paixão. Juntos, galgaram às alturas onde o amor e o prazer não conheceram limites.

Saciados, continuaram deitados, ouvindo os sons noturnos dos grilos e pássaros, o bater dos próprios corações que, aos poucos, retomavam uma pulsação tranqüila.

Dianna, completamente enlevada e sem se importar como devia parecer leviana e irresponsável aninhada nua entre os braços de Kit, imaginava se teria coragem de se mexer. Ao sentir os dedos dele entre os cabelos, aconchegou-se mais a Kit.

— Eu te amo, doçura — murmurou ele sem saber quando havia se sentido tão em paz consigo mesmo como nesse momento em que tinha Dianna entre os braços. — Eu ficaria com você aqui a noite inteira, sem me importar com o risco de ser encontrado, de madrugada, pelas vacas de cara branca.

Dianna riu ao imaginar a cena e, apoiada num dos cotovelos, pôs-se a observá-lo. Com os olhos fechados, os cílios longos sombreando-lhe o alto das faces, Kit tinha o semblante relaxado como se dormisse.

— Eu também te amo, Kit. As suas vacas não me assustariam, caso ficássemos aqui.

— Pelo menos, elas manteriam nosso segredo, o que os vizinhos não fariam. Amanhã mesmo, vou falar com Asa e comprar o seu ridículo contrato de trabalho, E então...

Mas Dianna o silenciou com o dedo em seus lábios.

— Não diga nada, meu amor. Esta noite, não quero suas promessas e planos. Saber que você me ama é suficiente.

Nada de planos e de promessas que, se desfeitos mais tarde, arrasariam seu coração.

Rezando para que ela estivesse certa, Kit estreitou mais o abraço. Como o amor poderia subsistir quando a vida era tão frágil? Um a um, beijou-lhe a ponta dos dedos e Dianna estremeceu encantada.

— Com ou sem vacas, não podemos passar a noite aqui, não é? — perguntou ela

desconsolada.

— Infelizmente, não, meu amor. — Ele abriu os olhos e sorriu, os dentes alvos contrastando com a pele bronzeada. Dianna achou que nunca tinha visto um homem tão bonito.

— Vamos, doçura, quero ajudá-la a se vestir como uma lady está acostumada e merece.

Devagar, interrompendo os movimentos para trocar beijos e carícias, vestiram-se e quando, finalmente, tomaram a direção de Plumstead, a única luz na casa vinha do quartinho do francês. Pararam para Kit apanhar o mosquete largado entre o capinzal no momento em que haviam cedido à paixão.

— Esta é a prova de que não penso em nada além de você — disse ele sacudindo a cabeça. — A região inteira está alarmada e eu largo mosquete e munição à disposição de qualquer selvagem.

Embora ele tentasse se expressar em tom descontraído, as palavras traziam de volta à memória a tragédia que tinham conseguido esquecer entre os braços um do outro. Irrecuperavelmente, o estado de ânimo abençoado desapareceu e ambos sentiram a sua perda.

Levando em consideração os dois homens de guarda à entrada da casa, caminhavam sem se tocar, embora o mais próximo possível.

Ao chegarem bem perto, um dos vigias foi-lhes ao encontro, acenando a mão.

Kit franziu a testa, temendo receber uma má notícia.

— Com todos os diabos...

— Coronel Sparhawk — disse o homem levando a mão depressa à aba do chapéu antes de, tomado pela impaciência, virar-se para Dianna: — Onde andou escondida, mocinha? Dona Hester fez um estardalhaço quando não a encontrou. Aquele seu francês escalpado está morrendo!

CAPÍTULO XII

Ajoelhada ao lado da cama do francês, Dianna notou logo a mudança de aspecto no doente. Nunca tinha visto alguém morrer, mas não havia dúvida quanto à condição do rapaz. De certa forma, ele dava a impressão de estar se ausentando mais e mais de si mesmo, respirava vagarosa e penosamente e a pele, abaixo da atadura, tinha uma aparência translúcida e estranha. Enfim, ele lembrava mais um cadáver do que um ser vivo.

— Não vai viver até o amanhecer — disse Hester pondo a mão em seu ombro. — Você fez tudo que podia pelo rapaz, mas é Deus quem decide essas coisas.

— Nem fiquei sabendo seu nome e ele vai morrer — murmurou Dianna, tremula.

Em pé à porta, Kit notou sua tristeza e ansiava por consolá-la. Já não sentia ciúmes do francês, apenas uma sensação intensa de desperdício. Tinha visto isso com frequência, talvez até demais, refletiu desanimado. A vida de um homem jovem era colhida antes do tempo.

Ao som de vozes, o francês gemeu, entreabriu os olhos e esforçou-se para soerguer o corpo.

— Ah, Solange, você está aqui — sussurrou em francês.

— Dormez, mon ami — disse ela tocando-lhe o peito e sentindo a pele quente e áspera.

— Diga a François que eu o vi, Solange — balbuciou ele em sua língua. — O maldito tentou se esconder, mas eu vi sua cara e estou lhe contando.

Consciente da importância das palavras do rapaz e do pouco tempo que lhe restava, Dianna aproximou-se mais.

— Ou étais François, mon ami? Onde estava ele?

— Esperou entre as árvores, mas eu vi. Vi Robillard, aquele covarde.

À menção desse nome, Kit juntou-se a Dianna ao lado da cama.

— O que o francês disse? — perguntou logo. — Deus do céu, se a mão suja de Robillard estiver nesse...

Sem desviar o olhar do rosto do rapaz, Dianna o interrompeu:

— Ele contou ter visto Robillard entre as árvores quando os outros o atacaram.

. — Pergunte quem eram os outros — pediu Kit inclinando-se sobre ela.

Mas o francês retrocedia à inconsciência absoluta e Dianna viu o resto de sua vida esvair-se.

— Au revoir, mon pauvre ami — despediu-se enquanto Hester fechava-lhe os olhos pela última vez.

Enterraram o francês na manhã seguinte. Com o forte calor de verão, não convinha esperar mais tempo. Dianna e Kit foram as únicas pessoas presentes ao ato. Outras, como Hester, mantiveram-se longe porque, sendo francês, o homem era papista. Na verdade, estavam todos muito ocupados para gastar tempo com o enterro de um estranho.

Um pouco antes, Kit avisara as famílias, sob sua proteção em Plumstead, que poderiam retornar às suas casas. Segundo calculava, o perigo tinha passado, mas mesmo assim, havia designado soldados da patrulha de Northfield para acompanhar cada carroça. Também tinha recomendado aos chefes de família para que se mantivessem atentos a qualquer indício de novos problemas. Sabendo agora que os ataques haviam sido feitos não só por índios como também por Robillard, tinha consciência da necessidade de tomar alguma atitude.

Entretanto, não sabia qual deveria ser. Convocar mais soldados a fim de comandar um ataque de retaliação aos acampamentos franceses no norte parecia-lhe inútil, embora os conselheiros do governador, na segurança de Boston, provavelmente recomendassem tal tática. Ela, todavia, só traria mais soldados franceses e índios sob suas ordens que provocariam nova onda de sofrimentos às famílias inglesas sob sua proteção. Mas relevar o ataque de Robillard não passava de covardia, além de estimular mais assassinatos e seqüestros.

Pura e simplesmente, Robillard queria as terras dos Sparhawk. Na opinião de Kit, o homem tencionara apenas causar danos suficientes para amedrontar os colonos ingleses e, com isso, dificultar-lhes a manutenção das propriedades. Mas Robillard, refletiu Kit com desdém, tinha subestimado a tenacidade inglesa quanto à posse de terra boa e fértil. O pobre caçador de peles francês devia ter tido a falta de sorte de vagar pela plantação dos irmãos Davis no momento errado. Pelo jeito, era um dos caçadores do próprio Robillard para conhecê-lo pelo nome. Kit imaginava se os outros homens eram também franceses ou índios, mohegan ou abenaki, a serviço de Robillard, embora esse ponto fosse secundário. Assassinato era o mesmo crime em qualquer nacionalidade e ele não desejava mais ocorrências semelhantes em seu vale.

Os dois coveiros atiraram o resto de terra na cova e, com as pás nos ombros, iniciaram a longa caminhada de volta a Wickhamton. Dianna colocou uma pequena coroa de flores silvestres na sepultura enquanto murmurava palavras em francês. Dessa vez, Kit não lhe pediu para traduzi-las. Seus olhos estavam secos, mas as faces mostravam-se pálidas. A morte do francês a tinha abalado mais do que desejava admitir e Kit ansiava por aliviar-lhe a tristeza. Reconhecia o seu espírito e temperamento fortes como o de qualquer mulher da região, mas não se esquecia de como fora criada com cuidados e mimos extremos. Nessa manhã, notava-lhe as olheiras e os ombros curvados por causa da noite sem dormir.

Ao andarem para casa em silêncio, Kit tinha a mão em sua cintura. Ao lado dele, Dianna era tão pequena e delicada, mas apesar do tamanho, era capaz de sentir uma paixão imensa, pensou ele ao lembrar-se da véspera à noite, sob as faias. Escorregou a mão e acariciou-a nos quadris. Um tanto acanhada, ela ergueu os olhos cheios de expectativa.

— Você me tenta demais, mocinha — confessou Kit ao curvar-se e beijá-la atrás da orelha. — Deveria possuí-la aqui mesmo, à vista da casa e à luz do dia, para mostrar-lhe como esse seu jogo pode ser perigoso!

Dianna sorriu. Como poderia ele, com um único toque, fazê-la esquecer de tudo, exceto do amor que os unia?

— Esta noite, então, lá perto do bosque — sugeriu ela tomada pela audácia. — Prometo não me assustar se as vacas aparecerem — brincou.

Kit fez um grande esforço para se conter e não torná-la nos braços. Embora tivesse falado sobre filhos ilegítimos, Dianna não havia mencionado o risco de ficar grávida. Ora, uma criança já podia ter sido fecundada em seu ventre. Pela primeira vez, a idéia da

paternidade causou-lhe prazer, porém não podia esquecer a responsabilidade. Preocupado com a possibilidade, decidiu, nesse instante, a atitude a tomarem relação a Robillard.

— Não, esta noite, não. Vamos nos despedir agora — declarou em tom abrupto até aos próprios ouvidos. — Quando chegarmos em casa, não leremos mais tempo para ficar a sós antes de eu partir.

Sem compreender, Dianna o fitou.

— Vou procurar Robillard — explicou depressa. Deus do céu, por que seus olhos lindos estavam tão cheios de indagações? — Ele quer a mim, pois vai me ter. Quem sabe, então, Robillard dê ouvidos à razão. Minhas terras são inglesas e não, francesas. Não há lei ou tratado que possam garantir o contrário. Se for preciso, eu o arrastarei até Quebec a fim de provar-lhe a verdade.

— Irá acompanhado de soldados?

— Não. Não quero lhe dar motivos para enviar seus homens ao meu encontro, a não ser que seja por pura hospitalidade — gracejou sem muito êxito. — Pretendo levar Attawan, caso o encontre pelo caminho.

Dianna parou e empurrou o braço de Kit.

— Plano mais pretensioso e irresponsável!

— Dianna, nasci e fui criado aqui. Conheço esta terra tão bem quanto a minha casa.

— Esse não é o ponto. Você vai se entregar, de mão beijada, ao homem que não deseja outra coisa além de sua morte! Um bandido que matou um de seus arrendatários como isca para atraí-lo. E você vai aceitar a provocação para ter a honra de agir como herói!

Desesperada, apontou para a direção da sepultura do francês.

— Veja o que ele fez a um de seus próprios compatriotas! Robillard não há de mudar só para atender um pedido seu!

— Pensa isso mesmo a meu respeito? Que quero poupar a vida do meu povo por uma questão de vaidade e egoísmo? Estou preocupado com a segurança não só de todos como com a sua também. — A dimensão de seus sentimentos por ela ainda lhe era estranha e ele encontrava dificuldade para se expressar. — Eu me importo muito com o que possa acontecer a você, Dianna.

— Maneira muito estranha de mostrar, Sr. Sparhawk!

— Por favor, Dianna, me ouça primeiro.

— Não, você é quem tem de me ouvir. É o seu orgulho tolo de homem que o leva a expor a própria vida. Orgulho vazio, inútil e ostensivo! Ele não vale uma moeda furada! — Kit tentou segurar-lhe a mão, porém ela a colocou às costas. — Você não entende que, cada minuto passado ao lado do pobre francês, eu imaginava como me sentiria caso fosse você cuja vida estivesse se esvaindo?

Não conteve um soluço e a voz tomou a entonação de um queixume.

— Odeio esta terra! Odeio como ela transforma cada homem num assassino selvagem! Odeio o derramamento de sangue e a vingança, odeio... ai, odeio a mim mesma por estar chorando como se, na verdade, me importasse com o que pode acontecer à sua carcaça empedernida e orgulhosa!

Novamente, Kit tentou segurá-la e, dessa vez, conseguiu pegar seu pulso, mas Dianna o puxou com força. Os olhos brilhavam cheios de lágrimas e de revolta.

— Você age assim com tudo, Kit, pega à força e impõe sua vontade só porque seu nome é Sparhawk! Mas isso não vai dar certo com François Robillard e, muito menos, comigo!

Dianna virou-se e foi embora correndo, os pés descalços voando sob a saia, deixando Kit sozinho na trilha esburacada.

O coração ameaçava explodir, mas não por causa da corrida e sim por tudo que tinha ouvido e dito. Precisava desesperadamente ficar sozinha, por isso dirigiu-se ao estábulo. Esperava encontrá-lo vazio, pois sendo quase meio-dia, os animais e os trabalhadores deveriam estar no campo.

As portas duplas encontravam-se abertas para permitir a entrada da brisa. Soluçando e ofegante, parou junto a elas a fim de acostumar os olhos à penumbra.

— Dianna!

Mercy saiu de uma das baías vazias e veio a seu encontro. Aconchegada em seus braços e de encontro ao peito, estava uma gatinha branca, malhada de preto. Num gesto automático, Dianna estendeu as mãos para endireitar a touca de linho da menina e tirar pedaços de palha de seu avental.

— Que bom você ter vindo, finalmente, conhecer a minha Lily — disse Mercy satisfeita. — Lily, esta é Dianna. Ela vai ser muito boa para você e não vai enxotá-la como Hester. Enquanto falava, estendeu a patinha da gata para Dianna apertar. — A minha Lily é muito boazinha e bem-comportada — continuou, mas então, notou as faces de Dianna molhadas de lágrimas. — Você está triste porque o francês morreu, não é? — perguntou com meiguice. — Aproveite e chore o quanto quiser aqui, porque não vou contar nada para Hester.

Não se atrevendo a confiar na voz, Dianna ajoelhou-se e tomou Mercy entre os braços. Estreitou-a com tanta força que a gatinha miou em sinal de protesto, levando Dianna a se afastar um pouco. Nessas últimas semanas, tinha passado muito pouco tempo com Mercy e sentira falta de sua companhia.

— Quando chegarmos em casa hoje à noite, vamos fazer uma cama muito especial para Lily, perto das nossas. Assim, você poderá falar com eia se a pobrezinha estranhar o lugar.

Contente, Mercy sorriu e Dianna notou que ela havia perdido outro dente de leite.

— Quero que você e Lily vão se despedir de Kit e agradecer-lhe por nos ter hospedado

em Plumstead. Depressa. Ele deve estar em casa agora.

— Não, Mercy, estou aqui — disse Kit e Dianna virou-se depressa em direção à voz.

Ele estava em pó à porta, com as pernas afastadas, uma silhueta escura contra a luminosidade do sol do meio-dia. Embora não lhe pudesse ver as feições sombreadas, Dianna tinha percebido a raiva mal contida em sua voz. Ergueu-se devagar enquanto Mercy corria ao encontro de Kit, a pobre Lily sacudida em seus braços.

— Faça o favor de cuidar muito bem da gatinha — recomendou Kit ao levantar a menina do chão. — Não costumo dar os filhotes de Tigres para qualquer pessoa.

— Eu sei, você fica com todos. Hester disse que o curral vai encher tanto de bichos que Jonathan terá de trazer ratos do cais para os gatos trabalharem um pouco — caçoou Mercy rindo.

— Ela pode ter razão. Ainda bem que você está levando Lily para casa. — Beijou-a na testa e a pôs de volta no chão. — Agora, vá dar uma volta por aí, menininha. Tenho umas coisas para dizer à nossa amiga aqui.

Havia um tom meio ameaçador na voz, não muito do agrado de Dianna. Com as mãos nos quadris, preparou-se para a batalha. Kit assomou à sua frente, a luz do sol, vinda por trás, refletia-lhe nos cabelos formando uma aureola dourada. Auréola coisa nenhuma! As chamas do inferno, isso sim, prontas para destruir.

Kit não perdeu tempo.

— Posso ser orgulhoso e egoísta, mas não fujo correndo ao primeiro sinal de uma briga. Fiquei mais louco do que um marimbondo preso numa garrafa fechada ao ver você agir dessa forma e não vou tolerar que faça isso outra vez!

Dianna ergueu bem o queixo.

— Acredito, senhor, que nossa conversa tenha terminado.

— De jeito nenhum! Não chegou nem na metade! Só uma pessoa covarde admitiria o contrário e você, milady, é muito corajosa!

No instante seguinte, ele a enlaçava pela cintura e a puxava para bem perto. Dessa vez, o orgulho a impediu de rechaçá-lo para não confirmar-lhe a acusação feita há instantes. Resolveu fitá-lo numa atitude de desafio, porém ao erguer os olhos aos dele, percorreu o caminho mais devagar do que pretendia. Passou-os pelos pêlos encaracolados à vista na abertura da camisa, pelo queixo marcado pelas linhas da teimosia e pela boca cujos lábios, apesar de apertados com severidade, a lembravam dos beijos sensuais que haviam trocado. Estava certa de que seria traída pelas batidas descompassadas do coração. Se disparava de raiva ou de desejo, ela não conseguia determinar e, pela primeira vez, deu-se conta de como os dois sentimentos podiam se mesclar intimamente.

Kit tentou lembrar-se de todas as decisões tomadas enquanto a seguia até ali, todavia, a mente encontrava-se vazia, exceto pela realidade vibrante da presença de Dianna.

Com a mesma facilidade com que havia levantado Mercy do chão, ergueu-a também e a

colocou sentada na borda de uma caixa para arreios.

— Você não é covarde, é corajosa — repetiu ele ao passar o polegar em sua covinha no queixo e forçá-la a fitá-lo. — Além de corajosa, é linda e diferente de todas as outras mulheres! Estou completamente apaixonado por você e, deixá-la agora, vai ser a coisa mais difícil que já fiz na vida

Rodeou-a com os braços e a puxou de encontro a ele para, sem preâmbulos, colar os lábios nos dela. Dessa vez, não havia persuasão, divertimento ou sedução suave no beijo, apenas uma carência desenfreada, uma intensidade cruel que os atordoavam enquanto as bocas se moviam famintas.

De repente, Kit afastou o rosto, respirando com dificuldade. Fechou os olhos e sacudiu a cabeça, exausto com o esforço para se dominar. Inclinou-se para a frente até encostar a testa na de Dianna.

— Minha querida, e assim que vamos nos separar, cada um meio louco de desejo — murmurou ele. — Agora, você vai acreditar que nada será capaz de me impedir de voltar. Nada, juro pela minha honra, poderá se interpor em meu amor por você!

E Dianna acreditou.

Pouco depois, Kit partiu. Preferia fazer a viagem de canoa e não a cavalo, sabendo que, no auge do verão, os rios eram mais fáceis e rápidos para serem percorridos do que as trilhas pelos campos e florestas.

Com as provisões e pólvora guardadas numa mochila de couro de alce, a fim de se manterem secas, seguiu pelo rio Wickham em direção sudoeste. Iria até onde ele se juntava ao Connecticut, mais caudaloso, pelo qual rumaria para o norte, para Springfield, Deerfield e Canadá. Mesmo por via fluvial, calculava levar uns dez dias viajando, talvez uma semana se o tempo continuasse bom. Mas precisava parar nas serrarias rio acima para verificar se tudo corria bem. Uma única vez, tinha ido à propriedade de Robillard, mas muitos anos atrás e em companhia do pai. Lembrava-se vagamente do caminho e confiava na intuição para alcançar o destino.

Sentia os raios quentes do sol nos ombros e apreciava o esforço físico de remar contra a correnteza. A solidão, a beleza da terra e do rio também eram estimulantes. Acima, patos selvagens voavam de encontro ao azul do céu e, através das árvores, ele vislumbrava, de vez em quando, veados e alces lançando-lhe olhares curiosos. A sensação de liberdade ilimitada que sentia agora, era do que mais sentira falta ao ir à Inglaterra, em lugar de Jonathan. Começou a cantarolar baixinho, acompanhando o ritmo do bater dos remos, e descobriu, divertido, que a melodia era mesma cantada tão bem por Dianna, para despeito de Constance.

Ao anoitecer, parou tempo suficiente para esticar as pernas e comer as fatias de presunto e de broa de milho do farnel preparado por Hester. Em seguida, continuou a viagem. Estava muito inquieto e agitado para dormir. Remou através da noite iluminada pela mesma lua que brilhara, na véspera, para ele e Dianna. Tinha a impressão que a experiência maravilhosa havia acontecido há muito, muito tempo.

Na segunda noite, parou numa ilhota e puxou a canoa por sobre as pedras, escondendo-a sob as ramagens de pinheiro. Quando meninos, ele e Jonathan iam brincar ali e imaginavam que a ilha fosse do Caribe, uma fortaleza de piratas. Estranho percorrer distância tão grande e ainda se encontrar em terras dos Sparhawk, pelo menos, segundo a documentação antiga do avô. Kit lembrava-se bem dele, um velho puritano severo, de cabelos brancos e cortados bem curtos. Ele tinha sido soldado de Cromwell em Marston Moor e recompensado com terras agrestes demais para serem colonizadas por alguém menos capaz. O avô tinha lhe ensinado muita coisa sobre combates, luta de espadas e liderança de soldados em batalhas. Essas lições haviam lhe salvado a vida uma infinidade de vezes. Dispensando mais uma vez o conforto de uma fogueira, Kit contentou-se com alimentação fria e água. Enrolou o corpo cansado no cobertor e deitou-se para dormir, mantendo o cuidado de colocar o mosquete armado e a faca ao lado. Embalado pelo rumor suave do rio, pôs-se a pensar em Dianna, em seu sorriso, na voz sussurrada quando lhe dizia palavras de amor, na maneira de entreabrir os lábios para receber seu beijo.

Talvez Dianna não desejasse pensar ainda no futuro, mas ele insistiria nesse ponto. Quando voltasse para Plumstead, eles se casariam, ou melhor, corrigiu-se depressa, ele lhe pediria para que se casasse com ele e rezaria para receber uma resposta afirmativa. Apesar de suas propriedades e posição social elevada na colônia, do grande amor que Dianna jurava ter por ele, lembrava-se bem da estirpe nobre da família dela e de como a sua, na Inglaterra, fora considerada, no máximo, como sendo de posses, mas jamais aristocrata. Pessoas como os Grey não se casavam por amor e Kit só podia esperar que Dianna fosse diferente. Ela tinha de ser.

Por pouco não seria tarde demais quando Kit viu um braço de homem estender-se sobre ele. Já com a faca na mão, rolou o corpo para o lado, desvencilhou-se do cobertor e pulou em pé.

Attawan firmou a coronha do mosquete no chão, segurando-o pelo cano. O semblante, de feições marcantes, mantinha-se impassível.

— Está ficando descuidado, Sparhawk — comentou, sacudindo a cabeça. — Eu poderia ter matado você umas dez vezes enquanto dormia.

— E eu poderia ter cortado você em dois, antes mesmo de abrir os olhos, Attawan — respondeu Kit sorridente. Ele e o índio eram amigos desde a meninice, quando sua mãe acolhera a de Attawan, ferida por uma patrulha inglesa. — Depois que voltei, você não apareceu lá em casa, meu amigo.

Attawan deu de ombros.

— Os seus ingleses estão muito rápidos com o gatilho nesta primavera, Sparhawk.

O sorriso de Kit desapareceu enquanto se sentava no chão com um suspiro.

— Não é culpa deles depois do que aconteceu em Deerfield e, agora, em Wickhamton.

— Foram os abenaki e os mohegan — resmungou o índio com desdém. — Os

Pocumtucks não fizeram nada.

— Uma mulher e duas meninas desapareceram, quatro homens morreram e todas estas tragédias em minhas terras — informou Kit impaciente. — Por causa disso, não posso condenar gatilhos rápidos.

Attawan estendeu o cobertor para secar, pois o tinha molhado para chegar à ilha. Depois, acocorou-se ao lado de Kit.

— Então, você vai sozinho em busca de vingança? — indagou. — Um homem contra dez vezes dez em Quebec?

— Os homens que atacaram as pessoas em minhas terras não foram os mesmos do massacre em Deerfield, eu acho — disse Kit devagar. — Em minha opinião, foi alguém com a intenção de me fazer acreditar no contrário. Eu penso que foi Robillard.

Com expressão de ceticismo, o índio ficou à espera da explicação de Kit.

— O caçador de peles, de quem eles tiraram o escalpo, viveu o suficiente para contar que Robillard fazia parte do grupo de atacantes. Ele deve estar pensando que nós todos vamos fugir, como os habitantes de Deerfield, e deixar-lhe tudo. Meu plano é informar Robillard do quanto está enganado.

Refletindo sobre as palavras do amigo, Attawan ficou algum tempo em silêncio, passando os dedos na pena enfiada nos cabelos.

— Você é um homem com muita coragem e pouco juízo para contrabalançar — comentou finalmente.

Irônico, Kit sorriu.

— Você não é a primeira pessoa a me dizer isso — respondeu baixinho ao lembrar-se das lágrimas de Dianna. — Mas Robillard é covarde. Ele só briga quando tem certeza de que os outros o impedirão de continuar. Vai vociferar ameaças, tentar me enganar, mas não se arriscará a me fazer mal de verdade. Robillard espalhou pelos quatro ventos seu ódio por mim e terá a Nova Inglaterra inteira em seu encalço se eu não voltar. Da mesma forma, não quero a Nova França inteira atrás de mim.

— Esse homem Robillard vive rodeado por abenakis imprestáveis e conta com eles à custa de conhaque — comentou Attawan. — Como eu já disse, você está ficando muito descuidado. Vai precisar de alguém para lhe proteger as costas contra os cães ladrões.

Kit estendeu as mãos e tocou os ombros do índio.

— Eu sabia, meu amigo, que podia contar com você. Apesar de se considerar um cavalheiro refinado, François

Robillard vivia numa casa mal conservada e suja. Quando Kit passou ao longo da doca rústica, embora exausto, não pôde deixar de notar a aparência horrível do lugar. Dizia-se que Robillard era francês de nascimento, um astuto veterano das guerras turcas. Mas um simples olhar pela sua casa confirmava as suspeitas de Kit: Robillard não passava de um rude caçador de peles, um andarilho das matas que, através da sorte nos negócios,

ganhara dinheiro suficiente para se tornar um fanfarrão provocador e tirânico.

Construía numa elevação rochosa à margem do rio, a casa mais parecia um barracão de depósito do que uma moradia. As paredes eram de troncos irregulares em cujos vãos havia uma argamassa encardida nas janelas estreitas, pedaços de oleado substituíam vidros e o terreiro não tinha planta alguma.

Diante da porta de entrada aberta, dois vira-latas disputavam a carcaça de um ganso enquanto três abenakis e um soldado francês, num uniforme andrajoso, apostavam no resultado da briga.

Mas quando Kit e Attawan puxaram a canoa para a margem, os quatro homens esqueceram os cachorros e, com expressão hostil, apanharam os mosquetes. O soldado francês gritou uma ordem a um dos índios que desapareceu no interior da casa. Os outros assestaram as armas para os recém-chegados.

Kit, entretanto, não lhes deu atenção. Com a maior morosidade possível, apanhou o mosquete da canoa e o pendurou no ombro num gesto displicente. A seu lado, Attawan não desviava o olhar dos homens à porta. Kit podia sentir-lhe o nervosismo e a desaprovação. Quando começou a assobiar a canção de Dianna, o índio falou em sua língua em tom tão áspero que ele teve a certeza de estar sendo alvo do xingamento irritado do amigo. Até então, tudo corria como esperava.

Com as botas rangendo nos pedregulhos, Kit iniciou a subida da ladeira. Tanto quanto Attawan, não gostava daqueles mosquetes apontados para eles, mas nem para salvar a alma do fogo eterno, daria a perceber o temor a Robillard. Já estava a uns vinte passos da casa quando o soldado gritou-lhe:

— Fair halte!

Porém como Kit expressasse incompreensão, o francês falou num inglês truncado:

— O que vem lá?

— Christopher Sparhawk. O seu patrão vai reconhecer o nome. — O soldado resmungou algo e não se mexeu. Impaciente, Kit suspirou e pediu: — Eu lhe ficaria muito grato se o avisasse de minha chegada.

Pelo canto dos olhos, Kit percebeu um movimento na porta e, ao virar-se, viu o reflexo do sol no cano longo de uma

— Bonjour, Sparhawk — cumprimentou Robillard rindo, mas a arma na mão permaneceu firme. Ouviu-se o choque do gatilho sendo destravado. — Ou será au revoir, hein?

CAPÍTULO XIII

Por um momento tenebroso, Kit imaginou se não tinha calculado mal. Havia cinco deles,

cinco armas de fogo, vantagem bem do agrado de Robillard. Com tiros à queima roupa, só mesmo por um milagre divino ele e Attawan conseguiriam escapar com vida.

Mas enquanto Kit refletia sobre a possibilidade de um desenlace desastroso, Robillard riu outra vez, sacudindo o corpo gordo. Travou a pistola e apoiou o cano longo no ombro.

— Nem eu o mataria dessa forma, Sparhawk — disse ele em tom de caçoada. — Você é um fous gros por vir até aqui. Seus amigos ingleses não o avisaram de que eu atiraria em você, assim banguê, banguê?

Sacudiu a pistola em direção a Kit e riu pela terceira vez, pois achava graça no próprio senso de humor. Kit sentiu uma vontade intensa de dar nele um bom murro que lhe tirasse o fôlego e o esparramasse no chão, porém sabia como a situação continuava precária. Os outros quatro ainda mantinham as armas assestadas.

— Ah, eles me avisaram, naturalmente — respondeu controlando o impulso —, mas eu achei que você gostaria de conversar primeiro.

Curioso, Robillard coçou o queixo com o cano da pistola.

— Pois então, vamos conversar. Sou todo ouvidos.

— Não, Robillard, não aqui. Lá dentro. E a sós. O que eu lenho para dizer não precisa ser ouvido por ninguém mais além de você. — Certo de que o francês concordaria, começou a andar para cobrir a distância que os separava. — Também vou deixar o meu homem aqui.

Robillard deu de ombros.

— Muito bem, se quer assim. Afinal, sua vida está em minhas mãos.

Kit esperou até os Abenakis e o soldado abaixarem os mosquetes e, de má vontade, acocorarem-se junto à parede. Ele fez que não viu o ar. de desaprovação de Attawan que, com a arma entre os braços, preferiu se acomodar longe dos outros. Só então, seguiu Robillard ao interior da casa, sendo obrigado a curvar a cabeça a fim de passar pela porta baixa.

A sala da frente devia ser o melhor aposento da casa. As cadeiras de encosto alto tinham assentos de couro estofado e um brilhante tapete turco servia de toalha à mesa sólida de nogueira. Um crucifixo caro, esculpido em madeira, adornava a parede entre as duas janelas. Mas os candelabros de estanho estavam opacos e sujos e as gravuras de santos, penduradas ao longo das outras paredes, além de amareladas, tinham a superfície salpicada de sujeira de moscas.

Num gesto imperioso, Robillard indicou a cadeira para a visita se sentar e ocupou uma de braços, que gemeu sob seu peso. Kit, entretanto, ignorou o oferecimento do francês, preferindo se sentar numa outra que o deixava de costas para a parede e lhe oferecia ampla visão da porta e das janelas. A exemplo de Attawan, conservou o mosquete aninhado entre os braços, embora ali dentro, fosse melhor se valer da faca, refletiu sem muita convicção.

— Então, você veio me visitar, em minha própria casa, como um gentil-homem, Sparhawk? — perguntou Robillard em tom jovial. — E uma ótima propriedade, oui.

Kit sentiu-se satisfeito não só com o fato de sua vinda alimentar o orgulho do francês como também por ele nunca ter estado em Plumstead e constatado a diferença.

— Ah, é excelente — concordou. — A casa de um cavalheiro. Mas as questões sobre as quais vim conversar não são as de um cavalheiro, nem...

Calou-se ao ver uma jovem Abenaki entrar na sala trazendo duas canecas de couro com conhaque. Quando as colocou na mesa, Robillard estendeu a mão da moça e acariciou-lhe a nádega. Rindo,, a moça requebrou-se toda. Sem a menor cerimônia, ele a puxou para o colo, as pernas sobre os joelhos dele e o vestido, de couro de antílope, levantado até as coxas.

— Você não gosta de índias, gosta, anglais? — indagou o francês continuando a passar a mão pelo corpo da jovem como se estivessem a sós.

Enojado, Kit respondeu com um gesto negativo de cabeça. Relutante, Robillard empurrou a índia para fora do colo e ela se afastou, mas não sem antes receber mais umas apalpadelas.

— Uma lástima não gostar, Sparhawk. Essa aí tem um corpo maravilhoso. E bem roliço.

Um sorriso inesperado espalhou-se pela face do homem.

— Ora, eu me esqueci! Você vai se casar logo! Félicitations! Kit fitou-o perplexo. O homem não podia estar se referindo

a Dianna. Ninguém sabia de seus planos de casamento, nem mesmo ela.

— Você deve estar enganado, Robillard.

— Mas ouvi falar dessa Srta. Lindsey. É sua noiva, non?

— Não, não! De jeito nenhum! — Por Deus, a notícia das pretensões de Constance tinha chegado até essa distância! — Não há noivado algum meu com a Srta. Lindsey.

— Então, você há de querer a índia de que lhe falei. Juro, ela fará o que você quiser...

— Chega! — interrompeu Kit abrupto ao dar um murro na mesa que fez as canecas balançarem. — Você matou quatro dos meus homens e desapareceu com três mulheres da mesma família. Quero as três de volta, ilesas, e até pagarei o resgate se tiver certeza de que o ouro irá para as mãos dos índios e não para as suas. Quero também que você jure jamais se aventurar pelas minhas terras outra vez.

O semblante de Robillard tornou-se uma indecifrável. Ele inclinou a cabeça até a ponta do queixo tocar o peito.

— Não tive notícias dessa história. O que você mencionou só pode ter sido obra dos índios. Nós todos temos problemas com sauvages.

— Não, Robillard, você tem memória curta — contradisse Kit numa voz baixa, mas vibrante de ameaça. — Os homens também atacaram um companheiro, tiraram-lhe o

escalpo e o abandonaram à morte. Mas ele não morreu logo, não antes de me contar que você estava lá.

— Não acredita que os índios também matem franceses? — demandou Robillard em voz ultrajada.

Mas sinais de pânico já surgiam em seu olhar, percebeu Kit, indício de que mentia novamente.

— Como todos os homens, tenho meus inimigos. Esse morto deve ser um deles. Por que eu teria ido junto com os assaltantes até a casa do fazendeiro inglês e ao seu milharal?

— Por quê, não importa, mas que você foi, eu não duvido nem por um segundo. — Kit semicerrou os olhos. — Eu não lhe disse que o homem era fazendeiro, nem que foi assassinado no milharal. Você está recobrando a memória, Robillard.

Kit levantou-se, um gigante diante do outro.

— Tanto quanto você, Robillard, não quero mais brigas. No momento, a questão é apenas entre nós dois. Faça o que estou sugerindo e eu o deixarei em paz. Mas se me provocar outra vez, que Deus nos ajude! Voltarei com um exército para queimar esta sua preciosa casa de cavaleiro e assistir ao seu enforcamento por assassinato.

A voz de Kit linha baixado a um sussurro, porém veemente.

— Marque bem minhas palavras, Robillard. As três mulheres de volta e você fora de minhas terras.

Virou-se sem esperar a resposta do francês, deixou a casa pisando firme e rumou em direção da canoa. Ouviu Attawan vir-lhe ao encalço, porém continuou caminhando sem olhar para trás, pois não desejava dar a Robillard nada além das costas. Enquanto uma pequena parte da mente imaginava quantas balas francesas talvez se alojassem nas mesmas costas, outra tinha plena certeza de que nenhuma se atreveria a atingi-lo.

Quando finalmente Robillard recobrou-se da exigência impertinente de Sparhawk, levantou-se e foi até a porta. Mas Kit e Attawan já empurravam a canoa para a correnteza do rio. Praguejou entre os dentes e, consciente da presença do homem a dois passos atrás, viu-os se afastar.

— Eu lhe disse que Sparhawk era um louco, um três grosfou — declarou exaltado. — Eu devia ter lhe arrebetado a cabeça com uns bons tiros durante essa oportunidade de ouro!

— Você, sim, é um grandessíssimo louco perigoso, Robillard — retaliou o tenente Hertel de Rouville.

Irritado, ele bateu com os nós dos dedos no batente da porta, a espada na bainha presa no quadril, balançando para frente e para trás. Ele, o homem que tinha destruído o miserável vilarejo inglês de Deerfield; ele, Jean-Baptiste Hertel de Rouville, o agente especial e amigo do marquês de Vaudreuil, o governador de todo o Canadá, ver-se obrigado a lidar com um camponês gordo como Robillard, era insuportável.

— Não conseguiria atirar naquele homem, mesmo se ele próprio segurasse a pistola para você.

Com o orgulho ferido, Robillard ergueu a cabeça num movimento brusco e limpou a garganta ruidosamente.

— Sparhawk não vale o meu desprezo! Nem ele, nem o pai, nem o pai do pai!

— Ele vale dez de você — declarou Hertel de Rouville com antipatia evidente. — Se você o tivesse ferido hoje, em menos de quinze dias, a floresta estaria fervilhando de soldados ingleses. Ele não teria vindo até aqui sem o conhecimento e a permissão de seu governador. Não se pode malar homens como Sparhawk sem conseqüências funestas.

— Mas você me prometeu as propriedades dele se eu o ajudasse — argumentou Robillard exasperado.

— Minha missão é expulsar esses ingleses das terras francesas e não torná-lo rico — explicou Hertel de Rouville lutando para conter a impaciência.

Levantou a renda do punho da camisa a fim de coçar o pulso. Havia sentido pulgas na cama nessa noite e só Deus sabia que outros tipos de parasitas poderia ter a índia jovem que o esperava nua sob as cobertas. Quanto mais depressa voltasse para o mundo civilizado de Quebec, melhor.

— Sparhawk precisa morrer, esse é um ponto fora de questão. Mas sua morte tem de ser arranjada de forma que a culpa não recaia sobre nós. A única maneira seria induzi-lo a vir até nós de livre espontânea vontade, sozinho e sem o conhecimento de ninguém.

— Se ao menos ele fosse casado, nós poderíamos seqüestrar a mulher e usá-la como isca, não? Ele é um homem de bem e viria atrás

— Mas talvez exista uma jovem a quem ele queira muito. Não reparou como ele ficou perplexo quando você mencionou a tal Srta. Lindsey? — Hertel de Rouville riu satisfeito com a própria astúcia. — Você irá a casa dele, Robillard, e descobrirá o nome da sua amourette.

Robillard sacudiu a cabeça.

— Não acho que esse seja um plano muito bom, mon ami — disse em tom de dúvida. Hesitava em levantar objeções a um cavalheiro tão fino como Hertel de Rouville, mas o seu próprio pescoço estava em jogo. — Você ouviu Sparhawk. Ele me matará se eu for a Plumstead.

— Não se você for levando notícias, digamos, das três mulheres inglesas. No que me diz respeito, você poderá até pedir o resgate.

— Você as entregará a mim para levá-las de volta?! — indagou Robillard incrédulo.

— Isso não será possível, lamento. A mais velha não conseguiu manter o passo e pereceu. As duas meninas encontrarão uma vida de graça perene em companhia das boas irmãs religiosas de Quebec.

De Rouville teve vontade de externar o riso que ameaçava explodir, mas conteve-se.

Agarrou os ombros de Robillard com rudeza.

— Diga a Sparhawk o que ele deseja ouvir, e não volte para cá antes de descobrir o nome da moça e onde ela mora. Aí então, mon ami, já estará mais do que a tempo de nossos compatriotas Abenakis irem lhe levar as nossas saudações.

— Se nós voltarmos esta noite, poderemos matar o homem enquanto ele dorme — sugeriu Attawan.

— E em troca, seremos mortos também — comentou Kit em voz calma enquanto atirava um pedregulho na água.

Estavam sentados numa rocha alta, à beira do rio, Kit admirando o pôr-do-sol para os lados das montanhas Green, a oeste, e Attawan limpando dois peixes que havia pescado para o jantar. Com o calor do início da tarde, Kit tinha tirado a camisa e, agora, sentia-se bem com a brisa nas costas nuas, apesar do calor guardado pela pedra onde se sentava.

— Nós vimos só quatro homens lá — continuou ele — mas provavelmente, havia outros que não quiseram aparecer. Além do mais, embora Robillard possa nos considerar tão covardes quanto ele, aposto como vai dobrar a vigilância desta noite.

Attawan bateu a mão espalmada na coxa.

— Não tenho um pinga de medo, Sparhawk!

— Quem agora está sendo mais corajoso do que ajuizado? — perguntou Kit rindo. Apoiado nos cotovelos, estendeu as pernas à frente. — Não, nada disso. Por mais que eu queira estrangular o pescoço gordo do desgraçado, o melhor é esperar. Tão logo Robillard devolva as mulheres da família Barnard, minhas mãos estarão desatadas para caçar os Abenakis e levá-los a julgamento em Wickhamton.

Resmungando, Attawan sacudiu as escamas das mãos. — Se ele devolveras prisioneiras. Não acredito que o francês tenha meios de encontrá-las.

— Se conseguir, ele vai entregá-las. Robillard não quer ingleses nas terras dele tanto quanto eu não quero franceses nas minhas.

— Mesmo que já estejam lá?

Kit sentou-se ereto, de testa franzida, atento às palavras seguintes do amigo.

— Os Abenakis e os Mohawks, que destruíram a vila inglesa de Deerfield, foram comandados por soldados franceses. Duzentos deles, ouvi contar.

Kit o fitou atônito.

— Você seria capaz de jurar que isso é verdade?

Ressentido com a insinuação de dúvida, Attawan não respondeu, mas Kit estava muito perturbado para prestar atenção na sensibilidade do amigo.

— Por que não me contou isso antes? — demandou. — Cento e quarenta e dois ingleses morreram naquele dia e a culpa toda foi posta nos índios!

Não era novidade para Altawan o fato de responsabilizarem os índios por crimes e maldades e, embora considerasse Kit um amigo, não compartilhava de seu horror pela morte e seqüestro de ingleses. Para ele, a luta entre franceses e ingleses não era diferente das desavenças e escaramuças entre as Sete Nações de seu povo.

— Esses franceses não são bobos. Eles mandam os Abenakis na frente e, quando a matança termina, vão atrás. Foi a mesma coisa na vila inglesa de Pascommuck, apesar de não levarem tantos prisioneiros.

— O suficiente — respondeu Kit com ar sombrio, começando a calçar as botas. — Vamos seguir para Deerfield esta noite a fim de conversar com o capitão Ferris. Ele precisa ser avisado. Eu sabia que os franceses tinham se aliado aos índios no leste, mas ignorava que houvessem se atrevido a vir ale aqui. Passei muito tempo longe, Attawan. Eu devia saber que isto estava acontecendo. Se não tivesse ido à Inglaterra em lugar do meu irmão...

Frustrado por não conseguir calçar a segunda bota, sacudiu a perna atirando-a longe numa moita. Paciente, o índio foi buscá-la.

— Suas cicatrizes são muito profundas, meu amigo — murmurou Altawan ao colocar a bota em seu colo. — Sem dúvida, essas pessoas são do seu povo, mas não seus parentes. Você não pode mudar o passado e não deve deixar que ele destrua o futuro.

Esse era o desejo mais profundo de Kit. Não queria mais mortes, nem famílias destroçadas ou pesadelos com os gritos de Tamsin, a irmãzinha. Tudo o que aspirava era paz e uma vida com Dianna em Plumstead. Deus misericordioso, estaria pedindo demais?, questionou-se.

O mosquete detonou e, quando a fumaça esvaneceu, Dianna pôde ver que a pedra, colocada no mourão da cerca como alvo, tinha sido atirada longe sem nem arranhar a madeira.

— Ótimo! Você já está atirando tão bem como a maioria dos homens — elogiou Hester sem esconder a satisfação. — Não concordo com Asa, um velho bobo. É uma coisa muito boa você saber lidar com um mosqueie, pois fica tempo demais sozinha com Mercy naquela casa.

Cuidadosamente, Dianna limpou o cano do mosquete, lembrando-se das instruções de Hester quanto à importância de se manter armas de fogo em ordem.

— Não corremos perigo algum, pois estamos muito perto de Wickhamton e de Plumstead para sermos atacadas, Hester. Além do mais, Asa e Jeremiah, agora, não ficam fora mais do que três dias seguidos. Asa prometeu.

— Muito bem, mas você mantenha esse mosquete bem limpinho e carregado como eu ensinei. Só por que há muito tempo não temos sido atormentados pelos selvagens, não quer dizer que eles não estejam planejando atacar novamente. Lembre-se, o massacre em Deerfield foi só quatro meses atrás e, agora, o desastre com a família Barnard — advertiu Hester enquanto, com a mão sombreando os olhos, olhava para o céu a fim de

avaliar a hora pela posição do sol. — Vamos entrar. Preciso virar o assado e você precisa voltar para casa com Mercy. Kit cortaria minha cabeça fora se eu deixasse as duas saírem por aí depois do escurecer.

Dianna virou o rosto e fingiu concentrar a atenção em juntar os apetrechos usados no exercício de tiro ao alvo. Não queria que Hester notasse como corava ao ouvir o nome de Kit. Isso sempre acontecia apesar de ele já estar ausente há várias semanas. Não deixara de sentir saudades durante todas as horas e minutos desses trinta e oito dias. Essa era uma faceta do amor com a qual não havia contado: sofrer com a ausência da pessoa amada e temer por sua segurança. Tentava acreditar no retorno de Kit, porem preocupava-se com os perigos que poderiam atingi-lo. Como conseguiria ele se resguardar contra flechas e machadinhas?

Para distrair o pensamento, vinha se dedicando a uma infinidade de atividades. Além das sessões de tiro com Hester, aprendia novas receitas culinárias, colhia ervas para o preparo de poções medicinais e começara a ensinar Mercy a ler e escrever. Isso sem mencionar as tarefas rotineiras da casa. Para as aulas da menina, usava o único livro de Asa, o Velho Testamento. Mas não importava o quanto mantinha as mãos ocupadas, Kit continuava a invadir seus pensamentos de dia e os sonhos durante a noite.

— Eu gostaria que aquele rapaz voltasse logo — declarou Hester com ar aborrecido e como se interpretasse a ansiedade de Dianna. — Ele está fora tempo demais para meu gosto — acrescentou.

Dianna virou-se depressa. Se já era ruim afligir-se sozinha, infinitamente pior ainda, contar com a preocupação de Hester que, moradora do lugar há tantos anos, conhecia bem os perigos dali.

— Você não acha que aconteceu alguma coisa a Kit, não é?

Hester suspirou profundamente e sacudiu a cabeça.

— Não. E nem tenho razão para tanto. Ele é jovem, forte, lula muito bem e conhece a floresta melhor do que qualquer outro inglês. Também é muito inteligente. Se Kit resolveu que uma conversa com o bandido Robillard vai endireitar as coisas, temos de confiar nele, pois deve estar se esforçando para agir da melhor maneira possível. Mas isso não quer dizer que eu concorde com a decisão dele. — Sua voz atingia o ponto da indignação. — Não, nem um pouco. A família Sparhawk já teve muita falta de sorte com os índios para Kit provocar o destino dessa forma.

— Falta de sorte?! Como assim? — indagou Dianna assustada.

No mesmo instante, Hester deu-se conta da indiscrição.

— Ah, ele ainda não lhe contou? — perguntou constrangida, com o olhar num ponto vago para não fitá-la. — Bem, não sou eu quem vai lhe contar.

— Só sei que o pai comandava a milícia antes dele — disse Dianna decidida a não deixar o assunto morrer. — Por acaso ele foi morto pelos índios?

— Foi, sim. O Sr. Samuel foi, de fato, morto pelos índios — respondeu Hester agarrando-

se a essa parte da verdade. — O pobre recebeu um tiro e perdeu o escalpo sem a mínima possibilidade de se defender. Kit o encontrou pouco depois.

— Ai, coitado de Kit — balbuciou Dianna.

Conhecia muito bem a dor de se perder o pai de repente, mas não podia imaginar o choque sentido ao encontrá-lo com o corpo mutilado. Agora compreendia a reação violenta de Kit quando o caçador de peles francês linha sido trazido a Plumstead. Ela havia se envolvido tanto com as próprias aflições que não percebera a angústia de Kit. Também não teria sido capaz de reconhecer as razões que a motivavam. Por que ele mesmo não tinha lhe contado a história do pai?, indagou-se.

— Você pode entender agora por que me preocupo com o rapaz — disse Hester com veemência e os olhos faiscando.

— Ainda mais levando-se em consideração o fato de ele ter levado junto um maldito pele-vermelha. Sei bem o quanto Kit defende Altawan afirmando que ele é diferente e que os selvagens devem ser julgados, um a um, como se fossem ingleses. Mas por acaso foram os ingleses que puseram fogo em Deerfield? O Sr. Samuel, a Sra. Amity e os filhos tratavam os índios como parentes e o resultado não foi nada bom, em minha opinião. Quanto mais cedo os selvagens forem enxotados para longe, ou mortos, tanto melhor para nós cristãos!

Mas então, para surpresa de Dianna, a revolta piedosa desapareceu das feições de Hester enquanto os lábios começavam a tremer e os olhos enchiam-se de lágrimas.

— Sabe, não tenho parente nenhum no mundo — explicou em voz rouca. — Não me casei e nem sobrinhos tive. Mas esses dois rapazes e as irmãs têm sido mais do que merecedores de minha afeição. Se algo acontecer a Kit, vai ser como se fosse em minha própria carne.

Já quase chorando também, Dianna abraçou Hester.

— Ele vai voltar, tenho certeza — afirmou em tom decidido para convencer não só Hester como a si mesma. — Ele jurou que voltaria e você sabe que Kit Sparhawk não falta com a palavra empenhada.

— Isso é verdade — concordou a outra. Embaraçada com a demonstração emotiva, deu um passo para trás e enxugou as lágrimas com a ponta do avental. — Chega dessas tolices de mulher velha, você deve estar pensando. Se eu não voltar já para a cozinha, não vai haver jantar para os trabalhadores. Apressadas, retornaram para casa, ambas evitando mencionar Kit outra vez.

— Não se esqueça de levar aquele queijo que eu prometi, mocinha — recomendou Hester ao entrarem na cozinha. — Assim, você já tem alguma coisa para o jantar.

Enquanto Hester se ocupava com o assado no espeto da lareira, Dianna entrou na despensa, em cujo ambiente sombreado armazenavam queijos e manteiga, entre outros mantimentos. Já ia apanhar o seu quando ouviu o ruído de passos pesados e a voz desconhecida de um homem na cozinha. Parou e ficou à escuta. Nenhum dos

trabalhadores deveria estar de volta tão cedo, refletiu. Então, ouviu o barulho de cerâmica quebrando e a voz exaltada de Hester. Dianna olhou pela porta entreaberta no momento em que um homem gordo prendia os braços de Hester às costas.

Rezando para que ele não a tivesse visto, recuou para as sombras. Ela o linha reconhecido como o sujeito que havia desafiado Kit na frente da igreja. Robillard era o seu nome, lembrou-se como também da maneira rápida do homem manejar a faca. Pois teria de ser mais veloz se desejasse ajudar Hester. O que fazia ele ali? Onde estaria Kit? Decidida, abafou as dúvidas. Podia ver o mosquete onde o tinha deixado, encostado a uma cadeira. Em três passos o alcançaria. Respirou fundo e tentou controlar os nervos.

Antes mesmo de Robillard notar sua entrada, Dianna já apontava a arma para seu rosto atônito.

— Solte a Srta. Holcomb — ordenou em voz calma embora o coração disparasse. — Depois, fora daqui! Não tem o direito de entrar nesta casa.

Dianna viu a expressão do homem mudar de surpresa para incredulidade e, depois, para desprezo.

— Por que eu deveria me assustar com uma petit filie como você?

O desprezo enfureceu Dianna além de deixá-la mais firme.

— Melhor uma menininha do que um cochon enorme — respondeu em voz áspera ao destravar a arma.

Assim tão perto, não duvidava que acertaria no francês. O desafio constituía em não atingir Hester.

Esquecido da mulher mais velha, Robillard franziu a testa. Essa moça de olhos cinza-claros o deixava perplexo. Vestia-se como uma colona inglesa qualquer, mas exibia o porte altivo das damas elegantes que ele tinha visto em Quebec. Também dava ordens precisas. Uma jovem desse tipo empunhando um mosquete não era confiável. Bravo, praguejou em francês.

— Não ofenda meus ouvidos com suas palavras sujas — protestou Dianna na mesma língua. — Agora, solte a Srta. Holcomb e ponha-se daqui para fora antes que eu o force!

Sacré bleú! A menina seria francesa? Cada vez mais confuso, Robillard a encarou.

— O que está fazendo aqui, ma petit? — perguntou.

Imaginava se não seria essa a mulher que procurava. Sempre considerara Sparhawk um sujeito religioso e farisaico como todos os ingleses e jamais sonhara que ele mantivesse a amante ali em sua abençoada Plumstead.

— Não force a paciência da mocinha, Robillard. É tão pequena como ela — avisou Hester.

— Ora, e quanto à minha paciência? — respondeu ele ao soltá-la e dar-lhe um empurrão.

Friccionando os pulsos, Hester correu para a segurança atrás de Dianna e Robillard

soltou uma exclamação de desdém.

— Vocês não se importam que eu tenha vindo trazer uma mensagem para o seu patrão?

— O Sr. Sparhawk não está em casa — disse Dianna em voz áspera.

— E eu já não descobri isso, ma petite. A minha mensagem é tanto para ele como dele.

Descuidada, Dianna baixou um pouco arma.

— Uma mensagem dele? — perguntou ansiosa. — Então, deve tê-lo visto. Ele está bem?

Um sorriso começou a se expandir pelo rosto de Robillard.

Tratava-se, sim, da mulher que procurava. Não era linda como esperava, mas sob as roupas grosseiras, o corpo tinha ondulações bem provocantes e os lábios cheios convidavam a beijos de um homem. Devia ser, pelo menos em parte, francesa. Isso apenas a tornava mais atraente do que qualquer outra jovem inglesa que ele já tinha visto. Na verdade, quanto mais a observava, mais compreendia as razões pelas quais Sparhawk tinha recusado os favores da índia. Mon Dieu, por que haveria ele de aceitar se em casa o aguardava uma criaturinha de aspecto tão delicioso?

Passou a língua pelo lábio inferior e o sorriso transformou-se num esgar de luxúria.

— Quando Sparhawk apareceu em minha casa estava muito bem. Mas isso foi há uns quinze dias. Pensei que ele já tivesse voltado.

Notou o medo estampar-se nas feições da moça e sua última dúvida desapareceu. Como gostaria de ver a expressão de Sparhawk ao descobrir que os índios tinham lhe levado a amante!

— Quando ele voltar, digam-lhe que eu encontrei os selvagens com quem estão as três inglesas. Tão logo Sparhawk me pague o resgate, elas serão devolvidas.

Com a intenção de tomar o mosquete, Robillard deu um passo à frente, porem Dianna o firmou novamente ao ombro, corando envergonhada pela negligência. Onde estava com a cabeça para deixar o bandido aproveitar-se dela? Com certeza, ele só tinha contado mentiras.

— Por que ele deveria pagar o resgate a você?

— De meu recado a Sparhawk, ma chère, e isso será suficiente. Ele não precisa que uma mulher tome decisões em seu lugar, certo?

— Se não tem mais nada para dizer, vá embora — ordenou Dianna sem conter a irritação —, apesar de eu ter quase me decidido a lhe cravar uma bala a fim de poupar o trabalho a Kit.

— Já vou indo, mademoiselle, já vou indo. — Devagar, Robillard apanhou o chapéu do chão, onde havia caído, e recuou até a porta. — Seja uma boa menina e dê meu recado a Sparhawk — repetiu. — Se ele quiser ver as mulheres vivas, pagará o resgate.

Com o mosquete assestado, Dianna acompanhou-lhe os movimentos até vê-lo deixar a casa e montar no cavalo que tinha deixado preso junto ao poço. Só baixou a arma quando

ele desapareceu de vista, cavalgando a galope. Percebeu, então, como eslava tensa e com os braços doloridos por segurar o mosquete pesado. Suspirando, massageou-os e deixou os ombros caírem.

— Não acredito que ele saiba alguma coisa sobre as Barnard. É você, Hester? — perguntou desanimada.

Por um longo tempo, Hester manteve-se calada ao lado de Dianna, com expressão pensativa, os braços cruzados no peito e o olhar preso na distância onde Robillard sumira.

— Você e Kit — disse finalmente e estalou a língua. — Como não percebi que isso estava acontecendo?

CAPÍTULO XIV

_ E até onde vocês vão hoje, Annie? — Asa perguntou a Dianna ao vê-la passar com Mercy carregando duas cestas grandes encontradas no estábulo. — Não gosto que vocês duas se afastem muito por aí, sabe muito bem.

— Não vamos além do pomar de macieiras de Plumstead. Queremos catar as primeiras maçãs caídas para que eu possa preparar minhas tortas para amanhã — respondeu Dianna ao fazer um sinal para Mercy.

Se a menina não parasse de rir, o avô desconfiaria de algum plano meio fora do comum. Embora considerasse um piquenique divertimento inofensivo, tinha certeza de que Asa as proibiria de fazê-lo.

— Tortas para amanhã? Que tortas são essas?

— Para o jantar do dia de treinamento — explicou Dianna pelo que lhe pareceu ser a centésima vez. — Você prometeu nos levar.

— Ah, é mesmo, eu tinha me esquecido. Nem sei como. Este ano, o dia de treinamento vai ser levado muito mais a sério do que nos outros. Se os rapazes tiverem um pouco de senso de responsabilidade, vão gastar mais tempo com os exercícios do que andando atrás das moças. Aposto como o capitão Tyler vai ser bem exigente com eles, muito mais do que o coronel Sparhawk. Este é muito frouxo com os rapazes. Fica ansioso para terminar logo o treinamento e também se divertir com as moças.

Asa acendeu o cachimbo, deu umas tragadas e viu o fogo pegar. Depois, filou Dianna com atenção.

— Por acaso não há algum rapaz da vila com que você simpatize? Lembre-se, está presa a mim, pelo seu contrato de trabalho, por sete anos. Não vou aceitar um pedido para sua mão ale o fim desse prazo. Dez guinéus é uma soma muito alta para ser gasta a troco de nada.

— Não existe ninguém em Wickhamton do meu interesse — afirmou Dianna escolhendo as palavras com cuidado. E nem poderia haver, pois quem se compararia a Kit? — Quero ir por causa de Mercy. Ela quase não brinca com crianças de sua idade.

— Nesse caso, não vejo mal algum — concordou Asa ao apanhar o chapéu. — Tenho de ir hoje a Wickhamton tratar de uns negócios, mas amanhã estarei de volta para levá-las, como você quer. Tem certeza de que vão ficar em segurança aqui, sem mim?

— Ah, vovô, vá cuidar de seus negócios e deixe Dianna e eu cuidarmos dos nossos — disse Mercy meio impaciente.

Asa resmungou qualquer coisa, mas beijou a menina antes do sair.

Dianna arrumou a cesta com o lanche, não se esquecendo de colocar uma garrafa de sidra de maçã e canecas. Gostava de planejar surpresas e passeios como esse para Mercy, assim como o pai o fizera para ela há tanto tempo. Em sua opinião, a menina se ocupava com muito poucas coisas prazerosas. Nesse momento, ela já a esperava à porta, com Lily nos braços, cantando e pulando entusiasmada.

Dianna pendurou a cesta com o lanche no braço e entregou as duas vazias para Mercy levar. Em seguida, tirou o mosquete do esconderijo, atrás do guarda-louça. Muitas vezes imaginava o que mais aborreceria Asa: o fato de ela ler uma arma de fogo ou o de a ter conseguido em Plumstead, na coleção dos Sparhawk. Mas depois dos acontecimentos desse verão, nada que Asa dissesse a persuadiria a devolver o mosquete e jamais sairia de casa sem levá-lo.

Soprava uma brisa fresca prenunciadora do outono e as folhas no alto dos bordos e dos carvalhos já começavam a mudar de cor. As macieiras, carregadas de frutas, tinham os galhos vergados sob o peso e a fragrância das maçãs perfumava o ar. Enquanto Lily corria atrás de folhas levadas pelo vento, ou de bichinhos, Dianna e Mercy logo encheram as cestas com as frutas. Na semana seguinte, elas voltariam para ajudar os trabalhadores e suas mulheres na colheita geral e, em troca, Dianna receberia uma boa porção. Uma parte, ela pensaria para fazer sidra e outra secaria para empregar em outras receitas durante o inverno.

— Já podemos comer, Dianna — perguntou Mercy em tom de súplica. — Acho este lugar muito bom e Lily está morta de fome.

Dianna dirigiu um olhar duvidoso para a galinha, aliás, já bem gorda graças ao leite e várias guloseimas dadas por Mercy.

— Ainda é um pouco cedo, mas se Lily acha que está na hora de comer, não sou eu quem vai deixá-la passar fome.

— É verdade mesmo que os lordes e ladies fazem isso em Londres? — perguntou a menina animada enquanto Dianna estendia a toalha na grama e transferia os alimentos da cesta para ela. — Eles preferem fazer a refeição embaixo de uma árvore em vez de mimar a sala bonita?

— Mesmo a sala mais bonita pode se tornar cansativa — explicou Dianna com seriedade

fingida. — Naturalmente, nós deveríamos ter mandado os lacaios à frente com a comida e as louças. Os músicos já estariam nos esperando para tocar enquanto comêssemos e, depois de saborear uma meia dúzia de pratos, talvez nós cantássemos e dançássemos na grama com nossos admiradores. O nosso piquenique está sendo mais simples.

Quanto mais contava sobre o passado a Mercy mais irreal ele se tornava. As pessoas e lugares conhecidos desde a infância pareciam pertencer a um conto de fadas. E o mais curioso era o fato de se sentir muito mais contente no casebre humilde, trabalhando, do que na imensa mansão de Londres, servida por um batalhão de criados. Se ao menos Kit voltasse, refletiu saudosa, porém, corrigiu logo o pensamento. Quando Kit voltar...

— Que tipo de sapatos as damas usam para dançar? — Mercy quis saber, interrompendo-lhe o devaneio.

— Sapatilhas de pelica tão fina que elas se gastam num único baile. São todas bordadas com fios de seda, cheias de flores e estrelas e, algumas, com fivelas cobertas de contas minúsculas que brilham como diamantes quando se levanta, um pouco, o pé no ar sob o reflexo dos candelabros.

Enquanto ouvia, os olhos de Mercy brilhavam como as tais continhas. Satisfeita, Dianna considerou como a menina havia mudado desde a sua chegada. Mas de repente, a expressão de Mercy tornou-se séria.

— Vovô disse que dançar é pecado — comentou num tom muito parecido com o de Asa.
 — Ele explicou que é pecado porque nasce da preguiça.

Dianna sentiu uma certa hesitação. Não gostava de menosprezar os ensinamentos de Asa à nela, mas por Deus, que mal poderia advir da música e da dança?

— Depois de se terminar todas as tarefas do dia, não acredito que se cometa pecado algum dançando — afirmou com uma ponta de cautela.

Mercy encostou a face no pêlo de Lily e relanceou um olhar travesso por Dianna.

— Se você me ensinar a dançar, vai ser mais um segredo nosso para guardar do vovô.

Atônita, Dianna soltou uma exclamação de protesto e, depois, riu. Com as mãos na cintura da menina, começou a rodá-la, a saia e o avental das duas rodopiando à volta das pernas.

— Ai, Mercy, você não deveria dizer essas coisas. É desrespeitoso e...

Calou-se ao perceber, pelo canto dos olhos, uma silhueta alta aproximando-se entre as árvores. Empurrou Mercy para trás de si e apanhou o mosquete, largado junto a uma das cestas. Ao firmar a arma de encontro ao ombro, sacudiu a cabeça a fim de clareá-la, maldizendo a brincadeira tola que a deixara um tanto atordoada. As árvores à sua frente continuavam meio embaralhadas, porém tinha certeza de que o homem estava em algum lugar entre elas.

— Não lenho medo de você! — grilou em tom de desafio, embora com o coração aos pulos.

Dianna sentiu Mercy agarrar sua saia atrás com mais força.

Esperava que ela não percebesse o seu medo. O mosquete tinha só uma bala e ela havia visto apenas um homem. Rezava para que ele estivesse sozinho, pois contava com um único tiro para matá-lo.

— Saia daí e se apresente ou eu atiro! Espere para ver! — vociferou, mas dessa vez, ouviu o desespero na voz.

Finalmente, as árvores adquiriam um contorno claro. Ela agora podia ver as franjas de uma camisa e o brilho do cano de um mosquete enquanto o homem, embora um tanto longe, se aproximava. Era alto, de ombros largos e, pelo jeito, a desafiava a atirar. Dianna engoliu em seco e destravou a arma.

— Mas que bela recepção para alguém ausente de casa há tantos dias! — exclamou Kit ao sair da sombra para a luz do sol. — Eu não sonhava encontrar as mulheres daqui tão dispostas a brigar como qualquer guerreiro Abenaki.

Ao mesmo tempo, Dianna e Mercy gritaram-lhe o nome, mas Dianna foi a primeira a alcançá-lo. Atirou-se sobre ele, enlaçando-o com os braços como se jamais fosse soltá-lo.

— Oh, Kit, graças a Deus você está de volta! Eu não suportava mais o medo de que você tivesse se perdido, ou morrido na floresta.

— Ah, sei. E então você se preparou para executar a tarefa quando eu chegasse? — perguntou ele rindo.

Tinha ensaiado tantas palavras bonitas para dizer nesse momento e, no entanto, ali estava ele provocando Dianna como se fosse uma de suas irmãs. Todavia, parecia impossível tê-la nos braços outra vez. Imediatamente, esqueceu o cansaço, a desolação, as lamentações ouvidas e os quilômetros sem-fim, percorridos para chegar ali.

Indignada, Dianna afastou-se um pouco.

— Eu poderia ler matado você!

— Duvido! Você balançava o corpo e ameaçava tropeçar nos próprios pés! — brincou ele.

— O que trouxe naquela garrafa? Vinho de maçã? Não quer me servir um gole?

— Espere um pouco ale a gente explicar — disse Mercy séria.

Constrangidos, Dianna e Kit se separaram, embora ele continuasse a segurar-lhe a mão. Tinha de se certificar que estava vivendo uma experiência real e não um sonho.

— Dianna e eu estamos fazendo uma — parou meio encabulada antes de pronunciar as palavras em língua estrangeira. — Uma fête cham...pêtre — disse devagar.

— Uma o quê?! — perguntou Kit.

— Uma fête champêtre — explicou Dianna deliciando-se com a expressão de incredulidade no semblante de Kit.

Apesar da barba que lhe cobria a metade do rosto, em sua opinião ele estava mais atraente ainda. As mechas loiras dos cabelos haviam clareado mais e o bronzeado da

pele rivalizava-se com o de Attawan. Aonde quer que houvesse ido, devia ter encontrado sucesso para mostrar um ar tão satisfeito, calculou Dianna antes de terminar a explicação:

— Uma festa campestre, um piquenique. Como vê, nem tudo que é francês deve ser considerado ruim.

— Sabe, Kit, é uma coisa que os nobres fazem em Paris e também em Londres — apartou Mercy desejosa de mostrar seus novos conhecimentos. — Eles comem fora em vez de dentro de casa.

— Vocês querem dizer que Attawan e eu passamos estas seis semanas fazendo as tais fêtes sem saber?

Entrelaçou os dedos nos de Dianna, encantado com sua delicadeza, porém notou os calos surgidos na palma recentemente.

A expressão de Mercy tornou-se mais seria ainda e ela cruzou os bracinhos sobre o peito, numa imitação inconsciente do gesto habitual de Hester.

— Não, Kit, você está brincando. Para ser uma fête de verdade, precisa ter música, dança e cavalheiros para serem parceiros das moças. — Depois de um suspiro espalhafatoso, acrescentou: — Você chegou a tempo. Vai ser o nosso par, ou então, não prova nem um pouquinho da comida. E nem da sidra.

.— Não tenho outra saída — concordou Kit. — Afinal, a comida é de vocês. — Por sobre a cabeça da menina, encontrou o olhar de Dianna e sorriu-lhe aumentando seu estado de euforia. — Mas eu tenho uma boa razão que me torna merecedor de um pouco do seu lanche. Você, Dianna, me deve um ensopado de galinha, aliás, muito saboroso. Se bem me lembro, você o tirou da minha própria mesa e desapareceu com ele.

— Não foi para mim, sabe muito bem, mas para outras pessoas com mais fome do que você jamais poderia ter — contestou ela sem vacilar.

— Você ia se defender com esse argumento, eu tinha certeza — respondeu ele rindo.

Em seguida, sentou-se sobre as pernas cruzadas no chão e pôs-se a levantar guardanapos e tampas de vasilhas de cerâmica. Ao sentir o aroma de uma torta, respirou fundo com ar de satisfação, provocando o riso de Dianna. Nesses poucos meses em que conhecia Kit, refletiu ela, tinha havido muito poucas oportunidades para rir. Era tão bom sentir a preocupação desaparecer e poder relaxar!

— A torta é de esquilo — explicou Dianna ainda rindo. — Nesse potinho há pickles de cebola, no maior, salada de cenoura e, enrolado no guardanapo, broa de milho. Ah, aquele outro pacotinho contém um pedaço de favo de mel.

— Você é surpreendente, Dianna, um anjo salvador para um pobre mortal esfomeado! — exclamou Kit enterrando a faca na torta. — Não perdi tempo em casa para comer quando Hester me disse que encontraria vocês duas aqui. Ela devia ter me informado também que havia lhes providenciado esta refeição.

— Não foi ela — disse Dianna com orgulho ao se acocorar com as mãos na cintura. — Esteja bom ou não, fui eu quem preparou tudo.

Kit fez um muxoxo de dúvida enquanto equilibrava um pedaço da torta na ponta da faca. Antes que o molho do recheio escorresse e a crosta se esfarelasse, enfiou-o inteiro na boca. Ao começar a mastigá-lo, gemeu de contentamento, mas não só por causa do sabor delicioso. Estava ao lado de Dianna há poucos minutos e já se sentia mais feliz do que já se sentira há muitos anos.

— Considero esse gemido como elogio — disse Dianna enquanto ele se servia de outro pedaço.

— Eu fiz a broa! — declarou Mercy enciumada ao se aproximar de Kit, quase sentando em seu colo a fim de chamar a atenção da qual sentia falta.

— Nesse caso, preciso comer um bom pedaço — declarou ele.

Com um gesto floreado, cortou uma fatia do pão dourado. Com as mãos entrelaçadas à frente, Mercy esperava, ansiosa, pelo veredicto.

— Espere, você não quer mel? — ofereceu Dianna. Com cuidado, eia desembulhou o favo e inclinou-o sobre

a broa nas mãos de Kit, deixando o líquido grosso escorregar. Um tanto lambuzou-lhe os dedos, mas antes de poder limpá-los num pano, ele tomou sua mão e a levou até a boca. Com sensualidade, lambeu cada dedo. O toque da língua, macia e úmida na pele, fez Dianna estremecer e lembrar-se da despedida de ambos no estábulo. Havia se separado sôfregos e atormentados pelo desejo não saciado. Sentia-se arrastada de volta para aquele momento, os olhos hipnotizados pelos de Kit e a carência aumentando a cada segundo. Sem perceber, inclinou-se para ele com os lábios entreabertos.

— Que horror, Kit, como pode fazer isso? — exclamou Mercy com ar de nojo. —: Imagine, lamber os dedos de outra pessoa!

Embaraçada por haver esquecido a presença de Mercy, Dianna puxou a mão, porém Kit não a deixou escapar.

— Mercy, querida — começou ele sem desviar os olhos dos de Dianna —, por onde andaré Lily? Não posso acreditar que você não cuide direito de uma gatinha tão nova. Ela pode se perder por aí, ou ser atacada por um bicho maior.

Com olhar assustado, a menina virou a cabeça tentando encontrar a gata. Não a vendo por perto, levantou-se depressa e foi à procura do animalzinho, chamando-o pelo nome.

Com um sorriso acariciante, Kit ergueu a mão de Dianna para beijar-lhe a palma e o pulso.

— Morri de saudades — sussurrou ele.

— E eu então? — Dianna disse baixinho ao acariciá-lo na face. — Tê-lo de volta junto a mim é como gozar a primavera após um inverno muito frio.

— Ora, virou poetisa?

— Poetisa ou boba, mais provável — murmurou Dianna corando. — Talvez eu passe muito tempo sozinha só com a companhia de Mercy e desta terra linda.

— Não, meu amor, jamais boba — contradisse ele rindo. Com as mãos em sua cintura, puxou-a para mais perto. — Mas você jurou que odiava esta terra e a todos nós daqui.

Dianna assustou-se, desejando que isso fosse mais um dos gracejos provocadores de Kit.

— Não foram palavras sinceras — respondeu depressa. — Eu as disse instigada pela paixão.

Os rostos de ambos quase se tocavam agora e a voz de Kit tornara-se tão baixa que apenas ela podia ouvi-la. A expressão bem-humorada dele linha desaparecido e, para surpresa sua, viu uma de precaução tomar-lhe o lugar

Kit tentou abafar a dúvida crescente. Estaria Dianna falando por enigmas a fim de poupar-lhe os sentimentos? Sabia que muitas vezes as mulheres, e os homens também com certa frequência, confundiam paixão com amor e empregavam as palavras alternadamente como se tivessem o mesmo sentido. Seria possível que a primeira mulher a quem amava não lhe retribuísse o sentimento?

— Conte a verdade, Dianna — pediu baixinho. — Há outras palavras pronunciadas sem sinceridade por você, em momentos de paixão?

— Outras palavras?! — repetiu ela perscrutando-lhe as feições em busca de alguma indicação do sentido de sua pergunta.

— Com todos os diabos, Dianna, você me ama? — perguntou ele aflito e sem se conter mais. — Por que eu te amo muito e se você não...

Calou-se e desviou o olhar, pois não queria exhibir o sofrimento causado por sua hesitação em responder-lhe.

— Ah, Kit — murmurou Dianna com um sorriso trêmulo. Aconchegou seu rosto entre as mãos, enterrando os dedos entre os pêlos da barba crescida. — Eu já te amava antes, amo agora e vou te amar para sempre, tenho certeza absoluto.

Começou a beijá-lo bem de leve, urna carícia suave dos lábios nos dele, até Kit, num impulso possessivo, dominar-lhe a boca com paixão desenfreada. Confiante, Dianna se entregou a ele, extravasando o desejo urgente. Com os dedos, percorria-lhe as costas e os ombros.

— Dianna, meu amor, como você me tenta — queixou-se ele entre eufórico e preocupado.

— Mas não aqui, não agora. — Mas num gesto contraditório, empurrou-a de costas para o chão e tentou tirar-lhe a touca de linho a fim de lhe soltar os cabelos. — Mercy vai voltar e...

— Mercy! — exclamou ela aflita. Desvencilhou-se de Kit e sentou-se ereta. Mais uma vez, para grande humilhação sua, tinha se esquecido da criança. Suas mãos tremiam com o esforço de abafar as reações do corpo, mas mesmo assim, tentou arrumar os cabelos e enfiá-los de volta sob a touca.

— Se ela nos encontrasse assim, sofreria um grande choque. E eu não vou perder a confiança de Mercy em mim por sua causa, Kit!

Deitado de costas na grama, ele a observava e ouvia. De repente, o riso eclodiu no fundo do peito. Dianna havia mudado tão completamente da mulher disposta a fazer amor para uma outra reservada e distinta, que ele não se conteve. Embora achasse graça, amava-a mais ainda por dar prioridade aos sentimentos da criança. Casando-se com Dianna, talvez Asa permitisse, finalmente, que ele adotasse Mercy. Entusiasmado, percebeu que poderia já ter uma mulher e uma filha morando com ele em Plumstead antes da primeira nevasca.

— Dianna — murmurou baixinho ao estender a mão e tocá-la na coxa. — Tenho tanta coisa para lhe dizer. Amanhã é dia de treinamento em Wickhamton e...

— Eu sei. Asa prometeu levar Mercy e a mim ao jantar a ser servido depois dos exercícios.

— Então, vá se encontrar comigo, ao escurecer, na colina atrás do cemitério. Quero ficar sozinho com você, sem ninguém por perto para nos espiar e ouvir.

Atrás dele, Dianna viu Mercy vindo correndo com a gatinha pendurada no braço. Depressa, ela tocou os lábios de Kit com o indicador, enquanto sussurrava:

— Amanhã, então. Ouvirei todas as palavras lindas que você quiser me dizer, juro!

— Você tem certeza absoluta de que se trata mesmo da amante de Sparhawk? — demandou Hertel de Rouville com expressão de dúvida. — Uma serviçal de classe baixa?!

— Je le fièns pour certain — respondeu Robillard confiante e sem pestanejar. — Mas há um detalhe estranho. Na vila, eles contaram que Sparhawk a trouxe de Londres no próprio veleiro, contudo, a moça mora em um casebre, na companhia de um velho e de uma criança.

Hertel de Rouville deu de ombros.

— Em minha opinião, se a moça é de fato a amante de Sparhawk deve ser por uma questão de facilidade vantajosa para ele. Caso contrário, por que o homem se daria ao trabalho de ter um envolvimento com uma criatura de nível social tão baixo?

— Ah, tenente, se lhe dirigir um único olhar, vai descobrir que a moça não tem nada de vulgar. — Entusiasmado, Robillard debruçou-se sobre a mesa. — Sem dúvida, é uma pequena deusa, mon ami, silhueta delicada, curvas roliças e nos lugares certos, uma mulher de maneiras e de temperamento dignos de uma verdadeira dama da nobreza. Se não fossem as roupas grosseiras, ninguém tomaria a moça por uma serviçal. Até mesmo com elas, fica-se na dúvida.

— Estou começando a entender. Você gostaria de ficar com a moça, não é verdade? — perguntou Hertel de Rouville com um suspiro de tédio.

Os olhos escuros de Robillard brilharam sob a luz das velas. Fazia muito tempo que não

se entrelinha com uma mulher branca, mais ainda com uma que fosse jovem e falasse sua língua. E como apreciaria essa duplamente sabendo que a tinha roubado do maldito inglês!

— Bem, eu consideraria a moça um pequeno presente pelo meu esforço nessa questão, caso consigamos apanhar Sparhawk — confessou ele sem poder disfarçar a expressão de luxúria e de interesse.

O tenente Hertel de Rouville tomou o resto do conhaque e começou a tamborilar os dedos no copo vazio.

— Se, como você garante, eia for a isca certa para atrair Sparhawk até nós e nós conseguirmos sucesso na captura dele e, naturalmente, se a própria mulher sobreviver à caminhada pela floresta, você poderá considerá-la a sua recompensa. — O sorriso do militar francês era tão frio quanto um rio congelado. — Mas se as suas garantias falharem e a moça não nos for de utilidade alguma, como qualquer outra vagabunda inglesa, então, você será forçado a assistir à sua morte pelas mãos dos abenaki. Há de ser lenta, dolorosa e com todos os detalhes preferidos por eles para mais se divertirem. E você, mon ami, será o seguinte a enfrentar o mesmo suplício.

CAPÍTULO XV

_ Cinco, seis, sete, oito... Ai! — exclamou Dianna ao tirar a mão do forno, revestido de tijolos, e sacudi-la no ar para esfriar os dedos.

Finalmente, achava a temperatura suficientemente alia para assar as seis tortas alinhadas na mesa. Dessa vez, tinha conseguido contar só até oito antes de se queimar. Havia começado o fogo antes do clarear do dia, renovado as brasas duas vezes e, só agora, ficava satisfeita com o calor emanado dos tijolos. Ele estava bem no ponto para deixar a massa crocante, corada e assar bem as maçãs do recheio. As donas de casa de Wickhamton seriam críticas severas e o orgulho de Dianna não permitia que a sua primeira contribuição à comunidade tivesse massa pesada e maçãs meio cruas. E depois, havia a torta especial que elas não veriam, a com enfeites de massa em forma de coração, reservada para Kit.

Sorriu sentindo a felicidade transbordar. Ele estava de volta, em segurança e a amava. Kit a amava! Ele poderia lhe repetir isso uma infinidade de vezes que ela jamais se cansaria de ouvi-lo. Excitada com as perspectivas desse dia, quase não dormira durante a noite. Como comandante da milícia, Kit estaria muito ocupado com as atividades do treinamento, mas mesmo assim, tinha marcado um encontro com ela. Isso provava o quanto a amava e ansiava em ficar a sós em sua companhia. Dianna riu ao lembrar-se de como Kit havia afastado Mercy no pomar, na véspera. Talvez ele quisesse saborear maçãs doces em seus lábios como o fizera com o mel nos dedos.

Determinada, parou de sonhar acordada. Com cuidado e o auxílio de uma pá de cabo longo, colocou as duas primeiras tortas no forno. Repetiu a operação duas vezes e fechou bem a portinha de ferro. Elas ficariam assadas a tempo, porém se ela não quisesse aparecer para Kit com o rosto vermelho, brilhando de transpiração provocada pelo calor da cozinha, isso sem falar no avental sujo de farinha, era melhor se apressar.

Dianna e Mercy tomaram banho no riacho que corria abaixo da elevação onde ficava a casa. Alimentado pela água de uma fonte, ele era gelado mesmo no verão e, ao se molharem, as duas gritaram sentindo a pele arrepiar-se. Mas logo acostumaram-se à temperatura baixa, Dianna enxaguou os cabelos, primeiro com vinagre a fim de lhes dar brilho e, depois, com água de lavanda para perfumá-los. Pouco depois, sentava-se no sol, em frente da casa, para os secar e pentear.

A pedido de Mercy, Dianna fez-lhe sete tranças fininhas e as amarrou juntas com uma fita vermelha. Os próprios cabelos prendeu apenas junto ao rosto, deixando-os cair soltos pelas costas. Nesse dia, recusava-se a escondê-los sob uma touca ou um lenço. Sem dúvida, as pessoas mais velhas comentariam sua falta de modéstia. Porém lembrava-se de como Kit gostara de enfiar os dedos por eles na primeira vez em que tinham leito amor. Por isso mesmo, enfrentaria a censura deixando-os soltos especialmente para ele.

Dianna tinha como certo também que as más línguas criticariam seu vestido. O que lhe faltava em habilidade para costurar, sobrava em criatividade. Graças a centenas de sessões para experimentar roupas, havia aprendido muita coisa com as famosas modistas de Londres. Ao acrescentar forro aos punhos, ou festões à volta da bainha da saia, ou ainda babadinhos de renda na pala da blusa, elas produziam efeitos inesperados.

Dias antes e depois de examinar todas as roupas de Lucy Wing guardadas no baú, decidiu-se por um vestido de lãzinha cinzenta. Munida de paciência, começou a reforma. A primeira providência foi aumentar o decote discreto e, depois, ajustar a cintura para ressaltar a sua, bem mais fina. Com o resto de seu vestido de seda preta, cortou tiras que, trançadas, colocou ao longo das costuras da saia e à volta do decote. Finalmente, valendo-se de uma calça velha de Tom Wing, que de um marrom desbotado tinha adquirido a tonalidade meio rosa, recortou uma boa porção de rosas. Aplicou-as sobre as costuras dos ombros e pela saia. O resultado final não lembrava, nem de longe, sua antiga elegância em Londres, porém era bem maior do que a das mulheres de Wickhamton e, mais ainda, a de uma criada.

Enquanto se vestia, Dianna ponderou se não tinha exagerado e ido longe demais. Num gesto nervoso, tentou puxar o decote mais para cima. Como na casa não houvesse um espelho onde pudesse se olhar, não sabia o quanto dos seios ficava à mostra. Havia dado cada ponto pensando em Kit e se ele não tivesse voltado, estaria usando um outro vestido qualquer. E se Asa o considerasse muito espalhafatoso e a obrigasse a trocá-lo antes de Kit poder vê-la?, indagou-se apreensiva.

— Dianna, você está tão linda! Até parece a fada rainha da floresta! — elogiou Mercy abraçando-a ao sentar-se a seu lado na cama.

— Será que seu avô não vai me achar muito audaciosa?

— Vai, sim — respondeu a menina. — Mas não vai ter coragem de dizer nada.

Pensativa, Dianna mordeu o lábio.

— Talvez eu deva pôr um lenço à volta do decote.

— Não, não mude nada! Bonita como está, vai deixar Kit cego para as outras moças. Ele só vai ver você — garantiu Mercy.

Dianna desviou depressa o olhar da menina. Imaginava o quanto ela havia percebido de seu relacionamento com Kit. Ponderou se deveria lhe contar a verdade, pelo menos o quanto ela própria sabia, porém a expressão de Mercy indicava apenas admiração. Relaxou concluindo ser melhor não revelar nada.

— Kit vai estar tão ocupado com os exercícios e relatando as novidades desta última viagem, que não terá tempo para gastar com moça alguma.

Mercy estirou-se na cama a fim de pegar Lily de cima do travesseiro e colocá-la no colo.

— Kit sempre tem tempo para os amigos. Você sabe disso.

Se não fosse assim, ele não teria ido nos ver no pomar ontem a tarde — argumentou a menina.

Amigos ou não, Dianna achou melhor mudar de assunto.

— Em minha opinião, você deve deixar Lily em casa. Ela vai estranhar tanta gente reunida e se assustar com os estampidos das armas de fogo.

Mercy suspirou, mas largou a gata que saiu de seu colo e soltou a se aninhar no travesseiro. A frente do vestido azul-marinho da menina estava coberto de pêlos brancos. Dianna, entretanto, abafou a reprimenda e disse apenas enquanto descia a escadinha do jirau:

— Despeça-se de Lily e desça também. Seu avô não deve demorar a chegar e nós não queremos deixá-lo esperando.

Com o máximo cuidado para não sujar o vestido, Dianna tirou as tortas do forno e as colocou no peitoril da janela para esfriar. Ainda eslava com a pá de cabo longo na mão quando ouviu a porta abrir-se às suas costas.

— Estamos prontas para ir tão logo você queira, Asa — disse alegre. — Eu gostaria de ver parte dos exercícios de tiro se...

Mas ao virar-se, as palavras dissolveram-se numa exclamação de pavor e surpresa. A porta, estavam dois índios armados com mosquetes e machadinhas, os peitos nus pintados de vermelho e os rostos com listras brancas e pretas.

Não houve tempo para Dianna pensar ou planejar, apenas reagir enquanto um dos índios vinha em sua direção. Quando o homem estendeu a mão para pegá-la, ela brandiu a pá com a maior força possível. O golpe acertou-o com estrondo e em cheio no rosto, o impacto levando-o a cambalear para trás. Ele, todavia, conseguiu arrancar-lhe a pá das

mãos. desesperada, Dianna pensou no mosquete, mas ele estava fora de seu alcance, escondido atrás do guarda-louça do outro lado do aposento. Restava-lhe a facinha de descascar legumes, largada em cima da mesa. Pulou sobre ela ao mesmo tempo em que o índio a segurava pela cintura.

Ele atirou-a de costas sobre a mesa e Dianna retorceu-se inutilmente para se soltar. Os cabelos negros e longos do homem roçavam-lhe o rosto e ela podia sentir o cheiro de gordura de urso emanado de sua pele. Grata por estar usando sapatos, levantou as pernas e deu-lhe vários pontapés no estômago. Mas apesar de sentir os saltos duros de couro atingi-lo, o índio apenas resmungou e apertou mais as mãos em sua cintura, forçando-a a manter-se de costas na mesa. Aflita, segurou a facinha junto ao corpo, agradecendo a Deus pelo índio não a ter visto em sua mão. Mataria o homem se pudesse. Tinha de fazê-lo. Num gesto abrupto, levantou a faca no ar e em direção ao peito dele.

Mas o homem percebeu seu movimento antes de vê-lo e desviou-se. A lâmina atingiu-lhe o braço, cortando-o, no momento em que ele segurava o pulso de Dianna. Apertou-o até ela gritar de dor. Seus dedos abriram-se e a sua única arma tornava-se inútil ao cair no chão.

Por um momento interminável, ele manteve sua mão segura acima da cabeça, o corpo prensado sob o dele, enquanto o sangue morno pingava-lhe do corte do braço na parte de seu ombro exposta pelo decote.

Ofegante, Dianna tentou controlar o medo e o pânico. No auge do desespero, lembrava a si mesma que ainda era lady Dianna Grey, e os Grey jamais se acovardavam. Engoliu saliva a fim de desconstrair a garganta e forçou-se a encarar o homem.: Os olhos do índio eram escuros, quase negros e brilhavam com tanto ódio que Dianna estremeceu.

Puxando-a com força, obrigou-a a ficar em pé. Ela abafou um gemido de dor quando o homem torceu-lhe os braços para trás e, com uma das mãos, prendeu seus pulsos, os dedos tão firmes como as argolas de ferro que, um dia, tinham lhe rodeado os tornozelos.

— Dianna! — gritou Mercy lívida de pavor. Com Lily debatendo-se em seus braços, a menina agarrava-se à escadinha do jirau. Ao mesmo tempo em que a gata se soltava e voltava correndo para cima, o segundo índio se aproximou e arrancou-a dos degraus. Mercy começou a soluçar angustiada, lágrimas correndo-lhe pelas faces e os bracinhos estendidos em direção do lugar onde o animalzinho de estimação se escondera.

— Lily vai ficar bem, minha querida — afirmou Dianna em tom incerto, embora tentasse controlar o tremor da voz. Deus deu sete vidas aos gatos e Lily não gastou nem a primeira ainda. Ela vai ficar bem.

Bem melhor do que nós, pensou aflita. Pela porta aberta, a que eles tinham posto fogo no estábulo e as chamas devoravam o telhado de sapé numa velocidade apavorante. Galinhas assustadas, corriam de um lado para o outro do terreiro.

Empurrada pelo segundo índio até Dianna, Mercy enterrou o rosto em sua saia, continuando a soluçar amedrontada. Em seguida, ele apanhou a pá do chão e enrolou

nela um pedaço de cortina arrancado na hora. Levando-a às chamas da lareira, improvisou uma tocha com a qual, metodicamente, ateou fogo nas cestas, nas outras cortinas, no colchão de Asa e em tudo a mais que produzisse labaredas rápidas.

— Não, pare! — gritou Dianna numa voz enrouquecida pela sensação de desgraça e impotência ao ver as chamas cada vez mais perto das vigas do telhado. — Vocês são uns bandidos sem coração! Já têm a nós! Por que destruir nossa casa também?

Como resposta, os dois empurraram Dianna e Mercy pela porta afora e para longe da casa incendiada. Pararam junto à cerca e o índio, com a pá transformada em tocha, voltou para jogá-la sobre as telhas de madeira. Ressequidas pelo calor seco do verão, em instantes elas também ardiam sob o fogo destruidor.

O primeiro, mantendo sempre a expressão de desdém beligerante e já convencido de que ela não tentaria fugir, largou a mão de Dianna. Ela caiu de joelhos no chão e abraçou-se a Mercy. O homem tirou a machadinha da cintura, demonstrou um possível golpe com ela e, sacudindo a cabeça num gesto significativo, recolocou-a no lugar. A ameaça gelou o sangue de Dianna mais do que qualquer palavra o teria feito. Deus misericordioso, o que elas tinham feito para merecer tal castigo?

Dianna abraçou-se com mais força a Mercy enquanto via as chamas amarelas emergirem pela porta da casa. A sua casa. Nesses últimos meses, através de centenas de detalhes, a tinha transformado em seu verdadeiro lar. Pensou nas ervas penduradas nos sarrafos do telhado para secar, no mosquete dado por Hester, nas abóboras, no milho e nos nabos que havia cultivado para a alimentação durante o inverno. Tudo perdido para sempre por causa de uns selvagens vingativos.

Dianna lutou para conter as lágrimas e culpou a fumaça acre e cinzenta por as estar derramando. Se ao menos Asa tivesse voltado uma hora mais cedo, ela e Mercy estariam, agora, em plena segurança entre as pessoas de Wickhamton.,

Quanto tempo levaria para ele chegar ali e descobrir o desaparecimento das duas? E quanto mais para arregimentar homens armados para as seguir e resgatar? Até então, ela e Mercy já estariam a caminho de Quebec e irremediavelmente perdidas para o mundo inglês.

Visualizou Kit esperando-a, ao escurecer, na colina atrás, do cemitério, cheio de impaciência questionando as razões de, sua demora.

Ah, Kit, amor de minha vida! Talvez eu nunca mais te veja! O segundo índio retornou para junto deles e os dois indicaram, por gestos, para se porem a caminho. Dianna beijou Mercy na testa e, com os dedos da menina entrelaçados nos seus, iniciou a caminhada determinada por seus captores. Sua última visão da vida ordenada e feliz distorcia-se sob as ondas de calor emanado do fogo. Os contornos de uma torta de maçã, no peitoril da janela, destacavam-se à frente do alaranjado das chamas.

Para Kit, a melhor parte do dia de treinamento era a competição de tiro ao alvo, a última das atividades. Embora por ser coronel, não pudesse participar dela, gostava de apreciá-la e observar o empenho dos rapazes para conquistar o prêmio de dez libras e a

admiração das moças. Os moradores mais idosos do leste insistiam com Kit sobre a necessidade de se gastar mais tempo com exercícios de espada e de tiroteio em conjunto de mosquetes, porém ele não concordava. Contra um inimigo que poderia sumir, de repente, entre as árvores da floresta, as batalhas seriam ganhas pela pontaria certa de homens atirando separadamente e não pela saraivada sincronizada de balas dadas por uma fila de mosqueteiros.

Kit sorriu ao ver o tiro de um aprendiz afoito ziguezaguear sob as vaias dos amigos e imaginou se o vinho de maçã, a inveja e o rum, sempre servidos só após o término dos exercícios, já não tinham começado a ser bebidos às escondidas. A maioria deles era muito jovem ou recém-chegada da Inglaterra para ter acompanhado a ação na guerra do rei Philip e, na ausência de perigo óbvio, o plantio e a colheita gozavam prioridade. Talvez depois do seu relato feito nesse dia sobre a destruição desoladora de Deerfield e do desaparecimento de dezenas de mulheres e crianças, os rapazes se exercitassem com mais interesse.

Kit sacudiu a cabeça ao ver outra bala passar longe do alvo. Pelo que Hester tinha lhe contado, Dianna podia atirar melhor do que muitos deles ali. Surpreendia-se com a satisfação que sentia ao imaginá-la toda delicada e ereta fazendo parte da fila de atiradores. Alvejaria e atiraria com mais precisão do que alguns deles. Impaciente, percorreu o olhar pelo grupo de espectadores à procura do seu rosto tão querido.

Maldição! Ela e Mercy já deveriam ter chegado. Por que não tinha insistido em ir buscá-las em vez de confiar em Asa? Apesar de toda a lengalenga sobre deveres para com a família, o velho não tinha o mínimo senso de responsabilidade ou noção de tempo. Isso sem falar no gosto desmedido pelo conhaque francês, adquirido através de barganhas de peles. Com certeza, estaria caído em algum lugar agora, curando a bebedeira, refletiu Kit bravo. Mas a irritação contra Asa era apenas uma parte da inquietação crescente que o afligia e da qual não conseguia se livrar.

Deixou a área da competição e foi até o lugar onde as mulheres preparavam o jantar. Lembrou-se de que Dianna ia fazer tortas para a sobremesa e talvez tivesse ido ali primeiro a fim de entregá-las.

Mais uma vez, percorreu o olhar pelos rostos à procura do dela, mas em vão. De manhã, em consideração a Dianna, tinha tomado cuidado especial com o casaco vermelho do uniforme. Escovara-o muito bem e até tinha polido os botões dourados. Ao se vestir, havia amarrado a faixa de seda, colocada em diagonal sobre o peito, inúmeras vezes até se dar por satisfeito. Mas agora, nem notava o olhar de admiração das mulheres por sua elegância complementada pela espada e pelo chapéu de plumas.

— Ela não está aqui, meu rapaz — informou Hester antes que ele pudesse perguntar. — Dianna não costuma se atrasar. Por acaso vocês discutiram ontem?

A maneira pela qual a expressão de Kit se transformou em uma máscara despida de emotividade, foi resposta suficiente para Hester.

— Então se atrasaram por causa de Asa. Ele a deve ler retido, mas não devem demorar

muito mais — acrescentou depressa.

— Vou atrás deles. Preocupada, Hester franziu a testa.

— Leve alguns dos homens com você. Provavelmente, não aconteceu nada, mas nunca se pode ter certeza.

Calou-se arrependida, pois suas palavras tinham despertado, em ambos, lembranças dolorosas.

Kit sabia que Hester temia a possibilidade de ele encontrar algo terrível e as consequências disso em sua consciência. Odiava a preocupação da mulher porque refletia a sua.

— Kit, você não pode ir sozinho, não outra vez — suplicou ela instigada pela ansiedade.

— Além do mais, se você desaparecer agora sozinho, a vila inteira vai dar com a língua nos dentes, pode ter certeza — insistiu lançando mão de outro argumento.

— Podem falar à vontade — disse ele por sobre os ombros, já se afastando em direção à área dos cavalos. — Vou voltar com Dianna e Mercy e que Deus proteja Asa Wing quando eu encontrar o imprestável!

Kit deixou Thunder a rédeas soltas pela estrada de Wicknhanton e logo aproximavam-se das vizinhanças da casa de Wing. Para encurtar o caminho, ele tomou um atalho pela mata. Embora um resto de luz do dia ainda se filtrasse pelas ramagens das árvores, o garanhão começou a se comportar de maneira inquieta. Avançava meio de lado e mantinha as orelhas em pé ouvindo as palavras de estímulo ditas por Kit. Mas quando chegaram à clareira perto do riacho, o animal relinchou, recuou e, forçado pelas rédeas curtas a ir em frente, empinou as patas dianteiras. Ao mesmo tempo, um bando de abutres levantou vôo das moitas altas de junco a beira do riacho e, com grande alvoroço, acomodou-se nos galhos altos das árvores. Kit lutou para acalmar Thunder e, relutante, desmontou a fim de investigar.

Sem dúvida uma corça morta, pensou automaticamente ao chegar perto dos juncos. Os animais, quase sempre, vinham morrer no lugar onde bebiam água. Mas a carcaça precisava ser afastada para longe da margem do riacho antes que contaminasse a água. Com o cano longo do mosquete, afastou os juncos e se deparou com o corpo de Asa.

O cadáver do homem estava de bruços, derrubado por um tiro no alto das costas e, embora o escalpo continuasse intato, os cabelos grisalhos esvoaçando ao vento, o assassino tinha lhe saqueado as roupas e pertences antes de abandoná-lo aos abutres.

Sentindo as pernas fraquejarem, Kit recuou. Ele já tinha visto coisas piores, mas ao fechar os olhos, não era a imagem do pobre Asa que lhe vinha à mente e sim a do pai, da mãe, da irmãzinha, de Mercy e de Dianna.

— Dianna, não! — gemeu em voz alta.

A fim de recobrar o equilíbrio, recostou-se no tronco de uma árvore. O sangue latejava-lhe nos ouvidos e ele maldisse a própria fraqueza. Dianna e Mercy não. Ele não tinha provas de que elas não continuavam esperando do outro lado da colina. Depressa, voltou a

montar em Thunder e o levou para a outra margem do riacho. Porém tão logo alcançou o topo do morro, sentiu o cheiro de fumaça e a sua última réstia de esperança desapareceu.

A fazenda dos Barnard havia lhe apresentado uma cena semelhante à que tinha diante dos olhos agora. Depois de consumir quase tudo, o fogo apagara deixando apenas os contornos queimados da casa e as vigas grossas e enegrecidas à volta da chaminé de pedra. Do estábulo rústico não havia restado nada além de um amontoado de entulho fumegante.

Kit chegou mais perto e chamou os nomes de Mercy e Dianna no caso remoto de elas terem escapado e se encontrarem escondidas em algum lugar por perto. Como não obtivesse resposta, amarrou Thunder à cerca e forçou-se a procurar corpos por entre os escombros. Felizmente não encontrou nenhum, mas perto da porta, viu pegadas. Havia marcas de dois pares de mocassins e outras duas, menores, de sapatos com saltos. Sentiu-se menos desanimado ao perceber que elas tinham sido levadas embora com vida. Arrogantes, os índios não tinham se dado ao trabalho de apagar as pegadas do terreiro e os passos formavam uma trilha que até um cego poderia seguir. Isso, naturalmente, não aconteceria na floresta. Lá, admitiu Kit, precisaria empregar toda a sua habilidade em rastreamento para poder segui-los.

E haveria de segui-los! Sem dúvida alguma, não ficaria para trás dessa vez. Pelo calor emanado dos escombros, calculou que eles tinham umas seis horas de vantagem. Perderia mais uma, no mínimo, se voltasse a Plumstead a fim de trocar de roupa, apanhar provisões e deixar um aviso sobre a partida inesperada. Dois índios representavam perigo contornável e que ele poderia muito bem enfrentar. Uns dez milicianos talvez espalhassem o pânico entre os índios e Dianna e Mercy sofreriam as conseqüências. Além do mais, a essa altura não restava nem mais um homem sóbrio em Wickhamton que valesse o atraso da busca.

Iria sozinho, resolveu Kit. Era uma dívida para com Dianna e outra, bem diferente, para com os homens que haviam se atrevido a separá-la dele.

Ao virar-se para ir embora, algo redondo e meio enegrecido, entre os escombros, chamou-lhe a atenção e Kit abaixou-se para ver melhor. A torta havia rachado ao cair no chão, mas os dois corações de massa continuavam intatos. Contornou-os com a ponta do dedo e, depois, tocou o recheio, ainda quente, que escorria pela abertura. Levou-o à boca e sentiu o gosto doce de maçã e o sabor de cravo e canela. A sensação de perda e de desolação que o invadiu foi quase insuportável.

Nesse instante, sentiu alguma coisa roçar-lhe a perna. Assustou-se e já ia tirar o mosquete do ombro quando Lily miou desconsoladamente. A pobrezinha estava com o pêlo branco chamuscado e sujo de fuligem onde não conseguira lambar. Com uma das mãos, Kit levantou-a e a aconchegou de encontro ao peito.

— Nós as perdemos, não é, galinha? — murmurou numa voz rouca junto a seu pêlo enquanto ela esfregava a cabeça no polegar de Kit. — Mas eu vou trazê-las de volta em segurança, juro. Desta vez vai ser diferente. Prometo, diante de Deus, que não vou falhar

e decepcioná-las.

CAPÍTULO XVI

Há dez dias, Dianna e Mercy viajavam a pé com os índios. Os homens tomavam cuidado para não passar por fazendas ou casas de caçadores de peles e preferiam seguir por trilhas escondidas na floresta. Com o sol da tarde sempre atrás do ombro esquerdo, a única coisa que Dianna sabia ao certo era o fato de estarem seguindo em direção norte. Não fazia idéia de quantos quilômetros já haviam percorrido e nem dos que restavam à frente. Sentia-se aliviada por ela e Mercy estarem acostumadas a longas caminhadas, pois a marcha dos índios era rápida e as paradas para dormir à noite não duravam mais do que poucas horas. Com frequência, Dianna lembrava-se de sua chegada com Asa. Por causa dos meses de inatividade no Prosperity, o trajeto curto do rio até a casa a tinha deixado ofegante e exausta. Os seus captores, agora, não tinham a paciência de Asa.

Durante os dias longos, Dianna mantinha o olhar nas costas do homem à frente, sempre o mesmo a encabeçar a fila. Ela não havia levado muito tempo para notar as diferenças entre os dois índios. Aquele a quem tinha ferido era, obviamente, o líder. Além de sua postura arrogante e autoritária, o outro o tratava com muita deferência. Chamava-se Mattasoit, deduzira Dianna através da conversa de ambos, embora não entendesse a língua. Ele era alto, magro, forte e seus movimentos tão reduzidos e precisos como os de uma pantera. Como Kit, apanhou-se ela comparando mais de uma vez.

Até então, Dianna não tinha se dado conta como Kit se diferenciava da maioria dos homens ingleses, ou melhor, como se assemelhava aos índios. A idéia a deixou inquieta e ela preferiu analisar as diferenças.

A primeira, claro, eram os cabelos de Mattasoit, raspados em ambos os lados da cabeça, mas com os da parte central muito compridos. Estavam sempre enfeitados com duas penas e contas feitas de conchas roxas. Sob a pintura, havia tatuagens, uma fileira de pintas escuras ao longo das maçãs do rosto e os traços de um veado em um dos braços. No outro, havia o corte feito por ela. Pela maneira com que o ferimento era ignorado, mantido sempre descoberto, Dianna concluía que sua atitude tinha provocado mais dano ao orgulho do índio do que ao físico. Sentia-se recompensada. Naquele braço estava a prova de que ela nem sempre era incompetente.

Embora na aparência o segundo homem não se diferenciasse muito, existia uma certa hesitação em suas maneiras que abrandava um pouco o aspecto feroz das pinturas. Na verdade, não deixava de cutucar-lhe as pernas com o cano do mosquete, caso ela diminuísse a marcha, porém o índio mostrava-se menos impaciente com Mercy. Ajudava-a a se levantar quando tropeçava e caía, e dava-lhe frutinhas silvestres e milho tostado. Mas Dianna desconfiava de suas atenções, pois afinal, fora ele quem ateara fogo na casa. Mattasoit o chamava pelo nome de Quabaug.

Ambos conservavam o peito nu, mas usavam um cobertor jogado sobre os ombros em lugar de uma camisa ou jaqueta. A peça, sem dúvida, fora adquirida através de barganha em um posto comercial do homem branco, ou quem sabe, tirada de alguma vítima. Dianna invejava-lhes as perneiras de couro que lhes facilitavam os passos entre as moitas enquanto sua saia enganchava-se a todo instante em espinheiros e galhos secos. A trilha invisível, seguida por eles, não era apropriada para as roupas inglesas. Impaciente, Quabaug arrancava a parte presa da saia em vez de soltá-la. Nas primeiras vezes, Dianna ressentiu-se ao ver seu trabalho caprichado ir se reduzindo a farrapos, mas depois, notou como pedaços do tecido iam ficando para trás. Deu-se conta de que eles formariam uma trilha fácil de ser acompanhada. Daí em diante, sempre que se atrevia, prendia a roupa de propósito e rezava para que seus salvadores vissem os fragmentos do vestido.

Isso, naturalmente, se existisse alguém empenhado em libertá-las. Desesperadamente Dianna forçava-se a acreditar que ela e Mercy seriam salvas, mas não conseguia esquecer as razões pelas quais a milícia não tinha ido procurar as mulheres da família Barnard. As condições agora não eram diferentes. Como esperar que viessem salvar uma criada e uma criança?

Porque Kit a ama, respondeu-lhe o coração. O que haveria Kit pensado quando ela não fora encontrá-lo no dia de treinamento? Teria ficado bravo, ou pior, desanimado imaginando que ela havia mudado de idéia? Lembrava-se como Kit tinha se mostrado inseguro quanto ao seu amor por ele e deixado entrever um desespero difícil de ser compreendido. Era muito estranho imaginar tal vulnerabilidade em um homem como Kit. Não desejava magoá-lo jamais, muito menos expô-lo ao perigo de vir procurá-la, caso isso estivesse ao seu alcance. Mas com toda a certeza e depois de encontrar a casa incendiada, Asa teria ido a Wickhamton em busca de socorro e explicado tudo a Kit. Asa era imprevisível, mas amava Mercy.

E Kit... Kit a amava. Mesmo antes de saber o seu nome, | ele a tinha resgatado do pesadelo em casa do tio. Desde então, tanta coisa havia mudado entre ambos. Ele viria por amor a ela e a Mercy. Com toda a certeza.

Sem cessar, repetia essas palavras a si mesma enquanto se adensavam mais e mais pela floresta adentro.

A sua maior preocupação era com Mercy. Tão logo haviam se afastado de casa, a menina tinha parado de chorar e se retraído, o rostinho sem expressão alguma ao deixar-se levar pela mão por Dianna. Parecia não ouvir nada do que ela lhe dizia e não respondia a pergunta alguma. Quando paravam para descansar, Mercy sentava-se encolhida e com os olhos fechados. Perder os pais, a casa e o animal de estimação era mais do que qualquer criança poderia suportar. A injustiça do seqüestro revoltava Dianna. Também não sabia quanto tempo mais Mercy resistiria ao esforço excessivo. A cada manhã, ela custava mais para acordar e seu corpo emagrecia a olhos vistos. Na noite em que atravessaram o rio, os temores de Dianna começaram a tomar forma. Os índios não tinham parado ao escurecer, como de hábito, prosseguindo noite adentro. Na escuridão,

galhos batiam no rosto e nos braços de Dianna, enquanto pedras, raízes e buracos faziam com que tropeçasse e caísse. A noite estava fria com prenúncios de inverno no ar de outono e ela, sem capa ou xale para se agasalhar, contando apenas com o vestido em frangalhos, não conseguia parar de tremer. Sentia a mãozinha gelada de Mercy na sua e sabia que aquilo era o resultado não só da temperatura baixa como também do cansaço e da má alimentação.

— Precisamos continuar, Mercy. Sentimos menos frio andando do que se ficarmos paradas — argumentou Dianna tentando convencer, além da criança, a si mesma.

Dianna ouviu o barulho da correnteza quando transpunham as últimas árvores. O rio era estreito ali, um pouco só mais largo do que um riacho, e as águas borbulhavam à volta de pedras grandes que quase chegavam a formar uma barragem. Mattasoit pulou da margem para a primeira, depois para a segunda e assim por diante. Na metade do caminho, virou-se para trás e fez sinal para Dianna e Mercy o acompanharem.

— Não, Dianna, não posso — choramingou a menina ao recuar assustada. — Vou cair na água e morrer afogada. Eles nem vão se importar.

— Eu me importo, querida, e não vou deixar você se afogar. Olhe bem, a água é tão rasa quanto a do riacho lá de casa — argumentou Dianna ao tentar levá-la devagar para junto da margem.

Conhecia bem a impaciência de Mattasoit e, apesar de não querer amedrontar Mercy, não convinha vacilar. Kit tinha contado que, na trilha de Deerfield, havia uma porção de corpos de crianças e mulheres assassinadas por não terem mais força para caminhar.

— Se fosse lá perto de casa, você estaria pulando como um sapinho de pedra em pedra. Vamos — insistiu. — Prometo segurar sua mão com toda a força e não a deixar escapar. Temos de ir, Mercy. Agora!

Continuando a choramingar, a menina permitiu ser levada até a margem.

— Vou contar até três, Mercy, e então, pulamos juntas.

A pedra molhada era mais escorregadia do que Dianna calculara e os sapatos de ambas escorregaram um pouco antes de recobrem o equilíbrio. Ela respirou fundo ao olhar para a pedra seguinte, a água escura espumando à volta de seus pés. Estava tão atemorizada quanto Mercy, mas lá estava Mattasoit com a mão no cabo da machadinha na cintura. Deus, como odiava a ameaça insinuada pelo gesto e, mais ainda, o homem que o fazia.

— Outra vez, Mercy. — Tinham iniciado a travessia e não desistiriam. — Um, dois, três! Pule!

Transpuseram catorze pedras e faltava apenas a última.

— Viu só, Mercy? Estamos quase lá e você conseguiu atravessar o rio tão bem como eu disse que faria — elogiou Dianna.

Mercy chegou quase a sorrir e, pela primeira vez, soltou a mão da de Dianna.

— Não foi muito difícil — afirmou e deu o último pulo sozinha.

Porém, ela não havia imaginado a instabilidade do capim: molhado na margem e, por mais que tentasse, escorregou para dentro da água lançando um grito de terror. O lugar não era fundo e Dianna não teve dificuldade em arrastá-la depressa.

para a margem.

— Pronto, pronto, Mercy, você está salva! Não aconteceu nada. Você só se molhou.

A água escorria pela saia e pela anágua da menina formando uma poça à volta dos sapatos. As meias de lã encharcada grudavam-lhe nas perninhas e Dianna viu que a criança tiritava de frio.

Ao mesmo tempo, sentiu a mão de Mattasoit em seu ombro. Não precisava entender as palavras dele para saber que estava bravo com a demora e determinando o reinício da caminhada. Soltou Mercy e levantou-se para enfrentar o índio.

— Não podemos prosseguir, não esta noite — declarou em voz firme, esquecida de que ele não entendia inglês. — A menina precisa secar as roupas e se esquentar junto a uma fogueira.

Mattasoit semicerrou os olhos e apontou novamente para a trilha na floresta..

— Não, eu não vou! — teimou Dianna brava. — Eu me recuso a arriscar a saúde da criança, permitindo que vocês continuem a nos conduzir como se fôssemos animais!

No auge da fúria, o índio ergueu a mão e estapeou o queixo de Dianna. Ela cambaleou para trás, mas conseguiu não cair. Em vez de reprimir a audácia, o golpe serviu apenas para incentivar sua revolta contra todas as indignidades e temores sofridos nos últimos dias.

— Você não tem o direito de me tratar assim! — declarou em tom de desafio. — Não sou uma de suas índias pagãs, mas uma dama inglesa, e nada do que você faça ou diga pode mudar este fato! Você se considera um guerreiro valente só porque maltrata e atormenta uma mulher e uma criança! Mercy e eu somos dez vezes mais corajosas do que você! Não, cem vezes! Você não passa de um covarde e isso que vou espalhar pelos quatro ventos em Quebec!

O corpo inteiro de Mattasoit contraiu-se de raiva enquanto ele respondia em francês fluente:

— Se você não me valesse tanto sã e salva, eu lhe cortaria a língua para não continuar ouvindo suas mentiras! Vá me tratar como seu senhor e me obedecer!

Atônita com o fato de poderem se comunicar, Dianna sentiu parte da revolta se evaporar.

— Então, você deve compreender...

Num gesto rápido, ele abanou a mão diante de seu rosto.

— Não vou fazer nada do que me pedir! — declarou ele em voz áspera. — Com a sua astúcia de inglesa, escondeu de mim que sabia falar a língua do homem francês. Como

seu senhor, estou muito aborrecido. Jurei entregá-la ilesa, mas não a criança. Talvez ela possa ser castigada em seu lugar.

— Não, você não pode fazer isso! — protestou Dianna quase louca de desespero e ao olhar para Mercy encolhida junto à margem do rio, com Quabaug acorrido a seu lado.

- Faça o que quiser comigo, mas deixe a menina em paz. Ela é inocente! Não lhe fez mal algum!

Triunfante, Mattasoit sorriu, os lábios distendidos mostrando os dentes alvos.

— Você acabou de me dar o segredo de sua obediência! Outro mestre, outro homem que lhe exigia servidão. Mas

por amor a Mercy, que ele achava ser sua filha, Dianna abandonou o orgulho e, suavizando a voz, argumentou:

— A minha menina está exausta e enregelada de frio. Se você lhe negar o conforto de uma fogueira, ela acabará doente e atrasando mais ainda nossa caminhada.

Mattasoit sacudiu a cabeça, as contas nos cabelos tilintando umas de encontro às outras.

— Não tem importância. Se ela não puder nos acompanhar, que morra. — Alargou o sorriso. — O tenente, monsieur Hertel de Rouville me dará quatro moedas de ouro por um escalpo de criança inglesa.

— Não, você não teria coragem de fazer isso! — balbuciou

Dianna horrorizada.

— As suas palavras continuam a irritar meus ouvidos, inglesa. Não são dignas de seu mestre. Eu não me importo com sua filha. Quabaug é quem a quer, não eu. — Fez um gesto em direção ao outro índio. — Ele deseja dar a menina de presente para a irmã que perdeu uma filha. Na minha opinião, a sua também não tem muita saúde, além de ser mal-humorada. Um presente sem valor algum. Já avisei Quabaug, mas ele não me deu ouvidos e continua gostando da criança.

Nesse meio tempo, enquanto Mercy morria de frio e de medo, Quabaug tinha lhe descalçado as meias e friccionado seus pés até reativar a circulação. Encabulada, ela os cobriu com a saia tão logo ele terminou, mas não voltou para junto de Dianna. Meio curiosa, ficou onde estava vendo o índio tirar, um a um, os objetos de uma sacola de couro. Um dos últimos era um par de mocassins para criança com as pontas enfeitadas com espinhos de ouriço. Ele os comparou aos pés de Mercy e franziu a lesta. Eram um pouco grandes. Depois de recheá-los um pouco com folhas secas, deu-se por satisfeito e, num gesto acanhado, entregou-os a ela. Mercy hesitou apenas por uma fração de segundo antes de aceitar o presente. Enquanto Quabaug sacudia a cabeça sorridente, ela calçou os mocassins e esticou os pés para Dianna, em busca de aprovação.

Mas os olhos de Dianna fixavam-se no conteúdo da sacola do índio, empilhado no capim ao lado dele. Em cima, estava uma camisa de linho de feitiço inglês, bem usada, com vários tremendos e coberta por manchas escuras de sangue seco. Ela notou como o

colarinho esgarçado tinha sido virado no avesso e recosturado para prolongar o uso da peça. Ela mesma tinha leito esse serviço pouco mais de quinze dias atrás.

Devagar e como se estivesse num sonho, forçou-se a olhar para o mosquete de Quabaug colocado, cuidadosamente, no colo. Por que não tinha notado antes os dois entalhes em forma de meia-lua na coronha, a marca especial de Asa?

Com força, apertou os braços à volta de si mesma para lutar contra a vontade louca de rir. Não havia ninguém vindo procurá-las pela simples razão de que ninguém sabia de seu desaparecimento. Com apenas seu elegante francês de dama da corte, via-se abandonada para lutar pela própria vida, em companhia de selvagens seminus e com as caras pintadas.

Quando finalmente pararam para dormir, os olhos de Mercy estavam brilhantes demais e as faces ardiavam vermelhas de febre.

— Estou com tanto frio, Dianna — queixou-se ela ao largar-se no chão, o corpo todo sacudido por tremores.

Um toque leve na testa da menina confirmou o que Dianna já sabia. Depressa, dirigiu-se a Mattasoit.

— Por favor, eu lhe suplico, minha filha precisa de alimento quente. Se você ou Quabaug puder me trazer qualquer coisa, um esquilo ou um coelho, eu consigo preparar um bom ensopado para todos nós.

— Imagina que vamos dar tiros de mosquete? É isso que quer, naturalmente — respondeu ele com desdém. — E assim os ingleses descobrem onde estamos, não é, inglesa?

— Um fogo, então, bem pequeno, só para ela se esquentar - implorou Dianna.

— Uma fogueira e tiros de mosquete? Por que não a deixo subir no morro mais alto a fim de gritar para que todos possam localizar seu paradeiro?

— Mas não existe ninguém para me ouvir! — protestou Dianna desconsolada com as próprias palavras. — Por favor!

— Não me provoque, inglesa, pois sabe minha resposta. Partimos ao amanhecer.

Atordoada, Dianna viu os dois índios enrolarem-se nos cobertores e, aparentemente, adormecerem logo. Encolhida no chão, Mercy também dormia, mas inquieta, os braços e pernas se debatendo enquanto murmurava palavras desconexas. Dianna acomodou-se junto a ela e a aconchegou junto ao corpo para transmitir-lhe o máximo de calor. A respiração de Mercy era ofegante e o peito chiava indicando que o mal se instalara nos pulmões. Abraçada à menina, Dianna tentou não pensar no dia seguinte. Na verdade, afeiçoara-se a Mercy como se fosse sua própria filha e sentia-se angustiada por não poder fazer nada para salvá-la, nem mesmo para lhe dar algum consolo. Lágrimas de frustração e medo começaram a rolar por suas faces. Irritada, enxugou-as. Chorar não ajudaria nenhuma das duas.

Devagar, a primeira claridade do amanhecer começava a se filtrar pelas folhas amareladas dos carvalhos altos. Uma bruma baixa espalhava-se pelo chão, envolvendo as raízes expostas das árvores como uma mortalha fantasmagórica e abafando todo e qualquer ruído. Curiosamente, sempre reinava silêncio profundo nas matas nos últimos instantes de escuridão.

Dianna pensou nos gnomos, fadas e outras criaturas da floresta sobre as quais o pai costumava lhe contar histórias na infância. Era um mundo de fantasia e maravilha. Mas ali, a realidade mostrava-se assustadora e seu coração disparou com o que percebia, mas não podia ver.

Mercy mexeu-se inquieta entre seus braços e abriu os olhos.

— Dianna? — chamou em voz rouca e respirando com dificuldade.

— Quietinha, minha querida, ainda não está na hora de acordar — murmurou Dianna ao passar a mão por seus cabelos.

Deus do céu, ela estava tão quente!

-- Dói tanto para respirar.

— Então, sente-se aqui no meu colo, com o corpo bem erguido. Vai se sentir melhor logo.

Mercy obedeceu e encostou a cabeça no ombro de Dianna. A cada inspiração de ar, ouvia-se o chiado no peito, sinal de congestão nos pulmões. Dianna sentiu um peso enorme no coração ao lembrar-se do longo dia que as aguardava. Não permitiria que abandonassem a menina na floresta e não se separaria dela. Os índios teriam de matá-la também, refletiu ao estreitar mais os braços à sua volta.

— Dianna, você não quer cantar para mim? — pediu ela numa vozinha fraca. — Aquela música com o lamento da rainha.

Com medo de perturbar os índios, Dianna ficou incerta, mas Mercy insistiu:

— Por favor, Dianna, a canção da rainha e a minha preferida. Como poderia recusar o que talvez fosse o último favor pedido por Mercy?

— Ah, está bem, mas tem certeza de que essa é a sua preferida? Pensei que fosse outra — respondeu tentando, sem sucesso, provocá-la como sempre fazia.

A canção tão apreciada, pela criança era de uma ópera já meio esquecida, de Lully, e embora Dianna não se lembrasse bem que rainha fazia a lamentação, a ária tinha sido sempre uma de suas melhores interpretações. Começou baixinho, a voz meio áspera por causa do frio, mas logo a beleza da música distendeu-lhe as cordas vocais. De olhos fechados, deixou que as notas se elevassem e se expandissem no ar da manhã.

Quando terminou, permaneceu de olhos fechados por mais um instante, saboreando o prazer da música que se esvaía. Quando os abriu, Mattasoit agigantava-se à sua frente e, num gesto instintivo, ela segurou Mercy com mais força.

— Você é Me'toulin, anglaise? — perguntou ele rressabiado e surpreendendo Dianna. — Eles não me contaram isso quando a mandaram buscar.

— Me'touliri! — indagou ela sem compreender.

Maltasoit recuava não querendo ficar muito perto e Quabaug mantinha-se mais afastado ainda.

— Me'toulin, me'toulin — repetiu ele procurando a palavra correspondente em francês. — Você tem o dom de falar com os espíritos, não tem? Pode fazer magia por eles?

Devagar, Dianna começou a compreender o que ele queria dizer. Fora o seu cântico. Talvez a ópera do rei Sol soasse como magia a quem nunca a tivesse ouvido.

— Sim, eu falo com eles — respondeu num impulso, erguendo bem o queixo. — E eles me ouvem também.

Mattasoit reassumiu a postura confiante, mas Dianna viu o medo estampar-se em seus olhos escuros.

— O que você disse a eles, a seus espíritos, seus deuses? — demandou.

— Falei sobre você — respondeu ela e fez uma pausa para dar ênfase às palavras seguintes. — Contei-lhes a verdade.

Mattaasoit fez um gesto com a mão e Quabaug aproximou-se depressa.

— Estamos a dois dias de viagem de uma vila, anglaise

— informou ele num nervosismo estranho para um guerreiro.

— Lá, sua filha será muito bem cuidada. Ela não precisará mais andar porque Quabaug vai carregá-la daqui para a frente. Ele também vai emprestar o cobertor para agasalhar a menina. Você contará isso aos deuses, anglaise? Você explicará tudo para que eles saibam o certo sobre Mattasoit e Quabaug?

Dianna concordou com um gesto.

— Eles saberão — respondeu em tom suave e, de certa forma, tinha certeza de que eles já sabiam.

CAPÍTULO XVII

— Você tinha razão, Sparhawk — anunciou Atawan ao reencontrar-se com Kit. — A mulher e a criança estão na vila.

Kit praguejou e deu um murro no chão. Tinham chegado tão perto, a apenas meio dia de viagem atrás delas.

— Você viu as duas? Estão bem? Sem ferimento algum? Attawan largou a sacola com a farinha de milho, adquirida a troco de uma faca holandesa, a desculpa para entrar na vila, e sentou-se ao lado de Kit no chão.

— A mulher, sim, mas a menina está doente com febre nos pulmões. Eles a trouxeram no colo até aqui.

Kit sacudiu a cabeça ao lembrar-se do tempo perdido. Quando as pegadas de Mercy tinham mudado de sapatos para mocassins e, depois, desaparecido completamente, ele havia insistido numa busca pela floresta ao redor, temendo que ela houvesse sido abandonada. Tratava-se de uma obrigação para com Tom Wing e Asa também. E Tamsin...

Mas em vez de largada, eia havia sido carregada pelos índios. Na verdade, explicação simples para a falta de umas centenas de pegadas pequenas. Os selvagens em fuga não tinham ido rumo ao norte, para Quebec, como ele havia imaginado, porém em direção nordeste, adentrando mais e mais na mata agreste reivindicada pelos franceses e aonde Kit jamais se aventurara antes.

As folhas caídas tinham dificultado o rastreamento com mais eficiência do que neve. Os poucos sinais da passagem do grupo resumiam-se a um galho quebrado ali, uma pedra virada mais adiante. O primeiro pedacinho do vestido de Dianna parecera um milagre e ao encontrá-los com uma certa frequência daquele ponto em diante, Kit percebera que ela os tinha largado de propósito. Com admiração ainda maior por Dianna, havia guardado cada trapinho como se fosse um talismã, uma garantia tênue de que ela ainda vivia. E agora sabia que Dianna encontrava-se bem perto, restando apenas mais uma colina e um regato para serem transpostos.

— Quantos guardas há? Elas estão fora ou dentro de casa? Você conseguiu...

— Achei perigoso indagar muita coisa. Podia provocar desconfiança.

— Vá para o inferno, Attawan! Não deixei você me acompanhar para julgar o que deve ou não ser feito!

— Eu vim porque quis e não graças à sua permissão. Se eu não tivesse vindo, você agora estaria manietado, esperando para ser torturado pelas mulheres da vila.

Attawan enfiou o indicador no mocassim e coçou o calcanhar. Ponderava se deveria se sentir ofendido, mas resolveu desculpar o amigo mais uma vez. Afinal, não era ele quem falava e sim os espíritos. Ainda bem que ele, Attawan, estava ali para protegê-lo, impedindo que os espíritos lhe roubassem todo o juízo.

— Você se esquece que os pennacooks não gostam de coisas inglesas, inclusive de pessoas tontas como você.

Kit suspirou e colocou a mão no ombro do índio.

— Tem razão, sou um grande idiota. Se não fosse por você, Attawan, eu não teria chegado a esta distância. Mas eu quero as duas de volta. Esta noite, vamos juntos até a vila para as procurar e tirar de lá.

Satisfeito com tais palavras, Attawan enfiou a mão na sacola de onde tirou o cachimbo e uma pedra-de-fogo, pois apesar da impaciência de Kit, não iriam a lugar algum tão cedo.

— Elas são prisioneiras de um guerreiro abenaki, chamado Mattasoit, e não desta tribo. Não gostam dele lá na vila, mas como têm medo, deixaram ficar. O mais estranho, Sparhawk, é ele tratar essa mulher como se fosse um grande troféu quando, lá na sua vila inglesa, ela não passa de uma escrava.

— Criada, Atawan, e não escrava — corrigiu Kit automaticamente. — Mas você tem razão, é bem curioso e não faz sentido.

Altawan deu de ombros.

— Lá me contaram que Mattasoit acredita que ela seja me'íoulin e possa falar com os deuses.

Kit o fitou com incredulidade.

— O quê, em Dianna Grey, o levaria a pensar isso? Ela é uma dama cristã e não uma bruxa abenaki!

A expressão do índio tornou-se severa.

— Então espere que Mattasoit não descubra a mentira dessa dama cristã. Ele se sentirá desonrado e a espancará. Talvez até a mate se os outros o ridicularizarem. Caso escape com vida, ela não servirá mais nem mesmo como criada, Sparhawk.

A fumaça do cachimbo de Altawan envolveu o rosto de Kit, o odor familiar do tabaco acre e reconfortante. Já era tempo do amigo conhecer a verdade.

— Ela não vai ser mais uma criada quando voltar para Plumstead — disse baixinho tentando apagar da mente a imagem de Dianna sendo torturada por Mattasoit e lembrar apenas de seu riso alegre. — Se me aceitar, Dianna Grey será minha mulher.

Atawan não demonstrou surpresa. Pensativo, sacudiu a cabeça por detrás da fumaça azulada.

— Pois esta noite, encontraremos sua mulher, Sparhawk. Dianna e Mercy foram colocadas em uma pequena maloca de forma cônica, bem no centro da vila. Apesar de saber que os ocupantes dali tinham sido desacomodados apenas para facilitar a vigilância, Dianna respirou aliviada com a privacidade do cômodo minúsculo e sem janelas nas paredes de esteiras de palha. A única pessoa a entrar ali era uma mulher atarracada, de expressão desconfiada, que lhes trazia comida e água. Ela jamais levantava o olhar e, depois de colocar a refeição no chão, recuava de costas até a cortina de couro de veado que servia de porta. Naturalmente, Mattasoit e Quabaug nunca abandonavam seu posto do lado de fora e junto à entrada.

Um pequeno fogo aceso no centro do chão de terra batida aquecia bem o ambiente e Dianna sentia-se aliviada por Mercy já estar respirando e dormindo melhor. Quando a menina se mexia, apressava-se em acariciar-lhe a cabeça e aconchegar o cobertor em seu corpo. Caso acordasse, Dianna insistia para que se alimentasse. Pelos bolinhos fritos de farinha de milho, feijão assado e tirinhas de carne de alce assada, ficava óbvio que os habitantes da vila lhes ofereciam o melhor de suas reservas.

Apesar da hospitalidade, Dianna sentia-se inquieta. Em Plumstead, tinha ouvido muitas histórias a respeito do cativo entre os selvagens e nenhuma delas mencionava mulheres inglesas sendo tratadas com deferência. Mas também nenhuma das mulheres cativas tinha sido chamada de me'toulin.

Na tarde do segundo dia, Dianna esperou até Mercy voltar a dormir para passar pela cortina a fim de falar com Mattasoit do lado de fora. Acostumada à penumbra da maloca, teve de proteger os olhos com as mãos contra a ofuscante claridade do sol de outono.

— Volte já lá para dentro, anglaise..— ordenou Mattasoit com uma ponta da antiga arrogância. — Não fica bem você se mostrar aos olhos dos outros.

Ele tinha feito a pintura do rosto e acrescentado mais penas e contas aos cabelos.

Inspirando-se no porte altivo de uma das duquesas mais respeitadas da corte, Dianna ergueu bem os ombros e a cabeça para lembrar o selvagem de sua condição de me'foulin.

— Estas pessoas não pertencem ao seu povo e nem esta vila é sua — afirmou ela valendo-se do que ficava óbvio até a seus olhos. Os habitantes dali tinham pouca semelhança com Mattasoit e mostravam-se intimidados por ele. —Por que continuamos aqui quando eles são guerreiros menos valorosos do que você?

Dianna podia jurar que Mattasoit se sentira envaidecido com o elogio.

— Estamos esperando pelos homens que a procuram.

— Quem são eles? — perguntou depressa e incapaz de abafar a animação da voz.

Poderia tratar-se dos homens que arrecadavam dinheiro para o resgate de seqüestrados e o levavam até os índios. Nesse caso, ela e Mercy não teriam de viajar para mais longe antes até voltar para casa.

— Os franceses virão primeiro — respondeu ele, destruindo as esperanças de Dianna. — O gordo me prometeu quarenta moedas de ouro para ir buscá-la. Ah, ele a quer muito!

— Como se chama esse homem? — conseguiu perguntar com voz calma e até certa naturalidade.

Havia sido escolhida, raptada de propósito. O francês gordo devia ser Robillard. Nenhum outro a conhecia. Lembrou-se da expressão de luxúria dele ao fitá-la em Plumstead e não duvidou de Mattasoit. Robillard a queria. Um nojo imenso a dominou.

O índio a fitou com olhar astucioso.

— Os espíritos não lhe contaram? Dianna encarou-o com firmeza.

— Só posso ouvir o que me dizem e eles não se deram ao trabalho de falar no homem francês.

Indiferente, Mattasoit deu de ombros e, com o polegar, limpou uma sujeirinha no cano do mosquete.

— Não sei o nome do francês, mas isso não tem importância desde que ele me traga as

quarenta moedas de ouro. Ele vai ficar com você e Quabaug, com sua filha. Aí, então, virá o inglês. — Sorriu, os dentes brancos contrastando com a pintura negra de guerreiro no rosto. — Você é a isca para atrair o grande lobo até os caçadores.

Apavorada, Dianna percebeu, de repente, o plano cruel. Ela constituía a armadilha para capturar Kit.

— Ele não vem! — declarou depressa demais, lutando contra um espasmo no peito. — Se ele tivesse nos seguido, já teria nos encontrado, entendeu? Ele não vem! .

— Vem sim e vai morrer! Você irá com o francês e a sua filha, Quabaug levará para a irmã.

O sorriso de Mattasoit desapareceu e ele bateu, de leve, com três dedos nos lábios.

— Ouça a voz de seus espíritos, me'toulin, e vai saber que tudo isso é verdade.

Dianna afastou a cortina e, aos tropeções, entrou na maloca. Tudo girava à sua volta. Depois de aceitar a idéia de que Kit não viria em sua salvação, pressentia a sua chegada. Em algum lugar não muito distante, ele aguardava o momento para vir buscá-la e a Mercy. Kit morreria tentando resgatá-las e a culpa seria sua. Não precisava de espíritos para lhe explicar isso.

Cerrou os punhos e prensou-os de encontro aos lábios como se pudesse destruir as palavras que tinham provocado sua vinda até essa vila.

— O que foi, Dianna? — perguntou Mercy com olhar sonolento. — Aconteceu alguma coisa?

Dianna respirou fundo para aliviar a tensão, o esforço provocando-lhe uma dor aguda no peito.

— Nada, queridinha, nada importante.

Mas vindo de fora, chegou o barulho do tropel de cavalos e de palavras em francês pronunciadas em voz agitada e brava. Dianna aproximou-se de Mercy e a aconchegou entre os braços.

O homem que invadiu a maloca tinha as faces avermelhadas acima da barba e do bigode bem aparados e pernas arqueadas como se lhes fosse penoso sustentar o peso do corpo atarracado e roliço, semelhante a um barril. Mas o que Dianna notou primeiro foi a cruz de prata pendurada ao pescoço e o colarinho branco acima da vestimenta preta que o distinguia como sacerdote. Um padre, mais provavelmente, pois o homem parecia francês. Com certeza um homem de Deus a ajudaria a escapar, refletiu ela esperançosa.

— Então, esta é a inglesa que alega ter poderes divinos? — indagou ele sarcástico. — Trapaça de protestante. Com tal blasfêmia, Maltasoit, ela o desonra e maldiz a própria alma.

Atrás dele, estava o índio.

— Cuidado, mon père, ela fala sua língua.

— Exalo, meu senhor, c não me envergonho de nada que tenha feito — declarou Dianna com veemência ao levantar-se, mas mantendo as mãos nos ombros de Mercy. — Se minhas palavras ficaram um pouco aquém da verdade, foi para salvar minha filha.

O padre não lhe deu atenção e, por sobre o ombro, dirigiu-se a Mattasoit:

— Você não me disse que havia uma criança. O tenente não se interessa por inocentes.

— A menina é minha prisioneira juntamente com a mulher. Ela terá moradia entre meu povo — explicou o índio.

— Onde ela se tornará outra alma perdida para a fé verdadeira. — Por um instante, o padre manteve-se pensativo, acariciando a cruz de prata com os dedos e, em seguida, disse:

— Já me decidi. Venha comigo, minha menina. Sua mãe escolheu o caminho da perdição, mas para você ainda há tempo para trilhar o da redenção. As irmãs religiosas cuidarão de você e lhe ensinarão toda a bondade dispensada pela Santa Mãe de Nosso Senhor.

As palavras em francês não faziam o mínimo sentido para Mercy, porém ela entendeu o gesto do homem de preto chamando-a para ele. Aflita, agarrou-se a Dianna.

— O senhor não pode tirá-la de mim! — gritou Dianna.

— Romano, ou não, é cristão e fiel aos ensinamentos de Cristo, não pode separar mãe e filha!

— Se a ama verdadeiramente, madame, deve se mostrar grata a mim por querer salvar-lhe a alma imortal — disse o padre com frieza. — Ela será bem tratada, muito melhor do que a senhora me parece capaz nas circunstâncias atuais.

Furioso, Mattasoit agarrou o braço do homem.

— Eu repilo, as duas são minhas!

O padre olhou com desprezo para a mão do índio e de repente, através de um sinal despercebido, dois soldados franceses aproximaram-se da entrada estreita da maloca. Apenas a ponta das botas e o cano dos mosquetes apareciam, mas foi o suficiente para Mattasoit largar o braço do padre, embora sacudindo-o primeiro.

— Naturalmente, você espera uma recompensa pelo seu esforço — disse o padre ao tirar, do bolso da batina, um punhado de moedas que atirou em direção ao índio.

Desdenhoso, Mattasoit não as apanhou, deixando-as cair no chão.

— Como queira — resmungou o homem, crispando os lábios sob o bigode bem aparado.

Com rapidez inesperada, o padre segurou Mercy pela cintura e a arrancou das mãos de Dianna. A menina gritou enquanto Dianna pulava atrás, mas os soldados barraram-lhe o caminho com o cano dos mosquetes, tão logo os dois passaram pela cortina. Em vão, ela debateu-se contra as armas, lutando para ir ao encalço de Mercy que o padre colocava na sela de seu cavalo para, em seguida, montar.

Um dos soldados empurrou Dianna para o interior da maloca. Logo depois, os dois

também subiam em suas montarias e partiam a galope atrás do padre. A última imagem de Mercy, vista de relance por Dianna, foi de suas perninhas e mocassins batendo no cavalo.

Durante horas, Dianna permaneceu com o olhar fixo no lugar por onde Mercy tinha desaparecido. Não se importava em chorar copiosamente diante do agrupamento de pennacooks curiosos que, em silêncio, a observavam. O pai, o nome, a casa e agora Mercy e Kit. Não restava mais nada para lhe ser tirado.

Foi Mattasoit quem finalmente a arrancou do estado de estupor em que se encontrava, sacudindo-a com brutalidade pelos ombros.

— Ande, nós vamos embora.

Sem compreender, Dianna fitou-o através das lágrimas.

— Nós vamos atrás deles para reaver minha filha?

— Por que eu faria isso? Já lhe disse antes que a menina não me interessa. — O rosto do índio estava rígido de raiva. — Todos vocês, ingleses e franceses mentiram, me enganaram, e eu não vou mais tolerar isso. Os homens brancos virão procurá-la, mas você já lerá ido embora. Serei eu quem haverá de rir dos idiotas.

Os dedos dele apertaram-se em seus ombros, as unhas marcando-lhe a pele mesmo através da lãzinha do vestido.

— Se você fosse uma verdadeira me'toulin, não teria me humilhado diante do padre. Mas como todos do seu povo, você é falsa. Até chegarmos em minha vila, você já terá me implorado uma centena de vezes para vendê-la aos franceses. Kit e Attawan esperaram grande parte da noite, até quase de madrugada quando o sono era mais profundo, para se esgueirarem pela vila. Apesar de nuvens encobrirem a lua. Kit havia escurecido o rosto com carvão e amarrado um lenço, sob o chapéu, para encobrir os cabelos claros. Attawan tinha lhe garantido que os habitantes da vila não se interessavam por Dianna e Mercy e, provavelmente, não lutariam contra eles a fim de impedir-lhes que as tirassem de lá, porém Kit recusava-se a contar com a boa vontade deles. Planejava malar os dois guardas abenaki, roubar as prisioneiras e desaparecer na escuridão da noite sem acordar ninguém. Usariam facas e não armas de fogo. Facas eram silenciosas, mais rápidas e não precisavam ser recarregadas. Não gostava de matar, de perseguir homens, brancos ou vermelhos, por esporte como muitos apreciavam. Mas também não se perturbava em fazê-lo quando necessário. Queria esse tal Mattasoit pelo sofrimento provocado a Dianna e Mercy.

Ele e Attawan foram passando de sombra em sombra das malocas, os pés calçados com mocassins sem fazer ruído algum na terra fofa. Kit forçava-se a tirar Dianna do pensamento e a se concentrar na faca empunhada. Mas algo estava errado. Sentiu primeiro com a parte física do corpo, antes da mente concordar e de Attawan fazer uma careta, apontando para a maloca diante deles.

Nenhum dos abenaki mantinha a guarda da entrada como Attawan contara ter visto.

No mesmo instante, Kit percorreu o olhar pela vila a fim de verificar se Dianna e Mercy não teriam sido transferidas para uma outra maloca. Porém não havia sinal de Mattasoit e de Quabaug, nem movimento algum além dos de um cachorro velho que se arrastava manquitolando.

Impaciente, Attawan entrou na maloca e, numa voz autoritária, deu uma ordem que Kit não entendeu. Uma voz de mulher elevou-se, mas foi logo silenciada. Em seguida veio a troca de murmúrios nervosos. Kit entrou também e forçou a vista para distinguir as silhuetas na escuridão. A de uma mulher, gesticulava os braços na frente do rosto de Attawan enquanto a voz esganiçada elevava-se e abaixava.

— Pelo amor de Deus, Atawan, o que ela está dizendo? — demandou Kit preocupado por não poder ficar ereto sob o teto baixo e curvo. Nessa posição inclinada, sentia-se vulnerável. — Onde está Dianna?

Aborrecido, Attawan guardou a faca na bainha à cintura.

— Eles partiram antes do pôr do sol. Um padre francês levou a filha de Tom Wing e os abenaki foram embora com sua mulher.

Kit teve de lutar contra o desapontamento.

— Estranho que elas tenham sido separadas — ouviu-se comentar enquanto ele e Attawan saíam da maloca. Havia chegado tarde demais, falhado novamente. — Alguma idéia para onde tenham ido?

Attawan sacudiu a cabeça.

— Eles nos forçam a nos separar também. Eu vou seguir o padre. — Pôs a mão no braço de Kit e o fitou com severidade ao sentir-lhe a dúvida. — Os abenaki são seus por direito. Você os há de encontrar e provar que vale mais do que dez de seus guerreiros incapazes e, por isso, não deveriam ter se atrevido a tomar o que é seu. A coragem está no seu coração, Sparhawk.

Ele sorriu e, gracejando, empurrou Kit.

— Vá logo, ou acabará sofrendo a irritação de Dianna Grey por fazê-la esperar.

A cesta amarrada por Mattasoit às costas de Dianna era pesada e as lascas de junco machucavam-lhe os ombros. Ela tentava ignorar a dor e a não pensar em nada além de pôr um pé adiante do outro.

Isso já era bem difícil por causa do peso mal distribuído na cesta. Esforçava-se para não se inclinar e perder o equilíbrio, pois quando ameaçava cair, Mattasoit a espancava e maldizia sua falta de cuidado. O lábio inferior havia inchado na última vez em que tropeçara numa raiz saliente e o gosto adocicado do próprio sangue ainda permanecia em sua boca.

Ele tinha ficado tão mal-humorado que se distanciara bem à frente, deixando-a sob a vigilância de Quabaug. Este, com o cano do mosquete de Asa, cutucava-lhe as pernas sem cessar. Um passo de cada vez, só um passo, depois mais outro...

Pelo canto dos olhos, Dianna viu o clarão entre os pinheiros, ouviu primeiro a explosão seca da pólvora e, depois, a exclamação baixa e de surpresa de Quabaug ao tombar para frente, sobre ela. O peso formidável a derrubou com o rosto nas folhas caídas dos bordos e tirou-lhe o ar dos pulmões. Arquejante e desesperada, olhou à volta procurando a origem do tiro e, ao mesmo tempo, tentando sair de sob o corpo inerte de Quabaug.

Então, surgiu Kit, em carne e osso e não como em tantos sonhos. Com o sol nos cabelos, o mosquete entre as mãos, ele pulava sobre galhos caídos e corria barranco abaixo, em sua direção. Mas acima dele e atrás de um tronco de carvalho, com um olho fechado enquanto o outro calculava a mira do mosquete, estava Mattasoit.

CAPÍTULO XVIII

Até vê-la à frente do índio, Kit não tinha se dado conta de como fora grande seu temor que Dianna estivesse morta. Ao renunciar à esperança, havia tentado se proteger contra o sofrimento de perdê-la novamente. Mas o esforço não o tinha ajudado em nada, percebeu no instante em que a viu. Sem Dianna, sua vida perderia todo o propósito, não teria mais valor e nem toda a boa vontade do mundo mudaria esse fato.

Das árvores, ele viu o lábio e o queixo desfigurados pelo machucado, as roupas maltrapilhas e sujas, como ela se curvava sob o peso da cesta que era obrigada a suportar enquanto o maldito índio apenas carregava o mosquete de Asa.

O tiro de Kit atingiu o peito do selvagem de maneira rápida e precisa proporcionando-lhe morte boa demais e imerecida pelo que tinha feito a Dianna. Mas nada disso tinha importância agora, refletiu dominado pela alegria ao correr entre as moitas de vegetação rasteira na direção dela. Dianna estava viva e ele queria tomá-la entre os braços, suplicar-lhe o perdão e jurar jamais deixá-la sofrer outra vez.

Contudo, sua expressão estava muito estranha. Aboca aberta retorcia-se de pavor e os olhos arregalados fixavam-se em algum ponto atrás dele.

O instinto fez Kit abaixar-se depressa e atirar-se ao chão. A bala de mosquete cravou-se no tronco de um amieiro, a casca lascando-se com um estalo. Acima dele, soou o grito macabro de guerra de Mattasoit e Kit só teve tempo de rolar de costas para se defender do índio que pulava do barranco com a machadinha em punho.

Com as duas mãos, ele segurou o mosquete de atravessado, forçando o punho de Mattasoit a recuar até o peito. O rosto do índio contorcia-se com o esforço para anular a defesa de Kit e, enfiando a perna sob ele, jogou o peso do corpo para o lado levantando-o consigo. Com uma das mãos, Kit empurrou-o com o mosquete em sua garganta, enquanto a outra sacava a faca. Nessa fração de segundo, o índio pulou de lado e brandiu a machadinha no ar, Kit, entretanto, abaixou-se depressa, mas não o suficiente para impedir que uma porção dos cabelos se espalhasse pelo ar. Agarrou o pulso do

selvagem ao mesmo tempo em que este apertava os dedos à volta do seu.

Impotente, Dianna via os dois homens brigarem como cachorros selvagens. Igualavam-se em destreza e tamanho, ambos estimulados pelo ódio e pela sede de sangue. Era uma luta que só terminaria com a morte de um dos dois.

Desesperada, desviou o olhar. No meio do capim e não muito longe, eslava o mosquete de Asa derrubado por Quabaug. Em vão, os dedos de Dianna agarravam-se ao chão argiloso, coberto de folhas secas, na tentativa de alcançar a arma. Frustrada, respirava ofegante, sem conseguir mover-se mais de um milímetro a cada esforço feito.

Porém era tarde demais. Dianna ouviu o grito dilacerante, o último dado por um homem morrendo. Com medo de olhar, cobriu o rosto com as mãos e fechou bem olhos. Deus misericordioso, rezou, fazei com que Kit esteja vivo! Poupai-o da morte e eu jamais vos pedirei outra graça!

No instante seguinte, Kit a tirava de sob o corpo de Quabaug e a libertava da cesta pesada. Ela ouviu um outro grito, mas era o seu próprio. Lágrimas de alívio rolavam por suas faces sujas enquanto passava os braços pelo pescoço de Kit.

— Ah, meu amor, pensei que nunca mais te veria — murmurou entre soluços de encontro a seu peito. — Meu amor, amor de minha vida!

Mas estranhamente, ele não a abraçava também, tocando-a apenas com as mãos em seus ombros. Perplexa, Dianna recuou um pouco, mas ele a acompanhou cambaleando. Para seu grande choque, percebeu que Kit continuava em pé porque se apoiava nela.

— Atrás daquele morro há... um lugar... um abrigo — balbuciou ele. — Você precisa descansar, querida, está...

Ele não terminou, segurando-se a ela enquanto as pernas ameaçavam ceder sob seu peso. Dianna o fitou com ar indagador e viu os olhos verdes, muito abertos, perderem o brilho e o rosto empalidecer demais. Só então, ela notou as manchas escuras na camisa de Kit, sem dúvida de sangue e não apenas de Mattasoit. Os cabelos atrás da orelha esquerda também estavam empapados de sangue.

— Não Kit, é você quem precisa repousar. Está ferido — disse ela esforçando-se para mantê-lo em pé.

Deus do céu, por que tinha de ser uma mulher tão pequena num mundo de homens grandes?, indagou-se. Levantou um dos braços de Kit e passou-o pelos seus ombros.

— Ouça, meu amor, precisamos ir até esse abrigo, mas preciso de sua ajuda. Não, por favor, não ponha todo o peso J em cima de mim, Kit!

Kit ouviu-lhe a voz vinda de muito longe e sorriu imaginando por que essa mulherzinha linda o acusava de fraqueza. Era uma tolice dizer uma coisa dessas a um homem. Sentia-se firme o suficiente para dançar e talvez o fizesse com essa moça, caso ela parasse de se esquivar e o deixasse segurá-la. Sua face rodopiava diante dele, as feições distorcendo-se completamente. Menininha boba, provocá-lo dessa forma!

Sem saber como e ignorando se o abrigo mencionado por ele existia de fato, Dianna conseguiu induzi-lo a ir até o outro lado do morro. Lá, ao lado de um riacho quase seco, havia vestígios de um acampamento indígena abandonado. Os antigos moradores tinham levado as esteiras usadas como paredes das malocas, mas uma delas havia ficado quase intata. Talvez tivesse pertencido a uma pessoa idosa ou doente, incapaz de acompanhar as outras na mudança. Encontrava-se vazia e cheirando a esquilo e a junco mofado, pois as esteiras tinham embolorado e furado em alguns lugares. Mesmo assim, a maloca era melhor do que Dianna esperava e, num último esforço, levou Kit para o interior tendo quase de arrastá-lo.

Ele gemeu, murmurou algo incompreensível e, finalmente, entregou-se à inconsciência absoluta.

Dianna empurrou os cabelos para trás do rosto e refletiu sobre a primeira providência a ser tomada. Olhando para Kit e vendo que ele não notaria sua ausência, voltou para o outro lado do morro onde estavam os dois abenaki mortos. Primeiro, apossou-se da cesta que havia carregado com os suprimentos exigidos por Mattasoit antes de deixarem a vila dos pennacook. Havia dois cobertores, uma panela velha de cobre, carne de veado defumada, milho tostado, nozes e uma cestinha de casca de árvore com amoras silvestres. Em seguida, apanhou os dois mosquetes, o de Asa e o de Mattasoit. Por um instante, olhou para o corpo caído do índio, com os braços estendidos sobre as folhas secas e sujas de sangue. Depressa e antes de perder a coragem, arrancou-lhe a machadinha da mão já meio endurecida, e as duas sacolinhas com pólvora e balas penduradas ao pescoço. Fez o mesmo a Quabaug, esforçando-se para tocá-lo o menos possível. Com a carga pesada e tendo de parar com frequência para descansar, retornou à maloca onde deixara Kit.

Ele continuava imóvel, na mesma posição, e Dianna conjecturou se isso seria bom, ou mau. Levou a panela ao riacho, encheu-a de água e, com o resto da anágua, cortou tiras de ataduras. Nada estava limpo como deveria e ela daria tudo para ter uma xícara de sabão de cinza.

Acendeu o fogo no centro da maloca, abaixo do buraco apropriado no teto para, em seguida, equilibrar a panela sobre a lenha a fim de ferver a água. Finalmente, ajoelhou-se ao lado de Kit e, com o máximo cuidado possível, tirou-lhe a camisa ensangüentada.

,

Enquanto ainda contava com um resto de luminosidade do dia, Dianna carregou os três mosquetes. Com um entre as mãos e enrolada no outro cobertor, sentou-se novamente, disposta a manter a guarda da maloca. A noite estava escura e a solidão que sentia era imensa, apesar de ter Kit junto de si, adormecido ou inconsciente, não sabia.

Estava mais amedrontada do que gostaria de admitir. O ferimento na cabeça, embora Kit fosse muito forte, podia continuar a ser perigoso. Não sabia quanto tempo ele levaria para se recuperar o suficiente a fim de iniciarem a viagem de volta a Plumstead. Também ignorava a que distância ficava o vilarejo inglês mais próximo. Os índios, que haviam

abandonado esse onde estavam, poderiam voltar, e os franceses, mencionados por Mattasoit, talvez os estivessem procurando liderados pelo próprio Robillard.

E Mercy, refletiu angustiada. Quem garantiria que ela já não estivesse perto de Montreal? Dianna colocou outro galho seco no fogo e aconchegou mais o cobertor ao corpo. No outono do ano anterior, ela e o pai tinham ido a Paris. Lá, ela havia cantado no salão branco e dourado do visconde de Thavenet.

A manhã já ia adiantada quando Dianna acordou com a agitação e as palavras confusas de Kit. Seguindo os ensinamentos de Hester, preparou cataplasmas com as ervas encontradas nos arredores, mas ao anoitecer, Kit mostrava-se febril, o corte na cabeça muito inflamado. Em momento algum ele a reconhecia e, de maneira desconexa, falava no pai, na mãe e em outras pessoas cujos nomes Dianna desconhecia. Aliviava-lhe a febre com compressas de panos molhados na água gelada do riacho e, várias vezes, tentou fazê-lo tomar um pouco do caldo feito com a carne de veado defumada. Também cantava para Kit, pois sua voz o acalmava um pouco. Não entoava o lamento de alguma rainha importante, mas canções de ninar e uma antiga balada escocesa, cujas palavras falavam de dois amantes apaixonados. Durante longos períodos, aninhava a cabeça dele no colo e afagava seus cabelos.

Não havia muito mais que pudesse fazer e Dianna não precisava do conhecimento de um médico para saber que, a cada hora, Kit se distanciava mais dela e da vida. Também não ignorava o que lhe aconteceria caso a infecção, finalmente, o levasse.

Não importava onde o sonho começasse, acabava sempre tio mesmo lugar.

Ele cavalgava um cavalo baio, o sol de outono aquecendo-lhe as costas. Havia passado tantas vezes por essa trilha de Wickhamton que tanto ele como a montaria poderiam percorrê-la de olhos vendados. Ao seguir por ela agora, pensava na filha de um taverneiro de New London, de cabelos cor de cobre, e imaginava se conseguiria convencer o pai a deixá-lo navegar rio abaixo, a negócios, para vê-la outra vez. Não podia lembrar ao certo seu nome, Nell ou Nan, mas tão logo a visse, recobriria a memória. Ela havia sido bem generosa em suas demonstrações amorosas e, aos vinte e dois anos, era só o que lhe importava.

Um pouco antes da curva perto do rio, a montaria relinchou, recuando assustada. Bateu-lhe nas ancas chamando-a de covarde e a instigou para a frente. Foi então que ele viu, primeiro, o corpo da mãe com as saias presas na moita de framboesas, depois o do pai, os olhos abertos e, cheios de surpresa, virados para o céu sem nuvens e, finalmente, o de Tamsin que havia conseguido correr um pouco antes de receber o tiro. Em sua garganta, havia uma linha vermelha, marca deixada quando lhe tinham arrancado o colarzinho de contas de coral. A irmã ainda segurava, em um dos braços, a boneca de pano, Sukey.

Sua obrigação era ter chegado antes para salvá-los. Esse fato jamais mudaria. Nada que jamais fizesse anularia a tragédia.

Ele deveria tê-los salvado!

— Você me salvou! — murmurou Dianna em voz rouca. — Sem sua ajuda, eu acabaria

morrendo logo e agora, Deus me perdoe, não posso fazer o mesmo por você!

Perplexo, Kit percebeu que eram as lágrimas de Dianna que molhavam o rosto dele. Sentia a boca seca como um deserto, mas tentou formular as palavras que a fariam compreendê-lo.

— Eu tinha de estar com eles — começou num sussurro quase incompreensível. — Se não podia salvá-los, deveria ter morrido também.

— Não, por favor, não diga isso — protestou Dianna com o rosto perto do dele, os lábios contraídos num esforço para impedir novas lágrimas. — Você tem estado muito doente e eu pensei... tive medo, mas voltou para mim e vai viver. Você vai viver!

Devagar, as idéias de Kit começaram a clarear e as imagens diante dos olhos já faziam sentido. Dianna! Ele nunca tinha visto nada tão querido como seu rosto, as sobrancelhas escuras contraídas de preocupação ao observá-lo. Porém ela também tinha aparência cansada, manchas roxas sob os olhos cinza-claros, o rosto mais magro do que se lembrava e, no queixo, a marca amarelada de um hematoma. Dianna era quem precisava de cuidados, não ele.

Com muito cuidado, Dianna pôs a mão sob a cabeça de Kit a fim de erguê-la um pouco para que ele pudesse beber a água do copinho de chifre. Ele resmungou irritado com a própria fraqueza e, depressa demais, tentou se sentar. As paredes de esteira da maloca começaram a girar com rapidez incrível e ele temeu que o estômago se rebelasse envergonhando-o. Desesperado, passou os braços à volta das pernas encolhidas, respirando fundo até a vertigem passar, o esforço deixando-o coberto de transpiração. Só então, foi capaz de pegar o copo da mão de Dianna e levá-lo aos lábios.

— Há quanto tempo estou doente?

Ela levantou a mão mostrando os dedos abertos.

— Cinco dias.

— Maldição! — disse ele baixinho.

Apalpou o rosto e, pela barba crescida, confirmou a informação. Em seguida, passou a mão pela atadura à volta da cabeça. Agora lembrava-se de tudo, como tinha deixado o abenaki maldito apanhá-lo de surpresa como se ele fosse um rapazola inexperiente. Havia sido inacreditável e imperdoavelmente descuidado e, como castigo, a cabeça continuava latejando muito. Tinha a impressão de que a machadinha acabava de atingi-la.

— Maldito fogo do inferno!

Dianna tentou acalmá-lo com suavidade.

— Não se censure, Kit, ainda está muito fraco.

— Você não precisa me lembrar disso! Expressou-se em tom áspero e viu surpresa e mágoa no olhar de Dianna. Ele deveria estar lhe mostrando gratidão e não sendo grosseiro. Mas não suportava ver sua expressão transbordante de amor. Por haver falhado novamente, ele não a merecia.

— Na verdade, você não precisa de mim nem um pouco, não é? Eu vim para salvá-la e acabei com um belo ferimento na cabeça. Teria sido melhor se você houvesse ficado com os franceses.

— Eles não me queriam, nem os índios. Só me raptaram para atraí-lo até eles.

Baixou a cabeça sentindo-se uma tola por querer chorar outra vez. Já não tinha derramado lágrimas suficientes por esse homem? Tentava se convencer que, por causa da dor e da fraqueza, não era o verdadeiro Kit quem lhe falava dessa forma e evitava fitá-la.

— Eu lhes disse que você não viria me procurar, mas pelo jeito, eles o conhecem melhor do que eu.

— Ah, isso é verdade — concordou Kit, brusco.

Se Dianna soubesse o covarde incompetente que ele era na realidade, não teria permanecido a seu lado nem por um minuto, quanto mais por cinco dias. Não entendia por que ela ainda não havia se dado conta da verdade quando mesmo os franceses deviam estar caçoando de sua inabilidade: um homem incapaz de proteger até as pessoas a quem ele mais amava.

Ele viu a mãozinha gorda de Tamsin, nunca tão limpa como a mãe desejava, segurando o capim onde caíra.

— Onde está Mercy? — demandou abruptamente.

— Um padre francês a levou embora quando estávamos na vila indígena. Lutei para ficar com ela, eu juro, mas...

— Asa estava errado ao entregara criança aos seus cuidados. Ele está morto e Mercy passa a ser responsabilidade minha e não, sua. — Kit fez uma pausa e Dianna notou como ele apertava as mãos com força a ponto de as juntas embranquecerem. — Você sabe que eles mataram Asa, não sabe?

Ela sacudiu a cabeça, mas Kit estava com a dele abaixada e os olhos fechados.

A silhueta pequenina, caída imóvel no capim, era mais angular e vestida com maior simplicidade. Em lugar da boneca de pano sob o braço, havia uma gatinha branca chamada Lily.

A imagem era tão vívida que a respiração de Kit tornou-se entrecortada enquanto ele sacudia a cabeça tentando rejeitá-la.

— Não, Mercy, não! Não Mercy também! Imaginando que a febre tivesse voltado, Dianna estendeu a mão para acalmá-lo.

— Não se atreva nem a pensar nisso — resmungou ele ao empurrá-la e ainda com os olhos fechados. — Não se atreva — repetiu.

Dianna recuou depressa e fitou as mãos no colo. Kit tinha razão, não o conhecia bem, não quando ele se comportava dessa maneira. Quando dois dias atrás, havia encontrado na mochila dele as rosetas de seu vestido, largadas ao longo da trilha, as tinha

considerado como prova da devoção de Kit. Agora estava em dúvida. Como muitas das coisa que ele fazia, talvez salvá-la não passasse de mais uma prova para si mesmo, uma oportunidade para demonstrar como o coronel Sparhawk era valioso para as pessoas que dependiam dele.

Havia um outro ponto. Mais de uma vez enquanto delirava de febre, Kit havia murmurado aquele nome.

— Quem é Tamsin? — perguntou ela baixinho. — Você a chamava durante o sono.

O sobressalto de Kit foi tão grande que Dianna sentiu um grande peso no coração.

— Alguém muito querido e especial para mim — respondeu ele em voz tremula.

Kit voltava a empalidecer, a testa brilhando de transpiração e ela temeu que, dessa vez, desmaiasse. Mesmo assim, Dianna não conseguiu parar. Precisava saber a verdade.

— Você a ama muito, não é?

— E como poderia ser ao contrário? — A voz tinha baixado a um sussurro rouco. — Desde o dia em que ela nasceu, passou a fazer parte de mim. Perdê-la daquela forma... Por Deus Dianna, ela estava apenas com sete anos!

Esquecida das próprias dúvidas e diante do sofrimento óbvio de Kit, ela o filou.

— Tamsin?!

Ele não pretendia lhe contar nada, pois não acreditava ter forças para suportar seu desprezo quando ela se inteirasse da verdade. Mas ouvir o nome de Tamsin pronunciado por Dianna esfacelava-lhe a última parcela de resistência. Nem para salvar a própria vida conseguiria se calar agora.

— Eles apareceram depois da última guerra, após os tratados, apenas três deles, os mohegan. Mataram minha mãe, meu pai e minha irmãzinha Tamsin. Em seguida, tiraram-lhes os escalpos. — Kit tremia, os olhos arregalados e vermelhos como se tivesse a cena diante deles. — Se eu estivesse lá, os teria salvado. Mas eu não estava e eles morreram. Morreram por culpa minha.

Dianna o ouviu num silêncio horrorizado. Um a um, os mistérios e as conversas veladas começavam a fazer sentido.

Asa, Hester e todas as outras pessoas sabiam de tudo. Apenas ela não estava a par de seu sofrimento.

— Ah, Kit, meu querido, você devia ter me contado antes — murmurou.

— Eu sei, Dianna — concordou ele baixando a cabeça sobre o peito. — Que Deus me perdoe por não haver lhe revelado a verdade há muito tempo. Mas eu tinha medo de perdê-la e, agora, veja como acabei. Falhei outra vez em relação a você e a Mercy, como aconteceu com meus pais e Tamsin, tão querida.

Calou-se e Dianna viu as lágrimas correrem pelas faces dele, umedecendo a barba meio crescida. Passou-lhe o braço por sobre os ombros e o puxou de encontro a si. Como uma

criança desconsolada, Kit apoiou-se nela.

— Jamais repita ter falhado para comigo, Kit — disse Dianna enquanto o embalava devagar e o acariciava. — Não repita e não acredite nisso. Você veio à minha procura e me encontrou. Se não fosse por você, eu teria morrido. E na mansão de meu tio? Se você não houvesse aparecido lá naquela noite, ele teria me matado, levado pelo ódio. Sabe, eu não acreditei que você fosse real. Mais parecia um príncipe mágico de um conto de fadas. Mas você me salvou e, juntos, haveremos de salvar Mercy também.

Kit a ouvia sem escutar uma palavra sequer. Elas não tinham importância. Bastava-lhe a paz vinda de sua voz, que ele desejava jamais ter fim. Dianna não duvidava dele e nem o desprezava. A criatura abençoada confiava nele. Passou o braço por sua cintura num gesto de desespero.

— Mas veja o que sou, Dianna — murmurou-lhe de encontro ao pescoço. — Uma criatura miserável, incapaz de proteger a própria família.

— Não, Kit, não acredito nisso — afirmou ela com suavidade. — Você sempre coloca os outros acima de seus interesses. Não pode continuar a se martirizar dessa forma. Seus pais deveriam ter muito orgulho do homem valoroso que você é. Eles não gostariam de vê-lo se responsabilizando por suas mortes durante esse tempo todo.

Kit desejava muito acreditar em Dianna. Havia vivido tanto tempo com esse sofrimento que ele se tornara parte integrante de seu ser. Não havia como se desfazer dele só porque Dianna o aconselhava. Porém, ela lhe oferecia uma maneira de atenuá-lo e, quem sabe com o tempo, ela conseguisse fazê-lo esquecer. Por que Dianna, sendo apenas da metade de seu tamanho, possuía o dobro de sua força?

— Não me abandone, Dianna. Deus sabe que não tenho o direito de lhe pedir nada, mas você não pode imaginar como me senti quando pensei tê-la perdido também.

— Quietinho, meu amor — murmurou ela ao beijá-lo na testa. — Juro jamais ir a algum lugar sem você.

Kit não a ouviu, pois adormecera.

CAPÍTULO XIX

— Sua mulher tentou me malar, Sparhawk — declarou Attawan indignado enquanto Dianna, com o mosquete apontado às suas costas, o seguia até onde Kit se sentava perto do riacho.

— Ela já o acusou da mesma coisa, embora isso não lhe sirva de consolo — respondeu Kit fazendo um esforço enorme para não rir.

Não sabia qual dos dois, se Dianna ou Attawan, se ofenderia mais se ele cedesse à tentação. Além disso, rir não aliviaria nem um pouco a cabeça dolorida. Mas a cena de

Dianna, com o vestido esfarrapado e um mosquete quase tão longo quanto sua altura, forçando um Attawan irritado a caminhar em frente, era hilariante demais.

— Abaixei a arma, Dianna. Attawan é o nosso melhor amigo nesta região e eu prefiro contar com ele vivo.

Relutante, ela travou o mosquete e o apoiou no ombro. Havia se surpreendido por Kit já ler acordado e, mais ainda, que estivesse ali se lavando. Queria muito ter um pente para se tornar um pouco apresentável. Tinha se acostumado tanto com ele doente e fraco, sem falar nos períodos de inconsciência, que ver os olhos verdes alertas, observando-a novamente, a deixavam desconcertada. Apesar do que Kit lhe havia dito na véspera, ou talvez por causa disso, sentia-se estranhamente acanhada perto dele. Era como se estivessem iniciando o relacionamento outra vez. Tentou esconder o retraimento concentrando a atenção em Attawan.

— Nesse caso, imagino que deva lhe pedir perdão, Sr. Attawan — disse em tom formal.

— Mas minhas últimas experiências com índios não me ensinaram a confiar em seu povo.

— Meu povo, não. Abenaki — declarou o índio com desdém e certo de não precisar dar maiores explicações. Tocou as ataduras de Kit e sentou-se a seu lado. — Além do mosquete, essa sua mulher miúda usa também a machadinha?

— Os ferimentos não são de responsabilidade sua, só o tratamento — respondeu Kit com um sorriso amoroso para Dianna.

Ela corou diante da expressão meiga e, constrangida diante de Attawan, baixou o olhar.

Cético e não muito convencido de que essa mulher valesse o esforço gasto para salvá-la, o índio franziu a testa.

— Só espero que ela cuide dos ferimentos melhor do que recebe os amigos. Seguir o padre francês não foi difícil, mas descobri-lo, Sparhawk, me custou três dias. Escondeu-se tão bem quanto um esquilo.

Com expressão ansiosa e sem mais nenhum traço de afabilidade, Kit inclinou-se para a frente.

— Você encontrou Mercy Wing? Dianna correu para junto de Kit.

— Ela está bem? Não lhe fizeram mal algum? Attawan sacudiu a cabeça.

— O padre gordo a levou até a missão Deux-Rivieres e deixou-a lá com père Vernet. Querem que ela fique mais forte antes de seguir para Montreal, mas não sei quando vai ser isso. Daqui a uma semana, ou talvez, na primavera. Quem sabe até já tenham ido embora enquanto eu o procurava, Sparhawk. — Olhou para Dianna como se a acusasse pela demora. — Não podemos esperar.

Kit levantou-se no mesmo instante, mas teve de fechar os olhos até o atordoamento passar. Preocupada, Dianna segurou-o pelo braço.

— Não está pronto para viajar, não concorda? — perguntou ela baixinho. — A febre só passou ontem.

— Não tenho escolha, minha querida. — Kit afagou-lhe a mão a fim de tranquilizá-la. — Tenho de pegar Mercy antes que ela siga para o norte.

— A missão fica a apenas um dia de viagem, Sparhawk, distância não muito longa para um homem forte. — Attawan

Sem saber como, tinha conseguido percorrer os trinta e tantos quilômetros do trajeto, quase sempre apoiado em Attawan. Apenas uma grande força de vontade e o temor pela segurança de Dianna e Mercy o haviam feito continuar em frente.

— Vamos tirá-la daqui tão logo você expresse nossos agradecimentos ao padre. Não aprecio nem um pouco a hospitalidade francesa.

O padre os levou até a cozinha onde uma índia, com uma vistosa cruz no peito e o tricô abandonado entre as mãos, cochilava perto do fogo. Ao lado da lareira, havia uma enxerga pequena sobre a qual Dianna avistou logo os cabelos escuros e encaracolados de Mercy, escapando para fora do monte de cobertas.

Soltando uma exclamação de alegria, ela correu e tomou a criança nos braços. Sem acordar bem para compreender o que acontecia, Mercy passou as mãos pelos olhos e resmungou qualquer coisa antes de reconhecer Dianna. E Kit também estava ali, meio curvado sobre ela. Sem murmurar um único som, agarrou-se a Dianna como se jamais fosse largá-la.

Père Vernet, tinha certeza, tão cedo não se esqueceria da beleza desse encontro e da satisfação por havê-lo propiciado através de uma atitude correta. Testemunhar tamanha felicidade, uma criança devolvida aos pais amorosos, constituía uma grande bênção. Contudo, fora bem desagradável ver o pai não resistir ao choque emocional e cair ao chão, os sentidos adormecidos para o mundo ao redor.

Dianna despiu o vestido à luz do pequeno fogareiro aceso e deitou-se com o máximo cuidado para o colchão de palha não fazer barulho e acordar Kit. Tinham sido necessários dois dos índios convertidos e père Vernet para ajudar Kit, já consciente mas muito fraco, a subir a escadinha estreita até o pequeno quarto reservado a viajantes. Ele tinha adormecido antes mesmo de ela tirar-lhe os mocassins.

Embora desconfortável, manteve-se na beirada da cama, longe do corpo de Kit, atenta à sua respiração regular. Nunca havia dormido com um homem e não tinha certeza de como agir, se tocá-lo, ou não. Mas estava com muito frio, a cobertura era fina, por isso, foi se movendo devagarinho até aconchegar-se em suas costas.

Kit acordou no mesmo instante, cada nervo e músculo consciente de sua pressão contra ele. Não conseguiu impedir um gemido de prazer ao sentir o braço enlaçá-lo pela cintura.

— Oh, Kit, eu o acordei — murmurou Dianna desapontada e começando a se afastar. — Desculpe, eu estava com frio. Pronto. Vou ficar longe. Volte a dormir.

— Não, quero você bem pertinho — disse ele ao segurá-la pelo pulso.

Não entendia como Dianna podia sentir frio quando, para ele, até o colchão parecia em chamas com sua proximidade.

Com um suspiro de contentamento, ela tornou a se aconchegar a Kit, o rosto rente às costas largas, entrelaçando as pernas nas dele. O coração acelerava as batidas, a pele deliciava-se ao sentir a dele onde a camisa esfarrapada permitia. Severa, censurou-se por não lembrar o quanto Kit eslava fraco, porém a mão, como se tivesse vontade própria, continuava a acariciá-lo no peito.

— Cheguei mesmo a desmaiar como uma donzela nervosa?

— perguntou Kit, tenso.

Ela havia se aproximado dele de maneira inocente, porque sentia frio, entretanto Kit não escondia a excitação. Se ao menos ela pudesse se manter quietinha.

— A culpa não foi sua, meu querido. A cozinha estava muito quente com aquele fogaréu aceso e você tinha esgotado a resistência durante a caminhada longa. Père Vernet compreendeu. O outro padre, o que tomou Mercy de mim, não é esperado na missão tão cedo, por isso, não corremos risco algum em passar esta noite aqui. — Gozavam de segurança em relação aos franceses, pensou Dianna com sensação de culpa, mas não quanto a ela mesma. — Pedi à índia lá da cozinha para avisar Allawan que estávamos bem e que o encontraríamos amanhã cedinho.

— Você tomou todas as providencias, não foi, meu amor?

— perguntou ele cheio de orgulho.

Já não mais se culpava e censurava. Dianna não respondeu, mas sorriu.

— Quando eu eslava doente, você cantou para mim? Estou me lembrando agora. Greensleeves, Hangman's Tree e Pray, Fair One, certo?

— Isso mesmo. Quer que eu cante agora? Posso cantar bem baixinho.

— Não, Dianna, quero outra coisa, que prometa casar-se comigo. Seria agora, se aquele padre lá embaixo soubesse que ainda não somos marido e mulher. Mas há de se tão logo chegemos a Plumstead, se você aceitar meu pedido.

Dianna ficou paralisada, convencida de tê-lo entendido mal.

— Você não me deve nada, Kit — murmurou em voz fraca. — Não precisa me propor casamento. O que, por acaso, eu tenha feito a você, não foi pensando em recompensa.

Com uma rapidez surpreendente, Kit virou-se e a prendeu sob ele, o rosto tão perto do seu que ela podia sentir a vibração das palavras nas faces.

— Escute, Dianna, quando imaginei que a havia perdido para sempre, o desespero de não poder mais vê-la ou tocar me convenceu da inutilidade de minha vida. Eu não poderia seguir em frente sem você. Eu a quero em meus braços à noite e ao meu lado durante o dia. Não desejo nunca mais me separar de você. Nunca, entendeu? Estou lhe oferecendo tudo que tenho, meu nome, minha casa, meu coração e peço a Deus que seja o suficiente. Como eu te amo, meu amor! Como eu te amo!

Dianna sentiu dificuldade para vencer a emoção.

— Eu também te amo, Kit — sussurrou com voz embargada. — Desde o início eu já te amava. Você será sempre meu único amor. Ah, Kit...

Ainda murmurava-lhe o nome quando os lábios se uniram num beijo que selava a união renovada e prometia um futuro sem mais separações.

Kit a beijou, no início com ternura, a língua contornando-lhe os lábios até eles se entreabrirem com um ténue suspiro. Ele havia esquecido a doçura de seu beijo, ou talvez o prazer provocado pela boca aveludada parecesse um sonho, fruto da imaginação, quando a distância os separava.

Dianna afastou-se, a respiração ofegante.

— A sua cabeça — protestou sem muita energia. — O ferimento...

— Que vá para o inferno! Preferiria morrer a não amá-la agora.

Não querendo que barreira alguma os perturbasse, Kit tirou-lhe a camisa por sobre os ombros e Dianna enrodilhou-se a ele, maravilhada novamente com as diferenças deliciosas entre ambos. O corpo de Kit era magro e rijo, o vigor dele revelado em cada músculo dos braços e das costas. Mesmo quando dominado pela febre, ele irradiava força, uma presença física difícil de ser explicada. Kit era um homem confiante num mundo severo. Entretanto, possuía uma suavidade imensa, tocando-a, agora, com as mãos calejadas acariciando-a com uma meiguice que a fazia se sentir querida e especial. Mas então, a suavidade deu lugar a paixão e os corpos, unidos, arquearam-se em busca do êxtase pleno e gratificante. Quando finalmente Kit gemeu seu nome, Dianna experimentou a integração perfeita, a doçura de amar e ser amada por esse homem.

— Pelo rio, chegaremos em casa em sete dias — disse Kit baixinho um pouco depois.

Afastou-lhe os cabelos para trás a fim de beijar-lhe a orelha e Dianna foi tomada por uma alegria infinita. Em casa... o seu lar, o seu marido, o seu perfeito Sr. Sparhawk.

A luz da lanterna mostrou-se ofuscante quando a poria escancarou-se com violência. O quarto encheu-se de homens, de índios com expressão esquiva e olhos de expressão cortante. Atônita, Dianna encolheu-se atrás de Kit.

— Veja como estes dois pecadores macularam a sua boa hospitalidade, père Vernet - exclamou François Robiard com um canto a boca acentuado pela luz indireta da lanterna - Mas eu os ensinarei a insensatez da iniquidade cometida. Eles aprenderão! Se aprenderão! E muito bem!

CAPÍTULO XX

Inquieta, Dianna percorria o pequeno quarto que, na véspera, tinha sido seu santuário de amor e, agora, reduzia-se à sua prisão. A porta de madeira grossa eslava trancada por fora e a janela estreita demais não permitiria sua fuga. Estava usando um vestido simples,

de lã cinzenta e grosseira, apropriado para uma penitente, que haviam lhe trazido até ali. Dianna, entretanto, não se penitenciava pois não sentia arrependimento algum pelo que tinha feito. Estava furiosa com a traição de père Vernet e aflitíssima com o que teria acontecido a Kit quando Robillard e os outros o haviam arrastado para fora do quarto.

Parou perto da janela quando ouviu passos pesados rangendo nos degraus da escada e não se virou ao perceber a chave girando na fechadura. Fosse lá quem fosse, não lhe daria a satisfação de recebê-lo a não ser de costas e em posição bem ereta. Distraída, passou a mão pelo vidro embaçado e viu que começava a nevar. Estavam ainda em outubro, entretanto o inverno já tinha chegado à Nova França.

— Olhe para mim, mademoiselle — ordenou Robillard mal-humorado. — Se vamos ser amigos, ma chère quero ver seu rosto bonito.

— Amigos! — explodiu Dianna, as mãos crispadas ao longo do corpo. — Como eu poderia ser amiga de um tipo vil como você?

Acima da gola de renda, o rosto do francês cobriu-se de manchas arroxeadas e os olhos brilharam entre as pálpebras empapuçadas.

As expressões eram idênticas às que Dianna recordava-se de ter visto na face do tio: a de expectativa faminta, como se ela fosse uma guloseima a ser abocanhada numa mordida brusca, transformando-se na expressão raivosa diante de sua recusa. Recusas eram perigosas também, outra verdade aprendida com sir Henry, lembrou-se Dianna. Porém nada a forçaria a ceder. Pertencia a Kit, a ele unicamente.

— Existem outras palavras para classificá-la, se "amiga" a desagrada — declarou Robillard furioso. — Amante, rameira, criada. A sua preferência tem pouca, nenhuma importância. Você fará o que eu determinar e quando eu quiser. A troco de quê, imagina, eu a mantenho neste quarto confortável e aquecido em vez de forçá-la a compartilhar do destino de Sparhawk?

— O que fez com ele? — perguntou Dianna. — Caso o tenha ferido, juro...

— Ora, o que me faria — interrompeu Robillard. — Desta vez, você não empunha um mosquete a exemplo de um homem. — Solto uma risada rouca e maldosa. — Sparhawk não está tão bem acomodado quanto você, mas continua vivo.

— Não importaria onde ele esteja, prefiro ficar a seu lado.

— Está sendo muito indelicada, ma petite filie. — Robillard sacudiu a cabeça, seu brinco refletindo a luz da manhã. — Vou lhe contar meus planos para Sparhawk. Depois de ouvi-los, talvez você mude de idéia quanto a mim. Os índios que me acompanham são mohawk e eu lhes prometi Sparhawk para divertimento em sua vila. Já estão levantando apostas sobre quanta dor ele agüentará antes de gritar por misericórdia. Esses selvagens apreciam muito as cenas de tortura. Talvez o queimem vivo, ou lhe cortem a língua e o forcem a comê-la, ou ainda se divirtam esfaqueando-lhe a barriga até...

— Pare! — gritou Dianna agoniada, levando as mãos aos ouvidos. — Não vou ouvir mais.

— Já lhe contaram, ma chère — continuou ele indiferente a seu protesto — que os

mauhawk comem carne humana?

— Não, pare! — repeliu trêmula com as descrições de Robillard, pois embora sabendo não haver exagero nelas, não suportava pensar em Kit exposto a tal sofrimento. — Por que o odeia tanto? Que mal jamais ele lhe fez?

O sorriso maldoso mantido até então, desapareceu de repente.

— Eu o odeio pelo que ele é, mademoiselle, um Sparhawk e um anglais. Os Sparhawk me arruinaram com suas plantações, seus rebanhos, seus arrendatários espalhados por onde quer que eu olhe. Os Sparhawk tentaram destruir a Nova França em nome de sua gorducha rainha Anne e afastaram os castores para longe. E como me deixaram? Um indígena.

— Isso não é verdade — rebateu Dianna falando devagar. — Kit disse que há mais de trinta anos não há castores em Wickhamton.

— E o que você queria que ele lhe dissesse? — perguntou Robillard no auge da fúria. — Esse Christopher é ainda pior do que o pai. Além de pôr os pocumtuck contra mim, ele me ameaçou com seus soldados e governadores em minha própria casa. Ele nem me deu a oportunidade de defender minha honra, meu nome e de lutar como homem, mas me insultou antes de correr de volta para a sua grande casa famosa.

O sorriso de Robillard retornou e ele enfiou os polegares na faixa de seda abaixo da barriga imensa. Quase cambaleando, aproximou-se vagarosamente de Dianna.

— Mas seus dias de vida fausta já pertencem ao passado, ma chère. A uma palavra minha, a sua abençoada Wickhamton será saqueada e incendiada como Deerfield. Mas eu tomarei posse da casa de Sparhawk e de suas terras, em nome da Nova França.

Num gesto moroso, estendeu a mão para Dianna. No dedo médio havia um anel de ouro, mas as unhas estavam pretas de sujeira.

— Sei que terei essas coisas de Sparhawk por que já tenho sua mulher.

— Você não me tem! — exclamou Dianna com tal veemência que a mão estendida paralisou-se no ar. — E jamais me terá, como também a Plumstead, ou Wickhamton ou o resto!

Raivoso, Robillard inclinou a cabeça para trás e usou a mão parada no ar para puxar a barba.

— Logo verá como está enganada, ma filie. Quando ouvir os gritos de guerra dos mohawk arrastando o seu precioso Christopher para longe, você virá, desesperada, se entregar a mim em troca de clemência.

Dianna ergueu os ombros o mais que pode e cruzou os braços sobre o peito a fim de esconder o tremor das mãos.

— Jamais lhe suplicarei clemência, monseieur! Incrédulo, ele a encarou.

— Nem mesmo para salvar a vida de Sparhawk?!

— Não, nem para isso eu me humilharia. — Custou-lhe toda força de vontade não perder o controle sob o olhar perscrutador de Robillard.— Eu não me submeteria a isso porque seria contrariar a vontade de Kit e porque não faria a mínima diferença para você. A minha aquiescência não libertaria Kit.

Sem se dar ao trabalho de discordar, Robillard saiu batendo a porta enquanto Dianna caía de joelhos no chão. Deus misericordioso, se existia uma maneira para escapar dali com Kit e Mercy, precisava descobrir depressa.

Com o máximo cuidado, Kit apalpou as quatro paredes de pedra do porão, tentando descobrir nelas o que os olhos não podiam ver na escuridão reinante. Sentiu apenas pedras frias, úmidas, cobertas de terra e de musgo. O chão era de terra batida e, num canto, havia vários barris. Nada extraordinário e nenhuma saída.

Desencorajado, sentou-se no chão com a cabeça encostada na parede e o olhar voltado para a risca fininha de luz à volta do alçapão no teto, ou no piso do andar acima. As vigas grossas que o sustentavam, rangeram com o peso de passos e Kit podia ouvir a entonação da conversa entre as pessoas lá em cima, mas não distinguia as palavras.

A voz de Dianna não constava entre as outras. Talvez isso significasse que ela continuava no quatinho, pensou esperançoso. Rezava para que Robillard a deixasse em paz. Sentia um ódio profundo ao lembrar-se da maneira como o francês a havia olhado na véspera à noite. O homem não tinha escondido a cobiça quando ela se apressara em apanhar as roupas. A imagem feria-o como uma faca em seu coração. Dianna dera a impressão de ser menor ainda com os olhos claros arregalados no rosto pálido de medo.

Kit quisera matar Robillard naquele momento e o teria feito se três índios não o tivessem puxado para trás. Passou as mãos nas esfoladuras dos braços, as únicas marcas para provar como ele tinha lutado antes de os três homens terem conseguido atirá-lo, e as roupas, ali no porão. Eles haviam tido o cuidado para não machucá-lo, porém Kit não mantinha ilusões quanto à gentileza deles. Mas também não pretendia terminar seus dias na fogueira de uma vila mohawk.

Maldito Robillard! A vida inteira, Kit vinha suportando a criatura, uma intromissão irritante, um covarde e fanfarrão provocador, nada mais. Deveria ter dado cabo do homem como Attawan tinha aconselhado quando o caçador de peles francês o acusara como seu atacante. Mas Kit tinha se enganado achando que uma conversa bastaria.

Impaciente, suspirou sem desviar os olhos do alçapão. Às vezes, tinha a impressão de que sua vida não passava de uma série de escolhas erradas

Com um gemido, baixou o rosto sobre os braços cruzados em cima dos joelhos e pensou em Dianna. Na véspera à noite, ele deveria ter insistido para ir embora da missão. Mas ao mesmo tempo, não desejava desfazer a magia do amor vivido. Não, essa tinha sido uma escolha certa. Ainda podia sentir a fragrância de Dianna em sua pele, um consolo e um tormento ao mesmo tempo. O que sentia por ela era muito mais do que amor, ou de sua definição do sentimento antes de conhecê-la. Dianna fazia parte dele, estava tão integrada em seu sangue, em seu coração, que ele sentia dor física com a separação de

ambos.

De alguma forma, teria de ir até eia. De alguma forma, a roubaria, e a Mercy também, de Robillard e seus índios. Juntos, iriam para casa em Plumstead, se casariam e jamais voltariam a se separar.

De alguma forma.

Sentado à mesa larga, do outro lado de François Robillard, Père Vernet sentia o aborrecimento crescer com o passar dos minutos. À medida que o vinho Borgonha da missão, cuidadosamente racionado, desaparecia depressa pela boca de Robillard, menos e menos o homem gordo se assemelhava ao cavalheiro que aparentava ser ao chegar, e mais o padre se arrependia da hospitalidade que oferecera.

— Pois eu lhe digo, mon père, o tenente Hertel de Rouville tem interesse neste caso. — Robillard voltava às fanfarrônicas. — Enfiado neste fim de mundo, o senhor desconhece o poder e a influência do tenente, mas deve acreditar em mim. Em Montreal, as palavras do homem são acatadas por todos. Quando ele souber que eu destruí Christopher Sparhawk e que todas as terras do homem serão da Nova França, ele vai ficar satisfeito. Non, non, vai exultar!

Père Vernet olhou para as mãos cruzadas sobre a mesa.

— Embora eu esteja enfiado neste fim de mundo, como o senhor acaba de dizer — começou em voz meio hesitante —, esse tal Sparhawk não me parece o bandido que me quer fazer crer.

— Então, ele o enganou como a tantos outros — vociferou Robillard batendo com a garrafa na mesa a fim de dar ênfase às palavras. — Ele é inglês e esse fato em si já o torna inimigo do rei Luís. Mas ele também é ambicioso, cruel e sem moral alguma. O senhor constatou sua maneira pecaminosa de se comportar com a mulher sob este teto.

Da mesma forma com que você o faria, meu amigo, pensou Vernet. Para ele, a lembrança da moça reunindo-se à filha, o homem curvado amorosamente sobre elas, constituía uma imagem muito mais poderosa e bonita do que a apresentada por Robillard com tanta insistência. E embora o padre não tivesse experiência pessoal com pecados venais, era esperto o suficiente para perceber que Robillard cobiçava a mulher.

— Todas as terras dele serão minhas! — afirmou Robillard antes de tomar o resto do vinho diretamente da garrafa. — Todas elas, mon père.

— Se entendi bem, vai se beneficiar com o infortúnio do homem, monsieur?

— Oui, oui, e a Nova França também, naturalmente.

Robillard empurrou a cadeira para trás e, cambaleando, pôs-se em pé. — Mas está na hora de ir para a cama, mon père. Eu tenho...

Ao largar o encosto da cadeira onde se apoiava, ele caiu estatelado no chão. Não se levantou e, pouco depois, dormia a sono solto, roncando de boca aberta.

O padre lembrou-se de que a vingança pertencia a Deus e não a homens pecadores.

Aliás, o caso presente tratava mais de se corrigir um erro cometido e não de se evitar vingança. Depressa, ele chamou a índia da cozinha e deu-lhe ordens em sua própria língua. Em seguida, subiu a escada estreita e bateu na poria do quarto de viajantes enquanto enfiava a chave na fechadura.

— Mademoiselle — chamou baixinho não vendo luz no vão sob a poria. — Mademoiselle, está acordada?

Ele empurrou a folha pesada de madeira e abaixou-se a tempo de não ser atingido por um vaso noturno de barro atirado por Dianna.

— Afaste-se, monsieur — advertiu eia ao pegar uma cadeira de encosto alio para ser usada como a arma seguinte. — O senhor nos traiu e eu não vou sentir remorsos se lhe retribuir da mesma maneira.

Humildemente, Vernet curvou e sacudiu a cabeça aceitando a reprovação.

— Oui, mademoiselle. Eu deveria lhe pedir perdão, mas não há tempo agora, caso deseje escapar com sua família.

Dianna o fitou com desconfiança.

— Por que eu deveria acreditar no senhor outra vez?

— Porque não lhe resta escolha — respondeu meio constrangido. — Vamos depressa. Precisamos soltar seu marido enquanto Robillard dorme no chão da sala. Ele pode acordar de repente querendo continuar o sono na cama. Nesse caso, acabará nos apanhando em flagrante.

Dianna não hesitou mais. Apanhou o cobertor usado como capa e acompanhou os passos rápidos do padre. Ao passar pela sala, viu Robillard deitado de costas, a barriga gorda subindo e descendo com a respiração ruidosa. Quanto tempo ele permaneceria assim?, indagou-se tomada por um arrepio e ao continuar rumo à cozinha.

Vernet já tinha aberto o cadeado e levantado a porta do alçapão. Inclinado na beirada, olhou para a escuridão e chamou:

— Monsieur? Monsieur Sparhawk?

De repente, Kit surgiu e atirou-se sobre o padre como um grande leão feroz, rolando com ele pelo chão até baterem nos cavaletes da mesa. Agarrou-lhe o pescoço e começou a apertar os dedos enquanto o pobre homem, em vão, se debatia os braços.

— Não, Kit, pare! — grilou Dianna puxando-o pelos ombros. — Ele vai nos ajudar a escapar!

— Dianna! — De maneira abrupta, largou o padre e tomou-a entre os braços. — Graças a Deus você está salva! Eles não lhe fizeram nenhum mal?

Dianna sacudiu a cabeça e, por uma fração de segundo, saboreou o conforto dos braços de Kit. Em seguida, empurrou-o.

— Precisamos nos apressar e fugir enquanto Robillard está dormindo, Kit.

—Livre, monsieur — gemeu o padre ao massagear o pescoço dolorido e levantar-se de joelhos.

— Embriagado — traduziu Dianna depressa. — Bebeu vinho demais.

— Nesse caso, talvez nossas vidas ainda valham uns três vinténs furados!. — Sem grande esforço, Kit ajudou o padre a se levantar e sentou-o numa cadeira. — Perdoe, senhor, eu não imaginei...

Mas Vernet o interrompeu com um gesto enquanto dizia:

— Não foi mais do que eu merecia, mon fils. Contudo, se fosse esse tal Robillard a abrir o alçapão, ele se arriscaria a lutar contra o senhor. Suas armas e outros pertences estão ali, naquela arca no canto. — Com ar tristonho, sacudiu a cabeça. — Ah, tanta força! Por isso, sem dúvida, vocês ingleses conseguiram prosperar em uma terra tão inóspita!

Kit encontrou logo a faca. Apertou os dedos no cabo sem conter a expectativa ao virar-se em direção à sala onde Robillard dormia no chão. Porém o padre soltou um grito de protesto, levantando-se trêmulo.

— Em nome de Deus, eu lhe suplico, não mate sob Seu teto. Aquele homem bebeu o suficiente para embriagar um urso. Ele não pode lhe fazer mal algum nesse estado.

Relutante, Kit enfiou a faca na bainha presa ao cinto e o padre suspirou aliviado..

— Precisam ir embora já. Sigam o rio até o encontro com o afluente. Lá encontrarão canoas os esperando. Podem confiar nos índios para os levar de volta até seu território. Quanto aos mauhawk, não se preocupem. Eles não lhes provocarão problemas.

— Se algum dia for à Nova Inglaterra, senhor, será muito bem-vindo em minha casa. Adeus e muito obrigado — despediu-se Kit ao apertar a mão do padre.

A índia apareceu trazendo Mercy, que correu para os braços de Dianna, mas Kit não lhes deu tempo para perguntas e explicações, empurrando-as em direção à porta.

A neve recomeçara a cair, ou talvez não tivesse parado, refletiu Dianna. Flocos grandes e morosos flutuavam no ar antes de atingir o capim e as folhas secas ainda não totalmente cobertos de branco. Por causa da neve, o céu tinha uma tonalidade cinza-amarelada e a trilha mostrava-se bem delineada entre os troncos escuros das árvores.

Embora a viagem que os aguardava, dias em uma canoa descoberta sob o frio de inverno, não promettesse ser fácil, Dianna sentia-se eufórica. Havia escapado!

Se Kit não houvesse lhes determinado silêncio absoluto, ela começaria a cantar. Escolheria algo triunfante, heróico, dedicado a ele.

— Você acreditou mesmo que eu o deixaria ir embora com tanta facilidade? — demandou Robillard, a voz furiosa trovejando no ar frio.

A silhueta escura bloqueava a trilha em frente e duas pistolas, apontadas ameaçadoramente, podiam ser vistas em suas mãos.

No mesmo instante, Kit determinou a alternativa a seguir.

Podia inutilizar uma das pistolas, mas não as duas, e ele recusava-se a pôr em risco as vidas de Dianna e Mercy.

— Deixe as mulheres continuarem. Nossas diferenças não as incluem — disse ele.

Dianna olhou para o perfil imóvel de Kit, os flocos de neve acumulando-se nas abas do chapéu.

— Eu não vou — garantiu ela. — Mesmo se Robillard permitir, não vou deixá-lo outra vez, Kit.

O francês soltou uma gargalhada.

— Não se preocupe, ma chère, vou mantê-la aqui para me ver reconquistar minha honra e dar o castigo merecido a esse infeliz.

Kit não se mexeu.

— Você ainda está embriagado, não está? — perguntou em voz mansa.

— Agradeça por essa condição minha inglesa, pois a bebida me deixa de bom-humor. Não vou acabar com você de uma vez só como deveria. Agora, jogue seus mosquetes naquelas moitas. A faca lambem. Conheço todas as suas artimanhas; Vamos, obedeça logo!

Uma a uma, Kit atirou longe as armas, o mosquete de Dianna, o seu e a faca. Fez isso com gestos displicentes como se não desse importância ao fato.

— Então será assim, Robillard? Você vai atirar em mim aqui onde estou, bem à sua frente, sem ao menos fingir uma luta justa?

— Espera isso de mim, não é, Sparhawk? — indagou Robillard sem esconder o ressentimento. — Você e seu pai nunca me trataram como se eu fosse um homem de seu nível social. Com seus ares pretensiosos, levaram as pessoas a se virarem contra mim, me roubaram e envergonharam meu rei!

— E para satisfazer seu orgulho, você intimidou e atormentou meu povo durante vinte anos — respondeu Kit exaltado. Sabia ser preciso controlar a raiva, mas quando pensava no mal imenso causado por esse homem, sentia o sangue ferver na veias. — Você mandou assassinar homens, separar famílias inteiras, queimar casas e fazendas. Mas o pior de tudo é o fato de você ter sido sempre um covarde, incapaz de agir sozinho.

— Pois agora, Sparhawk, vamos verificar quem de nos dois é o mais covarde.

Robillard guardou uma das pistolas no cinto, enfiou a mão numa sacola pendurada ao ombro e tirou dela uma espada larga enrolada em um cobertor. Para a surpresa de Kit, o francês lhe atirou a arma e, em seguida, desembainhou a própria, largando as pistolas e a sacola em cima de uma pedra atrás de si.

— Está vendo, Sparhawk, vou lhe oferecer uma luta justa — garantiu Robillard ao brandir a espada no ar. Em voz excitada, acrescentou: — Vou lhe dar a honra de morrer como um gentil homme e, depois, sua mulher e suas terras serão minhas.

Aflita, Dianna pôs a mão no braço de Kit.

— Você não deve aceitar o desafio. Ele pode matá-lo!

— E eu a ele — respondeu Kit quase em tom animado enquanto calculava o peso da espada na mão.

O cabo era de madeira, a guarda estava enferrujada, porém a lâmina mostrava-se bem balanceada. Ele jamais carregava uma espada pela floresta, pois achava a arma muito incômoda entre a vegetação espessa. Todavia, sabia manejá-la bem, arte aprendida com o avô nos velhos tempos.

Sentindo-se estranhamente calmo, beijou Dianna na testa e tirou-lhe a mão do braço.

— Afaste-se agora, meu amor. Pegue Mercy e a leve para longe. Isto aqui não vai durar muito tempo, calculo.

— Você está tão louco quanto o francês! — protestou ela ao tomar a mão de Mercy e dirigir-se para a beirada da pequena clareira.

A menina chorava em silêncio, as lágrimas copiosas correndo-lhe pelas faces. Dianna abaixou-se e a abraçou.

— Kit vai escapar são e salvo, você sabe disso — murmurou a fim de consolá-la. — Ele é mais jovem e forte do que o outro. Kit nos ama muito para morrer e nos deixar aqui ao acaso!

E também, acrescentou para si mesma, ia ajudá-lo a vencer. A sua honra e orgulho de homem que fossem para o inferno. Vira onde ele jogara as armas e tinha a firme intenção de apanhar o mosquete de Asa, agora seu.

Bem devagar, começou a rodear a clareira.

Dianna não havia esperado o barulho estridente das lâminas ao se chocarem, nem os gritos e exclamações dos homens. Resfolegante e bufando como um touro, Robillard segurava a espada com as duas mãos e a brandia em arcos que Kit sempre enfrentava e inutilizava. Movendo-se em círculos, as espadas de cá para lá, os dois já tinham se esquentado muito com o esforço físico e o vapor dos corpos aquecidos condensava-se no ar à volta deles.

De repente, Kit pulou para a frente, sua lâmina atingindo em cheio o ombro de Robillard. O homem urrou de dor e apertou o ferimento, o sangue correndo-lhe entre os dedos, as gotas vermelhas caindo na alvura da neve no chão. O seu braço direito, agora, pendia inerte ao longo do corpo.

Certo de que o francês iria se render, Kit interrompeu a luta e limpou a transpiração da testa com a manga da jaqueta. Robillard, entretanto, pulou para a frente com a espada erguida na mão esquerda, as pernas cambaleando e os golpes completamente fora de controle. Kit percebeu que a luta deveria parar, pois seria injusto continuá-la. Levantou a mão para indicar o seu fim.

O rosto de Robillard ergueu-se para ele pela última vez, as feições distorcidas pelo ódio,

pela dor e pelo medo.

— Seu pai, que sua alma queime para sempre no inferno, também lutou assim, mas não conseguiu salvar a mulher, nem mesmo a jeune fille que tentou escapar correndo.

Petrificado, Kit sentiu o velho pesadelo dominá-lo outra vez. Robillard tinha visto sua família morrer. Robillard havia determinado suas mortes e, durante todos estes anos Kit o tinha deixado escapar sem castigo. Não sentiu dor quando a espada do francês o atingiu no braço, nem ouviu o estampido de mosqueie que fez o corpo de Robillard estremecer e cair. Toda a sua consciência concentrava-se no vibrar tênue da espada através do ar, da neve e para dentro do peito de Robillard.

No instante seguinte, Dianna corria ao seu encontro, escorregando na neve e ainda com o mosquete entre as mãos. Outras pessoas surgiam de detrás das árvores: soldados ingleses vindos do forte em Northfield, Attawan e Mercy.

Os braços de Dianna o rodeavam agora e quando Kit tocou seus ombros com as mãos, viu-a suja de sangue, de seu sangue, porém ela não se importava. Ele também não. Dianna era tudo o que desejava e ela eslava ali.

— Terminou, meu amor — murmurou Kit em voz rouca ao aconchegar a cabeça de Dianna ao peito. — Finalmente terminou.

EPÍLOGO

Plumstead Julho de 1705

— Antes de partir de New London em novembro passado, dei um beijo de despedida em sua noiva e agora, ao voltar, tenho de dar outro em seu filho — brincou Jonathan ao olhar para o bebezinho nos braços de Kit. — Você não perdeu tempo para providenciar um herdeiro, não é, meu irmão?

Enquanto Jonathan se curvava para beijar o sobrinho, Kit riu e olhou para Dianna recostada em travesseiros, na cama do outro lado do quarto. Era um prazer ver como suas faces haviam readquirido um colorido saudável.

Feliz, ela observou os dois irmãos, um loiro e outro de cabelos escuros, admirarem Joshua John Sparhawk, de três dias de idade.

Aos pés da cama, estava Mercy com Lily ao lado. A gala lambem tinha um ar maternal ao olhar para os cinco gatinhos que corriam em cima da colcha.

Com uma careta, Dianna procurou uma posição mais confortável. O parto não tinha sido fácil, pois Joshua já nascera prometendo rivalizar-se com o pai em tamanho quando crescesse. Mas Dianna linha esquecido os momentos ruins quando a parteira lhe pusera o

bebezinho nos braços. E Kit, por Deus, ela nunca tinha visto um homem tão orgulhoso.

Jonathan colocou um dedo na mãozinha de Joshua que, sério, dava a impressão de fitá-lo.

— Não deixe que o prendam em terra, meu menino. Se for para o mar comigo, eu lhe mostrarei o mundo.

Kit riu.

— Ora, Jonathan, acho mais provável que ele o leve por aí em perseguição às moças. Olhe só esses cabelos. Eles já mostram que Joshua vai ser outro Sparhawk loiro e mulher alguma consegue resistir ao nosso encanto.

— Lembre-se, Kit, que eu também tinha cabelos claros quando era pequeno e, no entanto, eles escureceram. Nem por isso, mulher alguma já reclamou. — Jonathan abaixou-se e olhou o bebê de perto. — Está vendo só, mocinho?

O rosto do bebe contraiu-se e ele elevou a voz num volume surpreendente para alguém tão pequenino.

Jonathan afastou-se depressa e Kit reagiu de acordo com a experiência de três dias de paternidade: entregou o bebê chorão à mãe.

— Não se preocupe, tio Jonathan, você não fez nada. Joshua está com fome — explicou Mercy.

— Nesse caso, vamos deixá-lo jantar em paz — disse Jonathan, satisfeito com a boa desculpa para deixar o quarto. — Vamos ver se Hester já terminou de assar aquelas tortas de ameixa.

Animada, a menina desceu da cama e o acompanhou, seguida por Lily e pelos galinhos, os seis com as orelhas abaixadas por causa do choro do bebê.

Num instante, Dianna desamarrou a camisola e logo o único som vinha da boquinha de Joshua sugando o leite materno. Kit sentou-se a seu lado e acomodou-a recostada em seu peito.

— Não dê importância ao que Jonathan disse, Kit — murmurou Dianna embevecida com a perfeição do filho. — Joshua é igualzinho a você. Tem os seus cabelos e os seus olhos, ou terá quando eles mudarem de azul para verde. Até as orelhas parecem com as suas. Mas eu acho que o queixo é meu — acrescentou tocando a covinha minúscula —, e talvez as sobrancelhas também.

Kit a beijou nos cabelos e a abraçou.

— Joshua pode ter tudo que é seu desde que eu continue tendo prioridade em seu coração, meu amor.

Dianna ofereceu os lábios para um beijo.

— Para sempre, querido, eu prometo.